

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO**

**NÁDIA MOREIRA CHAGAS**

**EUROPEUS E INDÍGENAS – RELAÇÕES INTERCULTURAIS NO GUAIRÁ NOS  
SÉCULOS XVI E XVII**

**MARINGÁ**

**2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO**

**NÁDIA MOREIRA CHAGAS**

**EUROPEUS E INDÍGENAS – RELAÇÕES INTERCULTURAIS NO GUAIRÁ NOS  
SÉCULOS XVI E XVII**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Fronteiras, Populações e Bens Culturais.**

**Orientador: Profº Drº Lúcio Tadeu Mota**

**MARINGÁ**

**2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO**

**NÁDIA MOREIRA CHAGAS**

**EUROPEUS E INDÍGENAS – RELAÇÕES INTERCULTURAIS NO GUAIRÁ NOS  
SÉCULOS XVI E XVII**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Fronteiras, Populações e Bens Culturais.**

**Aprovado em 26 de Fevereiro de 2010.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profº Dr. LÚCIO TADEU MOTA**

---

**Profª Drª HILDA PÍVARO STADNIKY**

---

**Profº Dr. ERNELDO SCHALLENBERGER**

“[...] Puede decirse con verdad que alguna vez hubo un tiempo en que las poblaciones humanas existieron con independencia de las relaciones muy amplias, sin sufrir el influjo de grandes campos de fuerza? [...]” (WOLF, 2005, p. 34).

**Dedico este trabalho**

Aos meus filhos Arthur Felipe e Marília Estefânia, à minha mãe Tereza, aos meus irmãos Lília, Péricles, Pedro e Newton, pelo incentivo e carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Lúcio Tadeu Mota, meus agradecimentos sinceros pela orientação desde a elaboração deste trabalho e pela confiança demonstrada nos momentos em que foi necessário seguir meus próprios caminhos.

Aos professores Hilda Pívaro Stadnik, Sílvia Helena Zanirato, Sandra de C. A. Pelegrini, Sidney Munhoz, Lupércio A. Pereira, pelas aulas inspiradoras e bem elaboradas, desenvolvidas no curso do Mestrado.

Às bibliotecárias da Universidade Estadual de Maringá, pela atenção e colaboração e permissão para a utilização do material historiográfico ainda em fase de catalogação.

Aos meus colegas de trabalho pela amizade e colaboração.

## RESUMO

Esta dissertação aborda a história do Guairá, território pertencente aos domínios da Espanha na América meridional, no período que se estende do século XVI às primeiras décadas do século XVII. Trata dos aspectos físicos e populacionais da região antes e depois da chegada dos europeus. Mostra a presença europeia na região, nos séculos iniciais da colonização enfatizando as relações interculturais que ali se estabeleceram, ressaltando como a presença europeia promoveu transformações no modo de vida das populações indígenas e no próprio território. Destaca a inumerável presença indígena, principalmente Guarani (grupo dominante no território do Guairá), o interesse dos europeus em explorar o trabalho dessas populações e como os indígenas se posicionaram em relação a isso. Ressalta a forma como os jesuítas chegaram e organizaram os trabalhos missionários entre os indígenas, como promoveram a evangelização e o ensino secular entre os eles, e a defesa que pretenderam fazer em relação aos bandeirantes paulistas. Apresenta, ainda, a entrada dos bandeirantes paulistas para o interior do Guairá, em busca de índios para o trabalho escravo em São Paulo, e os violentos conflitos resultantes desses encontros. Conclui, enfatizando que as relações interculturais estabelecidas no Guairá nos anos delimitados, ocorreram em detrimento dos interesses dos indígenas, favorecendo aos europeus, mesmo que se tenha compreendido que os primeiros habitantes da colônia não foram indivíduos passivos diante da conquista.

Palavras-chave: Relações interculturais, Fronteiras, Contatos no Guairá, Conflitos interétnicos.

## ABSTRACT

This dissertation approaches the History of the Guairá, a territory under the Spanish authority in the southern America, throughout the XVI century to the first decades of the XVII century. It addresses the physical and population aspects of the area before and after the Europeans arrival. It demonstrates the European presence in the area, during the first centuries of the colonization giving emphasis to the intercultural relations which were established there, approaching how the European presence encouraged changes in the way of living of the Indian population and in the territory itself. It highlights the unnumbered Indian presence, mainly the Guarani (widespread group in the Guairá territory), the European interest in exploiting the labor of these populations and how the Indians reacted to that. It emphasizes the how the Jesuítas arrived and organized the missionary work among the Indians, how they fostered the gospel and secular teaching among them and the resistance they intended to stand up to the paulistas pioneers. It presents also the journey of the paulistas pioneers to the Guairá's inland searching for Indians to slave and ensure the forced labor in Sao Paulo, and the violent conflicts that were resulted because of these encountering. I concluded, emphasizing that the intercultural relations established in Guairá during the defined years, happened in opposition to the Indian interest, benefiting the Europeans, even though it had been understood that the first inhabitants of the colony were not passive individuals before the land conquest.

Keywords: Intercultural relations, Frontiers, Guairá's personal contacts, Interethnic conflicts.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 CARTOGRAFIA DO GUAIRÁ</b>	26
<b>1.1 O espaço e seus habitantes</b>	26
1.1.1 O espaço físico	26
1.1.2 Clima, vegetação e animais do Guairá	36
<b>1.2 Populações indígenas no período da conquista – século XVI</b>	40
1.2.1 Populações indígenas no Guairá	44
1.2.2 Alguns aspectos da organização sócio-cultural dos Guarani na época da conquista	53
1.2.3 A língua e algumas crenças	55
1.2.4 Principais líderes indígenas do Guairá	58
<b>1.3 Para finalizar o capítulo</b>	62
<b>2 EXPLORADORES EUROPEUS NO GUAIRÁ</b>	63
<b>2.1 No Interior do Guairá</b>	<b>65</b>
2.1.1 Alejo Garcia no Guairá	65
2.1.2 D. Pedro de Mendoza na Província do Rio da Prata	66
2.1.3 A longa travessia de Cabeza de Vaca pelo Guairá	68
2.1.4 A expedição de D. Diego de Sanabria	75
2.1.5 Rui Díaz Melgarejo e Alonso Riquelme no Guairá	78
2.1.6 No tempo do governador Domingo Martinez de Irala	81
2.1.7 Notícias da passagem de escravos indígenas pelo Guairá	82
<b>2.2 A ocupação do espaço: a implantação das cidades espanholas no Guairá</b>	83
2.2.1 A formação das cidades	84
<b>2.3 Os encontros culturais no Guairá</b>	<b>86</b>
2.3.1 O cacique <i>Oberá</i> faz rebelião contra os espanhóis	87
2.3.2 Atritos entre os Tupi e os Guarani	88
2.3.3 Novas rebeliões dos índios contra os espanhóis no Guairá	89
2.3.4 Malocas	92
2.3.5 Índios e espanhóis no Guairá: o trabalho em Maracayú	94
2.3.6 A voz indígena	97
2.3.7 As doenças	99
<b>2.4 Para finalizar o capítulo</b>	100
<b>3 JESUÍTAS E INDÍGENAS NA COLONIZAÇÃO DO GUAIRÁ</b>	101
<b>3.1 Província Jesuítica no sul da América</b>	103
3.1.1 Antes da chegada dos missionários ao Guairá	108
<b>3.2 As terras da Companhia de Jesus e a formação das Reduções</b>	<b>109</b>
3.2.1 Preocupação das autoridades para a formação das Reduções	116
3.2.2 A evangelização no Guairá	117
3.2.3 Lutas para promover o trabalho missionário no Guairá	120
3.2.4 A situação dos indígenas no Guairá – o que pensavam os padres	124

<b>3.3</b>	<b>A organização social e espacial das Reduções</b>	<b>127</b>
3.3.1	O governo nas Missões	127
3.3.2	Os padres nas Reduções	130
3.3.3	A economia nas Reduções	132
3.3.4	Organização religiosa nas Reduções	135
3.3.5	A organização do trabalho: índios e jesuítas	138
<b>3.4</b>	<b>O sistema educacional nas Reduções</b>	<b>141</b>
3.4.1	O ensino e as línguas espanhola e guarani	143
3.4.2	Ensino de ofícios	145
3.4.3	A arte nas Reduções	145
3.4.4	Ensino militar	147
<b>3.5</b>	<b>Uma discussão sobre a situação das Reduções no Guairá</b>	<b>147</b>
<b>3.6</b>	<b>Para finalizar o capítulo</b>	<b>152</b>
<b>4.</b>	<b>OS BANDEIRANTES NO GUAIRÁ – O ENCONTRO DE ÍNDIOS E PORTUGUESES</b>	<b>154</b>
<b>4.1</b>	<b>Como Guzmán (1836-1969), Cortesão (1951), Techo (1673-2005), Acosta (1920), Capdeville (1923), Gandia (1936), relatam a entrada dos portugueses nos termos do Guairá</b>	<b>156</b>
<b>4.2</b>	<b>Primeiras incursões bandeirantes no Guairá</b>	<b>163</b>
<b>4.3</b>	<b>A tentativa de salvar os cativos</b>	<b>174</b>
<b>4.4</b>	<b>Crueldades, novos ataques e a fuga</b>	<b>176</b>
<b>4.5</b>	<b>A discussão sobre as armas de fogo – um capítulo à parte</b>	<b>184</b>
<b>4.6</b>	<b>D. Luís de Céspedes Xeria fala sobre os trabalhos no Guairá</b>	<b>185</b>
4.6.1	Carta de Montoya ao governador Xeria	186
<b>4.7</b>	<b>No Brasil – os questionamentos sobre as invasões bandeirantes no Guairá</b>	<b>187</b>
4.7.1	O Pedido de devassa aos invasores do Guairá	187
4.7.2	Mancilla e Masseta relatam em Salvador sobre os estragos causados por Raposo Tavares	188
4.7.3	No Brasil: resultados da devassa aos portugueses	189
<b>4.8</b>	<b>Os anos de 1630</b>	<b>190</b>
4.8.1	Continuam os avanços portugueses	190
4.8.2	Os espanhóis em defesa dos indígenas?	192
4.8.3	Um espião castelhano em São Paulo	195
<b>4.9</b>	<b>Para finalizar o capítulo</b>	<b>197</b>
	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>198</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>209</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da região do Guairá. Fonte: CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. Manuscritos da Coleção de Angelis. (1594-1640). Rio de Janeiro, 1951.	28
Figura 2 – Mapa da Província do Guairá e adjacências. FONTE: Biblioteca Nacional – cart1033404.	35
Tabela 1: Quadro resumo da distribuição das Províncias indígenas no Guairá.	51
Figura 3 – Mapa do Guairá com suas províncias. Fonte: CARDOZO, Ramón I. <i>El Guairá – História de La Antigua Provincia – 1554 – 1676</i> . El Arte S.A.. Asunción, 1970, p. 11. Foto: Nádia Moreira Chagas.	52
Figura 4 - Mapa do Mato Grosso do Sul, Brasil. Fonte: <a href="http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/">http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/</a> . Acesso em 28 de Janeiro de 2010.	95
Figura 5 - Mapa das viagens missionárias dos jesuítas pela América Meridional. Fonte: FURLONG CARDIFF, Guillermo, S.J. <i>Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense</i> . Montevideo: Urta y Curbelo, 1933, p. 9. Foto: Nádia Moreira Chagas.	107
Figura 6 – Mapa do Guairá representando as Reduções Jesuíticas e as cidades espanholas. Fonte: MOTA, L. T. <i>História do Paraná: ocupações e relações interculturais</i> . Maringá: EDUEM, 2005, p. 27. Organizado pela autora.	116
Figura 7 - Mapa do Guairá feito por Don Luis de Céspedes Xeria. FONTE: Taunay, A. E. 7ª ed. <i>Relatos monçoeiros</i> . São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 93.	169

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo o estudo dos processos de ocupação territorial em uma parte da América meridional, especificamente o Guairá, atual Estado do Paraná, Brasil, a partir da chegada dos europeus no final do século XV. Pretende-se, a partir do estudo das relações interculturais que se estabeleceram nesse período, compreender seus reflexos nas sociedades envolvidas<sup>1</sup>.

A temática das relações interculturais corresponde a uma área novíssima de conhecimento em que estudiosos de diferentes vertentes teóricas e políticas debatem, e nem todos os que se voltaram para a questão do encontro de culturas conseguiram defini-la. Relações interculturais podem ser entendidas como as relações entre as culturas, o modo como ocorrem interações e interrelações por ocasião do contato entre grupos diferentes e os seus resultados, traduzidos muitas vezes em mudanças e transformações. Os eventos interculturais não são novidade, e estão presentes em todas as épocas da história da humanidade, mas, a maneira de compreendê-los e analisá-los, sim. Surgem, portanto, do contato entre grupos diferentes em relação à cultura.

Em relação aos encontros entre europeus e indígenas, relaciona-se à forma como se vai ordenar essa integração de populações, e se nessa perspectiva houve respeito pelas diferenças e promoção da igualdade entre eles. Por essa razão, acredita-se na importância desta pesquisa, como uma contribuição para a Etnohistória do Guairá.

---

<sup>1</sup> Para uma compreensão sobre as relações entre sociedades que se interrelacionam a partir da chegada de estrangeiros, as leituras das obras a seguir podem contribuir para uma maior compreensão dos reflexos causados por esses encontros: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. V. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, discute a questão da construção da identidade como matéria-prima da cultura e as formas de construção como sendo introduzida pelos dominadores, ou, criada por meio de resistências, ou ainda, a partir da comunicação entre as sociedades envolvidas; BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Porto Alegre: Zouk, 2007, fala sobre as diferenças sociais e a correspondência entre as práticas culturais e classes sociais que produzem uma hierarquia na sociedade; BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, que trabalha o que ele chamou de “jogo simbólico” na sociedade em que os participantes procuram sempre dar legitimidade à sua posição, e também onde a distribuição dos bens se dá de maneira desigual; ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, que faz um estudo sobre as relações cotidianas entre os “estabelecidos”, que viviam no local e se julgavam os senhores dali, quando chegam os “outsiders”; e, BARTH, Frederick (org.). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1976 (Introdução, p. 9-49), falando sobre a forma e a distribuição das culturas, nas fronteiras, como lugar de conexões.

As relações interculturais que se estabeleceram, serão estudadas num contexto histórico de mudança em virtude da entrada dos europeus no Novo Mundo. Estão presentes nesse processo, de um lado os indígenas, primeiros ocupantes desses territórios por ocasião da conquista européia; e, de outro, os europeus (espanhóis e portugueses) que se utilizaram de estratégias diferenciadas para ocupar a terra.

Na América indígena, os brancos que chegaram eram estranhos e diferentes, vindos de longe, trazendo aparatos também estranhos, desconhecidos. Para compreender a situação de contato, delimitou-se o período desde o final do século XV a 1632, pela necessidade de concentrar a pesquisa da chegada dos europeus e o contato com os indígenas, e dos relacionamentos desses com os missionários jesuítas e depois com os bandeirantes paulistas, até a destruição das reduções jesuíticas. Inicia com a descoberta da região do Rio da Prata até a fundação das povoações espanholas e das Reduções jesuíticas no Guairá culminando com a destruição das mesmas e o deslocamento das populações indígenas para outros territórios ao sul do Guairá.

Os habitantes da América meridional foram considerados inferiores, incapazes de criar ou produzir novidades, “selvagens”, ainda que vivendo em um mundo em que narrativas fantasiosas o descreviam como maravilhoso, e em determinado momento apareceram como sem história<sup>2</sup>, para alguns, por não terem deixado fontes escritas. Pode-se dizer que para o estudo dessas sociedades, não se tem necessariamente que ter registros escritos. Discursos e vestígios materiais podem ser buscados em que seja possível analisar os signos ou testemunhos presentes que as expliquem<sup>3</sup>, também manifestados em gestos, música ou ritmos, na memória ou em registros gráficos. Essas manifestações são as tradições, consideradas fontes, ou mesmo documentos, dependendo da forma como o historiador as analisa. No entanto, muitas das contribuições para o estudo são os escritos dos conquistadores, viajantes, cronistas, missionários.

Nesta pesquisa, busca-se nos escritos dos conquistadores, em relação às populações indígenas, algo que ainda possa estar inexplorado, ou ter sido considerado superficial, mesmo que tenha servido à história, aos interesses dos europeus. Escritos esses que apareceram com a entrada de conquistadores, comerciantes, missionários, ou os registros da administração colonial, leis estabelecidas para o governo da mesma, ainda que apresentem apenas as

---

<sup>2</sup> Conforme discutem MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979, p. 101, e, WOLF, Eric R. *Europa y la gente sin historia*. Trad. de Agustín Bárcenas. 2ª ed. México: FCE, 2005.

<sup>3</sup> MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: *História*. LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979, p. 101-102.

observações desses, no contato com os indígenas. Compreende-se até aqui que, o método que se pretende utilizar, não se detém em fontes orais ou trabalho de campo, como não é o caso, mas em fontes escritas sobre essas populações do Guairá.

As discussões sobre grupos étnicos estão presentes nas últimas décadas, entre historiadores e antropólogos, que diferem no método, mas não nos objetivos. Segundo explica Carmack<sup>4</sup>, os historiadores estudam documentos escritos e antropólogos, povos vivos. E é a partir da década de 1980, que surge a Etnohistória, com a preocupação de discutir a diversidade cultural entre os vários povos indígenas. Esse termo foi usado pela primeira vez por Clark Wissler em 1909, referindo-se ao método que utilizou para reconstruir a história de culturas ágrafas, combinando dados arqueológicos e históricos, ou seja, os produzidos por cronistas, viajantes, missionários, entre outros<sup>5</sup>. Isso significa buscar nesses escritos, como funcionavam essas sociedades nos aspectos da política, economia, crenças entre outras coisas. As informações assim obtidas deveriam ser filtradas no sentido de possibilitar interpretações livres de preconceitos ou juízos de valor, e o resultado foi o desenvolvimento de uma técnica ou método, que articula a História e a Antropologia, a Etnohistória.

Carmack<sup>6</sup> também destaca a Etnohistória como um método, uma forma de abordagem de determinado objeto, e que “la etnohistoria puede servir como un medio para combinar los aspectos generalizantes de la etnologia con la cuidadosa evaluación de las fuentes y el interes en las secuencias temporales como aspectos propios de la historia”. Ainda segundo ele, as características fundamentais da Etnohistória são o estudo do passado das comunidades, como elemento principal; suas tradições e, com ênfase na dimensão diacrônica nas mudanças das populações estudadas.

Para Trigger<sup>7</sup>, segundo esse método, o pesquisador tem que combinar habilidade na pesquisa histórica, saber interpretar as fontes, de maneira a compreender as populações, neste caso, indígenas da época da conquista europeia da América. Significa compreender o comportamento das populações indígenas na época da conquista, e, as mudanças observadas após esse contato<sup>8</sup>.

O estudo será submetido a uma análise diacrônica sem perder de vista a necessidade de uma sequência temporal dos acontecimentos, no sentido de se historicizar as relações

---

<sup>4</sup> CARMACK, R. M. Etnohistoria y Teoria Antropológica. Cuadernos del Seminario de Integracion Social Guatemalteca, Guatemala: 1979, nº 26, p. 12.

<sup>5</sup> BAERREIS, David. The Ethnohistorical Approach and Archeology. *Ethnohistory*. 1961.8:49-77.

<sup>6</sup> CARMACK, op. cit., 1979, p. 13.

<sup>7</sup> TRIGGER, B. G. Etnohistória: problemas y perspectivas. *Tradicion y Comentaríos. San Juan, Porto Rico, nº 1, p. 25-55, 1987.*

<sup>8</sup> Ver também WOLF, op. cit., 2005, p. 33-34, seus apontamentos sobre a etnohistória.

interculturais, descrevendo o sistema e o contexto<sup>9</sup>, compreendendo que aí existe uma dinâmica cultural dentro de um espaço tempo, com seus interesses e a necessidade desses contatos. A abordagem linear adotada na leitura e análise das fontes foi considerada de importância para melhor explorar a questão das relações interculturais.

Analisar, portanto, a história das populações indígenas do Guairá, e aquelas que a partir do início do século XVI chegaram para estabelecer o encontro cultural, é possível, partindo-se do método da Etnohistória, que procura compreender populações diferenciadas e em contato. Segundo este método, as sociedades indígenas não estariam condenadas à desintegração cultural, extinção ou assimilação, mas são consideradas como parte de um processo histórico e cultural a partir do seu encontro com os europeus. Para analisar as sociedades indígenas no contato com o europeu, o método interpretativo possibilita compreender seus significados.

As sociedades indígenas também estiveram produzindo discursos de convencimento<sup>10</sup> sobre a importância de seu modo de vida e sobre a organização no espaço em que estavam inseridas, questões essas possíveis de serem compreendidas em virtude dos confrontos ou dos encontros que estabeleceram com os europeus e entre elas. Estão presentes nesse processo, atitudes etnocêntricas em ambas as partes, como demonstram tais confrontos. Mesmo porque, segundo as discussões sobre as populações ditas “sem história”, a história de diversas partes do mundo foi contada na “visão dos europeus”. Visão esta que não atribui às populações indígenas, nada de importante antes da conquista, o eurocentrismo. A dificuldade a que se acredita ter que enfrentar, será em saber como analisar os escritos e documentos sem demonstrar etnocentrismo, ou parcialidade.

Quem discutia a idéia de que os povos fora da Europa não tinham história, porque não dominavam a escrita, eram os representantes das disciplinas que no século XIX pensavam o mundo, ou seja, os filósofos, os antropólogos, os historiadores. Neste sentido, para os historiadores, as populações indígenas não tinham história porque não tinham fontes escritas, então como se poderia estudá-las? Essa era uma questão histórica: como estudar povos sem escrita?

Os discursos eurocêntricos também justificavam a diferença entre conquistadores e conquistados, possibilitando pensar em uma idéia evolucionista em que os indígenas sairiam

---

<sup>9</sup> WOLF, op. cit., 2005; MONIOT, op. cit., 1979.

<sup>10</sup> RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1977.

da barbárie em direção à civilização, após os contatos. Nessa perspectiva, a Europa seria detentora de história, herdada e evoluída da Grécia antiga.

Os escritos de viajantes, conquistadores, missionários, porém, vão trazer elementos novos sobre as populações do novo continente. Os relatos, as observações, os eventos que presenciaram ou que foram contados a esses escritores, demonstram que estavam preocupados com os acontecimentos na América. Nesse sentido é importante observar que todas as sociedades são etnocêntricas, e as relações interculturais estabelecidas tiveram reflexos nas sociedades dos conquistadores e vice-versa.

Primeiramente, pautados na idéia do maravilhoso<sup>11</sup>, se estabeleceu a ocupação da América pelos espanhóis e portugueses. Para os espanhóis, a ocupação dos espaços e o contato com as populações indígenas<sup>12</sup> se fez com a ajuda dos missionários (dominicanos, franciscanos e jesuítas), e a partir do momento em que o europeu entrou para o sertão, descobriu a realidade do maravilhoso escrito nas histórias fantásticas sobre o Novo Mundo, tendo que adaptar-se à natureza diversa<sup>13</sup>.

Pensando ainda na visão fantasiosa presente no imaginário europeu quinhentista a respeito dos habitantes do Novo Mundo<sup>14</sup>, lugar onde abundava ouro, prata, pedras preciosas, em que seres fantásticos se apresentavam sem boca, pés ou cabeça, talvez isso fosse uma boa desculpa para submetê-los por ocasião da conquista, porque, seria possível que esses habitantes fossem humanos? Pairava a dúvida. Divergiram<sup>15</sup> os espanhóis, afirmando que o Novo Mundo aparecia como um édem, o paraíso e, portugueses com uma visão prática e, preocupados com as riquezas e possibilidades econômicas que poderiam obter.

Os escritos de viajantes entre outros, mostram primeiramente uma visão das coisas fabulosas que poderiam ser encontradas no Novo Mundo e, depois, o que encontraram. Assim, essa visão foi sendo desmistificada, aos poucos, na medida em que os viajantes vão

<sup>11</sup> GIUCCI, G. *Viajantes do Maravilhoso. O novo mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

<sup>12</sup> Ver as teses de fronteira de TURNER, F.J. *The Frontier em American History*, 3ª ed. N.Y., Dover Publications, 1996. Fronteira como local onde as coisas acontecem e em que há a incorporação ou não de elementos. Ao contrário de se pensar que após os europeus chegarem, impuseram seus valores, porque assim se fala em visão eurocêntrica, mas que pode ter ocorrido incorporação ou conexão de valores. Fronteira entendida como o lugar de encontro e de convivência com o outro, encontro que provoca mudanças, resultando num outro indivíduo ou elemento. Pensando-se que Fronteira é problema no mundo todo, pois não se aceita facilmente aquele ou o que vem de fora, procurar-se-á pensar nessas relações interculturais, nas fronteiras da civilização. Ver também MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins dom humano*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997, onde se pode compreender que é o local de desencontro também, local demarcado pela expansão geográfica do capitalismo, e principalmente, a fronteira do humano.

<sup>13</sup> WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

<sup>14</sup> LEITE, José Roberto Teixeira. *Viajantes do Imaginário: A América vista da Europa, séculos XV-XVII*. Revista da USP, São Paulo, n 30: 30-45, junho/agosto, 1996. [HTTP://www.usp.br/revistausp/30/teixeiratexto.html](http://www.usp.br/revistausp/30/teixeiratexto.html).

<sup>15</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.



tomando conhecimento da terra, das populações, entre outras coisas. Porque no contexto da expansão marítima, geográfica, o conhecimento do outro também vai se ampliando, demonstrando variedade e diversidade de culturas, embora persistam os valores eurocêntricos nesses registros<sup>16</sup>.

Em Cabeza de Vaca<sup>17</sup>, por exemplo, há a percepção da necessidade de se promover bom tratamento aos indígenas, com o objetivo de conquista, pois de suas experiências na Flórida havia presenciado cenas entre seus companheiros espanhóis, perdidos e famintos, que afastaria a idéia de bondade apenas entre os hispano-cristãos. Denota em seus escritos, ser favorável à conquista pacífica, também não os enfeitando com imagens fabulosas, mas com seres reais e humanos, desmontando a idéia de terra do “maravilhoso”. Para portugueses, não predominou essa visão fantasiosa, mas a de terra de oportunidades de enriquecimento tanto para a coroa quanto para os que vieram colonizar.

Nesta perspectiva, as populações indígenas poderão escolher positiva ou negativamente aceitar os elementos estranhos nos processos de relações interculturais. Assim, é necessário, em relação ao Guairá perceber que se estará trabalhando com populações diferenciadas, com conexões entre elas, desmistificando a construção ideológica européia de povos inferiores, na justificação da conquista<sup>18</sup>.

A conjuntura mundial na época da conquista da América era a da expansão mercantilista, e as interconexões que ocorreram com as populações indígenas estavam inseridas nesse sistema de capitalismo nascente. Portanto, as necessidades européias estarão se manifestando na conquista do Guairá, em que se poderão perceber as interconexões de populações locais e a relação com os europeus.

No processo da invasão de seus territórios pelos europeus, os indígenas estavam inseridos em uma realidade, em contato com outras populações. Mesmo assim, não estavam impedidos de agir, de aceitar ou não as imposições dos conquistadores.

Nesse contexto, busca-se analisar determinados acontecimentos, procurando desvendar o passado, sabendo que o possível será apenas uma aproximação do que ocorreu.

Em virtude do caráter dinâmico das culturas<sup>19</sup>, há um ritmo nas possíveis mudanças que ocorrem, podendo ser lentas ou rápidas no interior dos sistemas culturais, ou como

<sup>16</sup> GIUCCI, op. cit., 1992, p. 170.

<sup>17</sup> CABEZA DE VACA, Álvar Nuñez. *Naufrágios y Comentarios*. Con dos cartas y relación de Hernando de Ribera. Quinta edición. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1971.

<sup>18</sup> Ver WOLF, op. cit., 2005, p. 33-34, a importância de se compreender as sociedades como sistemas abertos, que estão em conexão com outras, e perceber o modo como atuam.

<sup>19</sup> Para compreender o conceito de cultura, ver LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um conceito antropológico*. 5. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989; e seu caráter diversificado, ver

resultado dos contatos com culturas ou grupos diferentes. É possível, porém, que nas sociedades onde ocorra a imposição ou introdução de outros sistemas culturais, essas acabem perdendo muito do seu próprio modelo de vida. Portanto, procura-se compreender se, no Guairá houve como consequência da conquista européia, uma uniformização cultural, ou a quase destruição da diversidade nessa região.

Para o estudo do Guairá em particular há uma importante documentação composta por escritos dos primeiros viajantes, conquistadores e jesuítas que estiveram em contato com as populações indígenas. Foi feito inicialmente, um breve contato com a historiografia clássica paranaense em que há uma repetição das teorias dos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que enfatizam a importância dos bandeirantes na expansão territorial brasileira; outros que colocaram textos da história espanhola e, ainda os que analisaram a história do Paraná (antigo Guairá), cuja principal idéia de colonização seria a que teria iniciado com os portugueses a partir do litoral atlântico.

Entre essas obras estão as de Silveira Neto<sup>20</sup>, que escreveu no início do século XX; David Carneiro<sup>21</sup>, um dos que mais escreveram sobre o Paraná; Romário Martins<sup>22</sup>, autor da teoria do Paranismo, trabalhou em defesa dos indígenas; Faris A. S. Michaelle<sup>23</sup>, que aborda a presença indígena e as dificuldades que tornavam seu estudo difícil; Altiya P. Balhana, Brasil P. Machado e Cecília M. Westphalen<sup>24</sup> tratam da descoberta do ouro e da procura do indígena para o trabalho no estabelecimento do português; Ruy C. Wachowicz<sup>25</sup> com publicação didática sobre a sua História do Paraná. Da década de 1980, as consultas foram em Cecília M. Westphalen e Jaime A. Cardoso<sup>26</sup>, Atlas Histórico do Paraná Outras publicações mais recentes da década de 1990, como a de Maria A.M.S. Schmidt<sup>27</sup>, em publicação paradidática sobre a História do Paraná, e, Sergio O. Nadalin<sup>28</sup>, sobre a ocupação do território.

<sup>20</sup> SILVEIRA NETO, M. de A. *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

<sup>21</sup> CARNEIRO, D. *O Paraná na História Militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

<sup>22</sup> MARTINS, A. R. *Terra e Gente do Paraná y Curitiba*. Diretoria Regional de Geografia do Estado (1944). Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

MARTINS, A. R. (1874-1948). *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

<sup>23</sup> MICHAELLE, F. A. A Presença do Índio no Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal (org.). *História do Paraná*, III vol. Curitiba: Grafitar, 1969.

<sup>24</sup> BALHANA, A.P.; MACHADO, B. P. e WESTPHALEN, M. C. Costa do Pau-Brasil – Costa do Ouro e Prata. In: EL-KHATIB, F. *História do Paraná*. 1º vo. 2ª ed. Curitiba: Grafipar, 1969; BALHANA, A. P.; MACHADO, B.P.; WESTPHALEN, M. C. Espanhóis no ocidente do Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal (org.) *História do Paraná*, I vol. Curitiba: Grafipar, 1969.

<sup>25</sup> WACHOWICZ, R. C. História do Paraná. Curitiba: Editar, 1972; WACHOWICZ, R. C. Esboço de uma sinopse da História Regional do Paraná. In: História: Questões e Debates. Revista da Associação Paranaense de História. Ano 8 nº 14 e 15. Dez. 1987. ISSN 0100-6932 - APAH

<sup>26</sup> CARDOSO, Jaime Antonio e WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. 2ª edição. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.

<sup>27</sup> SCHMIDT, M. A. M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letra Viva, 1996.

<sup>28</sup> NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*. Curitiba; SEED, 2001.

A partir dessas leituras, buscou-se outras informações que pudessem explicar a colonização iniciada a partir do oeste, em direção ao litoral atlântico, essa, realizada pelos espanhóis. Foi feito um inventário das obras de historiadores clássicos da bacia platina, constantes na Biblioteca da Universidade Estadual de Maringá, e referência das recém adquiridas, cujo acervo encontra-se em processo de catalogação.

Em virtude de serem obras raras e seu acesso restrito, passou-se a um trabalho de fotografar e transferir para CDs as imagens, fazendo em seguida o inventário do material, análise, descrição. Os materiais foram organizados em registros de cronistas, viajantes, conquistadores e missionários, possibilitando compreender o momento histórico em que foram escritos e os interesses envolvidos.

Entre estas obras estão as de Frei Bartolomé de Las Casas<sup>29</sup>, cuja importância está no fato de ter participado das primeiras viagens de Colombo e seus apontamentos sobre a forma como os espanhóis se posicionaram em relação aos indígenas; Padre Antonio Ruiz de Montoya<sup>30</sup> (escritos do seu tempo e publicações atuais), grande nome na história do Guairá em relação à evangelização, produção de vocabulário e dicionário da língua Guaraní, escreveu obras importantes para o conhecimento das relações interculturais no início da conquista espanhola; Nicolás de Techo, S.J.<sup>31</sup>, produziu a primeira história do Paraguai escrita por um jesuíta; Padre José Guevara<sup>32</sup> escreveu sobre as missões jesuíticas, sobre as parcialidades indígenas, as relações entre padres e índios, sobre a fundação das cidades espanholas; Don Martín del Barco Centenera<sup>33</sup>, que se dedicou a aprender o guarani e a catequizar os índios, escreveu um relato sobre sua entrada e contato com os índios, junto com o conquistador Juan de Garay, o *La Argentina* (1602, 1749, 1836). O relato trata do descobrimento do Rio da Prata, origem dos Guaraní, dos padecimentos dos cristãos, o povoamento da Argentina, a entrada de Cabeza de Vaca, sobre os habitantes, as mortes promovidas pelos índios; Padre

<sup>29</sup> LAS CASAS, Bartolomé de. *Obra Indigenista (1552 y 1553)*. Introducción y edición de José Alcina Franch. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

<sup>30</sup> MONTOYA, Antonio Ruiz de, S.J. *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639; MONTOYA, A. R. de S.J.. *Apología en Defensa de la Doctrina Cristiana escrita en lengua Guaraní*. Introducción y notas de Bartolomeu Melià, S.J. Lima: CEPAG, 1996; e, MONTOYA, A. R. *Vocabulario de la Lengua Guaraní. 1640*. CEPAG – Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción: Editora Litocolor S.R.L.,

<sup>31</sup> TECHO, Nicolás del, S.J. *História de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús (1673)*. Prólogo de Bartolomeu Melià, s.j. Nueva edición. Tomo único. Assunción: Fondec – Fondo Nacional de la Cultura y las Artes; Cepag – Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2005.

<sup>32</sup> GUEVARA, Padre José. *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Coleção Pedro de Ángelis. Tomo I. Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Editorial Plus Ultra. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836; e, GUEVARA, Padre José. *História de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman (1776)*. (Introdução de Andrés Lamas). Tomo Primeiro. Buenos Aires: Editor S. Oswald, 1882.

<sup>33</sup> CENTENERA, Don Martín del Barco. *La Argentina o Conquista del Río de la Plata. Poema histórico*. Colección Pedro de Angelis. Prólogo y Notas de Andrés M. Carretero. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1836

José Quiroga<sup>34</sup> da Companhia de Jesus, fala sobre a população indígena habitante das ribeiras do Paraguai, da navegação dos portugueses do Brasil a Cuiabá, entre outros acontecimentos; Padre José Cardiel<sup>35</sup> faz críticas a publicações caluniosas sobre o período colonial na América; Fernando Peres Acosta S.J.<sup>36</sup> trata da vida nas Reduções do Guairá, sobre o comunismo, fala dos mamelucos, dos encomendeiros; Padre Bernardo Capdeville<sup>37</sup> tratando das missões, sua origem e a invasão dos mamelucos; Guillermo Furlong, S.J.<sup>38</sup>, além da cartografia, mostra os jesuítas como exploradores, colonizadores, defensores dos indígenas, além de citar as várias especializações culturais dos padres; Enrique de Gandia<sup>39</sup> trata sobre os primeiros caçadores de escravos, as Bandeiras, sobre a atuação dos padres Mansilla e Maceta, além de abordar as atuações dos espanhóis e do governador Xeria; entre outros, além dos documentos que estão nos Manuscritos da Coleção de Angelis, no tomo sobre os Jesuítas e Bandeirantes no Guairá, organizado por Jaime Cortesão<sup>40</sup>, são as fontes principais que norteiam esta pesquisa, que são complementadas por outras obras com informações sobre o período, e para a compreensão das questões sobre as relações interculturais estabelecidas. Com respeito, por exemplo, ao volume Jesuítas e Bandeirantes no Guairá, da Coleção De Angelis, fazem parte deste estudo, diversos documentos, cartas e informes feitos tanto pelos padres da Companhia de Jesus, quanto por governantes e outras pessoas interessadas nos territórios e em sua população indígena, seja para a evangelização, no caso dos padres, ou para serem utilizados no trabalho com relação aos conquistadores. Todas as obras citadas estão depositadas na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá, algumas, na sala de obras raras, e podem ser consultadas.

Deve ficar claro que a historiografia não jesuítica complementa a análise sobre as relações sociais entre jesuítas e indígenas no Guairá. Isso porque se faz necessário compreender o que pensavam os espanhóis e portugueses sobre o trabalho da Companhia nos

---

<sup>34</sup> QUIROGA, P. José. *Descripción Del Rio Paraguay desde La boca Del Xaim hasta La confluência Del Paraná*. Colección Pedro de Angelis, Tomo VI. Prólogo e Notas de Andrés M. Carretero. Ed. Plus Ultra: Buenos Aires, 1836.

<sup>35</sup> CARDIEL, De. P. José. *Declaración de La Verdad*. Ed. Imprensa de Juan A. Alsine: Buenos Aires, 1900.

<sup>36</sup> ACOSTA, Fernando Pérez S.J. *Las Misiones Del Paraguay*. Lloréns Castelló: Palamós, 1920.

<sup>37</sup> CAPDEVIELLE, B. *Misiones Jesuíticas em El Paraguay*. Imp. Y Libreria La Mundial: Asunción. 1923, 2. ed.

<sup>38</sup> FURLONG CARDIFF, Guillermo, S.J. *Los Jesuítas y la Cultura Rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933; FURLONG CARDIFF, G. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936; e, FURLONG CARDIFF, G. *Antonio Ruiz de Montoya y su Carta a Comental*. 1645. Buenos Aires: Imprenta Crisol S.R.L., 1964.

<sup>39</sup> GANDIA, Enrique de. *Indios e Conquistadores en el Paraguay*. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1932; e, GANDIA, E. de. *Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*. Buenos Aires: Editorial “La Facultad”, 1936.

<sup>40</sup> CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ángelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951.

territórios do Guairá. Assim, os trabalhos de Igor Chmyz<sup>41</sup> sobre Ciudad Real e os de Oldemar Blasi sobre Vila Rica do Espírito Santo, por exemplo, proporcionam elementos para compreender a formação das cidades e a ocupação do espaço no Guairá. Efraim Cardozo<sup>42</sup> contribui em seus estudos em relação aos primeiros contatos entre populações indígenas e os espanhóis em relação ao sistema de encomendas, considerados inicialmente de forma amigável, e, a possibilidade de que nessas interrelações, a formação de aliança com os espanhóis os favoreceria em relação a seus inimigos, outros grupos indígenas. Erneldo Schallenberg<sup>43</sup> traz importante contribuição sobre o relacionamento entre os Tupi e os Guarani, por ocasião da aliança que aqueles fizeram com os bandeirantes para o apresamento de indígenas no Guairá, e sobre a defesa do índio empreendida pelas missões jesuíticas<sup>44</sup>.

É importante observar ainda que não se tem um detalhamento sobre alguns pontos como a organização espacial, os edifícios e outros aspectos, especificamente do Guairá. Na maior parte das vezes, deve-se, como disse Ginzburg<sup>45</sup>, buscar sinais que possam levar à compreensão da forma como ocorreram os encontros entre jesuítas e indígenas nessa região, e que muitas das explicações que se dão para os trabalhos dos padres, sobre a organização das Missões, sobre a vida nas reduções, sobre o ensino, estão relacionadas a acontecimentos fora do Guairá, em outras Províncias do Rio da Prata, com consequências nessa região e em seus habitantes. O que se salienta, no entanto, é uma preocupação por não se ter detalhes sobre as reduções do Guairá, como aqueles de outras regiões da Província do Paraguai. Embora haja vasta documentação jesuítica da Província, buscou-se nas explicações encontradas para essas outras regiões, um parâmetro para compreender como se organizaram as reduções do Guairá. Optou-se, portanto, por compreender que essas explicações são válidas para o contexto do Guairá, já que pertencia ao governo espanhol na América e, funcionava da mesma maneira

---

<sup>41</sup> CHMYZ, Igor. Contribuição Arqueológica e Histórica ao Estudo da Comunidade Espanhola de Ciudad Real do Guairá. *Revista de História*, 2: 77-114, 1963. BLASI, Oldemar. Aplicação do método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo. *Boletim Paranaense de Geografia*, 2-3, 1961. p. 49-79.

<sup>42</sup> CARDOZO, Efraim. *Apuntes de História Cultural Del Paraguay*. Asunción: Litocolor, 1985.

<sup>43</sup> SCHALLENBERGER, Erneldo. *A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas no Guairá*. Toledo: Editora Toledo, 1997.

<sup>44</sup> Para maiores informações sobre a escolha do local para implantação das Reduções, sobre a administração, o relacionamento com os caciques, e todo o trabalho realizado nas comunidades do Guairá, ver também TORRES BOLLO, Diego. Instrucción al Guairá, 1609. In: HERNANDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. V.I. Barcelona: Gustavo Gili, 1913; OÑATE, Pedro de. Ordenaciones para la mejor organización y buena marcha de las misiones. In: PASTELLS, Pablo. *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay según los documentos del Archivo General de Indias*. T. I. Madrid: Archivo General de Indias, 1912; e, SCHALLENBERGER, Erneldo. *A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas no Guairá*. Toledo: Editora Toledo, 1997.

<sup>45</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

que nas outras regiões. Sendo assim, ao analisar, por exemplo, registros que detalham aspectos físicos, sociais e econômicos de uma Missão ou Redução, ou, aqueles feitos pelos Superiores, Bispos sobre como deveriam funcionar esses lugares, estará se fazendo um paralelo sobre as Reduções do Guairá.

Estiveram na América, no início da colonização, padres Dominicanos, Franciscanos e Jesuítas da Companhia de Jesus. Neste estudo, os Jesuítas são os missionários que levaram à frente o trabalho de evangelização e, por conseguinte, colaboraram para a colonização espanhola e portuguesa na região em questão.

Os escritos dos padres, em quase todos os casos, destacam a valorização, o engrandecimento ou o elogio aos trabalhos realizados pelos missionários ou, pela Companhia de Jesus entre os indígenas. No entanto, não faltam na literatura os que fazem ferozes recriminações à atuação dessa ordem religiosa nas Colônias, neste caso, nos territórios do Guairá, embora não seja de importância neste momento entrar-se neste mérito, mas apenas encontrar informações que esclareçam de que forma as relações interculturais se estabeleceram nessa região, no período entre os anos finais do século XVI e os iniciais do século XVII.

Á época em que ocorrem as descobertas e a conquista da América, as nações européias estavam formalizadas em Estados Nacionais, fortalecidas, e com condições de empreender as grandes viagens marítimas, rompendo dessa maneira as fronteiras geográficas e culturais e, ultrapassando-as<sup>46</sup>. Nesse sentido, se poderá analisar a política utilizada pelos europeus, ignorando a presença humana e provocando confrontos que se potencializaram a partir do início da conquista.

E é nessa perspectiva que se pretende compreender em que condições se estabeleceram os contatos entre diferentes, nesses espaços em que se cruzaram. Não basta se constatar o ocorrido, mas, compreender as relações interculturais na ótica dos sujeitos envolvidos.

Os portugueses se estabeleceram até a região de Paranaguá e suas entradas para o interior ocorreram após 1530. Os espanhóis, por sua vez, estabeleceram contato com as populações desde o litoral, avançando para o interior dos territórios tão logo chegaram ao continente americano. Avançando pelo Rio da Prata nos anos iniciais do século XVI, formaram fortificações e cidades até o Guairá. Eles encontraram lugares estranhos, nomes

---

<sup>46</sup> MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

estranhos, gente estranha. Essa chegada dos europeus é apenas um dos lados da história da região e, é descrita, na maior parte dos escritos estudados, numa perspectiva eurocêntrica, em que se percebe a importância do papel dos conquistadores na condução do encontro com as populações indígenas, enfim, do processo histórico a partir daí.

É difícil perceber a presença indígena como contrapartida nos relatos, mas ela pode ser buscada naqueles escritos, e mesmo que não tenha sido contada pelos seus protagonistas, é muito importante e deve ser vista, ou compreendida.

A partir dos relatos e tal como foram escritos, procurar-se-á expor brevemente as realidades indígenas e européias que estão por trás das palavras. Não se deixará de lado termos utilizados na documentação da época para focar questões relativas às populações indígenas como “naturais”, por exemplo, buscando sempre deixar uma explicação para seu entendimento. Mesmo porque, os termos são marcas da documentação da época e podem indicar as pretensões européias, mesmo que não expliquem claramente os avanços ou retrocessos da conquista no Guairá.

As iniciativas dos espanhóis, por exemplo, em engendrar uma ocupação que se estendeu ao Guairá, a partir de Assunção, em direção ao litoral atlântico, culminaram com diversos conflitos com os indígenas. Os interesses iam para além da terra, pelas riquezas que elas poderiam oferecer, e pelas populações que seriam subjugadas e passariam a servir às coroas ibéricas. Para a Espanha, o trabalho pessoal dos indígenas e os impostos que seriam atribuídos à coroa, estavam entre seus acordos e negócios com a América. A evangelização indígena fará parte desse processo do avanço espanhol pelo Guairá.

Para que a pesquisa não seja empobrecida, far-se-á um esforço para que a análise não seja pautada em relações de dominador X dominado, conquistador X conquistado, embora estes conceitos sejam utilizados no decorrer da pesquisa. Nem se pretende posicionar o indígena em reino de paz e harmonia antes da chegada dos europeus. Ao contrário, houve disputas por territórios, por exemplo, como se poderá perceber pelas migrações que ocorreram dentro de toda a América indígena.

Da análise, espera-se a compreensão das permanências ou mudanças no, ou nos grupos étnicos, sempre considerando que as transformações devem ser vistas como algo natural em qualquer sociedade, mas, com um compromisso com as sociedades indígenas.

Dessa forma, no primeiro capítulo o objetivo será fazer um relato sobre a parte física e humana do Guairá. Dividiu-se o capítulo em subitens para facilitar o estudo das obras escolhidas, buscando compreender a parte física em primeiro lugar, destacando a importância da bacia hidrográfica, os limites estabelecido no território, o meio ambiente, e, em relação à

questão humana, aborda as regiões em que se estabeleceram os diversos grupos, descritos pelos nomes de seus líderes ou região habitada. Ainda há breve descrição da organização social, língua, costumes, crenças desses habitantes antes da chegada dos europeus.

O segundo capítulo trata dos exploradores europeus que chegaram ao final do século XVI, com ênfase para as conquistas, estabelecimentos e relacionamentos dos espanhóis com os indígenas. Escritos de cronistas, jesuítas e conquistadores e outros escritos bem depois dos primeiros contatos, fazem parte do material, procurando verificar os interesses presentes neles, para explicar o contexto em que se inseriam. Faz-se um breve relato dos interesses e envolvimento das nações européias na América da conquista, sobre a presença humana no continente, a ocupação do sul brasileiro pelos principais grupos indígenas e suas parcialidades, seus modos de vida e interesses. Discute-se a chegada dos primeiros europeus e os primeiros contatos com as populações indígenas e a organização da administração européia na América. Destaca-se o interesse dos espanhóis em chegar ao Peru e as primeiras viagens dos europeus pelo Guairá desde Alejo Garcia, D. Pedro de Mendoza, Cabeza de Vaca, Diego de Sanabria, e depois, acontecimentos gerados em torno das disputas entre colonizadores sobre as terras, estabelecendo as primeiras relações interculturais com os habitantes da região, em que, cada uma das descrições compreende características diferenciadas tanto na visão dos europeus em relação aos indígenas, quanto aos seus interesses. Nesse momento, questiona-se: Qual a possibilidade de se perceber nos escritos dos cronistas, historiadores europeus, que os indígenas tenham aceitado amigavelmente a entrada dos conquistadores pelos territórios por eles habitados desde épocas muito remotas? Discute-se a questão da conquista espanhola da terra e das populações indígenas legalizadas pelo sistema de trabalho pelas encomendas, a formação das cidades espanholas no Guairá, os intensos e conflituosos encontros entre as populações indígenas – Tupi e Guarani. Alguns itens em particular abordam especificamente os atritos entre os indígenas e os espanhóis, discutidos por um conquistador-historiador<sup>47</sup> e a contrapartida dos espanhóis para com os indígenas, observada em documentos oficiais das autoridades espanholas, em que são descritas as investidas feitas pelas malocas, terminando o capítulo com acontecimentos das cidades e questionamentos sobre os trabalhos dos indígenas.

Como outro elemento envolvido nas relações interculturais, está o missionário jesuíta. Nesse sentido, discute-se, no terceiro capítulo, a história do Guairá de acordo com os encontros entre indígenas e os missionários da Companhia de Jesus. Os escritos dos conquistadores, cronistas e dos missionários jesuítas, fazem parte da análise e da discussão, e

---

<sup>47</sup> GUZMÁN, Rui Diaz de. *Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, Imprenta del Estado, 1836 – 1969.



os escritos de historiadores jesuítas de épocas posteriores, onde se procura compreender o propósito e o resultado da evangelização no Guairá em relação à conquista espanhola. Discute-se a formação da Província Jesuítica na América meridional e como se organizaram as missões para a evangelização, a vinda dos primeiros padres, a doação de terras no Guairá, para a formação das casas dos padres e futuras missões e reduções, questões apresentadas em documentos oficiais, compilados por Cortesão<sup>48</sup>. Observa-se no capítulo, que muitos foram reduzidos e aceitaram a evangelização. Aborda-se o trabalho dos indígenas que eram repartidos para o trabalho nas terras dos espanhóis, e a atuação dos padres em relação a isso. No entanto, aborda-se a ida de indígenas para o trabalho nas casas dos padres. Trata-se ainda, neste capítulo, sobre a organização, o governo civil e religioso das reduções, como os padres viviam em seu interior, como foram organizados os trabalhos, a produção e distribuição dos produtos entre os habitantes.

Para terminar, no quarto capítulo aborda-se a atuação dos bandeirantes no Guairá, analisada também a partir dos mesmos referenciais e fontes já citados. Inicia o capítulo com uma breve descrição sobre como os escritores, entre eles, conquistadores e jesuítas da época da conquista, perceberam a entrada dos portugueses no Guairá. Das análises consta o interesse dos espanhóis em relação aos territórios e às populações indígenas, e à entrada que os portugueses estavam fazendo. Destaca-se, as disputas e guerras entre as parcialidades indígenas, a atuação do governador Irala em relação à escravização indígena pelos portugueses, e a preocupação do governo espanhol em relação à esse fato. Faz-se uma análise sobre as primeiras incursões bandeirantes ao Guairá, sobre o envolvimento do governador Céspedes de Xeria, a destruição das reduções, a crueldade como essas empresas eram realizadas, sobre a fuga dos que não sofreram os ataques e a tentativa dos padres para salvá-los do cativeiro. Aborda-se o problema das armas de fogo usadas pelos indígenas nas reduções, e para alguns apontamentos de Céspedes Xeria sobre os trabalhos jesuíticos no Guairá. Discute-se os escritos do Padre Montoya sobre os estragos no Guairá, entre outros apontamentos. Trata-se também de um documento sobre o compromisso do governador do Brasil em castigar os portugueses que invadiram o Guairá, e os acontecimentos dos anos 1629 e 1630, no Guairá e nas reduções.

Embora nos escritos dos cronistas, dos jesuítas ou dos conquistadores, as marcas da atuação dos indígenas não sejam claras, elas deverão ser descobertas, imaginadas às vezes, mas espera-se que possam ser notadas.

---

<sup>48</sup> Op. cit., 1951.

## CAPÍTULO I

### CARTOGRAFIA DO GUAIRÁ

O Guairá nos séculos XVI e XVII era um território<sup>1</sup> que fazia parte dos domínios da Espanha na América Meridional, localizado entre o Rio Paraná e o Oceano Atlântico. Hoje, o território corresponde ao Estado do Paraná, Brasil. Embora alguns elementos da geografia desse lugar sejam os mesmos da época da conquista europeia, como a sua bacia hidrográfica, por exemplo, são perceptíveis as mudanças em relação às florestas, ao número de habitantes e, também, em relação aos modos de vida e à população indígena.

Conhecer o Guairá no início da colonização europeia e a etnohistória indígena, principalmente Guarani, pode significar compreender a forma como essas mudanças ocorreram, graças aos escritos dos conquistadores e dos padres jesuítas que, em permanente contato com os habitantes indígenas, registraram suas experiências. Dentre esses escritos, há os que compreendem uma análise de fontes primárias, os que são relatos de viagens, os que são as experiências vividas naquele período, e outros que podem ser considerados de explicação e defesa das ações dos jesuítas, feitas por seus iguais em épocas posteriores. A sua descrição pode ser uma tarefa de análise e de compreensão da vida dos primeiros conquistadores, missionários jesuítas e indígenas envolvido.

#### 1.1 O Espaço e seus Habitantes

##### 1.1.1 O espaço físico

A descrição física do Guairá é bastante significativa em todos os escritos consultados,

---

<sup>1</sup>Em referência ao espaço geográfico onde ocorreram as relações sociais que o definem, isto é, a sua territorialidade, mas que se deve pensar também nos espaços social, político que se fizeram presentes no período estudado, em que ocorreram relações sociais. Ver BARROS, J. de A. *Espaço e tempo: territórios do historiador*. Varia História, vol. 22, n. 36. Belo Horizonte, jul/dez/ 2006. Disponível em [www. Arq.ufsc.br/urbanismo 5/artigos/artigos\\_bja.pdf](http://www.Arq.ufsc.br/urbanismo/5/artigos/artigos_bja.pdf). A territorialização do espaço ocorre pelas práticas dos homens, o território não é o espaço, mas é concretizado no espaço, conforme RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*, citado por BARROS, op. cit., 2006, p. 14, questão abordada para se compreender o termo, várias vezes citado no texto, como espaço de luta entre europeus e indígenas.

seja de historiadores jesuítas, de conquistadores, ou de cronistas espanhóis. De grande extensão geográfica, a região compreendia a parte ocidental do rio Paraná, com uma parte de bosques, montanhas e também uma parte plana de campos.

Os rios traçam os limites físicos da região enquanto uma unidade organizada, mas onde elementos iguais e diferentes interagem, sendo necessário saber identificá-los<sup>2</sup>. De grande importância na época da conquista europeia, o Guairá localizava-se entre o rio Paraná ao oeste, o Paranapanema ao norte e o Iguaçu ao sul, com seus principais afluentes, desenhando seu território e completando seus limites internos., Do rio Paranapanema tem-se o rio Tibagi e o rio Pirapó; do rio Paraná, o rio Piquiri e o rio Ivaí com seu tributário, o rio Corumbataí. Portanto, uma região ricamente banhada e irrigada por diversos rios, que possibilitava a existência da vida em todos os seus aspectos.

Desde a demarcação de Tordesilhas para o oeste, em direção ao Pacífico, a Espanha reivindica ser dona dessas terras que incluíam o que hoje corresponde aos estados do Paraná e Santa Catarina. Em 1516, foram os espanhóis, da expedição de Solís, os que chegaram ali primeiro, e também foram os espanhóis, da expedição de Aleixo Garcia em 1524, os primeiros a atravessá-las. O *adelantado* Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, entre 1541 e 1542, tomou posse da região que se estendia desde o Oceano Atlântico até o Rio Paraná, e acima do rio Iguaçu.

A partir desse momento, essa<sup>3</sup> região foi incorporada às terras dominadas pela Espanha, e governada desde Assunção, capital da Província do Rio da Prata, sendo chamada Província del Guairá, uma referência a um cacique Guarani de uma tribo que vivia perto das quedas d'água que tinham o mesmo nome: *Guayrá*<sup>4</sup>.

Nos escritos da viagem de Don Álvar Nuñez Cabeza de Vaca<sup>5</sup> quando chegou à América em 1541, há um relato minucioso sobre as condições do Guairá, que ele atravessou em direção à Assunção. Por ora, enfatiza-se apenas a descrição da parte física da região que

---

<sup>2</sup> BARROS, op. cit., 2006, p. 3, coloca como os “elementos que dão identidade à região [...] não são necessariamente estáticos. [...] a região também pode ter sua identidade delimitada e [...]”, o que significa dizer que dentro de uma mesma região, existe uma dinâmica que segue as diferenças entre os seus componentes, e ela própria está inserida em algo maior, mas com certa singularidade.

<sup>3</sup>CARDOZO, Ramón I. *El Guairá – História de La Antigua Provincia – 1554 – 1676*. El Arte S.A. Asunción, 1970.

<sup>4</sup> Que significa *guai*= mozos o gente; *ra* = lugar, conforme Guzmán, op. cit., 1836, em Índice Geográfico e Histórico, p. 392.

<sup>5</sup> Don Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, em **Comentários**, conta sua vinda da Espanha para Assunção para assumir o posto de *Adelantado*. Este livro foi ditado por ele a Pedro Hernández. Segundo GUZMÁN, op.cit., 1836, Índice Geográfico e Histórico, p. 320, Cabeza de Vaca era seu tio e foi *adelantado* do Río da Prata. Era de Jerez de la Frontera, neto do conquistador das Canárias. Foi tirado do poder e permaneceu preso por 10 meses sendo depois levado para a Espanha onde foi absolvido. Morre em Sevilla.

mostra a sua extensão, com o objetivo de ajudar a compreender os futuros os encontros entre europeus e indígenas.



Figura 1 - Mapa da região do Guairá. Fonte: CORTESÃO, J. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. Manuscritos da Coleção de Angelis. (1594-1640). Rio de Janeiro, 1951.

Ao chegar à ilha de Santa Catarina, vindo de Cananéia, o governador Cabeza de Vaca tomou algumas providências para sua entrada nos territórios, enviando em maio de 1541, Felipe de Cáceres<sup>6</sup>, para ir pelo Rio da Prata até Buenos Aires verificar as condições dos seus moradores. Impedido de navegar em virtude do tempo desfavorável, Felipe voltou até onde estava Cabeza de Vaca, em Santa Catarina. Nota-se que o governador procurou inicialmente investigar as possibilidades de empreender sua viagem, mesmo que para isso tenha sido obrigado a permanecer por vários meses em Santa Catarina. Mas, decidida a viagem por terra, o governador enviou outro membro da expedição, Pedro Dorantes, para procurar um caminho que pudesse ser trilhado e também para o reconhecimento da terra. Cabeza de Vaca já tinha conhecimento de que muitos portugueses haviam sido mortos pelos indígenas daquela região, mesmo assim, Dorantes partiu acompanhado de companheiros espanhóis e de alguns índios que seriam seus guias. Três meses depois, retornou dizendo que tinham passado por serras, montanhas e lugares despovoados, chegando a um lugar chamado Campo. A terra povoada estava mais acima, no relato de Dorantes, ao largo do rio Itabucu “[...] que está en la punta de la islã, a diez y ocho o veinte léguas del puerto [...]”<sup>7</sup>.

Essa descrição feita nos **Comentários** denota a importância dos rios para a navegação e comunicação entre as regiões. Consta que o Rio Itabucu<sup>8</sup> foi utilizado por uma parte da expedição e, em 2 de novembro de 1541, o governador partiu com o restante dos homens, para uma jornada de 19 dias quando “[...] atravesaron grandes montañas, haciendo grandes talas y cortes em los montes y bosques, abriendo caminos por donde la gente y caballos pudiesen pasar, porque todo era tierra despoblada [...]”<sup>9</sup>, até o lugar chamado Campo, onde Dorantes havia chegado em sua jornada de reconhecimento. Dali, Cabeza de Vaca continuou sua jornada e, em 29 de novembro, partindo da aldeia chamada *Tocanguanzu* por mais três dias, quando chegou ao Rio Tibagi, que ele descreve como “[...] Es un rio enladrillado de losas grandes, solado, puestas en tanta orden y concierto como si a mano se hobieran puesto [...]”, em que

<sup>6</sup> Cáceres era o contador do rei espanhol conforme CABEZA DE VACA, Álvar Nuñez. *Naufraágios y Comentarios*. Con dos cartas y relación de Hernando de Ribera. Quinta edición. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1971, p. 103.

<sup>7</sup> Conforme está em CABEZA DE VACA, *ibid*, p. 105-106.

<sup>8</sup> Conforme GUZMÁN, *op. cit.*, 1836-1969, Índice Geográfico e Histórico, p. 405: “Río de la provincia de San Pablo al que los brasileños llaman *Itapicú*, y que, después de un largo curso, desemboca en el mar, al sur de la isla de San Francisco. Su boca tiene como 50 brazas de ancho y mucho fondo: sin embargo no es muy navegable por la resaca del mar, y una barra que estorba su entrada: a más de un salto que forma poco antes de perderse en el océano. Hay también otro río de este nombre, e inmediato al primero, que por esta razón se llama *Itapicú-guasú*, para distinguirlo del otro, que es *Itapicú-miní*. Estos nombres son corrupciones de la voz *Itabucú*, que significa ‘pedra que asoma’: haciendo alusión a la barra. *Ita*, piedra; *abú*, salir debajo; y *cú*, estar), que desemboca na Ilha de São Francisco, em Santa Catarina”.

<sup>9</sup> Conforme explica CABEZA DE VACA, *op. cit.*, 1971, p. 107. Ver também MAACK, R. *Geografia Física do Paraná*. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 1968, p. 30, que informa que ele percorreu a faixa do litoral de Santa Catarina rumo ao noroeste até chegar aos Campos Gerais.

tiveram muito trabalho para atravessar, pois era escorregadio, com forte correnteza e, por isso, “[...] tomaron por remédio pasar asi dos unos a otros [...]”<sup>10</sup>. No início de dezembro<sup>11</sup> o Rio Tacuari foi encontrado. Até esse momento, tinham passado por campos e lugares com muitas árvores e rios, terras descritas como muito boa para a agricultura e criação de animais.

Outro rio bastante caudaloso e largo, rodeado por um tipo característico de árvores, as *Araucarias*<sup>12</sup>, foi o próximo ponto marcante encontrado pelos viajantes da expedição, e descrito<sup>13</sup> como o que custou muito trabalho para atravessar, além de terem encontrado ainda montanhas e canaviais e, outros rios, alguns caudalosos, sem mencionar seus nomes, considerados também obstáculos para a travessia do território. Um dos rios, porém, entende-se que era o que foi chamado de Iguatu, encontrado em 14 de janeiro, é descrito como muito largo e situado “[...] de la banda del oeste en veinte y cinco grados [...]”<sup>14</sup>, local de pesca abundante e caça de vários tipos de animais selvagens, de aves raras, abelhas que produziam mel, onde também havia um povoado Guarani. Não se encontrou referência a esse nome em outra obra, o que impossibilitaria sua localização, mas se pode dizer que é o mesmo Rio Iguçu, porque ele irá atravessá-lo novamente, bem mais adiante, em sua jornada.

O Rio Piquiri aparece logo em seguida nos relatos, e foi depois desse rio, que Cabeza de Vaca<sup>15</sup> alcançou novamente o Rio Iguçu, porque ele diz:

[...] Este rio Iguazu es el primer rio que pasaron al principio de la jornada cuando salieron de la costa del Brasil [...], e que “[...] la espuma del agua, como cae con tanta fuerza, sube en alto dos lanzas y más, por manera que fue necesario salir de las canoas y sacallas del agua y llevarlas por tierra hasta pasar el salto [...].

Informações detalhadas sobre o Guairá também são encontradas nos escritos do historiador e conquistador Ruy Diaz de Guzmán, sobrinho-neto de Don Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, o primeiro espanhol que passou por ela e a denominou de Província de Vera. Para o autor, o território correspondia aos “[...] campos que corren y confinan com el Río de la Plata, que llaman de Guayra”.<sup>16</sup>

<sup>10</sup> Ibid, p. 108.

<sup>11</sup> A expedição de Cabeza de Vaca vai encontrar vários rios no território do Guairá, como esse, citado em CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 108. Ver também MAACK, R., op. cit., 1968, p. 40, Mapa de Ulrico Schmidel.

<sup>12</sup> Conforme notas de CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 113

<sup>13</sup> Aqui ele não informa qual é o rio, mas é possível saber, comparando seus relatos com os registros de GUZMÁN, 1836-1969, op. cit., p. 145.

<sup>14</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 115.

<sup>15</sup> Ibid, p. 115-117.

<sup>16</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836, p. 32 e 67. Com respeito a essa demarcação, na mesma obra, no Índice Geográfico e Histórico, p. 392 há uma explicação em que o Guairá era um “[...] Vasto e inculto território entre las províncias

O rio Iguazu também foi descrito como um:

[...] Rio caudaloso del Guayra, formado por las águas que dimanar de la cordillera de San Vicente. Corre con una rapidez extraordinária, hasta encontrarse con el Paraná, en un punto donde fundaron los jesuítas la reducción de Santa María la Mayor. Forma vários saltos: uno entre otros a cerca de tres léguas del punto de su confluencia, con más de cien brazas de ancho, y de 170 pies de elevación. Estas contínuas caídas, que mantienen en una grande agitación a las águas, estorban también su navegación. Sus márgenes están cubiertas de bosques [...]. *Iguasú* en guarani, quiere decir ‘rio grande’, con cuyo nombre se le suele designar en los mapas. Los portugueses lo llaman *rio de Curitiba*, que en su idioma quiere decir ‘rio de muchos pinales’: *curú*, pinal, y *tiba*, mucho<sup>17</sup>.

Para ajudar a compreender esses relatos, em Guzmán<sup>18</sup> encontra-se informação de que Cabeza de Vaca chegou ao rio Paraná, a 30 léguas dos Saltos, que eram as Cataratas do Iguazu. Ele e seus companheiros teriam ouvido dos indígenas, que o Iguazu chegava até o Rio Paraná que também entrava no Rio da Prata<sup>19</sup>, informação importante para as entradas que estavam fazendo em direção à Assunção.

Na descrição que Guzmán faz das Províncias do Rio da Prata, há informações tanto sobre o descobrimento ou reconhecimento geográfico, quanto da sua povoação, relacionando essas províncias, o que fazia parte delas e os rios que a banhavam, desaguando em um rio principal. Não é demais repetir a sua explicação de que Guairá era o nome de uma região que pertencia ao Paraguai. Faz-se necessário, porém, compreender que Guzmán, refere-se a todas as regiões que faziam parte das províncias do Rio da Prata, banhadas por muitos rios que chegavam ao Rio da Prata, o *Paraná-Guasú* para os Guarani, na época da conquista européia. Portanto, Guzmán vai para além dos territórios do Guairá, começando sua descrição desde o

---

meridionales del Brasil y el Paraguay y tan poco conocido que no es posible demarcar sus limites [...]”ou seja, que o autor erra quando diz que a região limitava-se com o Rio da Prata.

<sup>17</sup> Conforme GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, Índice Geográfico e Histórico, p. 400-401.

<sup>18</sup> Ibid, p. 146 e 286, lê-se que “[...] Se refiere a las cataratas del Iguazú. Fueron descubiertas por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541 [embora no relato já estavam em 1542]. Tienen un desnível de 70 metros y un caudal de 1700 metros cúbicos por segundo. Estas cataratas tienen un total de 275 saltos de água [...]”.

<sup>19</sup>Sobre esses rios e como eles se dividem há informação em GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 69, que diz: “[...] hasta las Siete Corrientes, donde se juntan dos rios caudalosos, el uno llamado Paraguay, que viene de la siniestra, el outro Paraná que sale de la derecha; este es el principal que bebe todos los rios que salen de la parte del Brasil; tiene de ancho, por todo lo más de su navegación, una légua, en parte dos, baja al pie de 300 leguas hasta juntarse con este del Paraguay, en cuya boca está fundada una ciudad que llaman de San Juan de Vera, que está en altura de 28 grados; de la cual y su fundación y conquista [...]. Luego como por este rio se entra, es apacible para navegar, y antes de cuarenta léguas se descubren muchos vacios y arrecifes donde hay una laguna a mano izquierda del rio que llaman de Santa Ana; muy poblado, hasta donde entra otro muy caudaloso a la misma mano que llaman Iguazú que significa Río Grande [...] subiendo treinta léguas está aquel extraño salto que entiendo ser la más maravillosa obra de la naturaleza que hay [...]”.

Uruguai e litoral do Rio Grande do Sul, descrevendo as regiões e portos<sup>20</sup>, até chegar ao Rio Uruguai, com seus importantes afluentes, e adiante dele, o Rio Negro e seus afluentes.

Nessa delimitação do Guairá, o Rio Paraná é considerado o principal, recebendo todos os rios que saem do lado do Brasil e se junta ao Rio Paraguay, e bom para navegação. O Iguazu, um caudaloso rio do Guairá que encontra o Rio Paraná, é lembrado como o local onde os jesuitas fundaram a Redução de Santa Maria la Mayor, e também onde se formam grandes saltos, as Cataratas do Iguazu, que impossibilitavam a sua navegação.

Guzmán<sup>21</sup>, descreveu as Cataratas do Iguazu como “[...] la más maravillosa obra de la naturaleza que hay [...]”, cujo barulho era ouvido a oito léguas dali. É necessário observar o autor está escrevendo em 1612, razão porque já está se referindo à existência da cidade de Puerto Real, a três léguas acima dos saltos, que é a mesma Ciudad Real, (ora ela é chamada por um, ora pelo outro nome) fundada na foz do Rio Piquiri, sob o Trópico de Capricórnio. Nessa mesma rota, 12 léguas acima de Puerto Real ou Ciudad Real, ele destaca dois rios, à direita o Rio *Ubay*<sup>22</sup>, e à esquerda o *Muney*. No Rio *Ubay* ou *Huibaí*, a 50 léguas, estava fundada a cidade de Villa Rica del Espíritu Santo. Ainda na descrição de Guzmán, e continuando a subir o Rio Paraná, está seu grande afluente, o rio Parapanema, um dos principais rios do Guairá. Seus afluentes são os Rios Tibajiba<sup>23</sup>, e o Pirapó. O rio *Ayembí* ou *Añemby* (que é o Tietê) que, de São Vicente chega ao rio Paraná, também é citado aqui, e que por esse rio “[...] se comunican [...] los portugueses de la costa de los castellanos de esta provincia de Guayrá [...]”, em referência à sua importância para a comunicação entre as regiões. São relacionados ainda outros rios que entram pelo rio Paraná, como o seu afluente *Paraná-Itabuiyí* ou *Itabuígí* que, na interpretação do autor, estava ao lado do Brasil. Seu nome quer dizer “*yibá* = brazo; *bú* = salir; *iguí* = de él, esto es, rio de donde brota outro [...]”<sup>24</sup>. O Rio Piquiri não está relacionado nesta obra, embora haja referência de que todos eram bastantes povoados de indígenas.

<sup>20</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 286, e segundo Notas de Andrés M. Carretero, p. 285 – nota 61, onde se lê “portos” deve-se entender que são lugares onde se poderiam instalar portos, não implicando propriamente, a existencia deles.

<sup>21</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 70. Confirmação feita nesta mesma obra, em Nota que informa que elas foram descobertas por Álvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1541, GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 286, Nota 14. Ver também Índice Geográfico e Histórico, p. 449.

<sup>22</sup> Grafado desta maneira em GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 70, e descrito anteriormente como *Huibaí*.

<sup>23</sup> Atibajiba ou Atiuajina como o autor citou, mas conforme diz GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, no Índice Geográfico e Histórico, p. 309, lê-se que *Tibaxiba* ou *Tibagy*, era como os portugueses o chamavam, e em Guarani quer dizer *Ali* = amontonar ou hinchar; *ba* = fazer alguma coisa; *hi* = chocar; ou seja, rio cujas águas se incham e se entrecocam. Ver também p, 71, onde trata da importância do Rio Ayembí para os portugueses.

<sup>24</sup> Conforme está explicado em GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, Índice Geográfico e Histórico, p. 436.



Assim também o delineamento do Guairá é encontrado nos escritos do Padre Nicolas del Techo<sup>25</sup>, segundo o qual “[...] El Guairá está situado en la parte del Paraguay que mira al Brasil y al Occidente del rio Paraná; por el Sur acaba en los campos que baña el Uruguay, y por Norte en selvas y lagunas no bien conocidas; su extensión es considerable [...]”, diferindo apenas na forma como simplificou os limites do território.

Bem recentemente a contribuição de Maack<sup>26</sup> ao escrever sobre os aspectos físicos do Paraná, definiu a localização do Guairá como a que “[...] estendeu-se por toda a região reclamada pelos espanhóis, entre os rios Paranapanema (rio Paraguario) e Uruguay [...]” e como sendo os limites territoriais do atual Paraná, o mesmo onde estava o que se chamou Guairá. Ele diz que fica

[...] na região sul - brasileira entre as latitudes de 22° 20' 30'' na cachoeira Saran Grande no rio Paranapanema e 26° 42' 59'' nas nascentes do rio Jangada, numa extensão superior a 468 km em direção norte-sul e entre as longitudes a oeste de Greenwich de 48° 02' 24'' no rio Ararapira e 54° 37' 38'' na Foz do Iguaçu ultrapassando 674 km leste-oeste [...]

com limite ao norte com o rio Paranapanema; a leste, o Oceano Atlântico, na definição atual do território, pois na época da conquista atingia o limite da linha do Tratado de Tordesilhas; ao sul, o Estado de Santa Catarina (também com relação ao período atual) e a oeste, o rio Paraná. Refere ainda que, o Estado também está dividido atualmente em cinco regiões, quais sejam: o litoral, a serra do Mar, o primeiro planalto ou planalto de Curitiba, o segundo planalto ou planalto de Ponta Grossa e o terceiro planalto ou planalto de Guarapuava<sup>27</sup>.

Na obra de Cardozo<sup>28</sup> também há detalhamento da posição do Guairá como se estendendo desde o Rio Paraná até o Atlântico “[...] entre 22° 30' y 25° y 30' de latitud y los 49° 30' y 50° 30' de longitude oeste de Greenwich [...], ao norte limitando-se com o rio Paranapanema<sup>29</sup>, ao [...] este las serranias de *Guarayrú*, ou de *Caiyú*, ao sul, o rio Iguaçu<sup>30</sup>; e

<sup>25</sup>TECHO, Nicolás del, S.J. *História de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús (1673)*. Prólogo de Bartolomeu Meliá, s.j. Nueva edición. Tomo único. Assunción: Fondec – Fondo Nacional de la Cultura y las Artes; Cepag – Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2005, p. 196.

<sup>26</sup>MAACK, R. *Geografía Física do Paraná. Curitiba*. Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 1968, p. 40 e 78.

<sup>27</sup>MAACK, op. cit., 1968, p. 86.

<sup>28</sup>CARDOZO, Ramón I. *El Guairá – Historia de La Antigua Provincia – 1554 – 1676*. El Arte S.A. Asunción, 1970, p. 14.

<sup>29</sup>*Pará* = mar; *aná* = semelhante; y *pane* = sin pescado, Cardozo, 1979, p. 14 e Guasch, Antonio, S.J. e Ortiz, Diego, S.J. Dicionário Castellano-Guarani, Guarani-Castellano. Sintactico-fraseologico-ideologico. 13ª edición. CEPAG – Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción, Paraguay: Ediciones y Arte S.R.L., 2001.

ao oeste, o rio Paraná [...]”. Ele também observou que, geograficamente, existiam duas regiões no Guairá, separadas pelas montanhas conhecidas então como *Ybytyrembetá*. Uma plana, alta, ao oriente do rio Paraná, estendendo-se até o mar; e uma parte montanhosa. A região montanhosa, diz ele, apresentava-se quase toda coberta por florestas quase impossíveis de penetrar e com “[...] serranias inmensas de cuyas faldas nacen múltiples corrientes de água que [...]”<sup>31</sup> que, ao chegar ao rio Paraná, se convertiam em rios com muita água. E dessas mesmas montanhas, de *Ybytyrembetá*, saíam outros afluentes do rio Paraná, mais ao sul, o rio Iguazu, com arrecifes e saltos, lembrando também a sua difícil navegação.

De acordo ainda com as descrições desse mesmo autor, perto da desembocadura do rio Iguazu, considerado um importante tributário do rio Paraná, os primeiros conquistadores denominaram a um porto de *Peña Pobre*<sup>32</sup>, em virtude de terem acreditado que o penhasco localizado na região fosse composto do metal tão procurado (o ouro) porque resplandecia um brilho muito forte, mas que não encontraram nada por ali. A trinta léguas desse porto, estava o Salto del Guairá, conhecido como as mais maravilhosas quedas d’água que os conquistadores já tinham visto, e mais duas léguas acima, o rio *Piquyry*<sup>33</sup> e, doze léguas para o norte, o rio *Huybaí* (Ivaí). Este mesmo rio Ivaí nasce no coração da Província do Guairá, e seguindo seu curso, a setenta léguas de sua foz, está o Salto de *Arayny* (o autor não dá explicação etmológica), e tem como tributários o *Yñeë-y*, cujo nome está relacionado aos peixes que têm<sup>34</sup>, e o *Carimbatay*. Para completar as informações sobre a bacia hidrográfica do Guairá, o rio Paranapanema, é descrito como outro grande e extenso afluente do rio Paraná, que nasce nas imediações do rio *Piratin-ní*, região banhada também pelos rios *Pirapó*, *Itangu-á*, e *Tibaxiba* ou *Atibajiba*<sup>35</sup>, seus tributários.

---

<sup>30</sup> *Guará* = lugar, *yrú* = companheiro; companheiro de la parcialidad, conforme CARDOZO, op. cit., p. 14, e, *Y* = água, rio; *guasú* = grande; *Y* = água, rio; *guasú* = grande, conforme CARDOSO, ibid. p. 14; e, *Para* = mar; *aná* = semelhante; *Ybyty* = cerro; *rembetá* = barba, ou seja, “cerro com barba”.

<sup>31</sup> CARDOZO, op. cit., 1970, p. 14.

<sup>32</sup> Uma carta ânua do padre Nicolau Durán, de 1628, que faz uma descrição das regiões das reduções jesuíticas, faz menção a esse monte conhecido como “Peña Pobre”, conforme está em CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ángelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951, p. 220.

<sup>33</sup> *piquy* = pececillos; *ry* = agua; *Huyba* = caña braba; *i* = água, segundo CARDOZO, op. cit., 1979, p. 15. (Conforme GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, Índice Geográfico e Histórico, p. 477, o nome é *Huibai* e não *Ubay* e nem *Ivahy*, e é também um afluente do rio Paraná, portanto um dos principais rios da Província do Guayrá).

<sup>34</sup> CARDOZO, op.cit., p. 15, e também explica que *Carimbata* = sapo; *y* = água. Em outros registros se lerá Corumbatá; *Pirá* = pescado; *tin-ní* = seco; *Pirá* = pez; *pó* = saltos; *Itá* = piedra; *angu-á* = mortero.

<sup>35</sup> Conforme GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, em Índice Geográfico e Histórico, p. 309, *Atibáhibá* = “[...] rio, cuyas águas se hinchan, y se entrechocan [...]”.



Figura 2 – Mapa da Provincia do Guairá e adjacências. FONTE: Biblioteca Nacional – cart1033404.

### 1.1.2 Clima, vegetação e animais do Guairá

Os mesmos escritos dos conquistadores espanhóis, dos viajantes e dos jesuítas também estão repletos de informações que possibilitam visualizar os aspectos climáticos, da fauna e flora do Guairá. Como região localizada em sua maior parte sob o Trópico de Capricórnio, o Guairá é descrito como apresentando clima e vegetação com características próprias a essa posição geográfica, ou seja, temperaturas quentes e úmidas de região subtropical.

Nos relatos de Cabeza de Vaca, por exemplo, há observações sobre essas características, que se resumem no que encontrou nas localidades pelas quais passou, como por exemplo, que no Campo, em *Tocanguanzu*, onde as populações criavam galinhas, patos, plantavam milho, colhiam mel de abelhas, e tinham animais silvestres em suas casas. Ele disse que quando a expedição se afastou do Trópico, chegaram a um lugar bastante arborizado com rios e arroios, por isso a terra era “[...] aparejada para labrar y criar”<sup>36</sup>. As primeiras conclusões que se pode ter, é que a região ainda não tinha sido modificada em virtude da ação dos conquistadores, mesmo com inumerável população indígena, compondo-se ainda de extensas faixas de florestas, onde o clima e as condições geográficas eram bons, saudáveis.

No Guairá a expedição encontrou em alguns pontos, grupos indígenas que tinham batatas, frutas, pinhões; outros lugares onde havia grandes canaviais, e ainda outros lugares descritos como sendo boa terra e a águas, onde a caça era abundante. As observações evidenciam que por todo o Guairá havia terras abastecidas de rios que propiciavam uma vida saudável, embora não faça observações mais detalhadas sobre clima, vegetação, animais, permanecendo em descrições passageiras sobre esses aspectos.

Em Guzmán<sup>37</sup> já é possível perceber mais informações referentes ao clima do Guairá, que também não deixa de anotar em sua história, o fato de o Trópico de Capricórnio passar sobre a região, enfatizando o que era consenso entre os europeus na América meridional, que “[...] por cuya causa es lugar enfermísimo [...]”, ou seja, toda a Província era considerada por esse conquistador-historiador, como de clima que favorecia o desenvolvimento de doenças tropicais. Em seus registros o autor<sup>38</sup> informa que Domingo Martinez de Irala, no cargo de *Adelantado*, fez uma entrada à Província do Guairá em 1552, com o objetivo de defender os Guarani frente aos seus inimigos, os Tupi. Segundo ele, Irala deixou suas impressões sobre a região e a travessia dos Saltos e sobre a região do Rio Piquiri, que Guzmán registrou dizendo

---

<sup>36</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 108-111.

<sup>37</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 70.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 198-199. Irala fala de sua travessia pelo Guairá e dos Santos. Segundo MAACK, op. cit., 1968, p. 40, ele teria sido o primeiro europeu a avistar os Saltos de Sete Quedas.

que “[...] Com cuyu suceso el general [Irala] quedo en punto de perecer, por ser toda aquella tierra asperísima y desierta [...] de manera que las fue forzoso salir rompiendo por grandes bosques y montañas [...]”. A região encontrada por Irala parecia ser de difícil a sobrevivência, e que em muitos pontos, o Guairá não oferecia condições físicas adequadas aos conquistadores.

Como já foi observado anteriormente, Guzmán<sup>39</sup> escreveu numa época em que as cidades já haviam sido fundadas fato que lhe permitiu citá-las em seus registros. Mesmo tendo relatado anteriormente que todo o Guairá era terra de clima ruim, ele diz que a região onde estava fundada Ontiveros, a leste do Rio Paraná, bem ao sul e oeste do Guairá, era considerada “[...] tierra alta y llana, asombrada de arboleda y compuesta de buenos campos [...]”. Mesmo assim, era “[...] sana, aunque por los vapores del rio suceden algunos anos calenturas y accidentes de ojos por el calor grande del sol [...]”, doenças que ocorriam, mesmo com certa frescura proporcionada pelo rio, e em que se podia abastecer de pescado e, da terra, de caça abundante.

É ainda possível apreender desses relatos que, na parte em que Ciudad Real foi fundada<sup>40</sup>, na foz do Rio Piquiri, muitos bosques a rodeavam e por isso era considerada, também, de clima ruim “[...] porque demás de los vapores que salen de aquellos montes, está en el Trópico de Capricórnio, por cuya causa es el sol muy dañoso y prejudicial, causando por el mes de marzo agudas fiebres, pesadas modorras y calenturas [...]”. Segundo o que se pode compreender, os mais afligidos eram os espanhóis, ainda que a abundância de caça e pesca permitisse sobreviver aos incômodos do clima. Os povoados, nos meses mais quentes, mudavam para regiões mais interioranas, mais altas e que eram mais saudáveis<sup>41</sup>, e, mais ao sul, perto do Rio Iguacu, terra de pinhais<sup>42</sup>, o clima chegava a ser muito frio em determinadas épocas do ano.

Outras obras permitem também verificar as diferenças climáticas no Guairá, como em Carta Ânua de 1628, escrita pelo Padre Nicolau Durán<sup>43</sup>, com algumas observações interessantes, que confirmam essa idéia. Ele diz que quando foi visitar as reduções do Guairá, o caminho tomado para chegar lá seguia pelo Rio Paraná e era muito difícil de ser transitado e

<sup>39</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 204.

<sup>40</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 220.

<sup>41</sup> Uma informação interessante é encontrada em carta de 1620, em que um jesuíta anônimo, em relato sobre a região de Ciudad Real del Guayra, diz, entre outras coisas, que no “[...] rio Piquiri que entra em el Parana tiene abundancia de pescado”, uma referência distribuição de rios no Guairá e à variedade de peixes, mas, que em outras regiões serviam-se da caça de “[...] antas y javalis [...], aves y puercos [...]”, conforme CORTESÃO, J. (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ángelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951, op. cit., 1951, p.172-174.

<sup>42</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 69.

<sup>43</sup> Documento XXXVIII, apud CORTESÃO, op. cit., p. 209-212 e 216.

“[...] muy áspero por las subidas y bazadas por los rios e pântanos, por las piedras y arenales donde abraza el sol [...]” . É possível perceber no documento que, estavam na estação do verão, chovia muito e encontraram frutas silvestres com as quais se alimentaram. De acordo com o que ele escreveu, a terra na região dessas reduções era boa para o plantio, porque podiam produzir trigo, mas o alimento mais utilizado era constituído de pão de mandioca, possivelmente muito comum por ali. Carne de caça e pesca também fazia parte da alimentação dos moradores. Na região da Redução de São Francisco Xavier no rio Tibagi, por exemplo, o padre verificou que os pinhões faziam parte da principal fonte de alimentação dos habitantes. Essas informações denotam que, as populações podiam se abastecer dos produtos característicos, e muito provavelmente, abundantes nas diversas partes da província.

Alguns anos depois, em 1673, o Padre Nicolás del Techo<sup>44</sup> também escreveu que, como o Guairá ficava sob o Trópico de Capricórnio, apresentava característica de clima pluvial sub-tropical-ameno, um tanto úmido pelas abundantes chuvas, favorecendo o surgimento de doenças típicas como febres (malária). Essas doenças, chamadas de “enfermidades” pelos padres, eram reclamação constante. Mas as referências sobre o clima no Guairá são de acordo com as diversas regiões que compunham o território. Ao sul, por exemplo, em direção ao Rio Iguaçu, o clima mais frio era característico da região dos campos. Os dados até aqui analisados permitem inferir que em todo o território podiam se encontrar bosques, florestas, significando que os frutos e animais possíveis de serem consumidos eram abundantes, fornecendo o necessário para manutenção da vida.

Mesmo assim, na interpretação de Techo<sup>45</sup> no Guairá (nas Reduções) só se comia pão feito com raízes de mandioca, como nas observações do Padre Nicolau Durán citado anteriormente, e carne apenas de animais selvagens. Havia animais como alces, os cerdos, um tipo de animal doméstico que era criado para se aproveitar a carne para o alimento, muitas variedades de abelhas, embora ele diga que não foram domesticadas, cobras de muitas espécies, macacos e “tigres” referências aos felinos, como por exemplo, as onças.

Percebe-se assim, claramente, que nos primeiros anos da conquista, no Guairá havia animais ferozes, aves e macacos de várias espécies, onças, serpentes. Essas, numerosas e venenosas, causaram a morte de muitos, indígenas e conquistadores, porque muitas subiam pelas árvores e atacavam os que por ali passavam. Havia ainda algumas espécies de árvores aromáticas e grande diversidade de frutas, como por exemplo, uma planta arbórea em

---

<sup>44</sup> Op. cit., 2005.

<sup>45</sup> Ibid, p. 196.

especial, chamada *Granadillo*, cujo fruto era doce e, numa descrição do ambiente ecológico que mais se assemelha a um poema, é apresentada como a que:

[...] Entre las flores sobresale el granadillo, que ostenta en los pétalos los instrumentos de la Pasión, y cuyo fruto es dulcísimo. Tan agradable como este es el que produce el güembe: tiene forma oblonga y ase méjase mucho a la granada en cuanto al sabor de sus granos; masticadas las pepitas de éstos, producen dolor de encías; cuando las semillas caen en las ramas podridas de otros árboles, echan una espécie de hilos que, llegando al suelo, arraigan y suben como hiedra por el tronco. Hay dátiles, si bien no tan suaves como los africanos; con ellos se fabrica vino; la medula de las palmeras hace las veces de pan en caso de necesidad [...].

palavras que caracterizam a riqueza natural da região<sup>46</sup>.

O cultivo de plantas era praticado no Guairá da época da conquista, pois os escritos dos que primeiro passaram por ali informam existir as culturas da mandioca, batata, algodão, banana, e cana-de-açúcar, presentes no cotidiano dos Guarani, quando chegaram os missionários jesuítas<sup>47</sup>. Para comparar com estudos mais atuais, Maack<sup>48</sup> também informa que o Guairá era coberto de mata pluvial-subtropical em grande parte; possuía mata de araucária; uma região de campos; vegetação de várzeas, das praias, e região de serras e áreas de mangue. Não se encontrou nos escritos dos historiadores da época da conquista, dados tão definidos, embora seja possível compreender que as diferenças entre as regiões que compunham o Guairá, correspondiam ao clima e ao que podia ser encontrado nelas com relação a animais e diversos produtos alimentares, além das possibilidades de produção de outros tipos para a manutenção da vida.

A terra, apesar das dificuldades que os espanhóis e os missionários porventura encontravam, era cheia de qualidades com todo o necessário para se viver. Apesar da abundância de caça e pesca, e do clima que favorecia uma vida saudável em determinadas regiões, a fome assolou alguns dos conquistadores, pela dificuldade em obter ou produzir o necessário para a sobrevivência. Exemplo disso foi a saída de Hernando de Trejo da povoação de São Francisco, no litoral de Santa Catarina, viagem em que muitos soldados morreram de fome, na região pela qual já havia passado Cabeza de Vaca.

<sup>46</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 197.

<sup>47</sup>De acordo com CARDOZO, op. cit., p. 18, o Padre Antonio Ruiz de Montoya lembrou em seu livro *Conquista Espiritual*, que, na tradição Guarani, o *Pai Süimé* – ou o apóstolo São Tomé, teria ensinado a eles o uso da mandioca. É evidente que os Guarani presentes na região desde há 2.500 anos antes do presente sabiam cultivar e utilizar a mandioca muito antes da existência de São Tomé.

<sup>48</sup> MAACK, op. cit., 1968, p. 90-91.

## 1.2 Populações indígenas no período da conquista – século XVI

Os primeiros contatos oficiais dos americanos com os europeus ocorreram a partir do século XVI, por meio dos exploradores-navegantes, tanto espanhóis como portugueses. As afirmações de cronistas, viajantes, jesuítas e dos estudiosos sobre a América da época da conquista, são que o continente era vastamente povoado. Las Casas<sup>49</sup> registrou que quando os espanhóis chegaram, em 1492, as ilhas em que primeiro se instalaram estavam “[...] todas llenas como una colmena de gentes [...] que parece que puso Dios en aquellas tierras todo el golpe o la mayor cantidad de todo el linaje humano”.

As populações, na América como um todo, distribuía-se em diversas sociedades com organizações também diferenciadas. Algumas<sup>50</sup> ainda apresentavam características de caçadores-coletores, outras já possuíam conhecimentos agrícolas e ainda outras que se encontravam bastante organizadas, social e politicamente. No Brasil, essas populações são distribuídas e classificadas por grandes grupos linguísticos, cujos membros estão espalhados por áreas muito grandes: o Tronco-Tupi, o Tronco Macro-Jê, os Aruak e os Karib<sup>51</sup> e, também grupos menores como os Pano, Tukano, Guaikuru, entre outros<sup>52</sup>, também subdivididos em famílias linguísticas, que permitem compreender a ligação entre eles e suas diferenças.

De acordo com o interesse desta pesquisa, enfatiza-se, primeiro, a família linguística Tupi-Guarani, a principal do Tronco Tupi. Na época da chegada dos europeus, os Tupi espalhavam-se pelo litoral do Brasil, explica Schaden<sup>53</sup>, os Guarani (que atualmente são os que têm o maior número de dialetos), se encontravam distribuídos pelo interior dos territórios segundo Monteiro<sup>54</sup>, e os Xetá, também pelo interior. Além desses, do Tronco Macro-Jê, destaca-se a família linguística Jê com seus representantes: os Kaingang e os Xokleng. O

<sup>49</sup> LAS CASAS, Bartolomé de. *Obra Indigenista (1552 y 1553)*. Introdução y edición de José Alcina Franch. Madrid: Alianza Editorial, 1985, p. 68-69. Las Casas teve sua obra publicada em 1552 e 1553, e suas impressões, anotações para futura publicação iniciam pelo menos desde 1512, aos 28 anos de idade, quando passa a defender a causa indígena. Quando ele vai como capelão junto à expedição de Pánfilo de Narváez, à ilha de Cuba, horroriza-se com a matança de índios, o que o levou a fazer reflexões sobre os meios que os espanhóis utilizavam para exercer domínio sobre os índios.

<sup>50</sup> MELATTI, J. C. *Índios do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2007.

<sup>51</sup> URBAN, Greg. A História da Cultura Brasileira segundo as Línguas Nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 2002, p. 90

<sup>52</sup> MELATTI, op. cit., 1970, p. 41-51.

<sup>53</sup> SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. 3ª edição. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, p. 163.

<sup>54</sup> MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a História do Brasil Meridional – séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios do Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 2002, p. 475-498.



motivo da delimitação é porque são grupos linguísticos representativos da população do Guairá na época da chegada dos europeus.

Os representantes da família linguística Tupi-Guarani foram encontrados no Brasil e Paraguay. Sobre este aspecto e com relação aos grupos Guarani, Bertoni<sup>55</sup> diz que os “[...] Guaraníes no constituían un pueblo único, o simplemente una nación, sin una gran familia compuesta de numerosas naciones, que dominaban un territorio inmenso y muy variado [...]”. Os **Guarani**, cuja denominação corresponde tanto à população quanto à língua falada, foi e ainda são intensamente estudados por antropólogos, linguistas e por arqueólogos. Susnik<sup>56</sup>, em longa pesquisa sobre a dispersão dessas populações, aborda diversas teorias sobre a origem da família linguística Tupi-Guarani, cujas leituras podem ajudar a compreender os grupos Guarani. Entre essas teorias estão as de Karl Friedrich Von Martius, dizendo que são originários do Amazonas; Paul Ehrenreich, destacando o Médio Paraná e Alto Paraguay como ponto de origem dessas populações, abordando também a importância das vias fluviais para as dispersões; Laming e Emperaire também, abordando a importância dos rios para esses movimentos; Karl von den Steinen, segundo o qual, o planalto central, nas cabeceiras do Rio Xingú, seria o local do centro da dispersão tupi-guarani; Affonso Freitas, dizendo ser as cabeceiras do Rio Madeira; Metraux, que supõe ser de origem amazônica; entre diversos outros pesquisadores. Embora não se vá fazer uma profunda análise arqueológica, etnológica e linguística sobre esses grupos, muitos estudos concordam que eles vieram das bacias dos rios Madeira e Mamoré e passaram a ocupar toda a região sul, estendendo-se pelos principais rios da região sul – o Paraguai e o Paraná, nos atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, indo até o Uruguai, Argentina e Paraguai. No atual Paraná, chegaram aproximadamente há 2000 anos, explicam Noelli e Mota<sup>57</sup>. E Melià<sup>58</sup> em artigo sobre a “busca da terra sem mal”, trata sobre essas migrações, quando os Guarani ocuparam as melhores terras das bacias dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai, embora para o autor, poucas foram as migrações documentadas, e todas, com marcas de misticismo, de religiosidade.

---

<sup>55</sup>BERTONI, Dr. M. S. *La Civilización Guaraní*. Parte I: Etnología. Origen, extensión y cultura de la raza Karai-Guaraní y Protohistoria de los Guaraníes. Puerto Bertoni: Imprenta Y Edición “Ex Silvys”, 1922, p. 51.

<sup>56</sup>SUSNIK, Branislava. *Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica. Ensayo Analítico*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975, p. 7-8.

<sup>57</sup>NOELLI, F. S. e MOTA, L. T. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, R.B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999, p. 12-14.

<sup>58</sup>MELIÀ, Bartolomeu. *La tierra sin mal de los Guaraní: Economía y Profecía*. América Indígena, 49(3) p. 491-507, 1987, p. 504.

Portanto, os grupos Guarani, são conhecidos também pela sua grande movimentação espacial, diz Schaden e pelo mito religioso da “Terra sem Mal”<sup>59</sup>, motivo de várias de suas migrações, desde o século XVI como já se apontou anteriormente. Segundo Clastres<sup>60</sup>, as migrações estavam ocorrendo desde antes da chegada dos europeus, podendo ser devido a fatores de ordem demográfica, porque a natalidade era grande entre eles naquele momento.

A partir de 1516, com a expedição de Juan Dias de Solis morto na foz do rio Uruguai no rio da Prata, os espanhóis tiveram intenso contato com diversos grupos indígenas que falavam a língua Guarani e dominavam as “regiões meridionais do Brasil”<sup>61</sup> e as regiões platinas<sup>62</sup>. O Guairá foi palco desse intenso contato e por isso é importante conhecer seus aspectos mais gerais como, por exemplo, que o padrão de ocupação dessas populações demonstra que a maior parte de suas aldeias estava em áreas de florestas, e na expansão que empreenderam para o sul, trouxeram da Amazônia suas casas, vasilhas cerâmicas e espécies vegetais. Suas aldeias podiam ter mais de mil pessoas, conheciam e cultivavam o milho, o algodão, o tabaco e a mandioca<sup>63</sup>. A erva-mate, planta encontrada nessas regiões meridionais, foi muito utilizada também pelos Guarani, tanto como bebida quanto como remédio. Apenas para citar algumas características.

Com respeito à sua densidade populacional regional, à época da conquista européia, os números variam. Heming<sup>64</sup>, por exemplo, analisa diversos estudos sobre este tema, como os de Alfred Kroeber, que acredita na cifra de um milhão de pessoas no Brasil pré-colonial; os de Pierre Clastres, falando em 1,5 milhões de Guarani, na região entre o Paraguai e o Atlântico, porém, mais tarde, chegou à conclusão de que seria aproximadamente três milhões.

As populações Guarani, geralmente, aparecem como guerreiras, praticantes da antropofagia e da poligamia, na historiografia, mas, Bertoni<sup>65</sup> acrescenta que, entre todas as características definidas para eles, uma se sobressai: eram hábeis conhecedores de plantas. A discussão não se esgota aqui, porque a variedade de aspectos em que esses grupos se apresentavam deve ser tratada detalhadamente. Neste momento, é necessário apenas um

<sup>59</sup>Op. cit., 1974, e esse assunto também discutido por CLASTRES, Hélène. *A Terra Sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978, e Melià, Bartolomeu. MELIÀ, Bartolomeu. *La tierra sin mal de los Guarani: Economía y Profecía*. América Indígena, 49(3) p. 491-507, 1987.

<sup>60</sup>CLASTRES, Hélène. *A Terra Sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 57.

<sup>61</sup>SCHADEN, op. cit., 1974, p. 11.

<sup>62</sup>MONTEIRO, op. cit., 2002, p. 476.

<sup>63</sup>NOELLI e MOTA, op. cit., 1999, p. 12-15.

<sup>64</sup>HEMING, John. *Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros* (1978). São Paulo: Edusp, 2008. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura, p. 723-727.

<sup>65</sup>BERTONI, Dr. Moisés. *La Civilización Guarani*. Parte III: Etnografía: Conocimientos. La higiene Guarani y su importância científica y práctica; La medicina Guarani: conocimientos científicos. Puerto Bertoni: Imprenta y Edición “Ex Sylvis”, 1927.

primeiro contato com os significados dessas populações, para, mais adiante se estabelecer uma ligação de seu modo de vida com as relações que tiveram com os exploradores.

Os **Xetá**, também pertencente à família linguística Tupi-Guarani, define o grupo e a língua falada. Os primeiros contatos com essas populações ocorreram na década de 1840 com Joaquim Francisco Lopes e John H. Elliot, na foz do rio Corumbataí, no Ivaí (onde hoje estão São Pedro do Ivaí, Fênix e São João do Ivaí). Alguns anos depois, em 1872, um pequeno grupo foi capturado pelo engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter, que fazia parte de uma expedição de reconhecimento da região. Entre 1955-56 houve o contato com alguns deles na Serra dos Dourados, conforme relata o antropólogo José Loureiro Fernandes<sup>66</sup>, que entre os primeiros anos do encontro dessas populações, esteve lá fazendo suas pesquisas. Vladmit Kozák<sup>67</sup> diz que em 1955, como fotógrafo, encontrou 16 índios Xetá perto do Rio Ivaí, fato que se repetiu em 1956, na expedição do professor José Loureiro Fernandes, citada, e também em 1974, resultando num vasto material fotográfico sobre essas populações. Após esse primeiro contato, essas populações quase desapareceram, restando poucos remanescentes espalhados pelo Paraná.

Os **Kaingang**, como um dos grupos representantes da família Jê do Tronco Macro-Jê, recebem esta denominação que define a população e a língua falada. Podem ter se originado na região dos rios São Francisco e Araguaia e migrado para o Brasil Meridional há mais ou menos três mil anos, sem se ter certeza de quando chegaram ao sul<sup>68</sup>, ou mesmo, por que migraram. São conhecidos pelos arqueólogos, como Tradição Casa de Pedra e Tradição Itararé<sup>69</sup>, e embora seus antepassados pré-históricos sejam pouco conhecidos, os estudos arqueológicos e linguísticos concordam que o Brasil central é a região de origem dos Kaingang, que passaram a ocupar a região sul do Brasil. Podem ter chegado antes que os Guarani, ao Paraná e foram empurrados por eles, para o centro-sul, e territórios interfluviais. Essas populações ocupavam aldeias a céu aberto e em casas meio subterrâneas, em áreas de florestas ou às margens de campos. Viveram em guerras com os Guarani e com os “brancos” e praticavam a exploração da agricultura, a coleta do pinhão, a caça e a pesca e eram conhecidos como Guaianás, no início da colonização, depois passaram a ser denominados de

---

<sup>66</sup> FERNANDES, José Loureiro. *Os índios na Serra dos Dourados (Os Xetá)*. Anais da IIIª Reunião Brasileira de Antropologia. Recife, 1958.

<sup>67</sup> KOZÁK, Vladimír et alii. Os índios Hetá: peixe em Lagoa Seca. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Vol. XXXVIII. Curitiba, 1981.

<sup>68</sup> URBAN, op. cit., 2002, p. 90.

<sup>69</sup> Dados de acordo com NOELLI e MOTA, op. cit., 1999, p. 15. Entendendo Tradição como um conjunto de características, ou aspectos culturais, que definem uma população pré-histórica, ou também, que, as populações pré-históricas são divididas em Tradições, de acordo com a forma como produziam seus objetos e se organizavam no meio ambiente.

Coroados, mas eles mesmo auto-denominavam-se Kaingang<sup>70</sup> antes de receberem a denominação de Kaingang, por Telêmaco Morocine Borba, em 1882.

No Brasil, ainda se pode relacionar os **Xokleng** como representantes da família linguística Jê, do Tronco Macro-Jê, cuja denominação define tanto a população como a língua, assim como os já descritos anteriormente. Para os arqueólogos, eles são conhecidos como Tradição Itararé, com ascendentes pouco conhecidos e como os Kaingang, podem ter chegado ao Paraná antes dos Guarani. Segundo Noelli e Mota<sup>71</sup> “[...] os ascendentes dos Xokleng devem ter sido empurrados para fora do oeste paranaense na época da chegada e das primeiras expansões Guarani, ao redor de 2000 anos atrás [...]”, indo para a Serra Geral no litoral Atlântico. Os Xokleng e os Kaingang tiveram contato com a Tradição Humaitá e ocuparam o litoral em diferentes épocas. Nas florestas suas aldeias eram pequenas, com poucos habitantes. Como os Kaingang, a cerâmica e suas habitações meio subterrâneas, eram semelhantes.

Esses são os principais grupos linguísticos que ocuparam os territórios denominados de Guairá, contatados pelos europeus a partir do século XVI. De modo geral, pode-se dizer que nessa época, os grupos indígenas encontrados, eram heterogêneos, com costumes variados e organização social e política diferenciada.

### 1.2.1 Populações indígenas no Guairá

Segundo Schaden<sup>72</sup>, a maioria das populações indígenas que os europeus encontraram na região platina, descendia da família linguística Tupi-Guarani, ou seja, correspondia a parcialidades com dialetos do idioma guarani. Ao mesmo tempo em que havia uma unidade em relação à língua falada, o autor acredita que isso também correspondia a relativa unidade cultural, que foram gradativamente sendo modificadas, em virtude das migrações, e depois, do contato com os europeus.

O Guairá, densamente habitado por povos indígenas, especialmente os Guarani, foi intensamente explorado por conquistadores espanhóis, viajantes e bandeirantes paulistas. Nos escritos das primeiras entradas que os vários conquistadores fizeram pelo interior do território, encontram-se também, a descrição das terras e da população do Guairá. Quando Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca veio de Castella para assumir seu posto de *Adelantado* no Paraguai,

<sup>70</sup>MOTA, Lúcio Tadeu. Educação, Diversidade Cultural e Desenvolvimento Humano: Relações Interculturais num Mundo Globalizado. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.7, n.3, p.313-319, set./dez. 2004.

<sup>71</sup> Op. cit., 1999, p. 18.

<sup>72</sup> Op. cit., 1974.

atravessando por terra, desde o litoral de Santa Catarina até Assunção, ele o fez pelos territórios do Guairá. Entrou pelo Rio Itabucú e, desde sua chegada à ilha, fez contato com populações indígenas às quais ele citou em seu diário, como os “naturais”, sem definir à qual nação ou parcialidade pertencessem, pelo menos nesse momento. Também saiu da Ilha de Santa Catarina acompanhado de alguns indígenas, ainda sem identificar quais fossem. Após alguns dias de viagem, quando a expedição chegou ao lugar chamado Campo (como se viu que no reconhecimento das terras, o factor Pedro Dorantes já havia encontrado), o governador entrou em contato com um grupo de indígenas, cujo “principal”, o cacique, chamava-se *Añiriri*; mais para diante encontrou outros, cujo senhor ou chefe era chamado de *Cipoyay*, e mais adiante encontrou outros que tinham como “principal”, *Tocanguanzu*<sup>73</sup>. Em determinado ponto desse relato, há a informação de que esses indígenas eram Guarani, e

[...] labradores, que siembran dos veces en el año maíz, y asimismo siembran cazabi, crían gallinas a la manera de nuestra España, y patos; tienen en sus casas muchos papagayos, y tienen ocupada muy gran tierra, y todo es una lengua; los cuales comen carne humana, así de índios sus enemigos, con quien tienen guerra, como de cristianos, y aun ellos mismos se comen unos a otros [...] <sup>74</sup>,

Em muitos locais grupos de indígenas foram encontrados, ainda sem referência a quem fossem eles<sup>75</sup>, como por exemplo, quando a expedição chegou ao Rio Tibagi, porque Cabeza de Vaca diz que era assim que os indígenas chamavam o rio, e também mais à frente desse rio, quando outros, que tinham como “principal” um cacique chamado *Tapapirazu*, foram contatados.

Após os primeiros encontros, o relato informa que chegaram a outro povoado de índios Guarani, cujo “principal” era chamado de *Pupebaje*, sem referência ao nome do lugar,

<sup>73</sup> Essas designações são explicadas por CABEZA DE VACA, op. cit., p. 106-107.

<sup>74</sup> As notas em CABEZA DE VACA, op. cit, p. 107-108, referem a eles como: “Eram los guaraníes uma de las más importantes y extensas tribus de Suramérica su lengua, derivada de la de los *tupis*, era flexible y armoniosa. Vivían en um grado médio de salvajismo y no eran, desde luego, de los más civilizados de América. Practicaban sin freno el canibalismo y la poligamia. Vivían en común; cultivaban maíz, algodón y mandioca; fumaban tabaco y oras espécies aromáticas. Desconocían el vestido; pero no el adorno ni la música ni la danza. El jefe militar, *morubixaba*, tenía poder absoluto en tiempo de guerra, y en el de paz, el Consejo, *nhimugaba*, estaba sobre él. Había dos castas: la de los jefes y la popular (*mboyás*). Conocían la navegación fluvial y enterraban en silos sus provisiones con ocasión de las crecidas de sus rios formidables, por defenderlas de sus estragos. Adoraban un ser superior llamado *Tupá* (Quién eres?), y propiciaban a espíritus temerosos”.

<sup>75</sup> Em GUZMÁN, op. cit., p. 145, em relato que faz da viagem de Cabeza de Vaca, diz que na região entre os Rios Itabucú e Iguazu, a expedição chegou à “[...] comarca, que llaman de *Tatua* [...]”. Nesta obra, no Índice Geográfico e Histórico, p. 468, encontra-se que *Tatua* é “[...] Nación de indios, entre Itabucú y Iguazú [...]”. Na explicação que se encontra nesta referência vê-se que eles eram ‘Indios del Guayra, que han desaparecido en las incursiones de los Paulistas. Su nombre se compone de *ta*, pueblo, y *tuá*, palmitos; de los que abundan las riberas del Iguazú’. São relacionados como Guarani – (grifo nosso)).

e, quando estavam perto do Rio *Tecuari*<sup>76</sup>, encontraram outro povoado em que o “principal” chamava-se *Abangobi*. E não foram apenas esses, pois, alguns dias depois, outros povoados foram contatados, mas agora com a referência de serem “[...] de la generación de los guaraníes [...]”, e em um deles, Cabeza de Vaca conversou com o “principal” chamado *Tocangucir*. Foram contatados outros Guarani, num lugar chamado *Tugui*<sup>77</sup>, sendo que ainda passaram por mais “[...] cinco lugares de índios de la generación de los guaraníes [...]”, e, passados mais alguns dias de viagem, outros Guarani foram encontrados, mas sem a referência a que lugar especificamente.

Embora Cabeza de Vaca nem sempre nomeie as regiões ou as populações, apenas se refira aos nomes dos caciques, ou índio “principal” de cada região, constata-se nos seus escritos que a terra era bastante povoada.

Outros escritos, como os registros de Guzman<sup>78</sup> trazem muitas informações sobre as diversas parcialidades indígenas que viviam no Guairá. Segundo ele, por ocasião da conquista européia, o Guairá era densamente povoado por Guarani especialmente, e apenas na comarca de Vila Rica do Espírito Santo, havia mais de 200 mil indígenas.

É interessante observar que embora os escritos históricos sobre as Províncias do Guairá informem que havia um número sempre grande de populações indígenas por todo seu território, em Guzmán<sup>79</sup> se lê que:

[...] Las referências que el autor hace a lo largo de sus páginas sobre el número de índios, siempre en muchos Miles, estimamos que es una exageración como también el número de las casas que dice poseían los índios. La referencia a los negros que se cuenta había hacia el norte en dominio portugués es correcta, pues muchos esclavos fugaron al interior de la selva y se mezclaron con los índios [...].

A informação torna-se importante tendo em vista que, nas diversas referências do autor sobre a população indígena, as cifras demográficas são bem altas. E como é considerado o primeiro historiador da Província do Paraguay, Guzmán<sup>80</sup> relaciona os habitantes não apenas do Guairá, lembrando, por exemplo, que quando Américo Vespúcio chegou à costa brasileira para fazer o reconhecimento da região, encontrou toda ela bastante povoada de “[...] gentes caribes y carniceras: los más septentrionales se llaman tobaiaras, y tamoios. Los australes se

<sup>76</sup> Para uma melhor compreensão deste rio, ver mapa de Schmidel, In: MAACK, op. cit., 1968, p. 40, que diz ser o Ivaí.

<sup>77</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 110-111 e 113.

<sup>78</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 67, 70 e 392.

<sup>79</sup> Op. cit. 1836-1969, Nota 20, p. 287, de Andrés M. Carretero.

<sup>80</sup> GUZMÁN, ibid., 1836-1969, p. 60-61.

dicen tupinambás y tupinás [...]”, quase todos falando a mesma língua, apenas com algumas variações regionais, denotando uma visão etnocêntrica sobre essas populações. Em seguida, Guzman trata sobre a viagem de Juan Dias de Solís, como o que chegou à foz do Rio da Prata e navegou por ele por ocasião de 1515, de como Hernando de Magallanes, que em 1519, ao navegar pela região sul, descobriu o Estreito que recebeu o seu nome. O relato é principalmente caracterizado pelas muitas nações de indígenas, com costumes e línguas diferentes.

Tal como no relato de Cabeza de Vaca em que os Guarani são considerados como a nação em maior número populacional na região meridional da América, e, por conseguinte, no Guairá, Guzmán<sup>81</sup> faz a mesma referência. Embora suas observações refiram-se a todas as regiões em que os espanhóis entraram, aqui se limitará ao que se refere aos habitantes do Guairá. Assim, logo no início de sua obra, quando está descrevendo sobre todas as províncias do Rio da Prata, ele diz que muitos indígenas da costa do Brasil migraram, após guerras com outros indígenas “[...] se fueron a meter por aquellos ríos, hasta salir a lo alto, donde el día de hoy están poblados en aquellos campos que corren y confinan con el Río de la Plata, que llaman de Guayra[...]”. A questão sobre o problema dos limites do Guairá se estender até o Rio da Prata, para esse autor, porém, estava equivocada<sup>82</sup>. Vale a pena, portanto, anotar as descrições feitas, no sentido de compreender como ele se refere aos principais grupos habitantes da região.

Iniciando a descrição desde o Uruguai, Guzmán<sup>83</sup> diz que, ali se localizava a nação dos *Charruas*, moradores da Ilha de Maldonado, que eram considerados cruéis, mas que depois se tornavam piedosos com relação àqueles que aprisionavam. Eles habitavam uma região bem mais ao sul do que o Guairá, e em direção ao ocidente, havia muitas nações de indígenas, os Guayanes, pates, chovas “[...] que é o nombre que se dan a todos los que no son Guaraníes, puesto que no tengan otros próprios [...]”, diz Guzmán<sup>84</sup>, relacionados como indígenas do Guairá, embora vivessem nas margens do Rio Uruguai e fossem pouco conhecidos. O autor está considerando essa região, como fazendo parte do Guairá. No mesmo rio Uruguai, ele relaciona uma população de Guarani, chamados tapes; e, subindo para a região do Rio Iguaçu, mais para perto do seu encontro com o Rio Paraná, observa-se que foi povoada por *Guarani*, *Chovas*, *Muños* e *Chiquis*. Eles tiveram que mudar-se para o outro lado

---

<sup>81</sup> Op. cit. 1836-1969, p. 67.

<sup>82</sup> Ver GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 392.

<sup>83</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 70-71

<sup>84</sup> *Ibid*, p. 65. Ver também GUZMÁN, op.cit., 1836-1969, Índice Geográfico e Histórico, p. 438.

do Rio Paraná, para fugir das investidas dos mamelucos, em momento posterior<sup>85</sup>. Segundo o autor, os Chovas eram indígenas do Guairá, com a mesma língua dos Pates e “[...] aunque hasta ahora no han visto españoles [...]”<sup>86</sup>, viviam nas margens do Rio Iguazu e em toda sua extensão, provavelmente bastante retirados, o que pode explicar o fato de nunca terem encontrado os espanhóis. É interessante notar que o autor ainda diz que “[...] Por ser guaraníes, y por estar más en contacto con los mamalucos, deben haber sido las primeras víctimas de sus incursiones [...]”.

Muitas outras nações indígenas ainda, de costumes e línguas diferentes, viviam nas margens dos rios Paraguay e Paraná. Seguindo a rota do Rio Paraná que Guzmán<sup>87</sup> optou para fazer sua descrição, na região da cidade de Puerto Real, e também ao largo do Rio *Ubay* ou *Huibai* (Ivaí), habitavam mais de 200 mil Guarani, que se espalhavam por outros rios, montanhas, nos campos de pinhais e até a cidade de São Paulo, no Brasil. A região do rio Paranapanema e de seus afluentes o *Tibajiba* (já classificado anteriormente) e o Pirapó estavam bastante povoadas também, e foi na foz do Pirapó que se fundou a Redução de Nossa Senhora de Loreto, por exemplo, “[...] una de las trece que componían las provincias de Tayaoba [...]”<sup>88</sup>.

Hernando de Trejo, um dos conquistadores espanhóis que vieram por volta de 1552 na expedição de Diego de Sanabria, citado por Guzmán, ao partir de Santa Catarina para Assunção, encontrou diversas populações indígenas, entre eles, um grupo cujo cacique chamava-se *Gapua*<sup>89</sup>, considerados Guarani, que viviam nas margens do Rio Iguazu. Trejo encontrou, ainda, os *Aguarás* que não existem mais, portanto pouco conhecidos, mas considerados Guarani<sup>90</sup>. Ainda nos escritos de Guzmán<sup>91</sup>, são relacionados os *Peabeyú*, “[...] indios comarcanos del Guayrá [...]”, cujo significado da palavra em Guarani é *pé* = camino; *abi* = antigo; y *yú* = ir, volver”, vivendo principalmente na Província de Tayaoba. Portanto, uma numerosa população indígena, predominando os Guarani, são relacionados por esse autor, além de outras etnias habitando nas regiões adjacentes ao Guairá.

<sup>85</sup> Ver em GUZMÁN, op. cit. Índice Geográfico e Histórico, p. 400-401.

<sup>86</sup> Op. cit., p. 69 e 343.

<sup>87</sup> Op. cit., p. 70, e no Índice Geográfico e Histórico, p. 449, onde se lê: “[...] Para aumentar la confusión de la topografía del Paraguay, sus conquistadores multiplicaron los nombres de las ciudades y rios; como sucedió con la Ciudad Real, a la que llamaron también Puerto Real y Guayra. Este pueblo fue destruído por los mamalucos, y sus habitantes tuvieron que replegarse al outro lado del naraná, donde fundadon Villarica”.

<sup>88</sup> Ver em GUZMÁN, op. cit., Índice Geográfico e Histórico, p. 436, explicação para a localização de Tayaoba.

<sup>89</sup> Ver sobre esse assunto em GUZMÁN, op. cit., p. 209, e no Índice Geográfico e Histórico, onde se lê que *ga* pertence ao idioma Guarani, e o nome *Guapua* significa *gua* = temor; *pua* = tiro ou golpe.

<sup>90</sup> Conforme está em GUZMÁN, op. cit., p. 300, Índice Geográfico e Histórico. Ver também “*zorro*” em REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, p. 2130.

<sup>91</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 218 e 439.



Nos primeiros anos do século XVII, entre os registros jesuíticos, uma carta de 1619, escrita pelo Padre José Cataldino, então Superior das Missões Jesuíticas do Paraguai, e dirigida ao Padre Pedro de Oñate, Provincial das Missões<sup>92</sup>, trás informações especificamente em relação aos indígenas que poderiam ser reduzidos e a localização deles no Guairá. Sobre essa questão, indica que milhares de indígenas habitavam no Rio Ivai, os quais serviam aos moradores de Vila Rica, e que, perto do rio Piquiri, estava outro grupo. Dirigindo-se ao Provincial, ele diz que os missionários

[...] estan quinze dias de camino de las rreducciones y si se abriera outro camino, que por no estar seguro no se anda se yria en ocho otras rreducciones de quatro mil Indios en el rryo de el ubay, que se han rretirado por temor de los Portugueses alli que piden padres, los mas delos son infieles, pero domésticos que se puede entrar con toda seguridad, estos sirven a los de la villa rrica. Y cerca de aqui esta el campo grande donde ay grande suma de Indios todos ellos infieles, y estan de guerra, ay tambien otra entrada a otros Indios, adonte no han entrado españoles, pero tempo passado yvan a servirles y por rrecibir dellos malos tratamientos no han buelto mas. Fuera desto de aqui ay otros dos mil Indios que llaman los ybyrayara, que quiere decir señores del palo. Fueron (sic) de outro mayor numero que esta mas adentro, estos tienen diferente lengua de la general no estan encomendados a españoles, sino puestos en cabeza de el Rey y destos domésticos algunos son Xpianos y piden padres, demas de todo lo dicho quiero decir a V.R. como en el rryo de el Piquiri ay un pueblo de 60 Indios, que el Capitan de el es um casique muy estimado de Indios y españoles que nos quiere llevar al yguasu de donde el es natural y ay fama que esta poblado de grande cantidad de Indios todos infieles, nadie há entrado ni se atreve a entrar en sus trás y este buen cassique nos promete seguridad y esperanza que los índios nos rrecibirán muy bien [...].

Portanto, é uma clara indicação dos povoados indígenas e seus muitos habitantes que faziam parte dos territórios do Guairá e vivendo ao largo dos seus rios, campo propício para os propósitos missionários.

Em suas andanças pelos territórios, muitos povoados indígenas foram encontrados pelos missionários, como transparece no documento, chamados de “infieis”, e passíveis de serem catequizados. Enfim, em todas as entradas dos espanhóis (conquistadores ou missionários) para o Guairá, atravessaram por povoados (*pueblos*) de Guarani.

Na discussão sobre a população que habitava o Guairá, o Padre Techo<sup>93</sup> diz que “[...] Sin embargo de esto, si hemos de dar crédito a Guzmán, cuando llegaron los españoles al nuevo mundo se contaban en el Guairá más de trescientos mil habitantes, esparcidos

<sup>92</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 161-162.

<sup>93</sup> Op. cit., 2005, p. 196.

principalmente pelas ribeiras de los rios”, concordando com a análise de Guzmán<sup>94</sup> sobre o território ser densamente habitado por indígenas, muito embora o objetivo aqui não seja discutir o número exato de indígenas ali, pois parece, pelos registros analisados, que não há que discutir ou questionar a existência, de milhares deles, vivendo tanto nos bosques quanto em campos espalhados pelo território. O próprio Techo, citado acima, concorda que isso seja uma verdade, pelas muitas ruínas de povoados que, na ocasião em que ele escrevia já se encontravam por ali, e cujas populações, podendo-se inferir que teriam morrido por epidemias, muito provavelmente trazidas pelos conquistadores, ou por terem sido feitas cativas por eles.

Para falar sobre as populações do Guairá, Cardozo<sup>95</sup> informa a existência no interior dessa região de várias províncias indígenas, cujos nomes se confundem com os das regiões em que se localizavam o que pode ser observado na relação que fez sobre as características físicas desses territórios, como citado anteriormente. Embora ele não esteja relacionando todas as províncias indígenas que compunham o Guairá, o autor registrou as de *Ypanabusú*, estabelecidas perto de onde desemboca o rio Pirapó; a de *Tucuty*, localizada na região da nascente do rio Itangu-á; a província de *Tayaoba*, também conhecida como *Tayaoty* (que significa o lugar onde existem plantas chamadas *Echinodorus* Sp. Alimatáceas), localizada na nascente do rio *Yñeë-y*; a de *Ñuatingüy*, na região da nascente do rio *Huybay* e a província de *Ybytyrembetá* mais ao oriente, a de *Cai-yú*, que também era conhecida como Guarayrú ou Cabelludos (onde moram índios de cabelo longo) “[...] donde se eleva majestuosamente el cerro de *Ybytyruná* em médio de la soledad de la llanura”<sup>96</sup>.

Província de *Tayaoba*, diz Cardozo<sup>97</sup>, passava um caminho dos Guarani, conhecido como *Peabirú* com uma extensão de 200 léguas, do litoral do Brasil, em São Vicente, até o rio Paraná; e que, na Província de *Ñuatingüy*, também havia um morro com o nome de *Peabirú*, onde os indígenas adoravam o cadáver de um feiticeiro chamado *Urobolí* ou *Urubumorotín*, que quer dizer “corvo blanco”<sup>98</sup>. O caminho indígena tinha três rotas dentro do Guairá: um que ia até a costa do Brasil; outro, que ia da costa de Santa Catarina até as cataratas do Iguaçu, e que outro, que ia desses saltos, passando pelo Guairá.

<sup>94</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>95</sup> Op. cit., 1970, p. 15-16.

<sup>96</sup> *Ycuá* = manantial e *mbusú* = anguila; *Tucú* = langosta e *ty* = lugar onde abundan los acrídeos; *Nuatín* = espina e *Guy* = debajo; *Cai* = mono e *yu* = amarillo; *Guará* = lugar e *yrú* = compañeros; *Ybyty* = cerro e *runa* = ruído, conforme CARDOZO, *ibid.*, 1970, p. 15-16.

<sup>97</sup> Op. cit., 1970.

<sup>98</sup> *Pe* = camino e *abirú* = mollido, conforme CARDOZO, *op. cit.*, 1970, p.16.

É importante a forma como o autor<sup>99</sup> registrou a organização populacional dentro do Guairá, lembrando que as populações estavam divididas em Províncias bastante famosas na época da conquista européia, resumidas no quadro a seguir:

Tabela 1: Quadro resumo da distribuição das Províncias indígenas no Guairá

PROVÍNCIAS	LOCALIZAÇÃO
Ypanabusú	Desembocadura do Rio Pirapó
Tucuty	Nascente do Rio Itangu-á
Tayaoba ou Tayaty	Nascente do Rio Yñeë-y
Nuatingüy	Nascente do Rio Huibay – atual rio Ivaí
Ybytyrembetá	Ao sul de Tucuty e a oeste do Rio Tibagi
Caíyú ou Guarayrú ou Cabelludos	No Cerro Ybytyruná

Fonte: CARDOZO, Ramón I. El Guairá – História de La Antigua Provincia – 1554 – 1676. Asunción: El Arte S.A., 1970. Organizado por Nádia Moreira Chagas.

A população Guarani, na Província do Guairá, era tão numerosa que Cardozo<sup>100</sup> referiu-se a essa região como se fosse o centro do “império guarani”. Essa nação de indígenas teria seu nome designado pela primeira vez<sup>101</sup>, em uma carta do navegador espanhol Diego Garcia, intitulada “Memória de la navegacion que hice etc. en el año de 1526”. Ali, Garcia cita que, ao navegar pelo Rio da Prata, encontrou esses indígenas e diz: “[...] Otra generación que se llama los Guaranies, estos comen carne umana [...]”.

A região da Província de *Guarayrú* ou *Caíyrú* é citada como de grande beleza e planície banhada por riachos, mas, apesar deessa descrição, o padre Lozano em seu **História de la Conquista del Paraguay y del Rio de la Plata**,<sup>102</sup> refere-se a ela como sendo habitada por uma população arrogante, que se achava mais nobre que seus vizinhos.

No mapa a seguir, estão representadas as províncias indígenas no Guairá, conforme distribuídas pelo território. A localização das Reduções nas diversas comarcas de grupos indígenas está de acordo com a interpretação de Ramón I. Cardozo<sup>103</sup> a partir dos dados retirados dos escritos de Rui Díaz de Guzmán sobre a conquista e expansão espanhola pela região, e também de dados retirados dos estudos do padre Techo e Lozano entre outros, podendo-se encontrar em outras referências, certa diferença em relação à posição das mesmas.

<sup>99</sup> Op. cit., 1970, p. 15-16.

<sup>100</sup> Op. cit., 1970, p. 17.

<sup>101</sup> Conforme EDELWEISS, Frederico G. *Tupís e Guaranís. Estudos de Etonímia e Linguística*. Bahia, Brasil: Secretaria de Educação e Saúde, 1947, p. 19, em que explica que a carta foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, tomo 15, 1852, p. 6-14

<sup>102</sup> Apud CARDOSO, op. cit., p. 18.

<sup>103</sup> CARDOZO, op. cit., 1970.



Os registros concordam que em todas as entradas que os espanhóis fizeram para o Guairá, passaram por povoados, principalmente de Guarani, fato importante para a compreensão dos séculos iniciais da conquista.

Assim, destacam-se alguns dos pontos mais importantes da região do Guairá e seus principais habitantes indígenas. Os relacionamentos interculturais que, ao longo do tempo se constataram (entre os diversos grupos de espanhóis, missionários, e porventura de portugueses), foram marcados muitas vezes por conflitos, mas também não deixaram de haver formas amigáveis de contato, que se caracterizam como estratégias, tanto dos indígenas como dos europeus para garantir sua entrada ou permanência (pelos indígenas) no território. Por ora, os detalhes sobre as questões relacionadas às relações entre eles, ou a quaisquer aspectos mais detalhados aos indígenas, às reduções e aos problemas entre as populações, não serão aqui tratados, mas em momento posterior a este capítulo.

#### 1.2.2 Alguns aspectos da organização sócio-cultural dos Guarani na época da conquista

Os escritos dos conquistadores e também de todos os que estabeleceram contato com os Guarani, como os missionários jesuítas, por exemplo, trazem informações sobre como estavam organizadas essas populações e como elas eram percebidas pela sociedade colonial. Desta forma, em um documento de 1620, apreende-se que na região de Assunção, eles eram considerados “[...] enemigos del trabajo, inconstantes en lo que emprenden, descuydados, no miran mas de a lo presente [...]”, embora também sejam retratados como “[...] dociles y habiles quando muchachos y quando van creçiendo se van haçiendo broncos y entiendo [diz um jesuíta anónimo nesta carta] que lo causa la poça dotrina y poliçia que tienen en sus casas [...]”<sup>104</sup>, e quase todos eram Guarani. Apesar disso, são descritos como populações que trabalham na roça, semeando e colhendo, e de tempos em tempos, mudando para outro lugar, ou outra *chácara*. Percebe-se nessa descrição, que esse padre está apenas constatando suas principais características, embora diga também que “[...] Es esta gente valerosa en la guerra y donde quiera que estan tienen sujetas las naciones çircunveçinas, son altivos y soberbios y a todas las naçiones llaman esclavos sino es al español [...]”<sup>105</sup>. E mais para frente diz que “La Provinçia del Parana es toda gente Guarani gente bellicosa que siempre há sustentado la guerra contra el español, estos índios tenían sujetas todas las naçiones que estaban el rio

<sup>104</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 164.

<sup>105</sup> Ibid, p. 167.

Parana abajo [...]”<sup>106</sup>. Mesmo não sendo, todos, habitantes do Guairá, eram Guarani, cujas características correspondiam entre eles em toda extensão em que habitassem.

O historiador-conquistador Guzmán<sup>107</sup>, ao traçar a história da conquista dos territórios do Guairá, porém, lembrou que quando Juan Díaz Solís, em viagem pelo Rio Paraná, encontrou “[...] gente tan nueva y extraña [...]” e que, morreu comido pelos índios. Segundo esses registros, Solís não retornou para a Espanha, como a primeira leitura faz crer, mas apenas aqueles que não desembarcaram em terra, e, portanto não entraram em confronto com os indígenas. Guzmán, não se intimida também, em traçar como característica dos Guarani, a de *povo ruim*, e ao tratar da história da entrada de Aleixo Garcia no Paraguai, vindo do Brasil, chegando à Província dos índios *Payaguás*<sup>108</sup>, quando foi morto por eles de forma traiçoeira referindo-se a este fato da seguinte maneira:

[...] que una noche, estando descuidado, le acometieron y lo mataron a él y a sus compañeros, sin dejar más en vida que un niño, hijo de Garcia. [...] Moviéronse los índios a hacer mal, sin tener estabilidad en el bien, ni amistad; dejándose llevar de la codicia, por robarles los que tenían, como gente sin fe ni lealtad [...]”<sup>109</sup>.

Quando os conquistadores chegaram à região do Guairá, os Guarani estavam num estágio de organização social que os antropólogos chamam de cacicados, e em seu vocabulário, algumas palavras européias passaram a ter seu correspondente em Guarani, como, por exemplo, o ouro – *crearepotyú*, a prata – *cuarepotytin*, o cobre – *cuarepotyné* e o ferro – *cuarepoty*, com correspondentes Guarani, além de terem uma compreensão bastante desenvolvida dos fenômenos da natureza<sup>110</sup>.

Como povo, os Guarani expandiram-se por quase toda a bacia do rio Paraguai até o Rio da Prata, e a oeste, chegando ao sopé dos Andes. Considerados dominadores e que costumavam migrar incorporando seus adversários constituíram um conjunto de numerosas parcialidades, independentes, com certa homogeneidade em relação à língua (*abapañeê*), diz Cardozo<sup>111</sup>.

<sup>106</sup> Ibid., p. 169.

<sup>107</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 62 e 285.

<sup>108</sup> GUZMÁN, op. cit., p. 287, afirma que foram os *Payaguás* que o mataram.

<sup>109</sup> Ibid., p. 84.

<sup>110</sup> CARDOZO, op. cit., 1970, p. 20, e ver também GATTI, Carlos. *Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores. 1985.

<sup>111</sup> Ibid., 1970, p. 21. Ver também os apontamentos de SCHADEN, op. cit., 1974.

Embora a antropofagia ou canibalismo tenha sido atribuída aos Guarani, na visão do Dr. Bertoni<sup>112</sup>, isso não ocorreu entre eles e, que os descobridores do Brasil referem-se à antropofagia, mas em outras populações, embora alguns daqueles falassem o idioma Guarani. Para Bertoni eles eram *pueblos* que pertenciam ou eram dominados pelos Guarani e que adotaram esse idioma. A discussão nesta pesquisa, não pretende detalhar a questão da antropofagia, mas, percebe-se aqui, uma clara defesa da organização social Guarani, em que antropofagia ainda não teria sido comprovada entre eles, em que a explicação seria porque muitos dos conquistadores e religiosos cruzaram o Guairá, do Atlântico até Assunção, sem que tivessem sido atacados pelos chamados *Cários*<sup>113</sup>, indígenas que pertenciam à nação Guarani e eram conhecidos no Brasil como *Carijó*. No Paraguay foram contatados por Schmidel, os que caracterizou fisicamente como

[...] pequeños, gordos y más trabajadores que los demás. Traen un agujerillo en los labios, del que pende un cristal amarillo. Hombres y mujeres andan desnudos, y acostumbran vender-se entre si. [...] Comen carne, *aunque sea humana*, si pueden adquirirla. Hacen estos carios más largos viajes que los demás índios del Río de la Plata. Son feroces en la guerra [...]<sup>114</sup>.

Embora houvesse diferenças entre os diversos grupos Guarani do Guairá, Bertoni diz que seu tipo físico era dos mais belos da América, e que

[...] Los europeos que visitaron la región del Guairá, reconocen que en estas regiones existían pueblos guaraníes que, si no fuera por la situación geográfica, y no existir ninguna memoria prehistorica, se hubiera dicho venidas de Europa, por la semejança de tipo con ciertos europeos meridionales, particularmente con los españoles<sup>115</sup>,

o que demonstra não terem se surpreendido tanto com esses grupos indígenas.

### 1.2.3 A língua e algumas crenças

O idioma Guarani é um dos mais perfeitos e completos, pode-se dizer, e muitos estudiosos da língua escreveram sobre ela, como o Padre Antonio Ruiz de Montoya, e outros

<sup>112</sup> Conforme citou CARDOSO, op. cit., p. 21-22, e ver também BERTONI, Dr. Moisés Santiago. *Resumen de Prehistoria y Protohistoria de los Paises Guaranies*. Conferencias dadas en el Colegio Nacional de Segunda Enseñanza de la Asuncion los dias 26 de Julio, 8 y 21 de agosto de 1913. Asunción: M. Brossa, 1913, p. 89-90.

<sup>113</sup> Segundo estudos de CARDOZO, op. cit., p. 20. O nome significa *cá* = avispa; *rio* ou *rea* = campero, silvestre, conforme GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 331, Índice Geográfico e Histórico.

<sup>114</sup> Citado por CARDOZO, 1970, p. 21.

<sup>115</sup> Ibid, p.23.

jesuítas, franciscanos e dominicanos. Bertoni<sup>116</sup> explica essa questão dizendo que “[...] todos están conformes en que una lengua superior, por sus cualidades, estado evolutivo y riqueza de expresiones, no pudo ser hablada sino por un pueblo que hubiese tenido una civilización correspondiente, y esto podemos decir de la lengua guaraní [...]”, palavras que sugerem uma comparação em superioridade com as nações civilizadas da época da conquista. A língua era conhecida dos europeus, e embora apresentasse algumas diferenciações<sup>117</sup> regionais, no Guairá, o Guaraní era dominante.

Essas populações posicionavam-se em uma crença religiosa representada pelos elementos da natureza. Conforme Cadógan<sup>118</sup> os mitos religiosos dos Guaraní correspondem a parte mais sagrada da religião dessas populações, e podem ter sido transmitidos ao longo do tempo sem modificações significativas. O *Ayvu Rapyta* dos Guaraní, está entre as grandes lendas indígenas para explicar a origem de todas as coisas<sup>119</sup>. Nimuendaju<sup>120</sup> aborda a lenda da Terra sem Mal entre essas populações, um lugar procurado pelos Guaraní, em que acreditam que o corpo pode tornar-se livre de todo o mal. Entre esses mitos estão *Los Gemelos, Las aventuras del Sol y de la Luna, el dilúvio univeral*, de acordo com os textos recolhidos por Clastres<sup>121</sup>.

Um espírito universal<sup>122</sup>, o *Äng*, acompanhava constantemente os indígenas, os animais e todas as coisas, na forma de sua sombra. Esse era Tüpä ou *Dios*<sup>123</sup>.

Todos os fenômenos da natureza como a chuva, o relâmpago, por exemplo, eram atribuídos pelos Guaraní, a seres invisíveis que viviam “[...] en las cosas como alma de ellas, como esencia del gran espíritu”<sup>124</sup>. Mesmo após a chegada da morte, o *äng* permanecia como

<sup>116</sup> Conforme citou CARDOZO, *ibid*, p. 24.

<sup>117</sup> Ver SCHADEN, *op. cit.*, 1974, e apontamentos já abordados anteriormente.

<sup>118</sup> CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta. Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Tercera Edición. Biblioteca Paraguaya de Antropología – Vol. XVI. Fundación “León Cadogan”. CEADUC. CEPAG. Asunción, Paraguay: Ediciones y Arte S.R.L., 1997; CADOGAN, L. *Gua’i Taraypy. Fragmentos del folklore guaireño*. Edición preparada por Barrolomeu Melià. Fundación “Leon Cadogan”; CEPAG – Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción: Imprenta Makrografic, 1998.

<sup>119</sup> A mitologia guaraní foi estudada intensamente por CADODAN, *op. cit.*, 1997, 1998; NIMUENDAJU, C. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokuva-Guaraní*. São Paulo; HUCITEC/EDUSP, 1987; CLASTRES, Pierre. *La Palabra Luminosa. Mitos y cantos sagrado de los guaraníes*. Série Antropológica. Argentina: Ediciones del Sol, 1993. CLASTRES, Hélène. *A Terra Sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978

<sup>120</sup> NIMUENDAJU, Curt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokuva-Guaraní*. São Paulo; HUCITEC/EDUSP, 1987.

<sup>121</sup> *Op. cit.*, 1993, p. 18.

<sup>122</sup> Explica CARDOSO, *op. cit.*, 1970, p. 25.

<sup>123</sup> Conforme GATTI, *op. cit.*, p. 300.

<sup>124</sup> CARDOZO, *op. cit.*, 1970, p. 25.



alma que vagava sozinha. Outro termo que explica essa crença é *á*, que significa alma, espírito explica Gatti<sup>125</sup>.

Embora Cardozo<sup>126</sup> diga que não se encontrou vestígios de fetiche que represente Tüpã, nos manuscritos da Coleção de Angelis<sup>127</sup> há informações sobre a presença dos representantes de rituais religiosos, como em uma Carta Ânua de 1628, do Padre Nicolau Durán, falando sobre as reduções, dizendo que, antes de chegar ao Guairá “Quando o yo passe por esta reduccion de camino por el Guaira me informaron los Padres que eran muchos los egizeros de ella, en particular de una canalla que entre ellos llaman chupadores porque con embustes y engaños que usan hazen creer a los ignorantes [...]” em referência ao ato de sugarem a parte doente ou machucada, e do muito trabalho que tiveram (os padres) na luta contra esses costumes. Não seria surpresa dizer que, mesmo com a evangelização, permaneceram, entre as populações, costumes impregnados das crenças Guarani<sup>128</sup>, caracterizando uma forma de resistência.

O que se sabe, de acordo com Cardozo<sup>129</sup>, é que os missionários apresentaram apenas práticas de feitiçaria feitas pelos Guarani. O Padre Montoya e o Padre Lozano, citados pelo mesmo autor, falam de alguns “feiticeiros” no Guairá, os *abapayé*, que faziam predições, e alguns locais de adoração de cadáveres de índios. Segundo essas informações, os padres souberam que, em certo local, alguns indígenas se comunicavam com esses cadáveres por meio de um *abapayé*. Ao investigar esses acontecimentos, os padres Francisco Diaz, José Domenec e Cristóbal Mendoza, encontraram no alto de um morro, uma casa com o cadáver, parecendo ali ser uma espécie de santuário. Eles viram que

En la casa grande habia además, un cuartito muy oscuro y una red donde estaban los huesos secos de un hombre, todo adornado con alas de aves, así como vasijas para sahumerio. Habia un guardián que respondía por el difunto, las preguntas que se le hacia. En el cuarto había cestos llenos de

<sup>125</sup> GATTI, GATTI, Carlos. *Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores. 1985, p. 1.

<sup>126</sup> CARDOZO, op. cit., 1970, p. 60.

<sup>127</sup> Conforme documento em CORTESÃO, op. cit., p. 207.

<sup>128</sup> SHERIDAN, T. E. Os limites do poder: a ecologia política do Império Espanhol no Grande Sudoeste. *Cadernos de Debate*, 2. Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais. Rio de Janeiro; IPHAN, 1994, p. 107-137, discute a questão da conquista da América pelos espanhóis e das transformações culturais e biológicas como sua consequência. Em relação à resposta indígena à conquista, ele reforça a idéia de que a partir das interpretações dos registros que se fizeram sobre as populações indígenas, apesar das imposições espanholas para que os indígenas fossem incorporados ao seu tipo de sociedade, eles, mesmo quando incorporavam algum símbolo ou objeto espanhol, “[...] frequentemente os utilizavam ou interpretavam de modo novo ou criativo [...]”, p. 126.

<sup>129</sup> Op. cit., 1970.

semillas y frutas, ofrendas de los peregrinos, con los que alimentaba el guardián o ‘sacerdote’<sup>130</sup>.

Os indígenas acreditavam que aquele defunto deveria reencarnar, mas tudo indica que a adoração era para que tivessem boas colheitas. Nessa história, os padres os fizeram queimar os ossos, de maneira que procuravam fazer crer aos indígenas, os “erros” dessas crenças segundo a doutrina católica. Ou seja, as crenças e adorações dos Guarani eram claramente questionadas pelos missionários.

O *abapayé* era considerado “[...] discípulo del diablo [...]” pelo padre Montoya<sup>131</sup>, e por também ser chamado de médico no povoado, tinha sua atuação questionada por empregar mal os remédios que indicava. Essa questão, porém, é posta de outra maneira pelo Dr. Bertoni<sup>132</sup> ao dizer que os Guarani conheciam e empregavam muito bem as plantas medicinais, inclusive que, a ciência européia utilizava e conservava a classificação das plantas feita por eles, e que, assim como em qualquer cultura e época, os charlatães existiam entre os Guarani na figura desses curandeiros. Não se conclui aqui que fossem ou não charlatães, apenas constata-se a existência dessas crenças entre os Guarani, mesmo com a presença do cristianismo.

#### 1.2.4 Principais líderes indígenas do Guairá

Por ocasião da conquista européia, viviam no Guairá diversas tribos cujos caciques também deram nome para a região onde se estabeleceram. Entre esses, citam-se aqui, alguns dos relacionados por Cardozo<sup>133</sup>, e também as informações de Guzmán<sup>134</sup>. Cardozo lembra o nome do Cacique *Arapysandú*<sup>135</sup> que teria sido um dos caciques do Guairá que foram até Assunção pedir socorro ao governador Irala contra seus inimigos, os Tupi.

Um dos mais famosos parece ser o Cacique chamado *Guayra*<sup>136</sup>, que habitava a região ao norte das **cataratas** que levaram seu nome. Também Guzmán<sup>137</sup> se refere a esse território, como sendo pouco conhecido, e com relação ao cacique *Guayra* diz que não se encontram

<sup>130</sup> CARDOZO, op. cit., 1970, p. 26-26.

<sup>131</sup> Discussão feita por Bertoni, citado em CARDOZO, ibid, p. 27.

<sup>132</sup> No mesmo estudo de CARDOZO, op. cit., p. 27.

<sup>133</sup> Op. cit., 1970, p. 28-32.

<sup>134</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>135</sup> Conforme CARDOZO, op. cit. p. 28, *Ara* = cielo, tiempo; *apysá* = oído; *andu* = oyente, ou seja, “Previsor de los fenómenos del tiempo”. GUZMÁN, op. cit., p. 196-197 cita os fatos, mas, não menciona o nome desse cacique, embora faça referências ao cacique *Guayrá*.

<sup>136</sup> CARDOZO, op. cit., 1970, p. 28.

<sup>137</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 391-392.

maiores referências do que essas, apenas que o governador Domingo Martinez de Irala, ao fazer uma incursão pelo Guairá em 1552, “[...] pasó a aquella parte a um pueblo de un cacique llamado Guayra, de quien fue hospedado [...]”.

O Cacique *Canindeyú*<sup>138</sup>, também é relacionado como habitante da mesma região dos saltos do rio Iguaçu, onde havia sido fundada, em 1554, a cidade de Ontiveros, por Garcia Rodrigues de Vergara. Era amigo dos espanhóis e seu nome derivava de *Cani* = aturdir; *ndu* = ruído; *yu* = venir, que quer dizer: “Viene un ruído que aturde”<sup>139</sup>.

Na região da Redução de Nossa Senhora de Loreto (rio Paranapanema), vivia *Maracaná*, outro cacique amigo dos missionários. Segundo Cardozo<sup>140</sup>, sua importância foi considerável, porque havia até mesmo um porto, no rio Paraná, com o seu nome.

No mesmo rio Paranapanema na região da Redução de Santo Ignácio, liderava o Cacique *Taubycy* que, conforme Cardoso<sup>141</sup> significa: *Aaub* = demônio; *hycy-i* = hileria, ou seja, “hinajé del demônio”. O mesmo autor diz que, apesar das maldades e ações violentas desse cacique contra os jesuítas, ele os teria livrado da morte em muitas ocasiões.

Também nas imediações de Santo Ignacio, vivia *Atyguayé*<sup>142</sup>, região da doutrina do Padre José Cataldino, que não concordava nem queria aceitar as regras estabelecidas pelos missionários com relação ao casamento plural “[...], pois era partidário de manter la poligamia [...], e, *Arará*, outro cacique da região de Santo Ignácio, amigo dos missionários.

O Cacique *Güiraberá*, ou *Guyraverá*<sup>143</sup>, também citado como feiticeiro, que liderava a região de Tayaoba ou Tayaoty, na nascente do rio Yñeeí, aflrente do rio Huybay (Ivaí), local onde se fundou a Redução de Arcángeles, converteu-se à doutrina católica e se tornou amigo dos jesuítas, recebendo o nome de Nicolás. Furlong<sup>144</sup> lembra que o Padre Montoya referiu-se a esse cacique dizendo que

[...] Corrió la fama de mi venida por toda la tierra, y llegó a oídos del grande hechicero Guiraverá. Enfurecióse contra mi, amenazando que esta vez había de matarme y comerme. Hizo general llamamiento de los caciques de la comarca que, como lo veneraban por hombre divino, le obedecieron con toda puntualidad.

<sup>138</sup> Conforme observou CARDOZO, *ibid*, p. 28.

<sup>139</sup> GUZMÁN, *op. cit.*, 1836-1969, p. 327-328.

<sup>140</sup> *Op. cit.*, 1970, p. 28-29.

<sup>141</sup> *Ibid*, p. 29.

<sup>142</sup> *Aty* = cerco, atajo, rodeo; *gua* = lugar; *ré* = passado, conforme CARDOZO, *op. cit.*, p. 29.

<sup>143</sup> *Güyrá* = pájaro; *berá* = reluciente, conforme CARDOZO, *op. cit.*, p. 30.

<sup>144</sup> FURLONG, Guillermo, S.J. *Antonio Ruiz de Montoya y su Carta a Comental*. 1645. Buenos Aires: Imprenta Crisol S.R.L., 1964, p.43.

Aguilar<sup>145</sup> também faz referência a esse líder indígena como “[...] o grande e terrível feiticeiro Guiravera [...], que foi conquistado por Montoya. Em Carta Ânua ao Superior do Guairá, Nicolau Durán<sup>146</sup>, o Padre Montoya, relatou os acontecimentos de Tayaoba dizendo que quando iniciaram a redução naquela região “[...] ase ydo multiplicando de manera que a estimacion de los Padres que la an visto tiene ya mill Yndios y cada dia va entrando gente a cuya causa se a alejado un poco Guiravera el hechizero con la fuerça de la gente bellaca que es mucha [...]”. Houve sucesso nessa expedição. O Padre Techo<sup>147</sup> também diz que, o Padre Montoya procurou de várias maneiras converter o *Guyraverá*, para que assim ele permitisse aos padres fundar novas povoações, considerando que assim ele não destruísse as já existentes. Esse indígena, diz ainda o autor, é classificado como “[...] caudillo de los antropófagos y magos del Guairá, por su ambre de carne humana, era considerado en los pueblos remotos y vecinos como el más cruel enemigo de los cristianos [...]”, acreditando que era o *chefe* do Guairá. Com o conhecimento que tinha dos indígenas, o Padre Montoya conseguiu converter *Guyraverá*.

Encontra-se em Cardozo<sup>148</sup>, outros caciques presentes no Guairá nos primeiros anos da conquista espanhola, como *Urubutá*, cacique feiticeiro; *Cuaracyberá*, que vivia nas imediações do rio Huybay, região onde foi fundada Villa Rica em 1570, por Ruy Díaz Melgarejo; *Añaryry-í*, que foi encontrado por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca em Cayú; *Ararundy*, cacique da região de Tayaoba; *Cypoyai*, cacique encontrado também por Cabeza de Vaca; Co-ên (Amanecer), cacique dos *Guananá*s; *Guapuá* ou *Gauhúhá*, também cacique encontrado por Cabeza de Vaca no rio Iguazu; *Guarayrú*, cacique da região do mesmo nome “[...] al este del Guairá”; *Atycái*, cacique do Paranapanema, região onde foi fundada Santo Ignário; *Ybyrayás*, cacique da região de Villa Rica; *Pindó* (Palmera), pertencente a região de *Ybytyrembetá*; *Piracuaty*, da região de Tayaoba; *Surubá* (uma classe de pássaro), da região de *Ybytyrembetá*; *Tucaguasú*, também cacique encontrado por Cabeza de Vaca; *Tapapirasú*, também cacique encontrado por Cabeza de Vaca, na região do rio Tibagi; *Tay-i tetú*, cacique

<sup>145</sup> AGUILAR, Coronado J. *Conquista Espiritual. A História da Evangelização na Província Guairá, na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2001, p. 248.

<sup>146</sup> Citada por CORTESÃO, op. cit., p. 288.

<sup>147</sup> Op. cit., 2005, p. 244.

<sup>148</sup> Op. cit., 1970, p. 30-32. *Urubü* = cuervo; *reta* = pueblo; *Cuaracy* = sol; *berá* = resplandecer; *Añarey-é*, de *aña* = demônio; *Rey-i* = descendente; *Ara* = cielo, tiempo; *rundy*, *rendú* = escuchar; *Ycypóyai*, *ycypó* = liana; *yái* = abierta, ou seja, flor abierta; *Quachú* = canto; *há* = lugar; *Aty* = cerco; *cai* = quemado; *Ybyrá* = palo, bastón; *yara* = dueño; *Pira* = pez; *cuá* = donde se cria; *ty* = turbio; *Tucã* = tucano; *guasú* = grande; *Papari o tacuapí* = caña; *rasu*, *raso* = gusano; Javali. *Tay-i tetú* = puerco montês; *Urubú* = cuervo; *morötin* = Blanco.

também da região de *Ybytyrembetá*; *Uruboli* o *Urubumotin*, cacique das montanhas de *Ybytyrembetá*. Esses eram apenas alguns dos caciques do Guairá.

Na análise dos documentos da Coleção de Angelis<sup>149</sup>, verifica-se que muitos foram os líderes indígenas do Guairá, que entraram em contato, permanente ou temporariamente com os conquistadores espanhóis e com os missionários jesuítas. Entre esses documentos, um<sup>150</sup> traz o nome de um cacique chamado *Melchior*, e onde o capitão Guzmán relata que, por ocasião do traslado da cidade de Vila Rica do Espírito Santo para o rio Ivaí, em 1595, foi feito repartimento de terras entre os povoadores, mas que

[...] aviendo hallado en el dicho rrio asentado a Melchior cacique del rrio colman casado con Maria hija de boypitan yndio principal y natural del dicho rrio al qual dicho Melchior abiendo rrespecto a que siempre avia sido leal amigo y benemérito y propietario asi de su parte como de su muger del dicho asiento e tierras don de le Halle poblado con casas y rroçerias media légua poco mas o menos del rrio ... no permiti que al dicho Melchior le fuese quitada las dichas tierras de su asiento [...].

Esse conquistador confirmou, portanto, a posse de terras a *Melchior*, cacique dessa região, e uma figura importante na história do local.

Em outro documento, encontra-se uma lista longa de vários caciques e índios que são *encomendados*<sup>151</sup> em Vila Rica, e entre eles estão *Anton Yraray*, do rio Ubai; *Tapayru* de um lugar chamado Quayracay; *Ybirayaral*, chamado de Alonso, e vários outros.

Com respeito às reduções do Guairá nos anos 1626-1627, uma carta ânua<sup>152</sup> do padre Durán (documento já citado quando se fez menção ao cacique *Arapizandu*), faz referência ao já citado Cacique *Guayrá*, que deu nome ao lugar. Esse padre diz que, durante sua viagem pelas Reduções no Guairá, na busca por uma passagem pelo rio Paraná, foi descoberto um caminho que ladeava o Salto do Guairá, e que ele foi auxiliado por um cacique chamado *Cañarimari*, que costumava matar os padres.

<sup>149</sup> Ver CORTESÃO, op. cit., 1951.

<sup>150</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, Doc. II, p. 118-119.

<sup>151</sup> Documento VI apud CORTESÃO, 1951, P. 123. De acordo com a REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, p. 825, significa “En América, institución de contenidos distintos según tiempos y lugares, por la cual se señalaba a una persona un grupo de índios para que se aprovechara de su trabajo o de una tributación tasada por la autoridad, y siempre con la obligación, por parte del encomendero, de procura costear la instrucción de aquellos índios”.

<sup>152</sup> Documento XXXVIII apud CORTESÃO, op. cit., p. 210-258.

Por ocasião da fundação de Vila Rica do Espírito Santo, havia também no Guairá, um cacique chamado *Oberá* conforme registrou o padre Guevara<sup>153</sup>, que será figura importante, pois, em determinada época induziu outros Guarani a lutar contra os espanhóis.

### **1.3 Para finalizar o capítulo**

O Guairá, como parte dos domínios espanhóis na América, nos anos iniciais da colonização européia até os primeiros anos do século XVII, embora situado tradicionalmente em território Guarani, contava com a presença de outras populações indígenas. Os primeiros escritos sobre esse território permitiram compreender sua grande extensão e localização entre os principais rios e afluentes que compõem a sua bacia hidrográfica, extensas florestas e bosques, região de campo, além da numerosa população.

Desde os primeiros relatos sobre a descrição física do Guairá, pode-se perceber a intensidade em que ocorreram os relacionamentos interculturais.

---

<sup>153</sup> GUEVARA, Padre José. *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Coleção Pedro de Ángelis. Tomo I. Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Editorial Plus Ultra. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. 268.

## CAPÍTULO 2

### EXPLORADORES EUROPEUS NO GUAIRÁ

[...] para enaltecerla o para repudiá-la, todo el mundo admite que la conquista española de América fué una de las más atrevidas empresas que los hombres han llevado a cabo [...].<sup>1</sup>

Lembrada por alguns como tendo sido realizada por homens violentos, discurso condenatório, em oposição a outros que os consideram heróis, justificando qualquer de suas ações, conforme discute Aguirre<sup>2</sup>, a conquista espanhola da América tem em sua gênese, final do século XV, uma conjuntura marcada pelas necessidades do capitalismo nascente, pela expansão marítima e a descoberta do Novo Mundo. Os relacionamentos interculturais no Guairá estão inseridos nesse momento, onde os meios e os fins aparecem como pontos inseparáveis no sentido de justificar o avanço dos europeus em terras habitadas pelos indígenas. Importa não se perder de vista que as histórias registradas, os discursos presentes nos escritos, estão carregados dos pensamentos, das intenções e têm, como disse Ricoeur<sup>3</sup> o objetivo de difundir idéias daqueles que escreveram ou das sociedades a que pertenceram, para que o leitor tenha a possibilidade de refletir sobre o conteúdo exposto.

A história da conquista e colonização espanhola na América Meridional é contada pelos conquistadores, cronistas e jesuítas que viveram nos séculos iniciais da colonização e, posteriormente, por aqueles que baseados nesses primeiros registros, escreveram sobre a época da conquista e sobre o Guairá. Conhecer a fonte dos escritos e a forma como os acontecimentos foram interpretados é de suma importância, pois elementos subjetivos interferem na compreensão dos episódios registrados. Por exemplo, se o historiador foi também um representante dos conquistadores, ou fez parte dos acontecimentos, os escritos podem estar marcados pelos seus interesses ou pelo seu olhar sobre os mesmos,

---

<sup>1</sup>Conforme disse Ignácio B. Anzotegui, prologuista de AGUIRRE, J. Francisco. *Discurso Histórico (1793)*. Colección Austral – Editora Espasa-Calpe Argentina S.A.: Buenos Aires, 1947, p. 9.

<sup>2</sup>AGUIRRE, J. Francisco. *Discurso Histórico*. Colección Austral – Editora Espasa-Calpe Argentina S.A.: Buenos Aires, 1947, p. 9.

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1977.

especificamente no que se refere às relações interculturais estabelecidas nos territórios do Guairá e no tempo delimitado para o estudo.

Nesse sentido, importa saber que a América que se conhece hoje foi aos poucos sendo explorada pelos europeus. Inicialmente era o território que Colombo encontrou, e depois o continente passou a ser domínio além da Espanha, de Portugal e Inglaterra, França e Holanda com algumas possessões também. A história da América não começou com a chegada dos navegantes europeus, nem foram eles que lhe deram vida, mas, outro rumo foi dado a ela a partir desse momento.

As principais características físicas do Guairá, relacionadas no capítulo anterior, sugerem a importância de também se compreender como se distribuíram os principais grupos indígenas nessa região. Isso é possível a partir dos estudos de antropólogos, arqueólogos e linguistas, que buscaram, e estão em constante estudo sobre a origem e organização dessas populações. A chegada dos exploradores a esse território no século XVI esteve diretamente ligada às populações indígenas e seus resultados, registrados por cronistas, exploradores e missionários jesuítas, formam uma extensa gama de fontes que permitem analisar esses encontros, no período da conquista.

Havia para os europeus, em especial os espanhóis, desde sua chegada à América, interesse em chegar à região do Peru, onde acreditavam existir muitas riquezas minerais – ouro, prata. As vias terrestres ainda desconhecidas, talvez causassem espanto a esses homens que buscavam um caminho do litoral Atlântico em direção ao Poente. O trânsito pelo interior da região sul da América e todo o processo de colonização a partir do século XVI, estava ligado ainda àquela divergência entre Portugal e Espanha, desde a expansão marítima, cujo resultado foi a assinatura do Tratado de Tordesilhas (1494), estabelecendo os limites e as terras descobertas e a descobrir entre as duas nações.

Muitas viagens espanholas foram realizadas pelo litoral do continente americano em direção ao sul. Em 1519, Fernando de Magalhães, um português a serviço da Espanha, descobriu o estreito que recebeu o seu nome. Sebastián Caboto, um espanhol<sup>4</sup>, empreendeu, em 1526, outra viagem para a mesma região e, pelo Rio da Prata chegou ao Rio Paraná, navegou pelo Rio Paraguay, fundando um forte sobre esse rio (Forte Sancti Spiritu), na confluência do Rio Paraguay com o Rio Bermejo. Essas viagens e fundação de fortes e cidades sinalizam que os europeus estavam entrando em território habitado desde tempos

---

<sup>4</sup> Conforme citado por SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edición. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972, P. 261.



muito remotos, por diversos grupos indígenas, e logo, a forma com iriam se relacionar seria resultado desses empreendimentos. Embora de forma limitada, analisa-se, inicialmente, alguns episódios sobre as primeiras viagens para o interior do Guairá e a conseqüente ocupação do espaço com a fundação das cidades espanholas.

## 2.1 No Interior do Guairá

### 2.1.1 Alejo Garcia no Guairá

É possível que a primeira viagem pelos os territórios do Guairá tenha sido empreendida por interesse e a mando dos portugueses. Narrada primeiramente por Guzmán<sup>5</sup>, a viagem é lembrada por outros como Techo<sup>6</sup>, segundo o qual, essa fora a primeira em direção ao Paraguai, a mando dos portugueses, e sob o comando de Alejo Garcia<sup>7</sup>. Esse, saindo de São Vicente em 1526 acompanhado de seu filho, mais três portugueses e muitos índios do Brasil, iniciou a viagem procurando descobrir o interior dos territórios, em direção às Províncias do Rio da Prata, com a intenção de chegar ao Peru. Não se pode deixar de notar que, ao viajar acompanhado dos indígenas, os *cários*, como eram chamados os Guarani, já se manifestava aqui um relacionamento que, no mínimo, favorecia aos europeus. Isso porque, do que se pode concluir, os indígenas aceitaram acompanhar a expedição, servindo como guias, e de outro lado, os conquistadores, embora parecessem mais armados, não imaginavam o que lhes poderia sobrevir pelo caminho, como por exemplo, o encontro com outros grupos, e a possibilidade de não serem receptivos à sua presença. Caminharam por terra mais de 300 léguas até chegar ao Rio Paraguay e, quando chegaram depararam-se com outros grupos Guarani descritos como “[...] gente codiciosa e inclinada a la guerra ...[...]” de acordo com o relato de Guzmán<sup>8</sup>, dos quais, mais de 2000 deles acompanharam Garcia em direção ao

---

<sup>5</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>6</sup> Op. cit., 2005, p. 38-39.

<sup>7</sup> Alejo Garcia foi o primeiro europeu, que chegou ao Paraguay, em 1526, vindo da fronteira do Brasil; foi morto pelos indígenas no Paraguay, conforme GUZMÁN, op. cit., 1836, Índice Geográfico e Histórico, p. 375-376. Outra versão dessa história é a de que Alejo Garcia fora um naufrago da expedição de Solís que ficou morando com os Guarani no litoral de Santa Catarina. Ali obteve informações dos Guarani de que haviam muitas riquezas a oeste em direção as grandes cordilheiras. Convecido pelos índios ou convencendo-os rumou em direção ao império Inca atravessando Guaira guiado pelos Guarani, e na volta foi morto por grupos rivais na altura das Cataratas do Iguaçu.

<sup>8</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 82.

Poente. Havia interesses de ambas as partes<sup>9</sup>, embora os escritos não os deixem claros. A história poderia parar por aqui, porque o que interessa é que Garcia passou pelos territórios do Guairá. Mas, eles “[...] llegaron a reconocer las cordilleras y seranías del Perú [...]”<sup>10</sup>, e nesse encontro acabaram enfrentando os indígenas *Charcas*, roubando e matando a muitos, demonstrando que os encontros foram violentos, e que os espanhóis estavam dispostos a conseguir as riquezas, mas os indígenas a não facilitar essa empresa.

Alejo Garcia foi morto na volta da expedição ao Peru, quando estava em Assunção, pelos mesmos que o haviam acompanhado, mas seu filho foi deixado com vida<sup>11</sup>. O que teria feito com que eles fossem mortos pelos indígenas? Pode-se pensar que ao perceber os reais interesses dos conquistadores pelas riquezas que aquelas regiões possuíam, e do quanto estavam dispostos para conseguir tais riquezas, os indígenas resolveram atacá-los. Ou, talvez porque perceberam a desvantagem que estavam tendo, permitindo que entrassem em suas terras e pilhassem as suas riquezas. A visão que Guzmán<sup>12</sup>, como conquistador, transmite, é que os encontros foram dificultados pela ferocidade dos indígenas, e para ele, nessa jornada, Garcia teve “[...] grandes encuentros, ganando con unos, y perdiendo con otros [...]”.

Com a notícia da viagem de Alejo Garcia e de que havia ouro e prata no Peru, outros 60 soldados portugueses liderados pelo capitão Jorge Sedeño foram enviados para socorrer Garcia, sem saber que ele já estava morto. No confronto com os mesmos indígenas, morreu Sedeño e os soldados se retiraram da região. Os confrontos ocorreram de forma generalizada e em diversos momentos, demonstrando que os indígenas não foram passivos em relação à entrada dos europeus, escolhendo aceitar ou não o desejo de domínio daqueles.

#### 2.1.2 D. Pedro de Mendoza na província do Rio da Prata

O historiador Ruy Diaz de Guzmán<sup>13</sup> registrou como foi a viagem do navegador Sebastián Gaboto (Caboto) à América, e sua volta à Espanha com as notícias das riquezas, da boa terra, quando muitos quiseram vir para dar continuidade à conquista. Nesse contexto, Carlos V, imperador e rei da Espanha concedeu a D. Pedro de Mendoza “[...] merced de aquella governación con título de adelantado, haciendo asiento de la poblar y conquistar [...]”,

<sup>9</sup> Sobre essa questão, em POMPA, C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003, há discussões sobre a capacidade dos indígenas compreenderem as possibilidades de empreender estratégias para seu proveito, no que ela chamou de “situação de contato”.

<sup>10</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 82.

<sup>11</sup> O historiador Guzmán diz que o conheceu pessoalmente, conforme GUZMÁN, op. cit., p. 84.

<sup>12</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 82-83.

<sup>13</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 87-92.

que com muitos homens, embarcou no porto de San Lucar em 1535. Entre os que vieram com ele estavam Domingo Martinez de Irala, Juan de Ayolas, Ruíz Galán, Osorio y Diego de Mendoza (irmão de Pedro de Mendoza), Juan de Cáceres e seu irmão Felipe de Cáceres, Garcia Venegas, entre outros. Após viajar pela costa do Brasil até o Rio da Prata, por onde entraram, Mendoza fundou Santa María de Buenos Aires em 1536<sup>14</sup>, e organizou diversas expedições em direção ao Peru.

Embora Mendoza ainda não estivesse passando pelo Guairá, é importante ter-se uma visão mais ampliada dos acontecimentos, uma vez que os conquistadores espanhóis, a partir de então, estiveram constantemente em trânsito por esses territórios. Os que se estabeleceram na região de Buenos Aires tiveram muitas dificuldades em relação aos índios *Querandíes*, considerados ferozes. Inicialmente, os espanhóis conseguiram que eles lhes entregassem, ou os abastecesse de alimentos<sup>15</sup>. Logo, eles se opuseram violentamente a aceitar a entrada dos espanhóis, sitiando a cidade e obrigando seus moradores a abandonar o lugar, em virtude da fome que os estava assolando há três meses. Concomitantemente, Mendoza explorava outras regiões, mas doente, retornou à Espanha, morrendo durante a viagem, em 1537. Juan de Ayolas havia anteriormente sido nomeado para ser seu substituto, e Ruiz de Galán para o lugar de Ayolas.

Um acontecimento envolvendo Ayolas, após contatos com os Payaguás, quando empreendia viagens de reconhecimento para o interior, em direção ao norte de Assunção, acabou provocando a morte de seus companheiros nas terras desses indígenas, fato que demonstra as resistências empreendidas pelos indígenas em relação à entrada dos espanhóis nesses territórios. Mesmo assim, nesse momento de reconhecimento do interior, de busca das riquezas minerais que os conquistadores ouviram falar que havia nas terras do Peru, era necessário que tivessem um lugar onde pudessem parar e abastecer-se de alimentos. E as entradas continuaram para o interior e para o norte, onde habitavam os Guarani, descritos como “[...] agricultores, dóciles y serviciales [...]”<sup>16</sup>, e foi nesse lugar que Juan de Salazar fundou uma casa-forte que recebeu o nome de Assunção em 1537, transformada em cidade

---

<sup>14</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 105-110.

<sup>15</sup> Consta que, ao deixarem os indígenas de enviar alimento por um dia, os soldados saíram com ordem de guerrear contra eles. O alimento deixou de ser enviado e os espanhóis passaram por terrível fome. Sobre esse assunto ver em SCHMIDEL, Ulderico. *Viaje al Río de la Plata y Paraguay*. In: ANGELIS, Pedro (org.). *Colección de Obras y Documentos relativos a la História Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Tomo Sexto. Com Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1836; CABEZA DE VACA, Álvar Nuñez. *Naufraños y Comentarios*. Con dos cartas y relación de Hernando de Ribera. Quinta edición. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1971; COLL, Josefina de. *La resistència indígena ante la conquista*. 8ª edición. México: Sigro Veintiuno Editores (XXI), 1991.

<sup>16</sup> MACHAIN, R. de Lafuente. *La Casa-Fuerte de la Asunción*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de Sebastián de Amorrortu, 1936, p. 8, 12.

por Irala em 1544, quando era tenente de governador. Uma estratégia usada pelos espanhóis era fazer com que os Guarani dirigissem seu ânimo para a guerra com outros indígenas, os *Charquenses*<sup>17</sup>. Verifica-se que as disputas entre grupos indígenas eram intensas, e foram incentivadas pelos espanhóis, em evidente confirmação de que isso os favoreceria.

Em toda a região do Rio da Prata, os espanhóis mantiveram contato com as populações indígenas, que se traduziu de forma amigável, às vezes e, em confrontos que levaram à morte dos europeus, em outras, e ainda com vantagens para esses em outras ocasiões. Nada, porém, diminuiu o ânimo para a conquista de terras e riquezas que impulsionavam essas viagens.

### 2.1.3 A longa travessia de Cabeza de Vaca pelo Guairá

Provavelmente nenhum outro conquistador tenha tido experiências comparadas à de Don Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, em viagem para a América Meridional, pelo menos é o que se pode compreender do estudo de seus relatos. Mais importante é que ele atravessou os territórios do Guairá<sup>18</sup>. Ele aportara em Santa Catarina em 1541, trazendo 26 cavalos, sobreviventes dos 46 que havia embarcado, logo procurando, entre os indígenas da região, os *Carijós*, como os Guarani eram chamados, informação sobre os espanhóis. Ao que consta de sua narrativa, o contato com os indígenas foi bom, pois se lê que “[...] y en todo el tiempo que el gobernador estuvo en la isla, a los índios naturales de ella y de otras partes de la costa del Brasil (vasallos de Su Magestad) les hizo muy buenos tratamientos [...]”. Ele ficou sabendo que ao sul da ilha de Santa Catarina estavam dois frades franciscanos, frei Bernaldo de Armenta e frei Alonso Lebrón, os quais logo vieram ao seu encontro, fugindo dos indígenas “[...] que los querían matar [...]”. Do contato desses padres com os indígenas, o resultado foi a não aceitação da presença dos europeus na região e a tentativa dos indígenas, de matá-los. Essas são as únicas informações possíveis de serem compreendidas nos relatos e que o possível motivo seria “[...] a causa de haberles quemado ciertas casas de índios [...]”<sup>19</sup>.

Ou seja, os espanhóis haviam entrado em guerra com os indígenas, se assim se pode entender o fato de terem queimado suas casas, já que não há mais informações para se

<sup>17</sup> SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edición. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972, p. 264.

<sup>18</sup> Don Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, em *Comentários*, conta sua vinda da Espanha para Assunção para assumir o posto de *Adelantado*. Este livro foi ditado por ele a Pedro Hernández. Segundo Guzmán (1836, Índice Geográfico e Histórico, p. 320), Cabeza de Vaca era seu tio e foi *adelantado* e governador do Río da Prata. Era de Jerez de la Frontera, neto do conquistador das Canárias. É tirado do poder e permanece preso por 10 meses e depois levado para a Espanha onde é absolvido. Morre em Sevilla.

<sup>19</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p.102-103.

estabelecer outra compreensão. A atitude do governador, foi fazer com que os catequizassem, determinando a forma como os espanhóis estabeleceram sua entrada para o que até então, era território dos indígenas.

A primeira entrada para o interior realizou-se pelo rio da Prata, com Felipe de Cáceres comandando uma expedição a mando de Cabeza de Vaca para chegar a Buenos Aires, em maio de 1541, sem, contudo, ter chegado ao seu destino. Na mesma época, chegaram a Santa Catarina nove cristãos fugindo de Buenos Aires, em vista dos maus tratos que haviam recebido dos capitães daquela província, que informaram sobre a situação dos espanhóis que lá viviam, e que Juan de Ayolas<sup>20</sup> havia sido morto pelos *Payaguás*. Irala, nessa ocasião, estava no posto de tenente e governador de Assunção<sup>21</sup>. Pode-se compreender, desses relatos, que os conquistadores tiveram muitos desentendimentos entre si, que podem ser sido por terras ou por indígenas para o trabalho agrícola, além das dificuldades materiais para a manutenção da vida na colônia, o que favorecia confrontos.

Nos registros do *adelantado* Cabeza de Vaca<sup>22</sup> ainda outros acontecimentos ligados às expedições de Irala, e de Buenos Aires, estão anotados, relatados pelos nove cristãos citados anteriormente, que permaneceram com ele em sua ida para Assunção. O objetivo de Cabeza de Vaca era socorrer os espanhóis da Província do Rio da Prata, e, portanto, chegar a Assunção. Sua idéia era viajar por terra, apesar dos protestos do piloto e de outros companheiros, que pensavam que deviam ir por mar até o porto de Buenos Aires, porque já se conhecia o resultado da expedição de Martim Afonso de Souza (1531), comandada por Pero Lobo, dizimada pelos indígenas. Mesmo assim, Pedro Dorantes partiu à procura de um caminho para chegar a Assunção, retornando três meses depois dizendo ter passado por serras e montanhas, em regiões despovoadas e que “[...] había llegado a do dicen el Campo [...]”, lugar onde começava a terra habitada. Segundo Dorantes, os indígenas lhe disseram que seria mais seguro entrar para o interior dos territórios, seguindo pelo rio Itabucú (Itapicú),

---

<sup>20</sup> Conforme MACHAIN, op. cit., p. 48-49, “Expedicionário com Mendoza. Vecino de Briviesca. Hijodalgo. Mayordomo del Adelantado, quien le nombró Alguacil Mayor de la expedición. Tenía poder de D. Pedro de Mendoza para conocer todo lo pertinente a la flota, poder que transfirió a Domingo Martínez de Irala, 1535. [...] tuvo a su cargo expediciones a sitios más o menos cercanos, em busca de bastimentos. Luego llevó una expedición más al Norte y a orillas del Paraná, [...] o Adelantado [...] resuelve enviar una expedición más al Norte, en busca del camino al Perú y a la región de los metales y confía su mando a Ayolas, quien llevó más o menos 160 hombres en 3 bergantines [...] a las proximidades de los 20 grados, [...] fondearon en un puerto al cual llamaron La Candelaria. Allí dividió sus fuerzas en dos grupos, confiando el mando de 30 hombres al capitán Irala, para que cuidaran de los navios y aguardaran su regreso. Les hizo jurar obediência al capitán Domingo Martínez de Irala, [...] se interno en el Chaco [...] 1537. Nunca más se le volvió a ver. Según referencia de los índios, regresó com metales, para 1539, durante una de las ausências de Irala [...] él y sus compañeros fueron muertos por los índios [...]”.

<sup>21</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 103.

<sup>22</sup> Ibid, 1971, p. 105.

localizado perto da região de Barra Velha, em Santa Catarina, por onde resolveu entrar. O que primeiro deve ser observado é que, foi acompanhado de índios, desde Santa Catarina, com os quais procurou manter um relacionamento amigável.

Cabeza de Vaca<sup>23</sup> procurou, inicialmente, investigar as possibilidades de empreender sua viagem, mesmo que para isso tenha ficado vários meses em Santa Catarina. Nesse tempo, não houve confrontos entre eles e os indígenas da região, pelo que se lê em seus registros. Em 18 de outubro de 1541, mandou que os que iriam com ele embarcassem com os cavalos e éguas e ir pelo rio Itabucu, deixando 140 pessoas em Santa Catarina, capitaneadas por Pedro de Estopiñan Cabeza de Vaca, para que depois seguissem abastecidos de alimentos, pelo Rio da Prata até Buenos Aires. Presenteou os habitantes de Santa Catarina (numa demonstração de que sabia promover um relacionamento amigável com eles), e em dois de novembro de 1541, o governador partiu com 250 soldados, os vinte e seis cavalos, os dois frades e vários indígenas que resolveram acompanhá-lo em direção ao interior dos territórios do Guairá.

Desse primeiro momento da expedição de Cabeza de Vaca, constata-se que eles não seguiram sem a companhia de indígenas Guarani, como guias nos territórios desconhecidos e, pela narrativa, foram de livre e espontânea vontade, não significando dizer que eram inocentes, ou dóceis, apenas, mas que estabeleceram um relacionamento com os espanhóis, provavelmente, sem compreenderem o que poderia resultar para eles, no futuro, ou, também porque tinham interesse no que os estrangeiros poderiam lhes proporcionar.

Passando por regiões despovoadas<sup>24</sup>, a expedição chegou ao Campo, onde foi estabelecido contato com três *pueblos* (povoados) Guarani, cujos caciques ou índios principais chamavam-se *Añiriri*, *Cipoyay* e *Tocanguanzu*. Segundo os relatos, foram bem recebidos por eles, com mantimentos para continuar a viagem, o que demonstra ter sido esse o primeiro contato dos indígenas com os europeus. Observa-se, portanto, que Cabeza de Vaca, utilizou a estratégia de relacionamento amigável, pagando aos indígenas pelas coisas recebidas, dando presentes como camisas, entre outras coisas, o que pode ter concorrido para sua passagem sem maiores problemas pelo território. Fica claro que o governador foi bastante observador porque registrou que os indígenas eram agricultores, cultivavam milho e mandioca, criavam galinhas e patos, habitavam em grande extensão de terra, falando uma mesma língua, o que caracteriza uma mesma parcialidade. Sem outro registro para estabelecer uma comparação, os de Cabeza de Vaca não revelam confrontos por ocasião da expedição

---

<sup>23</sup> Op. cit., 1971, p. 106-107.

<sup>24</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 107.

pelo Guairá. Por outro lado, é possível compreender que, do lado dos indígenas, eles raramente se intimidaram, quando não aceitaram a presença européia em suas terras.

Mesmo assim, Cabeza Vaca não deixou de observar que os grupos encontrados “[...] Los cuales comen carne humana, si de índios sus enemigos, con quien tienen guerra, como de cristianos, y aun ellos mismos se comen unos a otros. Es gente muy amiga de guerras, y siempre las tienen y procuran, y es gente muy vengativa [...]”, o que não o impediu de continuar terra adentro em direção a Assunção, tomando posse dos territórios em nome dos reis espanhóis como está relatado: “[...] el gobernador tomo la posesión, como tierra nuevamente descubierta, y la intitulo y puso por nombre la provincia de Vera, como parece por los autos de la posesión [...] y hecho esto, a los 29 días de noviembre [...]”<sup>25</sup>, em prova quase que cabal, de que os interesses espanhóis estavam acima de quaisquer dificuldades<sup>26</sup>.

Em 29 de novembro, Cabeza de Vaca<sup>27</sup> partiu da aldeia de *Tocanguanzu*, chegou ao Rio Iguaçu em 1º de dezembro, região onde foi recebido por outros grupos indígenas, trazendo alimentos, fato que ocorreu durante toda a travessia do Guairá. Retribuiu, sempre com presentes, como registrou que “[...] corria la fama por la tierra y provincia, y todos los naturales perdían el temor y venían a ver y traer lo que tenían, y se lo pagaban, según es dicho. [...]”. Não se tem nenhuma pista que deixe notar que os indígenas foram forçados a garantir os alimentos que a expedição necessitava, mesmo porque Cabeza de Vaca não deixou de registrar que de tudo que recebiam, davam um pagamento em troca. Há, nessas palavras apenas a idéia de que os indígenas abasteciam os estrangeiros com alimentos porque tiveram medo deles, e, em muitas ocasiões, porque foram conquistados pelos presentes.

Em *Tapapiraçu*, outro povoado, a expedição encontrou um índio da costa do Brasil, já cristianizado, chamado Miguel, que estava vindo de Assunção, com notícias sobre essa cidade. Esse índio viajou de volta para Assunção com Cabeza de Vaca, e dos relatos se depreende que teria insistido em fazê-lo. Nesse ínterim, os outros indígenas foram dispensados para voltar para Santa Catarina, sendo recompensados pela ajuda. Nas palavras registradas: “[...] muy contentos y alegres”<sup>28</sup>, nota-se quase uma necessidade dos espanhóis em deixar clara esse relacionamento com os indígenas.

Como se para deixar claro que sabia como se relacionar com os indígenas, e porque os componentes da expedição não estavam ainda acostumados no trato com os mesmos, a ordem

<sup>25</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 109.

<sup>26</sup> Ver uma discussão sobre a forma como o Outro é percebido em TODOROV, Tzvetan (1939). *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>27</sup> Ibid, p. 109.

<sup>28</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 109.

foi para que se mantivessem afastados, pois o governador dizia que qualquer coisa poderia ser motivo de guerra ou confronto. E não deixava de ter razão, lembrando que os indígenas estavam tendo seus primeiros contatos com os estrangeiros, provavelmente não compreendendo a grandeza da empresa que se estava para estabelecer entre eles. Para um explorador experiente como Cabeza de Vaca<sup>29</sup>, essas atitudes não surpreendem, e “[...] mando que todas las personas que los entendían que traía en su compañía contratasen con los índios y les comprasen los bastimentos para toda la gente [...]”, ou seja, era claro para ele, a necessidade de não se usar nem o trabalho, nem tomar de seus alimentos sem proporcionar algo em troca.

De acordo com os registros, o medo que os indígenas tinham dos cavalos seria motivo para darem galinhas e outros tipos de alimentos para os espanhóis. Havia certa inocência ou desconhecimento puro, que provocava esse medo, fato que pode ter favorecido os espanhóis e facilitado a submissão indígena. Contudo, ficou claro nos relatos, que Cabeza de Vaca fez questão de informar aos componentes da expedição a sua preocupação em não permitir a exploração dos indígenas, mantendo o acampamento afastado dos povoados.

No povoado Guarani do cacique *Pupebaje*, a recepção também foi amigável, trazendo alimentos em troca de pagamento e presentes. Os registros informam que “[...] dejando los índios de este pueblo tan alegres y contentos, que de placer bailaban y cantaban por todo el pueblo [...]”<sup>30</sup>, parecendo ser uma necessidade mostrar que todo relacionamento entre espanhóis e indígenas manteve-se em bases amigáveis.

Chegando ao rio Taquari<sup>31</sup>, no início de dezembro de 1541, no povoado dos *Abangobi*, a expedição foi recebida com as mesmas mostras de amizade. Em outro povoado Guarani cujo cacique era chamado *Tocangucir*, ficou um dia para descanso e verificações da localização. De acordo com a narrativa<sup>32</sup>, a direção seguida era oeste-noroeste e quarto-noroeste, e essa paragem estava a 24° e meio, “[...] apartados del Trópico un grado [...]”. Observa-se que, os primeiros contatos eram com os chamados índios principais (caciques), e depois com o restante da população, atingindo aquele grau de amizade que se viu ao longo dos relatos.

---

<sup>29</sup> Ibid, p. 109, em referência à sua expedição à Flórida.

<sup>30</sup> Ibid, p. 110.

<sup>31</sup> Conforme MAACK, R. *Geografía Física do Paraná. Curitiba*. Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 1968, p. 40, ver mapa de Ulrico Schmidel, onde aparece o Rio Ivai, podendo ser o mesmo, portanto.

<sup>32</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 110.



Partindo de um povoado chamado *Tugui* [não se encontrou nenhum dos nomes relacionados nos *Comentários*, nas outras obras consultadas] a expedição passou muitos dias sem encontrar outro, com muitos problemas para atravessar rios e caminhos difíceis e

[...] que para pasar la gente y caballos hobo dia que se hicieron diez y ocho puentes, así para los rios como para las ciénegas, que había muchas y muy malas; y asimismo se pasaron grandes sierras y montañas muy ásperas y cerradas de arboledas de Cañas muy gruesas, que tenían unas puas agudas y recias, y de otros árboles, que para poderlos pasar iban siempre delante veinte hombres cortando y haciendo el camino [...] <sup>33</sup>.

Em meados de dezembro, chegaram a outro povoado de Guarani, com a mesma recepção amigável, trazendo também, muitos alimentos. Nesse lugar havia muitos pinheiros, e esses indígenas faziam um tipo de canoa que é chamada de *carracas*<sup>34</sup>, e também construíam mastros de navios. Não se dá mais nenhuma explicação para esse fato, ou seja, qual a necessidade e se eles faziam uso desses mastros. A pinha (da qual faziam uma farinha), frutas e porcos selvagens eram a base alimentar dessas populações, mas também comiam macacos com os pinhões<sup>35</sup>.

Até o Natal a expedição permaneceu nesse local, festejando com as muitas espécies de alimentos que os indígenas lhes traziam. Depois, passou ainda por cinco povoados Guarani, sendo recebidos da mesma forma que nos anteriores, ficando nessa região até 1º de janeiro de 1542. A travessia se tornou difícil depois daí, passando por montanhas e canaviais, e nenhum povoado até o dia 5, e por isso, os registros dizem que essas pessoas sofreram muita fome, e que a única saída foi se alimentar de gusanos e da água da cana. Pelo que consta no relato, quando não encontravam povoações indígenas, eles passavam fome, o que denota a importância do relacionamento que estabeleceram com os indígenas durante todo o trajeto. Ou seja, o contato amigável não significava apenas que não precisariam entrar em guerra, mas que a ajuda material que esses grupos dariam para que a expedição pudesse fazer a travessia dos territórios com o mínimo de sofrimento, era desejável.

Entre 6 e 10 de janeiro, outros povoados Guarani foram encontrados, recebendo as mesmas manifestações amigáveis, mas também deixando mais claro a talvez incontável população que havia nesses territórios em meados do século XVI.

Um fato que prejudicou a expedição foi que os padres Armenta e Lebrón iam à frente, recebiam os alimentos, e quando o adelantado chegava com os outros homens, os indígenas

<sup>33</sup> CABEZA DE VACA op. cit., 1971, p. 111.

<sup>34</sup> Ibid, p. 111.

<sup>35</sup> Pecaris – *Docotyles labiatus*, segundo notas de CABEZA DE VACA, op. cit., p. 111.

não tinham mais o que lhes dar. Advertidos, os padres resolveram abandonar a expedição, mas foram trazidos de volta.

A viagem continuou por mais povoados de Guarani, o que confirma serem esses grupos os que predominavam no Guairá, e sempre com a mesma recepção, quando em 14 de janeiro chegam ao rio Iguaçu, onde também havia um povoado de Guarani. Dali, Cabeza de Vaca enviou dois índios com uma mensagem para Assunção. Muitos da expedição ficaram doentes nesse lugar, e foram deixados ali, num povoado perto do rio Piquiri, aos cuidados dos indígenas, do que se pode inferir a confiança que tiveram ao deixar esses homens no povoado. A confirmação que os relatos deixam é que esse lugar era habitado por “[...] toda gente muy doméstica y amiga de cristianos, y que com poco trabajo vernán en conocimiento de nuestra santa fé católica, como se há visto por experiência [...]”<sup>36</sup>.

Na continuação da viagem, Cabeza de Vaca<sup>37</sup> passou ainda por outros povoados, com a mesma recepção e chegou novamente ao rio Iguaçu, mas antes, “[...] anduvieron ocho jornadas de tierra despoblada [...]” novamente no ponto em 25º e meio, onde também não encontraram nenhum povoado. Eles ouviram dos índios que nesses rios havia ocorrido muitas mortes nos confrontos entre índios e portugueses enviados por Martim Afonso de Souza. Foi nesse ponto que Cabeza de Vaca resolveu dividir a sua expedição, para prevenir-se dos possíveis ataques dos indígenas. Uma parte seguiria com ele navegando pelo Rio Iguaçu até o Rio Paraná<sup>38</sup> e outra seguiria por terra, utilizando os cavalos que levavam, sempre pela margem do Iguaçu, e protegendo as embarcações. Algumas canoas foram compradas dos indígenas, que levaram 80 homens Rio Iguaçu abaixo e, embora não se tenha detalhes sobre essa transação, não houve confrontos, e puderam atravessar o rio. As duas frentes se encontrariam na confluência do Rio Iguaçu com o Rio Paraná.

Os viajantes tiveram muitas dificuldades para atravessar o rio, em virtude dos grandes saltos, desconhecidos por eles até então, o que lhes obrigou a sair com as canoas e, por terra caminhar até encontrar local prudente para navegar. Voltaram a navegar pelo rio, quando encontraram novamente outros povoados de Guarani, com os quais se comunicaram através de intérpretes. Ali, fizeram balsas para atravessar o rio Paraná e ir em direção à Assunção.

Quando os que foram deixados enfermos chegaram à Assunção, contaram que tiveram muitos problemas para atravessar o rio nas balsas, em virtude do tratamento violento recebido dos indígenas dessa região, demonstrando com isso, já terem essas populações, mostras de

---

<sup>36</sup> CABEZA DE VACA, op. cit., 1971, p. 116.

<sup>37</sup> Ibid, p. 117.

<sup>38</sup> Conforme GUZMÁN, op. cit., p. 69 435, lembra que o Paraná é um rio caudaloso, que, em Siete Corrientes, se junta ao Rio Paraguay a 120 leguas do Forte de Cabot, que sai à esquerda, e o Rio Paraná, à direita.

contatos com outros conquistadores. E assim, vê-se que a longa travessia do Guairá por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca proporcionou o conhecimento das inúmeras povoações Guarani, que, conforme ele fez questão de deixar claro, ocorreu de forma amigável. Também encontrou, conheceu e relatou, pela primeira vez, os Saltos do Iguaçu. Da parte dos indígenas, fica o que os registros informam, que não houve resistência à essa expedição, porque em todos os encontros, os europeus foram abastecidos com alimentos e outras coisas necessárias à sua passagem pelo território, embora ele tenha anotado também os encontros de outros espanhóis, com resultados devastadores, permitindo compreender que essas reações dos indígenas demonstram que já conheciam os europeus nem sempre os encontros foram amigáveis. Além disso, uma parte da expedição de Cabeza de Vaca que havia ficado retida no rio Paraná não teve tanta sorte, encontrando alguns grupos que se mostraram inimigos e procuraram matá-los ao longo da jornada como se lê no relato “[...] que los índios naturales del rio habían hecho gran junta y llamamiento [...] y con grande grita y toque de atambores los habían acometido, tirándoles muchas flechas y muy espesas, juntándose a ellos con más de doscientas canoas por los entrar y tomar las balsas, para los matar [...]”, mas com muito esforço, conseguiram escapar, embora fossem perseguidos por muitos dias. Foram salvos por um índio chamado Francisco que, segundo consta nos registros, tinha sido escravo e criado de cristãos (o que caracteriza o tipo de relacionamento entre ele e outros espanhóis), e, juntamente com algumas pessoas de seu grupo, socorreram a expedição. Nota-se que os indígenas (muitos grupos) se manifestaram contrários à entrada dos espanhóis, como essas investidas, ou guerras, demonstraram.

#### 2.1.4 A expedição de D. Diego de Sanabria

Após a morte de seu pai (D. Juan de Sanabria), D. Diego de Sanabria recebeu o título de *Adelantado* do Rio da Prata. Ele saiu do porto de Sanlucar, em 1552, e foi até a Ilha de Santa Catarina e Porto de Patos. Um dos seus navios naufragou na enseada de Patos e seus tripulantes tiveram que enfrentar “[...] feroces indios [...]”<sup>39</sup>, após o que, eles foram salvos pelo padre Leonardo Nuñez, jesuíta do Brasil, embora nesses escritos não haja maiores informações sobre esse fato. O que se pode compreender é que nesse primeiro encontro, os conquistadores não puderam fazer uma entrada tranquila para o território, porque, pelo que consta dos registros do padre Guevara, os indígenas não facilitaram esse processo, tentando

---

<sup>39</sup> GUEVARA, op. cit., 1882, p. 107

impedir que o fizessem. Outro dos navios da expedição seguiu para São Vicente (Brasil), voltando, depois de dois anos, por terra, em direção a Assunção, levando o primeiro rebanho de gado vacum. A jornada pode ter sido realizada pelo interior do Guairá, embora o autor não faça referências aos locais de passagem da expedição.

Mas, ainda outro dos seus navios, capitaneado por Hernando de Trejo, foi para Santa Catarina. Lá, Trejo fundou a colônia de São Francisco, que teve breve duração, no local onde deságua o rio desse nome, e algum tempo depois, partiu para Assunção. De acordo com Guzmán<sup>40</sup>, ele fez o mesmo caminho de Cabeza de Vaca, pelo Guairá: “[...] sale por el rio Itabucú; pierde mucha gente; es bien recibido por los índios; llega al rio Iguazú; pasa al de Tibajiba; se dirige al Huibay; entra la tierra de los aguarás y llega a la Asunción [...]. Guzmán<sup>41</sup> conta detalhadamente essa história, dizendo que, em 1552 a expedição trouxe Sanabria para assumir o posto de *adelantado* do Rio da Prata, chegou ao sul, na Lagoa dos Patos, e após terem todos os navios salvos Hernando de Trejo ficou como capitão em lugar de Juan de Salazar Espinosa, mas muitos se recusaram a aceitar a situação, partindo para o Brasil. Em 1553, ele fundou o povoado de São Francisco, no porto do rio São Francisco, localizada a 25°, ou mais ou menos 30 léguas de Cananea que, de acordo com os limites territoriais da época, pertencia a Portugal. Nesse ínterim “[...] Hernando de Trejo [...] se casó con doña María de Sanabria, hija del adelantado; de cuyo matrimonio hubieron y procrearon al reverendísimo señor don Fray Fernando de Trejo, obispo de Tucumán, que nació en aquella provincia [...]”. Em virtude das muitas dificuldades, em 1554 resolveram despovoar a região e partir para Assunção. Assim

[...] Salieron, pues, su camino la mitad de la gente con las mujeres por el rio Itabucú arriba, y la outra mitad por tierra, hasta la falda de la sierra; [...] Y así caminaron por el mismo camino de Cabeza de Vaca; hasta que un día, de los que iban por tierra con el capitán Saavedra (Cristóbal de Saavedra), sucedió que una compañía de soldados se dividió de los otros para buscar algunas yerbas y palmitos [...] y alejándose más de lo que debían [...] fueron hallados todos muertos de hambre [...].<sup>42</sup>

O historiador Guzmán<sup>43</sup> deixa mais claro o trajeto que essa expedição fez para chegar a Assunção, evidenciando que passaram pelo Guairá, já que ele diz que fizeram o trajeto de Cabeza de Vaca. Segundo ele, 32 soldados, quando saíram para procurar alimentos, acabaram se afastando muito do restante da expedição e não conseguiram voltar, entendendo-se que

<sup>40</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 472.

<sup>41</sup> Ibid, p. 207-210.

<sup>42</sup> GUZMÁN, *ibid*, p. 208.

<sup>43</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 373.

morreram de fome; em seguida, as duas partes da expedição, juntaram-se no rio em que viajava Trejo, seguindo por terra, subindo uma serra, onde no final, encontraram campos extensos, bastante povoados, sendo recebidos hospitaleiramente por populações indígenas. Assim como ocorreu com a expedição de Cabeza de Vaca, os primeiros contatos eram com o índio principal. Nesse ponto, foram recebidos por *Gapua*, o cacique do lugar (regiões do alto Rio Iguaçu). Talvez fosse importante pensar que, por terem ocorrido outras expedições para o interior desses territórios, essas populações indígenas já estivessem mais acostumadas com os estrangeiros, mas pode-se pensar, também, que esses grupos realmente não tinham intenção de enfrentá-los nesse momento, já que em outras ocasiões, muitos dos europeus foram, nas palavras dos cronistas, “traídos” por indígenas que os acompanhavam.

Ao chegar ao Rio Iguaçu a expedição de Trejo passou para o Rio Tibaji, “[...] que es la provincia más poblada de los indios guaraníes que hay en todas aquellas partes [...]”<sup>44</sup>, depois para o Rio Ivaí (Ubay), por onde desceu em canoas e balsas até outro povoado de indígenas, e mais alguns meses, chegou a Assunção. Em todas as regiões os viajantes foram bem recebidos pelos indígenas, como quer fazer crer os relatos do também conquistador Guzmán.

Consta que o governador Irala se irritou com a despovoação de São Francisco e aprisionou Hernando de Trejo em virtude desse fato. Para ele, era necessário que a Espanha tivesse povoações no litoral de Santa Catarina, para impor seu domínio sobre a região, impedindo também o avanço para o sul, realizado pelos portugueses.

No documento número XXI, que está depositado no Archivo General de Indias ecc. Patronato I, I, 1128 núm. 45, citado por Garay<sup>45</sup>, há uma descrição do Rio da Prata e da costa do Brasil, feita pelo piloto Juan Sanchez de Vyzcaya no ano de 1539. Nesse documento fica claro por que Irala teria se irritado com Hernando de Trejo. Diz ali

[...] vasallos del Rei de Portugal tienen poblado en la costa del Brasil muchos pueblos y el postrero hazia los limites de v. al<sup>a</sup>. Es de tres grados e médio es dela gobernacion de Martin Alfonso de Sosa dixerome uns portugueses que la tierra en el paraje del dicho pueblo tenian poblado otros dos pueblos y qye este año yban a poblar otros, parece que vuestra alteza debe de mandar poner Remedio de manera que los dichos portugueses no pueblen ni ynpidan las tuierras da v. al<sup>a</sup> [...].

<sup>44</sup> GUZMÁN, *ibid*, p. 209.

<sup>45</sup> GARAY, Dn. Blas. *Colección de Documentos Relativos á la História de América y Particularmente á la História del Paraguay*. Tomo I. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus, 1899, p. 192.

Percebe-se que havia preocupação com os limites territoriais e a necessidade de se manter o trânsito por aquela costa, considerando que os portugueses estavam avançando para povoações pela costa sul do Brasil. Garay<sup>46</sup> fala sobre a importância do Rio Ivaí, e

[...] mas adelante esta outro puerto muy bueno que llaman de san Francisco y es el mas cercano al campo y alôs yndios guaranis amigos de los vasallos de vuestra al<sup>a</sup>. [...] si el dicho puerto de san Francisco fuese poblado de yndios es la mejor entrada para hir a la tierra a dentro a la conquista del [...],

confirmando o valor dessa povoação, que apesar de estar localizado em Santa Catarina, as viagens iniciavam ali, passando pelo território do Guairá, em direção a Assunção.

De acordo com essas informações, a fúria de Irala contra Trejo permite ter uma idéia da forma como os espanhóis estavam se impondo nesses territórios. Se até mesmo contra seus próprios conterrâneos a violência era sentida, porque precisavam manter o domínio, nesse caso no litoral Atlântico, é possível imaginar o que não estavam dispostos a fazer para impor seu governo sobre o Guairá. Mas os registros que se têm sobre essa expedição não dão outras pistas para compreender melhor a posição dos indígenas, apenas levam a pensar que os espanhóis foram bem recebidos, e que quando não encontravam povoados indígenas, a fome assolava a expedição, levando inclusive à morte de muitos deles. Mesmo assim, essa expedição passou pelo Guairá, mantendo nos encontros com as diversas povoações Guarani, contato amigável, como demonstram os registros.

### 2.1.5 Rui Díaz Melgarejo e Alonso Riquelme no Guairá

A partir de meados do século XVI, vários acontecimentos no Guairá ocorreram em virtude dos confrontos entre os espanhóis e os indígenas. Os espanhóis estabeleceram o sistema de *repartimento*<sup>47</sup> da terra e o de *encomendar* os indígenas, por meio do qual, o *encomendero* obrigava-se a promover a cristianização na fé católica, dessas populações (os *infieles*) nos territórios conquistados. Pelas *Leyes de Indias*, os indígenas apareciam como

<sup>46</sup> Op. cit., 1899, p. 194.

<sup>47</sup> *Encomienda e Repartimiento* – “Desde los primeros años de la colonización, los reyes distribuyeron el territorio sojuzgado en lotes (repartimientos) y la población autóctona en grupos (encomiendas), y los dieron en premio o botín a los conquistadores. [...] el repartimiento se refiere a la tierra y la encomienda a los habitantes”, segundo J.G. Leguía, *Historia de América, Parte I, Tomo II*. Pg. 222, in: SANCHEZ, 1972, T. I., p. 381. AZARA, Félix de. *Descripción é História del Paraguay y del Río de la Plata*. Tomo I. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847 (obra póstuma), obra concluída em 1806, p. 252-260, traz informações para melhor compreensão sobre o sistema de trabalho na América espanhola.

indivíduos sem condições de governarem-se por si mesmos<sup>48</sup>, por isso, foram *encomendados* pelos conquistadores, cujo principal objetivo era a utilização do trabalho dessas populações. A *encomienda* foi, portanto, uma instituição de direito legal que os conquistadores receberam do rei espanhol. O *repartimiento* é outro termo usado da mesma forma que a *encomienda*, mas, ambos, eram usados indistintamente, caracterizando a base da demarcação e distribuição de terras nas colônias, recebidas ou por fidelidade ao rei, ou, prêmio por serviços pessoais. Ao longo desta pesquisa, será possível notar o resultado da utilização dessas formas de trabalho e como os conquistadores se organizaram para ser beneficiados com tais possibilidades.

Nesses primeiros anos da conquista, o repartimento e a encomienda, foram intensificados, potencializando os problemas entre os indígenas e os europeus, fato que pode ser compreendido, mesmo que isso não fique claro nos escritos dos cronistas. Portanto, é importante observar os acontecimentos que se deram com a vinda de novos conquistadores. Entre os principais nomes está o de Rui Díaz Melgarejo, que veio de Sevilha na expedição de Cabeza de Vaca, junto com seu irmão Francisco de Vergara, entre muitos outros cavaleiros, fidalgos e soldados. Como capitão do *adelantado* Cabeza de Vaca, Melgarejo fez diversas entradas pelo interior da Província do Rio da Prata. Viajou para o Brasil, depois de fugir da prisão, por problemas que enfrentou entre os espanhóis, a mando do *Adelantado* Juan Domingo Martinez de Irala. Ele atravessou o território dos Guaraní, no Guairá, e entrou no território dos Tupis “[...] que son antiguos enemigos de los guaraníes y castellanos, y amigos de los portugueses [...]”<sup>49</sup>, que o prenderam e a seus companheiros. Um deles, chamado Flores, foi morto e comido pelos índios (os Tupi), deixando claro que seu contato com eles seria bastante difícil, em virtude do que pudessem esperar os espanhóis.

Melgarejo foi salvo por uma índia que fazia a guarda de seu cativo, o que permite imaginar que entre os próprios grupos indígenas, podiam-se encontrar alguns com os quais se pudesse manter contato *amistoso*<sup>50</sup>. Ele partiu para São Vicente onde se casou com D. Elvira, filha do capitão Bezerra, da expedição de Sanabria. Quando algum tempo depois retornou a Assunção, foi bem recebido por Irala e, a mando do governador, partiu para formar uma cidade na província do Guairá. Guzmán<sup>51</sup> diz que “[...] Y llegado al puerto del Paraná, pasó a la otra parte de aquel rio, a los pueblos que llaman de Guayrá; y consideradas las partes y disposición de aquella tierra, hizo su fundación tres léguas más arriba de la villa de Ontiveros,

---

<sup>48</sup> SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edición. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972, p. 380.

<sup>49</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 192.

<sup>50</sup> Grifo nosso, e considera-se o termo amistoso, nesse caso, posicionando o olhar do conquistador em relação ao indígena.

<sup>51</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 220.

y la llamo Ciudad Real [...]”, que ocorreu no início de 1557. O encontro com os indígenas dessa região se deu nesse momento, com o *empadronamento*<sup>52</sup> para essa cidade de “[...] 40 mil fuegos [...]”<sup>53</sup>, e ele mesmo explica que cada *fogo* compunha-se de uma família, que foram dados por *encomienda* para 60 espanhóis daquela região. Segundo Guzmán, eles viveram em tranquilidade com os indígenas, sendo abastecidos por eles dos frutos da terra, inclusive de algodão e açúcar. Em primeiro lugar, eles fundaram cidades nas províncias dominadas pelos indígenas (Guarani, nessa região), e viviam em tranqüilidade com eles, embora não se possa esquecer que os espanhóis estavam marcando seu domínio, e talvez os indígenas não o pudessem impedir. Além disso, parece que, para os indígenas não havia problemas em trabalhar para que os conquistadores tivessem garantido os alimentos e outras coisas necessárias para sua sobrevivência. Mas pode-se pensar que, talvez, os registros tenham sido feitos com propósito de fazer parecer que tudo ia bem. E também que os indígenas não tivessem outra maneira a não ser a de aceitar, pelo menos aparentemente, essa condição de subordinados. Pode-se pensar também que os Guarani tinham interesses nos objetos trazidos pelos espanhóis<sup>54</sup> e contavam com sua ajuda em suas guerras contra os grupos Tupi aliados dos portugueses de São Paulo. Complexificando assim os eventos históricos ocorridos no Guairá.

Enquanto Melgarejo esteve no Guairá, governava seu irmão Francisco de Vergara. Naquela região, muitos indígenas se rebelaram e por isso o governador viajou com quatro capitães para resolver os problemas e quando estava perto do Rio Aguapey, um índio vindo do Guairá, trouxe uma carta de Melgarejo relatando o que estavam enfrentando com os rebeldes. Alonso Riquelme foi enviado em seu socorro, por volta de 1561

[...] Alzando luego el cerco que tenían sobre el pueblo, los fue castigando y dando alcance en sus pueblos, prendiendo algunos principales en quienes hizo justicia: y corriendo por aquella tierra, salió a los campos que llaman de don Antonio, donde los pueblos de aquella comarca le pidieron la paz, y él les otorgó. De allí bajó al río del Ubay, que es muy poblado, y despachando mensajeros le salieron muchos cacique pidiéndole perdón del delito pasado [...]”<sup>55</sup>.

<sup>52</sup>De acordo com a REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I e II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, é a “acción y efecto de empadronar; padrón – Il nomina de los vecinos o moradores de un pueblo”, significando que as populações indígenas foram contadas pelos espanhóis, para proceder-se ao repartimento dos mesmos entre eles. Disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>. Acesso em 13/07/2009, 15 horas.

<sup>53</sup>Segundo GUZMÁN, op. cit., p. 221, cada fogo pode conter mais do que apenas a família nuclear.

<sup>54</sup> Ver SAHLLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003, a discussão sobre a questão das sociedades darem novos significados às coisas, e sobre a reação das populações em relação à chegada dos estrangeiros.

<sup>55</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 244.



De acordo com os registros, Riquelme ia por todo o território, pacificando, de acordo com o interesse dos espanhóis, a muitos deles, embora os que estavam mais para o interior insistissem na guerra. O resultado registrado por Guzmán foi que, muitos dos indígenas foram mortos e outros presos.

Assim, Melgarejo voltou para Assunção em 1563<sup>56</sup>, ficando em seu lugar, no governo da Província do Guairá, o capitão Alonso Riquelme de Guzmán, onde viveu em paz até 1569. Foi por essa ocasião que, na Ciudad Real, começou uma rebelião entre os espanhóis, e Rui Díaz Melgarejo voltou ao Guairá, agora para socorrer a Riquelme. Aqui se vê que, as disputas eram acirradas entre os próprios conquistadores.

Em 1570, ocorreu outro conflito, agora entre Riquelme, que voltou para assumir o governo de Guairá, e Melgarejo que governava essa província. Constata-se assim, tanto o capitão Melgarejo quanto o capitão Riquelme, fizeram várias viagens, inclusive permanecendo por algum tempo na Província do Guairá, o que caracteriza o domínio sobre esses territórios pelos espanhóis.

#### 2.1.6 No tempo do governador Domingo Martinez de Irala

Alguns indígenas do Guairá foram a Assunção pedir socorro contra os Tupis, seus inimigos, que estavam roubando e matando a muitos Guarani, coisa que era feita com a ajuda dos portugueses do Brasil. Esses fatos<sup>57</sup> estavam acontecendo por volta de 1552, quando o governador Irala resolveu ir pessoalmente à Província do Guairá, por terra, passando por muitos povoados e, sempre com um bom relacionamento com os indígenas. Ao chegar ao Rio Paraná, perto “[...] a un puerto que baja sobre aquel gran salto [...]”, consta que Irala foi recebido pelo cacique *Guayrá*, que convocou os índios da região para ir com ele até os Tupis, onde travaram batalha, perto do Salto do *Ayembí*<sup>58</sup>. Na volta, ele passou pelo Rio Piquiri, encontrando os indígenas daquela região. A conversação que teve com esses grupos mostra que nem sempre era possível confiar que não haveria guerra. Segundo Guzmán, nesse encontro os espanhóis procuraram saber dos índios qual a possibilidade de navegarem pelo rio sem problemas. De um deles, um mestiço que se chamava Hernando Díaz, que também era um *lengua*<sup>59</sup> receberam informação de que não teriam problemas para a passagem, mas

---

<sup>56</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 246-265.

<sup>57</sup> Conforme registrou GUZMÁN, *ibid*, p. 196-198.

<sup>58</sup> Rio Tietê, segundo GUZMÁN, op. cit. 1836-1969, no Índice Geográfico e Histórico, p. 309.

<sup>59</sup> De acordo com GUZMÁN, *ibid*, Índice Geográfico e Histórico, p. 358, Hernando Díaz era intérprete dos índios, por isto refere-se a ele como “lengua”. Ver também ARNAUD, Vicente Guillermo. Los Interpretes en el

estava enganando os espanhóis, que perderam muitas embarcações. A explicação desse historiador é que esse moço era “[...] mal inclinado y de peor intención [...]”, classificando dessa forma, seu caráter. O próprio Guzman explicou que anteriormente, Díaz havia sido castigado pelo general Irala, logo, estava revidando com essas informações que levariam à morte de muitos espanhóis. Considerou-se uma cilada o que fizeram os índios aos espanhóis, o que culminou provavelmente, em confronto armado entre eles.

A vida de Irala, assim como seu governo do Paraguay, está ligada em muitos momentos à Província do Guairá. Foi ele que enviou Nuflo de Chaves para defender os indígenas Guarani dessa província, em seus conflitos contra os Tupi, e também mandou fundar as cidades da região.

#### 2.1.7 Notícias da passagem de escravos indígenas pelo Guairá

Os fatos relatados aqui ocorreram nesses mesmos anos, por ocasião do governo de Domingo Martinez de Irala, em que se registrou a venda de escravos indígenas conforme os estudos de Gandia<sup>60</sup>, o que pode ter ocorrido nos territórios do Guairá. O autor diz que, no ano de 1553, Juan de Salazar escreveu em São Vicente, que lamentava o fato de que

[...] desde la Asunción vienen portugueses con esclavos y que ‘los de otras generaciones que traen conscienten los bender y llebar a Portugal y a donde quieren porque los que los traen dizen y prueban que los há dado por esclabos el capital domyngo de yrala [...].

idéia essa mencionada pela primeira vez, nas fontes analisadas. E continua:

[...] Diego Tellez de Escobar confirma en su ‘Relación’ a Antonio de la Trinidad con estos párrafos: ‘en este tiempo vino un português de la costa del Brasil que truxo algund hierro y hrramientas para contratar en la tierra y el mismo domyngo de yrala le Dio yndios, e yndias de a tierra a trueco de aquel hierro que él traya y Dio lugar que sacase del pueblo e de la tierra yndios e yndias para llevar al Brasil [...].

Essas palavras mostram que Irala praticava esse comércio, e que os portugueses certamente passaram, ida e volta, pelos territórios do Guairá. Ele deu licença a traficantes de

---

Descubrimiento, Conquista y Organización del Río de la Plata. Buenos Aires: Talleres Gráficos Didot S.R.L., 1950.

<sup>60</sup> GANDIA, Enrique de. *Indios e Conquistadores en el Paraguay*. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1932, p. 83-85.

escravos, vindos do Brasil, para buscar índios no Paraguai, questão não tão relevante como o trânsito que era feito no Guairá, e o encontro com os indígenas. Existe um documento citado por Gandia<sup>61</sup>, escrito por Irala escreveu, em 1556, ao marquês de Mondeju, em que procurou livrar sua culpa no episódio, dizendo: “[...] algunos portugueses [de São Vicente] han venydo al Río del Paraná donde han estado alguns conquistadores médio alçados y de allí han llevado algunos yndios e yndias [...] vendidolos como esclavos [...] los han llevado [...] en la dicha costa del Brasil”. Ele completou dizendo, que havia mandado povoar a região, para evitar que ocorressem novamente tais fatos, inclusive solicitando ao marquês que o embaixador em Portugal recorresse a Cédulas, proibindo essas injustiças, e mandando libertar os que tinham sido levados cativos.

Pode ser uma contradição essas falas. O fato é que Gandia<sup>62</sup> confirma que, na época, venderam-se índios e índias como escravos. Inclusive a Cabeza de Vaca.

## 2.2 A ocupação do espaço: a implantação das cidades espanholas no Guairá

“Después está Guaira, ciudade enferma,  
Y que por Melgarejo fue poblada.  
Mal él, podrá decir cierto Belerma,  
De mi para mi mal fue engendada.  
Es causa que Rui Díaz nunca duerma,  
La gente chiriguana levantada,  
Por donde el pobre viejo anda a la guerra  
Com tino, por tener en paz la tierra”.<sup>63</sup>

Nos parágrafos anteriores já se fez menção sobre a fundação das cidades pelos espanhóis no Guairá, e a partir deste momento, analisa-se alguns detalhes sobre esse fato, para a compreensão do encontro dos europeus com as populações indígenas da região. Registros, como os de Guzmán<sup>64</sup>, são importantes para essa história, porém, é necessário compreender que esse historiador também foi um conquistador, e escreveu baseado em informações orais de sua família, e das próprias experiências, sendo indispensável, ficar atentos a dados que possam ter sido interpretados em favor de seus interesses.

<sup>61</sup> Op. cit., 1932, p. 85-86.

<sup>62</sup> Ibid, 1932.

<sup>63</sup> Trecho do poema sobre a história da colonização espanhola de CENTENERA, Don Martín del Barco. *La Argentina o Conquista del Río de la Plata*. Poema histórico. Colección Pedro de Angelis. Prólogo y Notas de Andrés M. Carretero. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1836, p. 43.

<sup>64</sup> Op. cit., 1836-1969.

### 2.2.1 A formação das cidades

O Guairá foi extensamente explorado pelos espanhóis até o início do século XVII, e as cidades foram fundadas no território, algumas para manter o domínio em regiões que já estavam sendo invadidas pelos portugueses do Brasil.

Garcia de Vergara fundou a mando do governador Domingo Martinez de Irala, em 1554, a vila de Ontiveros em 1554, na margem oriental do rio Paraná, que ficava bem próxima dos Saltos (Cataratas do Iguacu, na região de *Canindeyú*, um povoado (*pueblo*) de índios da Província do Guairá. Guzmán<sup>65</sup> menciona a importância dessa cidade para o conforto dos espanhóis que viviam na região, e porque era passagem para o Atlântico, o que facilitava a comunicação com a Coroa espanhola, além de enfatizar o fato de se evitar os danos que os portugueses causavam com suas investidas contra os cários (Guarani). Nota-se que essa atividade dos portugueses já era combatida desde o início da década de 1550, e que os índios desse lugar são descritos como amigos dos espanhóis.

Entre as ordens da Coroa que vinham estabelecidas nas Cédulas Reais, o governador devia governar em favor dos conquistadores<sup>66</sup>, no sentido de repartir e encomendar os indígenas. Procedendo ao *empadronamento*, Irala obteve um número de 27.000 indígenas, que ficaram sob as ordens dos espanhóis, trabalhando em suas lavouras, também nas minas, para onde foram levados, e na colheita da erva-mate.

A província do Guairá foi, por muito tempo, preocupação dos governos de Assunção. Ainda no governo de Irala, havia inquietação com o grande número de espanhóis que estavam nas colônias do Rio da Prata o que resultou na formação de povoações justamente para acomodar quem quisesse ir para tais lugares. O governador enviou a Nuflo de Chaves para reduzir os indígenas e impedir o avanço dos portugueses, nas regiões dos rios Paraná acima, Paranapanema, Tibagi. Ali encontrou numerosa população indígena com os quais, registrou de Guzmán<sup>67</sup>, procurou colocar em ordem a terra e estabelecer a paz.

Com as mesmas ordens, Ruy Díaz Melgarejo fundou, na desembocadura do rio Piquiri, lugar de passagem para o Brasil, em 1551, uma povoação a oriente do rio Paraná, que se chamou Ciudad Real del Guayrá, conforme escreveu Guzmán<sup>68</sup>. O mesmo autor anteriormente já havia feito menção dessa cidade, que estava localizada a 30 léguas do grande

---

<sup>65</sup> Ibid, p. 201.

<sup>66</sup> Ibid, p. 210-215.

<sup>67</sup> GUZMÁN, 1836-1969, p. 217-219.

<sup>68</sup> Em GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 421, há explicações sobre essa cidade.

Salto do Rio Iguazu, e que se chamava **Puerto Real**, na “[...] boca do Rio Piquiri [...]”<sup>69</sup>, e, a 12 léguas do Rio Ivaí. O lugar era formado de bosques, mas os ares eram considerados ruins por estar sob o Trópico de Capricórnio, ou seja, lugar de muito sol e calor que, em março, provocava febres, sonolência, provavelmente a malária, doenças que afligiam os indígenas conforme explicou o mesmo autor. Nesse lugar densamente povoado por indígenas, esse autor escreveu que as populações espanholas foram servidas e respeitadas pelos indígenas<sup>70</sup>, lembrando que eles tinham sido empadronados.

A formação de Ciudad Real mudou completamente o ambiente físico e populacional da região. Ali os espanhóis se estabeleceram e repartiram entre eles os moradores indígenas do lugar, para servi-los.

No início de 1577, Juan de Garay, como tenente de governador das províncias do Rio da Prata<sup>71</sup> recebeu a designação para continuar a conquista e formar povoações ou cidades, para “[...] que enfrenasen os naturales [...]”. Essa forma de expor a questão leva a uma reflexão, pois a idéia de que precisavam “colocar um freio” nos naturais, enfrentá-los, ou seja, impedi-los de avançar para os espanhóis mostra a preocupação dos mesmos com a sua situação no Guairá, em contradição a Guzmán<sup>72</sup>, citado anteriormente, que registrou que os indígenas serviam e viviam bem com os espanhóis. A fundação de cidades poderia ser uma solução, além da necessidade de colonizar a região.

Dessa forma Melgarejo foi enviado para abrir outra povoação na província do Guairá, em uma região que pensavam haver minerais, fato que ocorreu no início de 1577, quando fundou a duas léguas do rio Paraná, a Villa Rica Del Espíritu Santo. Verificado, posteriormente, que a região era pobre, ele a trasladou para o rio Ivaí na foz do rio Corumbatay<sup>73</sup>. Aguirre<sup>74</sup> lembra as disputas que havia entre Riquelme e Melgarejo, rica antiga, desde a prisão e o exílio de Cabeza de Vaca, que fora apoiado por aquele, competindo pelo poder na Província do Guairá, em que estavam as duas cidades espanholas. Segundo Aguirre, quando em 1575, Melgarejo voltara a ser o chefe em Guairá, recebera ordem<sup>75</sup>, para fundar a Vila Rica. No entanto, já havia na região, a vila de Guarajibera em que os indígenas estavam rebelados e a ordem era para “[...] la redución de los naturales, que están rebelados

---

<sup>69</sup> Op. cit., 1836-1969, p. 70.

<sup>70</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 221.

<sup>71</sup> MACHAIN, op. cit., 1936, p. 223.

<sup>72</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>73</sup> Conforme observou GUEVARA, op. cit., 1882, p. 267.

<sup>74</sup> AGUIRRE, J. Francisco. *Discurso Histórico*. Colección Austral – Editora Espasa-Calpe Argentina S.A.: Buenos Aires, 1947, p. 157-158.

<sup>75</sup> Melgarejo recebeu ordem do governador Juan Ortiz de Zárate, segundo Guevara, op. cit., 1882, p. 713, como está nos registros oficiais.

[...]”. Foi nesse lugar que os espanhóis encontraram algumas pedras que acreditavam ter muito valor, e o nome Vila Rica está relacionado a esse fato, pois assim chamaram a antiga povoação de *Guarajibera*. Em 1592<sup>76</sup>, Rui Díaz de Guzmán mudou Vila Rica para o Rio Ivaí, com a informação de que “[...] hay más de 200 mil índios guaraníes poblados así por rios y montañas como en los campos y piñales que corren hasta San Pablo, población del Brasil [...]”, informações que novamente enfatizam o grande número de indígenas no Guairá<sup>77</sup>.

### 2.3 Os encontros culturais no Guairá

Os primeiros anos do século XVII também foram marcados por disputas entre os indígenas do Guairá e os espanhóis e portugueses. Os espanhóis tinham o costume de utilizar o trabalho dos indígenas, as *encomiendas*<sup>78</sup>, e embora houvesse também um apelo às autoridades para proibir o serviço pessoal, como era chamada a forma de utilizar o trabalho indígena, seja em serviços domésticos ou na agricultura, na colheita da erva (*yerba*) mate ou outro mais que se pudesse necessitar, e que tenha sido deixado claro nas cédulas reais que vinham regulamentando a questão, era frequente essa prática.

Envolvidos com essa questão e a busca de seu fim, estavam os missionários jesuítas, como se pode observar nos documentos escritos por eles, ou nas cartas anuais que enviavam aos superiores e nos informes às autoridades sobre os acontecimentos do Guairá, e os pedidos de providências com relação a eles<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> AGUIRRE, op. cit., 1947, p. 177. Conforme GUZMÁN, op. cit., Índice Geográfico e Histórico onde está o verbete sobre Vila Rica, lê-se que quando foi fundada em 1575, o foi a 50 leguas da boca do rio Huiba (Ivaí), e que em 1576 foi trasladada para uma região mais perto do Rio Corumbataí, permanecendo ali até 1632. Quando iniciaram os ataques dos mamelucos, alguns dos vizinhos foram para o Rio Xexuí, no Rio Paraguai, e em 1677 mudaram definitivamente para região perto de Assunção.

<sup>77</sup> Em CORTESÃO, op. cit., 1951, 163, 173, em documento de autor anônimo, há informações sobre a formação das cidades no Guairá, sua localização, número de habitantes espanhóis, o clima, fertilidade do solo e animais. Lugar apresentado ao mesmo tempo como ruim para os espanhóis e indígenas, mas também, como abundante em possibilidades de vida. Os espanhóis são descritos como gente ruim e desonesta.

<sup>78</sup> REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I e II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, p. 825. “En América, institución de contenidos distintos según tiempos y lugares, por la cual se señalaba a una persona un grupo de indios para que se aprovechara, ya del trabajo de ellos (encomienda originaria o de servicios), ya, posteriormente, de una tributación tasada por la autoridad (encomienda de tributo), y siempre con la obligación, por parte del encomendero, de procurar y costear la instrucción Cristiana de aquellos indios”.

<sup>79</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951.

### 2.3.1 O cacique *Oberá* faz rebelião contra os espanhóis

As diferenças e disputas entre populações indígenas também aparecem como questão marcante no Guairá. Em relação a isso, um fato chama a atenção no início da cidade de Vila Rica. Havia naquela região um cacique chamado *Oberá*<sup>80</sup>, que se dizia o redentor da nação Guarani e conclamava todos para lutar contra os espanhóis. Guevara, que faz o relato, acredita que a intenção desse cacique seria atrair a atenção de todos para servi-lo, conseguindo o apoio de muitos índios até mesmo de regiões distantes do Guairá, embora não se possa dizer que realmente fosse essa a intenção de *Oberá*. É possível perceber que, a luta dos indígenas contra as intenções dos espanhóis (pelo menos o grupo liderado por *Oberá*) era intensa, visto que estavam declarando claramente, que ela não seria fácil. E também que *Oberá* estava se colocando como “redentor” em referência ao Salvador Cristo, o que leva a pensar em assimilação a ensinamentos da fé católica pregados pelos padres<sup>81</sup>.

Os habitantes das cidades foram prevenidos e para lá se dirigiu o capitão Garay com 130 soldados, que na interpretação do padre Guevara<sup>82</sup> enfrentou os indígenas em sangrenta luta, pois, “[...] Venian desnudos, trayendo dardos en las manos: arma que se compone de un palo largo, cuyo remate es en punta endrecida [...]”. Os inimigos, os indígenas estavam fazendo o que naturalmente tinham que fazer, ou seja, defender-se dos estrangeiros que estavam entrando em suas terras e contra sua gente.

Nas conversações que se fizeram, *Tapuy Guazú*, um dos chefes indígenas, após uma primeira derrota diante dos espanhóis, fez um conselho de guerra e essas são suas palavras: “[...] Oído las promesas de *Oberá* capitan general de las tropas que se han juntado para meter guerra al español, y exterminarlo de nuestros dominios, las cuales desde el principio fueron para mi sospechosas [...]”, querendo com isso dizer que não estava convencido do poder de *Oberá* e talvez da necessidade da guerra. Ele diz “[...] si *Oberá* podría adosenarse con aquellos dioses de nuestra nacion, que compran con embusteria la divinidad, prometiendo su poder rayos que nunca vemos fulminarlos [...]”, ou seja, não acreditava que esse cacique pudesse destruir os espanhóis, nem em seus poderes para isso.

Não se tem uma referência da veracidade da fala e ações dos indígenas, e convém imaginar se o Padre Guevara também não idealizou tal colóquio. Andrés Lamas, na

<sup>80</sup> GUEVARA, op. cit., 1882, p. 268.

<sup>81</sup> Novamente volta-se para o que demonstrou SHERIDAN, op. cit., 1994, p. 126, quando diz que em muitas ocasiões os indígenas utilizavam os símbolos ou rituais de origem espanhola.

<sup>82</sup> GUEVARA, op. cit., p. 268-270. *Ipané* pertencia à Província do Paraguay, conforme GUZMÁN, op. cit., Índice Geográfico e Histórico, p. 401.

Introdução a Guevara<sup>83</sup> escreve que o padre vivia como seus contemporâneos na atmosfera moral da sua época, e da ordem religiosa (jesuítas) a que pertencia, e que é “[...] superabundante de sus narraciones, la gran estension dada á episodios de menor importância [...] distraen por las noticias insignificantes que agrupa, de los verdaderos hechos saltantes que es preciso recojer entre esa crônica [...]”. Portanto, a leitura dessa obra deve ser feita com olhar mais atencioso para os padrões morais, religiosos, da época em que o autor escreveu, embora se possa concordar que as disputas aconteceram. Apesar disso, essas questões deixam claro como os ânimos estavam sempre acirrados entre os habitantes do Guairá. Juan de Garay conseguiu sujeitar os *pueblos* Guarani com muito derramamento de sangue de acordo com esse mesmo autor, e dessa forma, atingiu as tropas de *Oberá*, até o ano de 1579, quando eles foram vencidos. E assim estava toda a região de Ciudad Real e de Vila Rica no Guairá.

### 2.3.2 Atritos entre os Tupi e os Guarani

Grande parte das guerras e disputas que marcaram os séculos XVI e XVII no Guairá, ocorreu entre os Guarani, que correspondiam à maior parte da população na região, em virtude dos problemas que tinham com os Tupi, conforme aparece na documentação, mas, pode também ter havido conflitos entre as populações Guarani e os Kaingang. Guzmán<sup>84</sup> conta que, por ocasião do ano de 1592, o governador Irala teve que intervir nesses problemas na Província do Guairá. Essa história é citada mais de uma vez neste trabalho, mas é possível revê-la em seus diversos aspectos. Segundo o relato do governador, por essa época, alguns índios “principais” dos Guarani dirigiram-se à Assunção, para pedir ajuda contra os Tupi, que os atacavam com frequência, e com a ajuda dos portugueses. Isso demonstra que os portugueses de São Paulo já estavam investindo contra o Guairá, além de ser possível analisar também que, se os chefes indígenas se dirigiam ao governo de Assunção solicitando socorro contra seus inimigos, significa que, ou estão reconhecendo o governo espanhol entre eles, ou então, essa seria uma estratégia para utilizarem-se das forças espanholas contra seus inimigos, possibilitando então, uma visão mais ampla das relações interculturais no Guairá.

Em virtude dos problemas entre os indígenas, Irala, “[...] determino ir personalmente a aquella província a remediar estos agravios [...]”<sup>85</sup>, onde conheceu *Guayrá*, o cacique, que também juntou sua gente para seguir Irala até os povoados dos Tupi, onde, após vários dias de

---

<sup>83</sup> Op. cit., 1882, p. x.

<sup>84</sup> Ibid, p. 196-220.

<sup>85</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 197.



guerra “[...] prometieron de no hacer guerra a los índios guaraníes de aquel gobierno, ni entrarles por sus tierras [...]”. Embora as informações sejam de que os Tupi não mais atacariam os Guarani do Guairá, parecendo mesmo que teria sido fácil convencê-los, pode-se imaginar que os espanhóis tiveram muito trabalho para conseguí-lo, porque, mesmo não estando tão claro nesses relatos, os indígenas sempre tiveram reações violentas contra os europeus. Mesmo que nesse caso o propósito fosse o de livrar os Guarani dos agravios que tinham com os Tupi, os confrontos não foram diferentes.

Por outro lado, embora os Guarani do Guairá tenham recorrido aos conquistadores espanhóis de Assunção para ajudá-los contra os Tupis, ainda eram visíveis os descontentamentos deles contra os espanhóis. Portanto, mesmo entre espanhóis, indígenas ou mestiços, nem sempre se teve garantia de boa convivência.

### 2.3.3 Novas rebeliões dos índios contra os espanhóis no Guairá

Muitos dos acontecimentos já relatados permitem compreender parte dos encontros dos indígenas com os espanhóis no Guairá. Mas, analisando-se ainda nos registros de Guzmán<sup>86</sup>, quando Irala, em 1555 recebe a nomeação de governador, alguns documentos beneficiavam os conquistadores, dando-lhes direitos para “[...] encomendar y repartir los índios naturales de aquella tierra [...] y finalmente para hacer todas las ordenanzas necesarias em pro y utilidad así de los españoles y encomenderos, como de los índios naturales y encomendados [...]”. Ou seja, cabia aos espanhóis o domínio completo sobre as populações indígenas, porque os conquistadores receberiam terras e os índios que seriam repartidos entre eles, e lhes serviriam com o trabalho que só se pode pensar que foi feito de forma forçada. O historiador Guzmán não questiona em seus registros, em momento algum, o propósito dessas leis, em razão da liberdade ou não das populações indígenas escolherem se queriam ou não servir aos conquistadores. De acordo com sua história, Irala não se intimidou e enviou quatro pessoas para fazer a contagem dos índios das comarcas que foram distribuídas entre os conquistadores. Segundo os relatos, em determinadas regiões não o fizeram por considerarem os indígenas muito violentos e impossíveis de serem repartidos. No momento em que Irala fazia essa partilha e constata que muitos dos indígenas eram extremamente bravos e que seria difícil contá-los para seu serviço, ele é caracterizado como um homem bom e generoso por Guzmán<sup>87</sup> que diz:

---

<sup>86</sup> Ibid, p. 214.

<sup>87</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 214.

“[...] deseoso de hacer bien a todos, determino repartir aquellos que habia, lo mejor que pudiese; [...]. Y así hizo el repartimiento de estos índios en 400 encomenderos, no con poca compasión que de ellos tenía, por haberles costado tan grandes y excesivos trabajos y misérias como él les había visto pasar en aquella tierra [...]”.

Relato que não deixa dúvidas a respeito das dificuldades que esses homens passaram na época da conquista, pela falta de produtos até de primeira necessidade. Mas, a história está sendo vista apenas de um lado, mesmo que se dissesse que fariam o que fosse necessário para o benefício dos indígenas, como está no documento recebido por Irala, citado anteriormente. Ou como se diz que foi feito após terem repartido os índios “[...] hizo ciertas ordenanzas muy convenientes al bien de los índios y encomenderos de la provincia [...]”<sup>88</sup>, organizando todas as coisas necessárias para o governo da província. Mesmo assim, não revela o que seria feito para o bem dos índios. O que mais se buscava, era o benefício dos espanhóis, embora não se possa deixar de pensar que a vinda de populações européias para a América, no século XVI, tenha trazido novidades da civilização européia, mas por ora, não se fará tal apontamento. Mas, em virtude das dificuldades que havia entre os espanhóis, e para permitir uma melhor qualidade de vida, Irala organizou as povoações (cidades) no Guairá, em demonstração de preocupação para com os conquistadores.

Foi nesse momento também que Alonso Riquelme de Guzmán, o pai de Guzmán, o historiador que fez esses registros, foi nomeado como “[...] alguacil mayo de la provincia [...]”<sup>89</sup>, o que permite compreender a forma como esse historiador direcionou seus relatos.

Após a morte de Domingo de Irala, em 1556, e no governo de Gonçalo de Mendoza, alguns acontecimentos no Guairá vão fazer com que os espanhóis se armem contra os indígenas, para manter o governo naquela província, significando que, para essas populações, a presença espanhola não tem significados positivos. Guzmán<sup>90</sup> diz que depois de várias guerras contra os indígenas de várias províncias da região do Rio Paraguay e Rio Paraná, o governador mandou quatro capitánias por toda a terra para conter todos os indígenas “[...] castigando a los rebeldes y obstinados, y recibiendo y pacificando a los que viniesen de paz [...]”, demonstrando que os espanhóis frequentemente utilizavam a força para impor seu domínio. Os indígenas, por seu lado, rebelavam-se o quanto podiam, sem trégua.

<sup>88</sup> GUZMÁN, *ibid*, p. 215.

<sup>89</sup> GUZMÁN, *ibid*, p. 215. O termo **alguacil** significa “Cargo honorífico que había en las ciudades y villas del reino y en algunos tribunales, como las chancillerías, y al cual correspondían ciertas funciones”, conforme REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I e II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, p. 99.

<sup>90</sup> *Op. cit.*, 1836-1969, p. 242-243.

Entretanto, é interessante observar que, estando perto de um rio chamado Aguapey, o governador e sua tropa receberam a visita de um índio vindo do Guairá que dizia:

[...] ‘Señor, yo soy de la provincia de Guayra, y mensajero de tu Hermano y capitán Ruy Diaz, el cual confiando de mi, me despacho a decirte le socorrieses con gente y soldados españoles, por habérsele alzado los índios de aquella tierra de quienes estaba muy apretado; y he venido disimuladamente por estos pueblos rebeldes y gente de guerra, dando a entender ser uno de ellos, y con esto he podido pasar hasta aqui, que no há sido poça dicha mia’ [...] <sup>91</sup>.

Ora, o Guairá estava, nesses anos, passando por grandes dificuldades em relação a alguns grupos indígenas, embora se perceba que muitos estavam submetidos aos espanhóis (note-se que um índio estava levando a mensagem). Não se tem detalhes sobre essa guerra contra <sup>92</sup>os espanhóis, mas é possível compreender que fosse para não serem dominados por eles, não perderem sua liberdade e terras, e que a situação era grave, porque nem mesmo o governo de Melgarejo, estava conseguindo resolver os problemas.

Mesmo na jornada que o socorro capitaneado por Alonso Riquelme e mais 70 homens empreenderam, houve batalhas contra os que Guzmán <sup>93</sup> diz serem os inimigos. O autor diz que quando chegaram à cidade dos espanhóis, as ruas estavam cercadas e as pessoas estavam se protegendo dentro “[...] de una casa fuerte [...]”, e logo partiram para “[...] a castigar la malicia de aquellos índios, poniendo freno a su insolência [...]” <sup>94</sup>. Isso demonstra o que pensavam os espanhóis a respeito dos indígenas que ousavam enfrentá-los, pois estavam dispostos a castigá-los. Isso ocorreu em 1561, quando os espanhóis partiram com 100 soldados, primeiro contra os que estavam mais ao largo da cidade, e depois para os *pueblos* mais distantes, até que, pelo que constam nesses registros, os indígenas concordaram em manter a paz. O maior poder bélico dos espanhóis é um dos fatores que impossibilitou aos indígenas vencerem essas guerras.

Muitos dos indígenas acabaram se internando nos bosques, e, cercados, acabaram saindo para o combate, mas caíram diante do poder maior dos espanhóis. A tática dos espanhóis era, após os combates, render os caciques ou “principais” como eram chamados

---

<sup>91</sup> GUZMÁN, *ibid*, p. 243.

<sup>92</sup> *Ibid*, 1836-1969.

<sup>93</sup> *Ibid*, p. 244.

<sup>94</sup> *Ibid*, p. 244.

“[...] obrigandoles a pedir la paz y perdón de las perturbacioes pasadas [...]”<sup>95</sup>, ou seja, as investidas dos indígenas não superavam suas táticas e armas.

Pelos registros de Guzmán<sup>96</sup>, os espanhóis, na província do Guairá, estiveram em paz até 1569, quando novamente confrontaram os indígenas que, como forma de impedir seu avanço por suas terras, tentavam impedir sua passagem pelas vias ou pelos seus domínios, resultando em grandes contendas e mortes entre eles. A idéia que Guzmán passa, porém, é a de vítimas, para os espanhóis.

#### 2.3.4 Malocas

As malocas<sup>97</sup> representavam a maneira como os bandeirantes paulistas cercavam os indígenas para reduzi-los ao seu domínio. Parece importante logo de início, analisar um documento datado de 1610<sup>98</sup> que trata dos tipos de malocas feitas também pelos espanhóis contra os indígenas. Ou seja, essa era uma prática também dos espanhóis, e o autor do documento, o Padre Diogo Gonçalves, registrou o que considerou como sendo as três formas injustas de Malocas, ou seja: a) as que para ele eram muito injustas, porque eram as que se faziam aos gentios que não haviam ofendido e nem resistido, nem impedido os invasores de passar pelos rios; b) as consideradas injustíssimas, ou, as que iam arrancar os índios dos esconderijos, para onde iam para fugindo da violência dos espanhóis; c) e, as que se faziam contra os índios inimigos da fé e da sua propagação porque eles impediam a passagem de outros índios que poderiam ser convertidos, o que explica o Padre que, não era injusta, mas que tinha injustiça. Nesse terceiro tipo, fala-se que os índios “[...] y an muerto 200 españoles como es fama y robado a otros muchos [...]”<sup>99</sup>, o que fazia com que a guerra e o fato de maloqueá-los fosse justa, diz o Padre Gonçalves, mesmo que alguns (referidos como *pieças* em várias partes do documento) fossem inocentes. Parece que a injustiça seria se tudo fosse feito sem autorização das autoridades, ou, se não lhes fosse dada, depois, a instrução da fé católica, entre outras coisas.

Fica claro que a utilização do trabalho do indígena era questão primordial para os espanhóis que empreenderam as malocas para conseguí-lo. A análise feita pode estar se

<sup>95</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 245.

<sup>96</sup> Ibid, p. 265.

<sup>97</sup> Malocas – “Invasión de hombres blancos en tierra de indígenas, con pillaje y exterminio. Ataque inesperado de indígenas contra poblaciones de españoles o de otros indígenas”, conforme o Dicionário da Real academia Espanhola, 1992, p. 1299.

<sup>98</sup> Documento XXIII citado por CORTESÃO, op. cit., p. 138-143. Ver também, Documento XXXII, p. 162-174, que também fala sobre as malocas.

<sup>99</sup> CORTESÃO, ibid, p. 141.

referindo a acontecimentos bem anteriores à data em que o documento foi escrito, 1610, e na interpretação de um padre que acreditava na importância de se promover a cristianização das populações indígenas que poderiam pagar um tributo ao rei, mas não pelo serviço pessoal aos espanhóis e, mesmo assim, deixando uma informação importante a respeito de como os espanhóis investiram sobre essas populações para os obrigarem a servi-los.

Pode-se perceber, embora as referências sejam sobre Assunção, como eram as investidas dos espanhóis que necessitavam de braços para o trabalho em suas terras, por que

[...] Usaban los españoles salir a malocar a los índios con título de traer servicio y assi los pobres índios unas vezes les salian al encuentro con sus arcos y flechas para haçer rostro entre tanto que se escondia la chusma; otras se iban huyendo por esos montes y pantanos por donde podian y siempre haçian buena pressa los españoles repartiendo entre si los pressos y quedaban por yanaconas (del modo que se dirá tratando de los índios) [...] <sup>100</sup>,

e os indígenas tentavam escapar de toda maneira e “[...] Los que quedaban buscaban puestos pantanosos y difficultosos de entrar para que los españoles no pudiesen llegar a ellos sin mucha difficultad [...]”, tentando se apartar cada vez mais longe. Como consequência, acabavam se organizando em lugares em que não tinham o suficiente para viver, ou seja, “[...] se poblaban en partes mal sanas muertos de hambre por que los soldados les arrancaban las comidas, venian a perecer los viejos, niños y mugeres preñadas [...]” <sup>101</sup>. Entretanto, lê-se no documento que, em relação às malocas e aos *yanáconas* <sup>102</sup>, a questão havia melhorado, referindo-se às leis reais que regulavam essa questão.

O serviço pessoal foi, portanto, tema de diversas discussões, porque inicialmente parece que não se pode impedir que fosse adotado pelos espanhóis. O Padre Diego de Tórres se posicionou contra o serviço pessoal dos indígenas em documento de 1612, embora esse tipo de trabalho fosse legalizado até certo ponto. No documento, reconhecido pelas autoridades civis, o Padre diz

[...] es licito o ilícito emos sido y somos de parecer quel dho serv<sup>o</sup> personal como el día de oy se pratica, y ussa del conforme a las dhas ordenanças, no es licito por las caussas y raçones, que referimos cada uno de nos en la dha raçon, en pressencia y con assist<sup>a</sup> de muchos que se hallaron en las dhas

<sup>100</sup> CORTESÃO, op. cit, 1951, p. 166.

<sup>101</sup> Ibid, p. 166.

<sup>102</sup> Para uma definição de yanácona, mita, encomienda, ver AZARA, Félix de. *Descripción é História del Paraguay y del Río de la Plata*. Tomo I. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847 (obra póstuma) [Obra concluída em 1806],

juntas, el obispo de Tucuman Al<sup>o</sup> Rivera, el licen<sup>o</sup> Don franc<sup>o</sup> de Alfaro [...]<sup>103</sup>

lembrando o que tinha sido acordado por Don Francisco de Alfaro, “[...] oydor de su Mag. en la Real audiência de la plata, vissitador de las Provincias de Tucuman y Paraguay [...]”<sup>104</sup> e autor das leis (ordenanças) que regulamentavam os direitos dos indígenas, embora não tenham sido sempre cumpridas<sup>105</sup>. O que se pode perceber, é que os indígenas estavam reagindo a toda forma de trabalho forçado, seja em relação aos espanhóis ou, aos bandeirantes, para que não fossem levados de suas terras para o trabalho escravo em São Paulo. Dessas manifestações, resultou a elaboração do documento de Don Francisco Alfaro.

### 2.3.5 Índios e espanhóis no Guairá: o trabalho em Maracayú

Quase todos os indígenas que viviam ao largo das reduções criadas no Paranapanema serviam aos espanhóis de Ciudad Real, como se lê na seguinte passagem:

“[...] En mas de cien léguas de una y outra Vanda del Paraná no tienen un índio que todos estan ya consumidos, la compañía redujo sobre el Paranapane que es un rio caudaloso que sale al Paraná veinte o veinte cinco léguas del Parana dos reducciones que tendram como dos Mill familias estos sirven a esta ciudad de Guayra: porque de ninguna outra parte tiene índios”<sup>106</sup>,

ou seja, mesmo daqueles que estavam nas reduções, era requerido o serviço pessoal para os habitantes da cidade. Aliás, os espanhóis de Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo levavam “[...] sus índios a una reducion de índios que se llama Maracayu a haçer yerba llamanla assi los españoles [...]”<sup>107</sup>, em clara referência ao trabalho realizado pelos indígenas em Maracayú, sul do atual Mato Grosso do Sul, na colheita da erva mate, cortando seus ramos para tirar as folhas, tostá-las e moê-las. A árvore não se cultivava nesse local, apenas

<sup>103</sup> Citado por CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 143-144.

<sup>104</sup> Ibid, p. 144.

<sup>105</sup> Sobre as ordenanças de Alfaro, mais informações podem ser obtidas em MONTROYA (1986; 1997); SCHALLENBERGER (1997).

<sup>106</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 173.

<sup>107</sup> Ibid, p. 173.

cortavam-se seus ramos<sup>108</sup>, fato que demonstra a importância da região, em virtude dos ervais explorados pelos espanhóis.

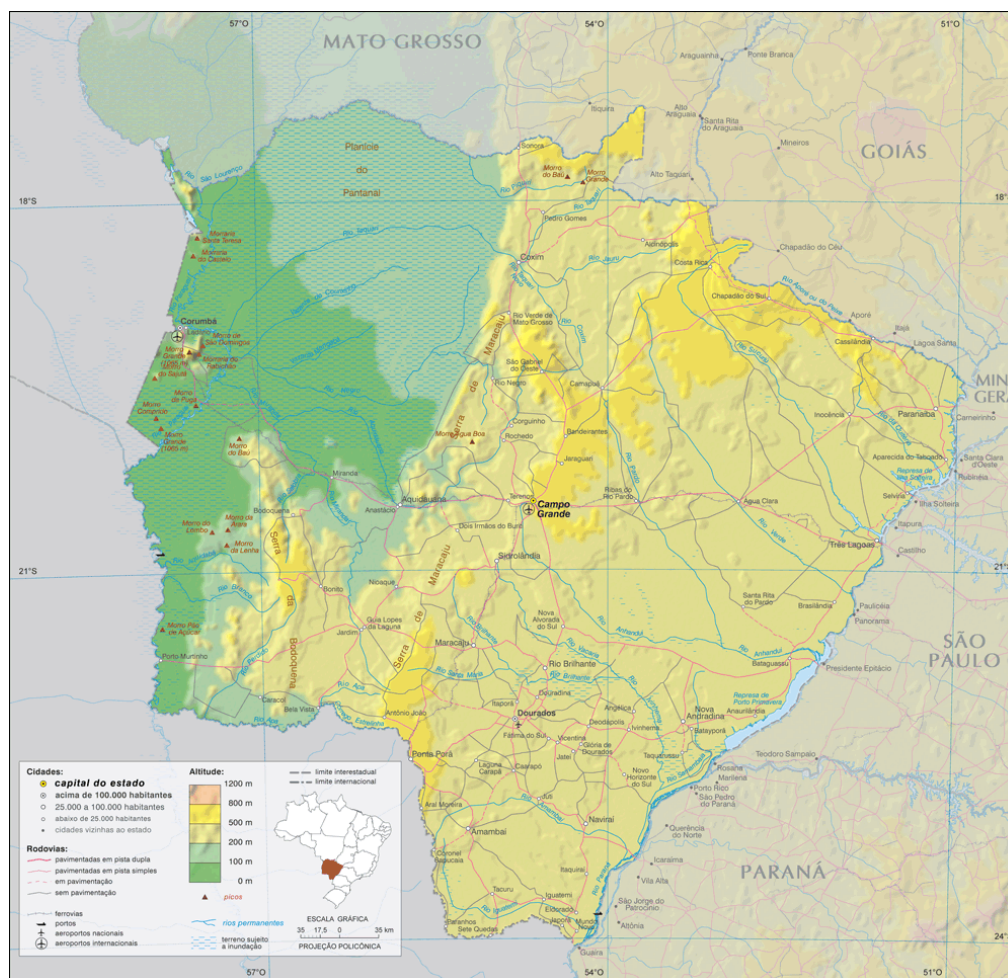


Figura 4 - Mapa do Mato Grosso do Sul, Brasil. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/>. Acesso em 28 de Janeiro de 2010.

Este mapa mostra a Serra de Maracayú, no atual estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, localizada a partir do sul, Ponta Porã, aproximadamente, indo em direção ao norte.

<sup>108</sup> Segundo Guzmán, op. cit., em *Índice Geográfico e Histórico*, p. 419, Maracayú era um povoado indígena, que distava cerca de “5 jornadas de Ciudad Real”. E “[...] Se allaba casi a la mitad del camino de la Asunción a Ciudad Real, en las márgenes del río Xexuy, uno de los tributários del río Paraguay. Tomada su nombre de la cordillera de Maracayú, que atraviesa el lecho del Paraná, en el punto donde las águas se precipitan y Forman el Gran Salto. Este território era en otros tiempos celebrado por sus famosos yerbaes y por la calidad de su yerba, que tñia la reputación de ser la mejor del Paraguay. De aqui los jesuítas sacaron las semillas para introducir la cultura de este precioso arbusto en las misiones del Paraná y del Uruguay [...]”.

A situação não se tornou diferente com o passar do tempo, porque entre os anos de 1627 e 1628, as informações que se tem é que viviam em Ciudad Real cerca de

[...] 50 varones hijo (sic) de la buena gene que vino de españa al Paraguay, estando muy ricos porque se contentan con su pobreza. El vestido ordinário es de algodón teñido y raras vezes alcanzan algun vestido de españa a trueque de huerva, [...] no conocen moneda de ningun gênero. No ai tiendas de mercaderos, y no se hallan oficiales de artes mecánicas porque todos lo son en sus casas. Ninguno de estos sale ni para españa, ni para otras partes del mundo. No cuydan saber nuevas de españa [...] no comen pan sino de unas rayzes que llaman de palo en el Brasil. no tienen vino, ni vacas, ni ovejas. La carne que comen raras vezes es de algunas galinas, o ganado de cerda [...] No tienen ambicion, ni deseo de alcançar honra en esta vida [...] y por esto tienen mucha paz [...].

A população não aumentou muito, em relação às outras informações sobre o número de habitantes espanhóis, anteriormente citadas, e também não mudou em relação às suas ações quanto ao desenvolvimento econômico e social da região. Olhando-se por esse prisma, a vida nessas cidades parecia sem nenhum atrativo ou conforto, e nessa imagem, os espanhóis são retratados como bons homens e mulheres, pelo Padre Durán após sua visita, em 1628 à região. Segundo ele, os indígenas da redução tinham muito trabalho, pois

[...] estan dedicados para servir a los españoles de la Ciudad del Guayrá, que conforme a las conquistas passadas e Mercedes que les han eco los gobernadores tienen repartidos estos pueblos de modo que tantos índios sirven a uno español, tantos a outro [...] tiene pues obligacion cada índio de servir al español que llaman becino encomendero dos meses, y como los españoles son pobres quisieron servirse de estos índios todo el año entero [...]<sup>109</sup>.

Segundo o autor, os padres procuravam defender os indígenas para que não servissem aos espanhóis mais do que a lei real estabelecia, em referência também, ao problema que era resolver o impasse com os missionários, que em seus registros, faziam questão de deixar claro sua defesa aos mesmos.

É clara a idéia da exploração da força de trabalho dos indígenas em Vila Rica também, porque mais uma vez lê-se que perto dessa cidade havia “[...] los pueblos de índios que sirven a los españoles [...]”<sup>110</sup>. Ali viviam mais de 200 homens e muitas mulheres, portanto teria aumentado a população nesse ano de 1628, quando o documento do padre Durán foi escrito.

<sup>109</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 215.

<sup>110</sup> Ibid, p. 240.



Apesar de o trabalho forçado ter sido criticado por padres ilustres da época da conquista, há informações em um documento<sup>111</sup> de que foram dados *Yanáconas*<sup>112</sup> à casa dos mesmos e à Igreja da Companhia de Jesus em Vila Rica (Guairá), no ano de 1596. Ali aparece o nome de D. Juan Ramirez de Velasco, como governador e capitão general de Assunção, citando dezesseis indígenas, homens e mulheres que seriam depositados à casa dos padres, recomendando que fossem bem tratados. Parece ser um contracenso, já que os escritos dos padres informem que eles lutavam para livrá-los dos trabalhos, mas é possível que os servissem, nessa função, para ajudar no trabalho doméstico. Não se está aqui fazendo uma justificativa, mas propondo uma reflexão.

Em 1597, em outro documento<sup>113</sup>, o governador Velasco fez uma encomenda de índios e caciques, vizinhos da cidade de Vila Rica, de cuja relação cita os nomes dos índios e caciques e o rio onde moravam. São várias pessoas de diversas regiões do território do Guairá, e o documento revela que, desses, um casal de índios deveria ser enviado para o serviço no convento dos jesuítas. A lista das encomendas segue em outros documentos, solicitando índios e caciques, e isso desde o século XVI, porque durante todo o ano de 1597, foram dados índios, em forma de yanáconas ou encomiendas, aos moradores de Vila Rica, todos pertencentes ao Guairá. E desses, sempre um índio ou um casal, foram enviados às casas dos padres ou conventos para servirem nos trabalhos domésticos.

De acordo com os documentos<sup>114</sup>, mesmo quando morriam os encomenderos, os indígenas eram dados a outro, de forma tão sistemática e cabal que são citados os nomes de todos.

### 2.3.6 A voz indígena

Talvez não seja possível encontrar na bibliografia analisada, outra fonte sobre o pensamento dos indígenas, portanto, o documento registrado pelos padres jesuítas do Guairá<sup>115</sup>, é o que revela a fala indígena em relação à sua condição de subordinados, e do

---

<sup>111</sup> Ibid., p. 122.

<sup>112</sup> Yanáconas – “todos los índios que, separados de sus reducciones y pueblos, pasaban bajo el dominio especial de algún español. Su condición era peor que la de los demás índios, porque dependían del arbitrio de sus amos, sin que les quedara el menor amparo o derecho. Yanacona es palabra quechua, que se compone de *yana*, que denota propiamente el color negro, y se aplica a los criados, y de *ccomi*, dar: “el que se da por criado” conforme GUZMÁN, op. cit., Índice Geográfico e Histórico, p. 483.

<sup>113</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 123.

<sup>114</sup> Ibid., p. 123-135. Ver comentários em MAHAN-LOT, M. op. cit., 1990, p. 71; KONETZKE, R., op. cit., 1972, p. 160-181.

<sup>115</sup> Conforme está em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 352-361.

trabalho forçado para os espanhóis. Não se tem a pretensão de discutir o objetivo dos padres, mas ter-se uma idéia do que os próprios indígenas diziam. O documento, datado de 1630, dá uma clara idéia do que eles pensavam sobre a presença espanhola em seus territórios, e do fato de ser repartidos e encomendados para o chamado, serviço pessoal. Deve ser considerado importante fonte para se compreender o olhar do indígena sobre o outro (europeu)<sup>116</sup>. Na Província do Guairá não foi diferente, pois as duas cidades, Ciudad Real e Vila Rica, eram servidas pelo trabalho das centenas de indígenas vizinhos a elas.

Assim, na tradução que é dada ao documento, logo após o texto em Guaraní, lê-se que os índios estavam se sentindo consolados por saber que a coroa espanhola estava se ocupando deles, em virtude de terem tomado conhecimento de que as Provisões Reais diziam ser proibido o trabalho dos índios por mais do que dois meses para os espanhóis, embora esses tenham sempre desobedecido às mesmas leis, e levavam os caciques e seus filhos e vassallos para o trabalho em Maracayú. Diz assim: “[...] Antiguam.te quando nos veíamos pobres y acocados de los españoles nos parecia q no ténia noticia su mag.d. de nosotros, pero agora de aqui adelante despues de aver oydo sus provisiones reales nos consolamos por ver q ya la tiene y nos parece q nos esta mirando y favoreciendo [...]”<sup>117</sup>. Pode-se entender que a única saída nesse momento, era aceitar como ação extraordinária da coroa espanhola para com eles.

O que os indígenas pensavam sobre as condições em que trabalhavam traduz-se em suas palavras, que eles iam “[...] contra nra voluntad [...]”, para Maracayú, lugar “[...] donde se morian y acababan todos, porq allá nros bassallos se an consumido todos [...] los hijos de caciques principales [...] muchos caciques [...] moriendo por esos montes [...]”<sup>118</sup>. Além disso, continua detalhando o documento, tanto o trabalho forçado, como o lugar para onde iam (Maracayú) eram considerados extremamente degradantes para seu modo de vida. A fala é bastante enfática quando se lê que Maracayú estava “[...] llenos aquellos yerbales de los gueços de nros hijos y vassallos [...]”, demonstrando a tristeza que causava o serviço extremamente difícil e insalubre, que levava à morte dos seus filhos e vassallos, e chorando também diziam por “[...] q no tengamos casas ni chácaras, y nos empobrece y anihila [...]”<sup>119</sup>. Palavras que demonstram a indignação para com os espanhóis, considerados seus inimigos.

O trabalho escravo é confirmado no documento, que traduz onde os indígenas expressam seu desejo aos padres, de não mais ir para o trabalho em Maracayú e, que, segundo eles, seria melhor que se fechassem aquele lugar, uma vez que eles não recebiam nada dos

<sup>116</sup> Ver TODOROV, op. cit., 1999.

<sup>117</sup> CORTESÃO, op. cit., p. 354.

<sup>118</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 354.

<sup>119</sup> Ibid, p. 354-355.

espanhóis como se lê: “[...] porq no traemos cosa chica ni grande de maracayu, ni los españoles pagan a nros vasallos su trabaxo, lo q traemos es cancancio y enfermedad y asi nros vasallos unos se mueren por el camino, otros en llegando, otros quedan tales q nunca pueden arrubar [...]”<sup>120</sup>. Os indígenas relatam ainda que, mesmo que dissessem que não queriam ir, os espanhóis os “[...] amedrontaran y acostaran como lo suelen haçer y lo hiçieron los años pasados trayendo al teniente de Maracayu llamado Sayavedra con gente de guerra a castigarnos [...]”<sup>121</sup>, numa clara declaração de acusação a esses homens.

Como o documento reflete os acontecimentos já do ano de 1630, é possível perceber que a situação do Guairá estava ficando muito complicada, porque, não apenas os espanhóis estavam subjugando os indígenas, mas, os portugueses também. Ou seja, a situação era crítica nesses anos, também, porque os indígenas estavam denunciando o próprio governador, Céspedes Xeria, em um acontecimento que poderia ser dito de “desobediência”, teria arremetido uma paulada em um índio, diante dos olhares atônitos dos outros, o que leva a pensar que, nem mesmo as autoridades espanholas estavam sabendo organizar suas ações em relação às populações indígenas.

Os fatos demonstram que havia um controle de mão única sobre o território e sobre as populações indígenas, o dos espanhóis, que se deu de forma tirânica.

### 2.3.7 As doenças

Nesse mesmo tempo, uma grave enfermidade se alastrou entre as populações indígenas do Guairá. Teria iniciado na parte mais meridional da província chegando até Assunção, levando à morte cerca de 200 pessoas por dia<sup>122</sup>, apenas dos que moravam nas referidas cidades, a serviço dos espanhóis, e dos mitayos nas fazendas, e estendeu-se para os povoados (*pueblos*) de índios. Vários documentos dos jesuítas fazem referências sobre essa enfermidade, permitindo compreender que se tratasse da varíola, e denotando eles tinham conhecimento de seus sintomas e das mortes que causava. O padre Montoya ao relatar sobre a situação do Guairá fez menção sobre ela em diversos pontos do relato. Ele disse, quando estava na redução de S. Xavier, que havia preocupação com relação a isso, porque registrou que fora recomendado aos padres que, procurassem batizar as crianças<sup>123</sup>. Em outro ponto do mesmo documento, o padre Montoya diz que recebera notícias de que a peste vinha do

<sup>120</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 355.

<sup>121</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 355.

<sup>122</sup> Ibid, p. 377.

<sup>123</sup> Ibid, p. 268.

Uruguai, transmitida pelos Chiquis, que acreditavam que a cura estava na ermita de Nossa Senhora de Copacabana, localizada na região de Guairá, o que o teria preocupado sobremaneira. Disse ainda que em sua passagem pela Redução de Concepción “[...] hallo el pueblo todo caído de viruelas [...]”<sup>124</sup>. E que, talvez tenha sido trazida pelos próprios espanhóis.

A peste que assolou o Guairá foi, no entanto, instrumento que auxiliou os padres na conversão e batismos dos indígenas, pelo menos até 1599, conforme informação de Guevara<sup>125</sup>.

## 2.4 Para finalizar o capítulo

Numa primeira análise, pode-se constatar que as relações entre populações diferentes, ocorreram em torno do objetivo de descobrir ouro e prata, como queriam os europeus, questão já conhecida pelos Guarani, mas também se caracterizaram pelo domínio forçado sobre essas populações.

Os primeiros contatos entre os europeus e os indígenas no Guairá, estabeleceram-se como consequência das primeiras e diversas expedições, cujo objetivo inicial era chegar ao Peru. Nos escritos, muitas vezes os indígenas aparecem dispostos a colaborar com as entradas que se fizeram pelo interior do território, compartilhando alimentos e conhecimentos com os europeus. Inicialmente, isso ocorria, caracterizando que essas populações procuravam assim conhecer o estrangeiro, que entrava pelos seus domínios. Isso não significou que essas entradas ocorreram sempre de forma tranqüila, porque nos registros as informações são também de que, em muitos, ou em quase todos os encontros, guerras violentas ocorreram entre indígenas e espanhóis, fato que ocorreu também após o estabelecimento desses no Guairá.

Quanto aos portugueses, os estudos sobre o povoamento mostram que até o início do século XVI, os encontros com os indígenas ocorreram no planalto meridional, em São Paulo. No Sul, a ocupação dos portugueses resumiu-se, nesse momento, ao litoral, não indo além de Paranaguá, sendo que o interior do Brasil, a partir daí, começou a ser desbravado por eles<sup>126</sup>.

---

<sup>124</sup> Ibid, p. 296.

<sup>125</sup> Op. cit., 1882, p. 391.

<sup>126</sup> MARTINS, A. R. (1874-1948). *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. 59.

### CAPITULO 3

## JESUÍTAS E INDÍGENAS NA COLONIZAÇÃO DO GUAIRÁ

Según las previsiones humanas, el Guayrá todo, iba a ser muy pronto conquistado por una Conquista Espiritual<sup>1</sup>.

Na história do Guairá, a presença dos jesuítas teve grande significado em relação aos indígenas e muito influenciou na cultura e na sociedade colonial. Os missionários estiveram em contato principalmente com a nação Guarani, os que predominavam na região. Eles foram responsáveis pela organização das Reduções de indígenas no início da conquista espanhola, no Guairá, e o trabalho de pregar, batizar, e, de certa maneira, o de defendê-los, até a destruição dessas comunidades pelos bandeirantes paulistas. Os estudos realizados pelos jesuítas em época posterior aos anos iniciais da colonização estão carregados de interpretações enaltecidas sobre os trabalhos dos missionários no Guairá. Nessa região, para os padres, o que realizaram ali foi<sup>2</sup> “[...] una conquista espiritual, por la cruz, siempre más poderosa que la espada [...]” remetendo à idéia da impotência dos espanhóis contra as tribos selvagens, em oposição ao trabalho dos missionários que, com armas espirituais, saíram vitoriosos nessa luta. Nesse contexto, a presença dos padres foi registrada, desde a chegada dos primeiros exploradores, por historiadores, cronistas e pelos próprios missionários. De acordo com uma ordenança real de 13 de junho de 1563<sup>3</sup>, ficava estabelecido para a coroa espanhola que,

[...] Habiendo frailes y religiosos de las ordenes que se permiten pasar a las Indias, que con deseo de emplearse a servir a Nuestro Señor, quisieren ir a descubrir tierras y predicar en ellas el Santo Evangelio, antes a ellos que a otros, se encargue el descubrimiento: ya se les dé licencia, y Sean favorecidos y proveídos de todo lo necesario para tan santa y buena obra, a nuestra costa [...],

---

<sup>1</sup>CAPDEVILLE, B. *Misiones Jesuíticas en El Paraguay*. Imp. Y Lib. La Mundial: Asunción. 1923, 2ª. Ed., p. 34. Ver também STERLING, German. A dialética dos imaginários no Guairá. In: STERLING, G. (org.) *Abordagens Historiográficas na Fronteira*. Fóz do Iguacu: Uniamérica, 2006, p. 171-183. A dialética dos imaginários no Guairá, falando sobre a importância do encontro entre as visões espirituais de jesuítas e dos indígenas.

<sup>2</sup>CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 14.

<sup>3</sup> Conforme está na Colección Torres de Mendoza, volume VIII, p. 495, apud CAPDEVILLE, Ibid, p. 17.

demonstrando especial interesse das autoridades no trabalho dos padres junto aos indígenas, ações que facilitaríamos a conquista e a exploração das novas terras.

Os padres que participaram da evangelização na região do Rio da Prata e, em especial no Guairá, pertenciam à ordem fundada por Inácio de Loyola em 1534, junto com outros seis companheiros seus estudantes da Universidade de Paris<sup>4</sup>, e que passou a ser chamada de Companhia de Jesus. O início dos trabalhos dessa ordem religiosa se confunde com a época da Reforma Protestante, tendo sido organizada para auxiliar a Igreja Católica nesse contexto.

A conquista espanhola na América teve participação importante da Igreja Católica, na figura dos missionários da Companhia de Jesus. A idéia de que os conquistadores o fizeram pela força da espada, e que os padres usaram a cruz, como símbolo da conquista espiritual, é expressão corrente para historiadores que tratam da colonização da América. Popescu<sup>5</sup>, por exemplo, lembra que “[...] Expresión del primero [laico, ou, dos conquistadores] fueron las *encomiendas*, del último [os missionários] las misiones”, em referência à forma como os espanhóis conquistaram a América, usando a força, em contraposição aos jesuítas, com o ensino religioso.

As Missões Jesuíticas caracterizaram-se como os estabelecimentos organizados pelos padres jesuítas, para a civilização e a evangelização para a fé católica dos indígenas da América. Eram, portanto, centros de povoação ameríndia criados pela Companhia de Jesus, onde ficavam centenas de índios sob um sistema socioeconômico comunitário, que os salvaguardava das *encomiendas*. Comumente, as Missões eram chamadas de Reduções, em que os indígenas recebiam ensinamentos cristãos e seculares. Os estabelecimentos também foram chamados de Doutrinas “[...] o parroquias de indios ya establecidas, reservando, a veces, el nombre de Reducciones para un establecimiento poblado todavia de infieles, o bien para un establecimiento en que alternaban infieles con católicos [...]”<sup>6</sup>, ou seja, eram consideradas como tal por serem onde os indígenas já estavam cristianizados.

Entretanto, Missões, Reduções e Doutrinas foram nomes usados para todos os estabelecimentos onde os padres se organizaram em comunidades com os indígenas conforme enfatizou Capdeville<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> MORSCH, Arthur Rocha, S.J. *Inácio de Loyola*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 44-47.

<sup>5</sup> POPESCU, Oreste. *Sistema econômico em las misiones jesuíticas*. Experimento de desarrollo indoamericano. Colección Zetein. 2. Ed. Ariel; Barcelona, 1967, p. 22.

<sup>6</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 19.

<sup>7</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 20. Esse autor explica também que Reduções, de acordo com as cédulas reais, eram as comunidades em seus dez ou vinte primeiros anos de existência e, após esse período, passavam a ser Doutrinas, ficando sujeitas ao pagamento de tributos para a coroa espanhola de acordo com a Cédula Real de 1723. De acordo com esse documento, percebe-se que data de período bem posterior ao delimitado para este

Neste capítulo, pretende-se analisar a atuação dos missionários jesuítas nos territórios do Guairá, e também como as populações indígenas perceberam os mesmos e em relação à formação das reduções.

Para compreender a atuação dos padres e seu interrelacionamento com os indígenas no Guairá, foi necessário buscar subsídios nos escritos dos jesuítas, dos conquistadores e dos cronistas, entre outros, que fizeram críticas ferrenhas à atuação dos padres e da Companhia em geral, além de outros historiadores, lembrando a importância de seu trabalho e de suas dificuldades. Muitos dos escritos são de homens que viveram, e participaram, nos primeiros anos da conquista espanhola, que são de fundamental importância para o conhecimento dessa região e dos primeiros missionários que ali chegaram. Estudar as relações interculturais no Guairá exige um relativo esforço. Isto porque, nem sempre se podem encontrar detalhes sobre o período e território delimitado, ou seja, entre os anos finais do século XVI e início do século XVII, fazendo-se necessário procurar desvendar desde as questões geográficas, políticas e até sociais, sob o ponto de vista das explicações dadas na historiografia analisada, em relação à Província do Paraguai, da qual o Guairá fazia parte.

### 3.1 Província Jesuítica no sul da América

Segundo consta nos escritos analisados, os trabalhos realizados pelos jesuítas nas colônias espanholas, eram exaustivos. Colaboravam para isso, as grandes distâncias entre as missões e o bispado do Peru onde inicialmente estavam subordinados, dificultando também, aos Superiores, o governo das mesmas. Para resolver esses problemas a Província Jesuítica del Paraguay foi formada em 1604, tendo como primeiro Provincial, o Padre Diogo de Torres, que viera do Peru para as Províncias do Prata em 1605 com 45 missionários. Segundo Popescu<sup>8</sup>

[...] de acuerdo en el principio unitarista, el General de los Jesuítas elegia y designaba a los responsables regionales de la Orden. Como las unidades regionales se llamaban Províncias, los elegidos por el General para las diversas regiones del orbe eran designados Provinciales. De donde surge que la eficacia y el éxito en la política de desarrollo de una determinada región

---

estudo (que vai até 1632), portanto, pode ter havido mudança nos propósitos dessas comunidades com relação ao pagamento ou não de tributos, depois de determinado tempo de existência. Além disso, as Reduções do Guairá, em virtude de seu curto período de existência, podem nunca ter chegado a Doutrinas.

<sup>8</sup> Op. cit., 1967, p. 23.

era al final de cuenta una función de la eficacia de los Provinciales. Éste parece haber sido el caso en la ‘Provincia Jesuítica del Paraguay’, cuyo acelerado florecimiento se asigna en primer término a sus provinciales [...].

O Provincial era o responsável pelos trabalhos desenvolvidos pelos missionários em cada missão. A Província do Paraguai só se separou do Peru em 1607 e, de acordo com Acosta<sup>9</sup>, essa pode ser a razão por que alguns historiadores dizem ser essa a data da criação da Província do Paraguai. Além disso, diz ele, a Província Jesuítica do Paraguai, sob o governo dos jesuítas compreendia o que se chamam hoje Argentina, Uruguai, uma parte da Bolívia, o território do Chile e parte do Brasil, que é o Guairá, objeto desta pesquisa, e que recebeu essa denominação porque, na época de sua fundação “[...] a principal governação civil de todo aquele país era a do Paraguai”. E também porque<sup>10</sup> foi a primeira província fundada pelos espanhóis na região do Rio da Prata, portanto não era a mesma coisa que o Paraguai de hoje, porque sua extensão era muito maior.

A formação das Reduções no Guairá pelos padres da Companhia de Jesus, no final do século XVI, foi uma iniciativa diferente para a ocupação, em relação à empreendida pelos colonizadores, cuja orientação era para a evangelização e para atender as diferentes populações indígenas habitantes desses territórios. Presentes no Guairá até a primeira metade do século XVII, esses estabelecimentos permaneceram na região do Paraguai até o século XVIII<sup>11</sup>, todos subordinados ao que iria se chamar Província Jesuítica do Paraguai.

Nos primeiros anos da colonização, as províncias do que hoje se chama Paraguai, tinham vários problemas, porque não havia nelas padres, de acordo com a explicação do Padre Nicolas del Techo<sup>12</sup> da Companhia de Jesus, suficientes para atender a toda a região em suas necessidades espirituais. Um desses problemas era que a língua dos diversos grupos indígenas era desconhecida entre quase todos os padres, o que dificultava mais ainda o trabalho sacerdotal. Os povoados de espanhóis estavam também sem padres que os guiassem e, de acordo com suas palavras, “[...] privados de los sacramentos, vivian en el seno de los vicios [...]”. Isso porque, de acordo com esse autor, os espanhóis estavam vivendo junto com os índios, transformados em vassalos do rei, e também em virtude da “[...] muchedumbre y

<sup>9</sup> ACOSTA, Fernando Pérez S.J. *Las Misiones Del Paraguay*. Lloréns Castelló: Palamós, 1920, p. 9 e 12.

<sup>10</sup> Conforme DISANDRO, Carlos A. e Street, Jorge L. *La Compañía de Jesus contra la Iglesia y el Estado: Documentos americanos Siglo XVII*. La Plata: 1970, p. 23.

<sup>11</sup> ACOSTA, op. cit., 1920.

<sup>12</sup> TECHO, Nicolás del, S.J. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús (1673)*. Prólogo de Bartolomeu Meliá, s.j. Nueva edición. Tomo único. Assunción: Fondec – Fondo Nacional de la Cultura y las Artes; Cepag – Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2005, p.69.



licencia de las mujeres del país [...]”, seus costumes haviam se corrompido, havendo então, a necessidade de sacerdotes que lhes proporcionassem o ensino espiritual e, secular também, tão necessários para esse momento da conquista.

As explicações do padre Techo<sup>13</sup> mostram que os bispos procuravam ensinar o evangelho cristão aos indígenas e fazer com que mudassem seus hábitos “viciosos”, mas foi-lhes impossível, em vista do tamanho do país e da sua inumerável quantidade de habitantes. Para isso, o bispado estabelecido na província de Tucumán resolveu chamar a já conhecida ordem religiosa da Companhia de Jesus, para organizar o trabalho missionário entre essas populações. O clérigo Francisco de Victória<sup>14</sup>, que anteriormente fora comerciante no Peru, ingressou na Ordem de Santo Domingo, e sob o governo de Felipe II e do Papa San Pio V como dirigente da Igreja Católica, foi feito bispo de Tucumán em 1572. Foi Francisco de Victória que escreveu ao Padre José de Anchieta, jesuíta Provincial no Brasil, e ao Padre Juan Atienza, Provincial do Peru, para que lhe enviassem sacerdotes para auxiliá-lo nesse trabalho. Assim, em 1528, vieram do Peru os Padres Francisco de Ângulo e Alonzo de Barzana (sacerdotes), e Juan de Villegas (irmão leigo). Os padres conheciam o idioma quíchua, e Barzana ainda aprendeu outros idiomas indígenas, podendo, dessa maneira ensinar o evangelho cristão aos índios dessas regiões.

Embora as referências até aqui não sejam propriamente do Guairá, é importante notar os trabalhos que resultaram no relacionamento entre os padres e os indígenas. Para não interromper suas viagens, os missionários ensinavam dois ou três indígenas (neófitos), para que esses também ensinassem a outros, os princípios cristãos e a fazer as orações. Essa foi uma atitude e um trabalho aprovado pelos espanhóis, pois atendia aos seus principais interesses nos territórios conquistados e para seus prováveis encontros com as populações indígenas. Foram esses dois missionários que, na região do Tucumán ensinaram, por exemplo, sobre o sacramento da confissão, e estabeleceram essa ordenança, desconhecida até então pelos indígenas, diz o mesmo padre Techo<sup>15</sup>.

A dificuldade dos poucos sacerdotes que estavam na Província de Tucumán, em Santiago, a capital, é que quase nenhum falava as diversas línguas dos indígenas nessa região, o que dificultava sobremaneira o aprendizado dos padres e o ensino da doutrina a essas populações.

---

<sup>13</sup> Op. cit., 2005, p. 70-71.

<sup>14</sup> Sobre o pensamento de Francisco de Vitória sobre a evangelização dos indígenas na América, ver KONETZKE, R., op. cit., 1971, p. 20-33.

<sup>15</sup> Op. cit., 2005, p. 70-71.

Os padres Ângulo e Barzana, em Santiago, consideraram importante, durante a evangelização dos indígenas, mostrar aos espanhóis que, antes de tudo, era preciso dar o exemplo para essas populações e conseguiram que esses homens não usassem de tanto rigor para com eles, além de converter a muitos. Antes mesmo do estabelecimento das Missões, esses padres pregaram o evangelho por todas as regiões em que a coroa espanhola esteve presente, ou seja, nas províncias do Rio da Prata, porque assim se lê que “[...] y luego se dirigió a los lugares de los indios que están muy separados, atravesando ásperas montañas y cañaverales en los pantanos [...]” como informa Techo<sup>16</sup>.

Os missionários, nas várias missões da região, são chamados de heróis e de “conquistadores da paz” pelos historiadores jesuítas e, como num testemunho, Acosta<sup>17</sup> enalteceu a atuação dos mesmos dizendo que eles “[...] submeteram à fé católica e à coroa de España innumeráveis tribus selvagens [...]”. Isso para contrapor aqueles que, desde então, faziam críticas à forma de governo dos jesuítas com relação aos indígenas.

As missões estabelecidas entre os Guaraní foram bastante conhecidas, principalmente as do Guairá. Na historiografia jesuítica há bastante preocupação com relação ao que se escreveu sobre a atuação da Companhia de Jesus na América. Sobre isso, pois, o jesuíta Astrain<sup>18</sup> escreveu que, não faltam documentos com relação a “[...] las regiones del Paraná [...]”, e, segundo ele, é preciso fazer “[...] juicio recto en médio de las contrarias opiniones y de las acres controversias que se suscitaron en torno de los principales hechos de nuestra história”, referindo-se à necessidade de se compreender o trabalho realizado pelos missionários entre os indígenas, apesar das críticas que se fizeram sobre eles.

Para uma visualização da extensão em que os jesuítas estiveram pregando, o mapa a seguir representa as muitas viagens empreendidas por eles, em que se vêem seus nomes registrados na legenda, indicando a região por onde passaram. A extensão de governo dos jesuítas abrangia praticamente toda a América Meridional, por regiões ainda sendo exploradas pelos europeus. Observa-se que, pelo Guairá, as viagens ocorreram em diversas direções, entre os anos delimitados de 1596 em diante, sendo que até 1767, eles viajaram por toda América Meridional. Pode-se dizer, porém, que os padres jesuítas não teriam condições de fazer tais viagens apenas às suas próprias custas. As enormes distâncias e as dificuldades que encontravam ao longo dos percursos não poderiam ter sido vencidas senão em virtude do

<sup>16</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 72-73.

<sup>17</sup> Op. cit., 1920, p. 9.

<sup>18</sup> ASTRAIN, Antonio, s.j. *Jesuítas, Guaraníes y Encomenderos. História de la Compañía de Jesús en el Paraguay*. Segunda Edición. Asunción:CEPAG, 1996, p. 11.

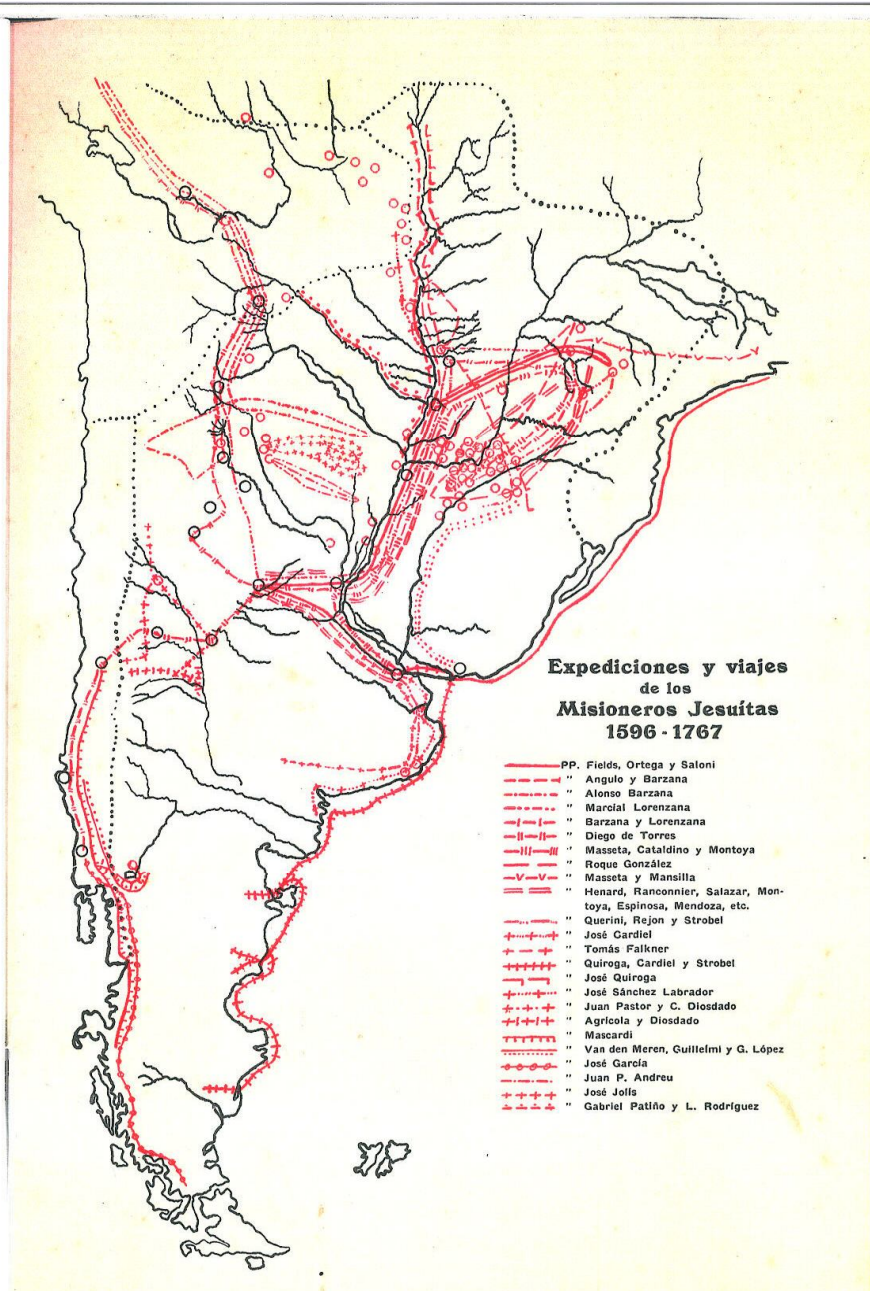


Figura 5 - Mapa das viagens missionárias dos jesuítas pela América Meridional Fonte: FURLONG CARDIFF, Guillermo, S.J. *Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933, p. 9.

contato com os Guarani, em especial e, provavelmente, graças a isso, puderam encontrar e se relacionar com outros grupos. Observa-se que, pelo Guairá, os trajetos foram feitos várias vezes, a partir de 1596.

### 3.1.1 Antes da chegada dos missionários ao Guairá

Os padres Francisco Ângulo e Alonzo de Barzana chegaram à cidade de Santiago<sup>19</sup> para iniciar os trabalhos missionários na região, em 1585, antes da fundação das Missões do Guairá. Em 1587 chegaram também ao território do atual Paraguai, os Padres Juan Saloni (catalão), Tomás Fields (irlandês) e Manuel de Ortega (português), enviados pelo Padre Francisco Ângulo, a pedido do bispo de Assunção, frei Alonso Guerra. Esses padres tiveram um papel muito importante na história da região, iniciando os trabalhos missionários no Guairá. Novamente enfatiza-se a importância de se abordar todos estes apontamentos, porque o Guairá não era uma região isolada, mas ligada ao Paraguai, pertencente aos espanhóis, portanto, para onde os padres seriam enviados.

Nos anos finais do século XVI, Hernando Arias de Saavedra (Hernandarias) governava o Paraguai, e por sua iniciativa, embora essa estivesse marcada por intenções principalmente políticas, iniciaram-se os trabalhos missionários no Guairá, visto que os conquistadores espanhóis viviam cercados de milhares de indígenas de diversas etnias, mas tendo os Guarani, em maior número ou predominando em quase toda a região sul da América. Portanto, fazia-se necessário encontrar um meio de controlar os indígenas para que pudessem avançar pelo território e efetivar a conquista, e o trabalho missionário seria a ajuda de que os espanhóis necessitavam. O interesse do governador era estender o domínio espanhol para o lado leste além de Assunção e, para isso já contava com o apoio de algumas tribos Guaraní dessa região. Em relação a isso, Ballesteros<sup>20</sup> diz que havia na região do Rio Paraná um cacique chamado *Arapizandú*, que teria solicitado missionários ao governador, o que parece ter facilitado esse trabalho, mas, Astrain<sup>21</sup> também cita esse cacique *Arapizandú* e sua importância para a evangelização da região, mas não informa que ele teria solicitado a presença dos jesuítas, mas sim, que já havia tido contato com eles e por isso, influenciou outros caciques com suas gentes, a ouvirem os ensinamentos dos padres. Em uma Ânuia de

---

<sup>19</sup>ACOSTA, op. cit., 1920, p. 12.

<sup>20</sup> BALLESTEROS, Juan Carlos Pablo. *La educación jesuítica em las Reducciones de Guaranís*. Santa Fé, Argentina: Universidade Nacional de Entre Rios. Ed. Entre Rios: 1979, p. 17.

<sup>21</sup> Op. cit., 1996, p. 75.

1628 que trata das reduções do Guairá entre os anos de 1626 a 1627, o padre Nicolau Durán fala que quando o padre Diego de Boroa viajou pelo território com objetivo de reduzir populações indígenas, ele fez contatos com os caciques que fizeram ameaças caso ele se atrevesse a entrar em suas terras. Segundo o documento, isso teria ocorrido aproximadamente em 1618-1619, quando D. Pedro de Oñate era provincial e lhe teria dado ordem de fazer essas entradas. Segundo o P. Durán, em 1619 o padre Boroa fez outra tentativa, acompanhado de um cacique de S. Ignacio, chamado *Arapizandu*, com bons resultados para seus intentos, o que permite compreender que fosse o mesmo índio e que realmente ele teria sido de boa ajuda aos padres em seu trabalho de reduzir as populações indígenas.

Os trabalhos missionários se intensificaram e segundo Acosta<sup>22</sup>, entre as várias missões que os jesuítas estabeleceram entre os indígenas nessas províncias, as que mais se desenvolveram foram as que se organizaram entre os Guarani, “[...] na parte oriental da antiga província jesuítica do Paraguai [...]”. E aqui se pode dizer que entre elas estavam as do Guairá.

### **3.2 As terras da Companhia de Jesus e a formação das Reduções**

Antes mesmo da fundação das Reduções do Guairá, desde 1588, os primeiros contatos entre indígenas e jesuítas já estavam sendo feitos, época em que o bispo do Paraguai, Alonso Guerra, havia solicitado e conseguido a vinda dos padres Saloni e Ortega. Eles passaram a viajar pelo território do Guairá. Durante um ano fizeram trabalhos de conversão entre os indígenas e nas cidades espanholas já estabelecidas ali, Ciudad Real e Vila Rica. De volta à Assunção, informaram ao Superior, da existência de milhares de indígenas, fator que determinaria o andamento dos trabalhos missionários naquela região, dali em diante. Em 1593, fundaram na Comarca de Vila Rica, a primeira casa da Missão do Guairá, que funcionou até 1599, permanecendo fechada até quando, em 1609, chegaram os padres José Cataldino e Simão Masseta, e assumiram os missionários por ali.

Para que isso pudesse ser possível, a Companhia precisava se estabelecer nos locais em que estariam pregando e, dessa maneira, a intervenção das autoridades civis do Paraguai foi imprescindível, no sentido de prover terras para fixarem suas residências e colégios.

---

<sup>22</sup> Op. cit., 1920, p. 10.

Confirma essa informação, alguns documentos oficiais presentes na Coleção de Ángelis<sup>23</sup>. Um deles<sup>24</sup> traz informações de que em 1594 foi doado por Ruy Díaz de Guzmán, que ocupava o cargo de capitão e tenente de governador das Províncias do Paraná e circunvizinhanças, um lote de terras na cidade de Vila Rica para a Companhia de Jesus, para que nesse local pudessem instalar um Colégio. Nessa época, conforme o mesmo documento, governava o Paraguai, Don Hernando de Çarate, e fica claro que o trabalho realizado pela Companhia seria importante para o governo das mesmas, como se lê: “[...] atento aquela companhia de Jesus que con el favor divino se edifica casa della e nesta Villa de que se sigue gran servicio de dios y a su magd. Y mucha utilidad en estas Prov<sup>as</sup>. [...]”. Com um olhar atento para essas palavras, pode-se imaginar que o trabalho missionário seria de extrema necessidade para a colonização espanhola no Guairá, como uma ajuda para a entrada dos conquistadores nesses territórios. As terras para a Companhia de Jesus serviriam para a moradia dos padres e para seu sustento, visto que poderiam como sugere o mesmo documento, plantar hortas e vinhas, já que, no caso citado, a extensão das mesmas seria de “[...] quinyentos Pasos de frente y cinco Mill de largo [...]”, comprados de um homem chamado Juan Maçias.

A localização das terras fica mais clara, se comparada com o documento seguinte, uma declaração de posse das terras, feita também por Ruy Dias de Guzmán, para a Companhia de Jesus, em Santiago de Xerez (no atual Mato Grosso do Sul), em 22 de julho de 1595, em que consta a mudança de Vila Rica do Espírito Santo para o rio Ivai, o repartimento das terras e a confirmação da posse das mesmas, ao cacique Melchior, índio principal e natural daquela região, e também referendando a doação anteriormente feita onde o mesmo Guzmán diz que

[...] por quanto en la trasladacion de la Villa Rica del Spiritu Sancto q hize em nombre de su magd. en el rrio del Ubay donde al presente esta fundada, hize a los vezinos y moradores della repartimiento de tierras asi de solares como de chácaras donde aviendo hallado en el dicho rrio asentado a melchior cacique del rrio colman casado con Maria hija de boypitan yndio principal y natural del dicho rrio al qual dicho Melchior abiendo rrespecto a que siempre avia sido leal amigo y benemérito y propietario asi de su parte como de su muger del dicho asiento e tierras donde le halle poblado com casas y rroçerias media légua poco mas o menos del rrio [...] <sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuitas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ángelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951.

<sup>24</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 117-118.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 118.

Com a morte de Melchior, sua mulher havia deixado as terras para a Companhia de Jesus, como se pode ler no documento: “[...] e abiendo falleçido el dicho Melchior le competia la dicha suerte y posecion a Maria boypitan su muger la qual en su fin y muerte, por una clausula de su testamento dexo por manda y limosna, todos sus bienes y poseçiones a la compañia de Jesus [...]”<sup>26</sup> e usurpadas logo em seguida pelo Capitão Juan Merino. Guzmán restituiu as terras à Maria, e sabendo da cláusula do testamento de que com a sua morte ela deixaria as terras para a Companhia, e pelo poder a ele instituído, fez com que isso fosse respeitado, inclusive, aumentando a extensão das mesmas, como se lê:

[...] Por lo presente yo en nombre de su magd., por virtud del poder que su señora tengo adjudico y pongo la dicha tierra suerte y posecion con los demas bienes a la dicha compañia de Jesus como cosa que de derecho le es devido como dicho es y quando por fin del dicho melchior y maria quedare vaca la dicha suerte y tierra por la misma rrazon en el Real nombre doy y reparto, por suerte y posecion derecho y propiedad, a la dicha compañia la dicha suerte de tierra con todo que a Ella ymcumbe y pertenesce por ... tion y derecho con sus entradas y salidas usos costumbres derechos y servidumbres que Ay antes de agora tônia con quinyentos pasos de frente y cinco mill de largo, e asi mismo outra suerte de tierra por el mesmo rrio abaxo a la parte del pueblo [...] con otros quinyentos pasos de frente y cinco mill de largo [...]”<sup>27</sup>.

O governo se empenhou em deixar claro que caberiam à Companhia de Jesus as terras deixadas pelo cacique, porque naquele período, o Capitão Juan Merino, como autoridade interina em Vila Rica, apossara-se das mesmas, demonstrando que os conquistadores agiam dessa maneira, sem maiores preocupações em relação aos indígenas. Além dessas questões, pode-se perceber a importância da Igreja no momento da conquista do Guairá, pois a quem desobedecesse a ordem de entrar ou passar sem consentimento pelas terras, seria cobrada uma multa de quinhentos pesos. Em outro documento presente na mesma obra citada anteriormente, com a assinatura do Alcaide Jeronimo Garcete e do escrivão público Juan Batista Tavejo, de 20 de julho de 1595, portanto, alguns dias antes dos fatos narrados acima, havia sido declarada a posse das terras em Vila Rica, doadas pela viúva do cacique Melchior, para a Companhia de Jesus, confirmando a extensão das mesmas, demonstrando que todos os passos de uma escritura pública foram obedecidos e assinados, mostrando mais uma vez a necessidade de se garantir a presença dos missionários na região, conforme se lê:

---

<sup>26</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 118.

<sup>27</sup> Ibid, p. 119.

[...] acatando el mucho fruto y hedificación q los padres de la compañía de Jesus an hecho y hazen en esta villa con su sancta dotrina y buen exemplo y el mucho trabaxo que padeceu en la converçion de los naturales y ser muy conveniente y necesario se perpetuen en sus províncias [...]”<sup>28</sup>,

e reafirmando a proibição a qualquer um que discordasse dessa questão, com multa de em 200 pesos (dinheiro da época). É interessante observar também a presença do padre Manuel Ortega, que tomou posse das terras e já estava limpando o terreno para que ficasse claro que aquele lugar pertencia à Companhia.

Havia descontentamento dos moradores/conquistadores em relação ao montante de terras doadas para a Companhia, pelo que se pode compreender do ato de Juan Merino após a morte do cacique Melchior, precisando da intervenção das autoridades oficiais para garantir o disposto no documento. Ou seja, conflitos entre autoridades e moradores eram visíveis.

Dessa maneira ficou garantida a presença da Companhia de Jesus nas vilas espanholas, e se intensificou o ensino nas circunvizinhanças. Isso foi possível após a fundação da Província Jesuítica do Paraguai e a intervenção de Hernandarias então governador do Paraguai, enviando pedido ao rei da Espanha, Felipe III em 1608, e conseguindo a ajuda dos padres Jesuítas para a civilização dos indígenas. Os padres foram sendo enviados para as regiões “[...] de índios infieles y no reducidos [...]”, diz Acosta<sup>29</sup>. Dois padres jesuítas foram para o Guairá e, em razão disso, houve o aumento de povoações ou *pueblos* de cristãos, que eram denominadas Reduções, Missões ou Doutrinas de índios. Então, como se deve entender a real denominação para esses povoados? O célebre padre Antonio Ruiz de Montoya<sup>30</sup> definiu o termo Redução como “[...] a los pueblos de índios que vivendo a su antigua usanza en montes, tierras y vales, en escondidos arroyos [...] los reduxo la diligencia de los Padres a poblaciones grandes y a vida política e humana [...]”. Mas essa não é a única explicação para esse tipo de organização social/econômico/política desses *pueblos*. Outros estudos complementam essa idéia, como o do Padre Bernardo Capdeville<sup>31</sup> para quem as Missões Jesuíticas eram os “[...] estabelecimentos fundados por los Jesuítas en América para la

<sup>28</sup> CORTESÃO, op.cit., 1951, p. 121.

<sup>29</sup> Op. cit., 1920, p. 13.

<sup>30</sup> MONTROYA, Antonio Ruiz de, S.J. *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639, p. 6. Conforme explica CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 39, o padre Antonio Ruiz de Montoya é considerado um dos grandes heróis do que se chamou *Conquista espiritual*, inclusive aqui, ficando um paralelo com sua obra posterior entre os indígenas. Considerado como figura “sagrada” na historiografia jesuítica, este homem nasceu em Lima, Peru, no ano de 1582, filho de pai sevilhano, e órfão aos nove anos, entrou para o Colégio da Companhia de Jesus em Lima, e em 1606, para a Ordem sendo enviado para o Guairá. Os estudos sobre os territórios do Guairá não podem ser feitos sem conhecer este personagem e sua dedicação ao trabalho missionário nessa região.

<sup>31</sup> Op. cit., 1923, p. 19.



civilización y la formación Cristiana de los índios [...]”. Segundo ele, essas povoações eram também chamadas de Reduções porque os padres, por meio do sistema de evangelização, fizeram com que os índios passassem da vida selvagem das florestas para uma vida em comunidade cristã. E, como visto anteriormente, esses estabelecimentos também foram chamados de Doutrinas, ou, paróquias de índios já estabelecidos e convertidos. Às vezes, o nome Redução era dado para locais habitados por “infieis” ou que, além dos cristãos, eram habitados por infieis. Missões, Reduções, portanto eram os *pueblos* de índios dirigidos pelos jesuítas, mas que ainda não estavam convertidos à doutrina católica. Doutrina eram os *pueblos* de índios reduzidos, convertidos e, erigidos em paróquias, e, as Missões tinham o mesmo significado.

Segundo as leis relativas à América espanhola, chamadas de “Leis de Índias”, após 10 anos, as Reduções passavam a ser Doutrinas, conforme explica Capdeville<sup>32</sup>, embora os registros ou a historiografia que se tem utilizem os termos Missões, Reduções e Doutrinas para qualquer caso. A partir dos 10 ou até mesmo 20 anos, ficavam obrigadas a pagar tributos à coroa espanhola conforme o estabelecido por Felipe IV na Cédula Real de 28 de dezembro de 1743. Esse período referente à Cédula Real, de 1743, porém, está bem à frente do interesse desse estudo, mas é informação importante para que se tenha clareza da organização político/social da região. Vale colocar o ponto de dúvida deixado por Capdeville<sup>33</sup> quanto a esse período. Diz ele:

[...] Mas, como la fundación de una Reducción de índios no se hace en un instante, y a veces, en largo espacio de años, no se puede conocer se aquello es Pueblo, se duda de donde se han de empezar a contar los diez o los veinte años, y no irá descaminado quien dijere que se empuezan desde que los índios aceptan la corrección, y la corrección, atenta la índole de esta gente, no se hace sino por médio del azote. Mientras falta la docilidad para esto, el Pueblo y Doctrina está sin fundamento [...].

Dessa forma, o modo de vida dos indígenas já ficava comprometido, uma vez que estariam ligados a obrigações para com a coroa espanhola também através dos tributos que lhes eram cobrados.

Não foi tarefa fácil, segundo Cardozo<sup>34</sup>, a formação desses povoados, porque os *encomenderos* procuravam impedir “[...] a la fundación de pueblos por los jesuítas por el

---

<sup>32</sup> Ibid, p. 19-20.

<sup>33</sup> Id, p. 20.

<sup>34</sup> CARDOZO, Ramón I. *El Guairá – Historia de La Antigua Provincia – 1554 – 1676*. El Arte S.A. Asunción, 1970, p. 85.

temor de que los naturales se retirasen de las encomiendas para pasar con los doctrineros, [...]”, porque esses conquistadores agiam no sentido de subordinar os indígenas, obrigando-os a trabalhar em suas terras e minas.

Mesmo com as dificuldades que se lhes apresentaram, foram 14 as Reduções formadas pela Companhia de Jesus no Guairá, ao largo dos rios Paraná, Paranapanema, Iguaçu, Piquiri, Ivaí e Tibagi. Os Padres Masseta e Cataldino haviam viajado pelo Guairá, indo de Assunção, percorrendo mais de 200 léguas, e como diz Acosta<sup>35</sup>, sofrendo todo tipo de penalidades, doenças e quase a morte, até chegar ao rio Paranapanema. E foi apenas em julho de 1610 que puderam iniciar a fundação do primeiro pueblo ou Redução, na confluência do Rio Paranapanema com o Rio Paraná, que recebeu o nome de Nossa Senhora de Loreto (Nuestra Señora del Loreto) e, em seguida, pouco quilômetros adiante dessa, também a de Santo Ignácio. As demais foram organizadas ao largo dos demais rios, como as de São José (1626), São Francisco Xavier (1625), Encarnación (1626) e São Miguel (1628), no rio Tibagi; no rio Ivaí as de Jesus Maria (1628), Santo Antônio (1627), e São Paulo (1626); as de São Tomás (1628) e Sete Arcanjos (Los Angeles) (1628), no rio Corumbataí; Concepción (1627) e São Pedro (1627) no rio Piquiri (cabeceiras), e Nossa Senhora de Copacabana, no médio Piquiri<sup>36</sup>. Mesmo com todo esse empenho, as reduções ocuparão esse território por poucos anos, até as invasões dos paulistas<sup>37</sup>.

As Reduções<sup>38</sup> foram adquirindo características próprias com o tempo, mas no início de sua fundação foi necessário tirar proveito das experiências obtidas com as viagens e com as entradas dos conquistadores e jesuítas pela região e dos primeiros contatos com as populações, além de se seguir o disposto nas legislações vigentes sobre como tratar com os habitantes indígenas. Todo o trabalho de evangelização na América foi realizado de acordo com as Leis de Índias, em que os reis da Espanha transmitiam as instruções através de documentos chamados “Cédulas Reais”. As primeiras reduções ou pueblos de índios foram formadas dessa maneira.

O número de habitantes indígenas nas Reduções variava entre 120.000 a 140.000, conforme explica Capdeville<sup>39</sup>. Esses dados, na literatura pró-jesuítica funcionam como

---

<sup>35</sup> Op.cit., 1920, p.15.

<sup>36</sup> Conforme se pode ver em MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva. Exploração e Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: DIAS, R.B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999. Ver também ACOSTA, op. cit., 1920, p. 16.

<sup>37</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951.

<sup>38</sup> BALLESTEROS, op.cit., 1979.

<sup>39</sup> Op.cit., 1923, p. 23.

testemunho do trabalho que os padres empreenderam, dando a entender a dificuldade que tiveram para manter tal número de índios, retirados de sua antiga vida nas selvas, para serem reduzidos e convertidos, e fazendo-os levar uma vida cristã. Em Carta Ânua <sup>40</sup> de 1628, o Padre Montoya também revela alguns dados sobre o censo nas reduções do Guairá, falando sobre cada uma delas, anotando o número de índios matriculados nas povoações e os que comungavam em cada uma. Nessa ocasião ele relatou que havia no Guairá oito reduções onde pregavam dez padres, sendo elas Nossa Senhora de Loreto, S. Ignácio, S. José, S. Xavier, Encarnación, S. Paulo, Los Angeles de Tayaoba, Concepción.

A população nessas reduções estava distribuída, segundo os dados do Padre Montoya, da seguinte maneira: Loreto, a primeira redução fundada, contava com 800 índios matriculados, cristãos, e mais 1300 ditos que comungavam, freqüentando as reduções; em Santo Ignácio eram 1000, os índios matriculados e havia ainda mais 1500 nas mesmas condições dos anteriores, que comungavam na redução; em S. José havia apenas 200 índios, mas que havia sido descoberto na região mais seis pequenos pueblos de Guarani que esperavam poder agregar; a informação que o padre dá sobre S. Xavier é de que nesse ano em que ele escreveu, 1852 adultos e 378 crianças, num total de 2230 batismos. Mas, já há dois anos os padres vinham batizando nessa região outros 2413 adultos e mais 850 crianças, resultando em grande número populacional nessa redução; nesse ano de 1628, em Encarnación havia 600 índios, mas no decorrer do ano foram batizados outros 180 adultos e 526 crianças; na redução de S. Paulo havia 400 índios matriculados, mas, de acordo com o relato do padre Montoya, muitos outros iam chegando, vindo de outras comarcas; em Los Angeles 1000 índios estavam reduzidos, e entravam mais a cada dia segundo os relatos dos padres ao padre Montoya, além do que, nesse ano ainda outros quatro caciques foram reduzidos, e embora não seja claro na ânua, provavelmente acompanhados de toda sua gente. Mesmo com esse aumento, o padre Montoya relata a tristeza de ver o número de indígenas da redução ser diminuído, em virtude dos muitos trabalhos que faziam para os espanhóis na colheita da erva-mate; em relação à Concepción, o padre não faz menção do número de habitantes indígenas<sup>41</sup>.

Logicamente, os dados do padre Montoya dizem respeito ao ano de 1628, mas revela que os batismos eram realizados constantemente, e o número de pessoas matriculadas em período anterior pode ser maior.

---

<sup>40</sup> Documento presente em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 259-298.

<sup>41</sup> Conforme CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 259-298, Documento XL.

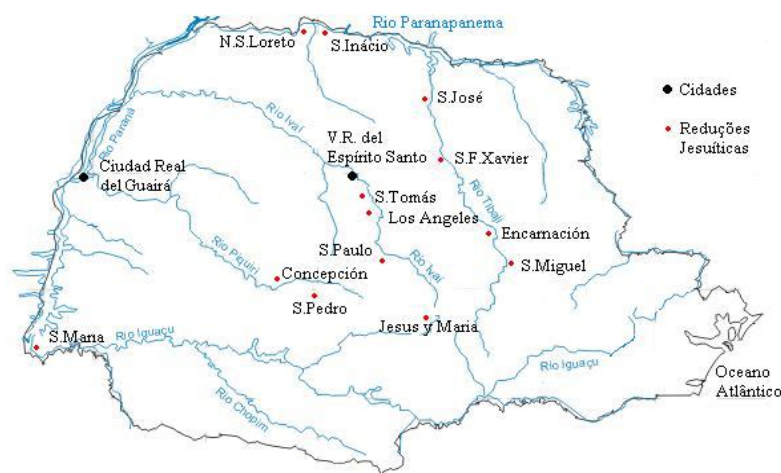


Figura 6 – Mapa do Guairá representando as Reduções Jesuíticas e as cidades espanholas. Fonte: MOTA, L. T. História do Paraná: ocupações e relações interculturais. Maringá: EDUEM, 2005, p. 27.

De acordo com o mapa acima, as Reduções Jesuíticas localizavam-se nos vales dos rios Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri, Iguaçu, e das cidades espanholas, no território do Guairá, que, entre os séculos XVI e início do XVII fazia parte dos domínios da Espanha na América.

### 3.2.1 Preocupação das autoridades para a formação das Reduções

Intensificaram-se a partir da primeira década do século XVII, os esforços para a formação das Reduções que necessitou também da intervenção das autoridades, como se pode ver em documento de 26 de novembro de 1609, em que o Capitão Don Antonio de Añasco, tenente de governador nas Províncias do Paraguai e do Rio da Prata, disse que

Por el presente mando al cap<sup>a</sup> Pero garçia y outra qualquier Justiçia de guayra, que en ning<sup>a</sup> manera precisa asta que outra cosa se ordene y mande, no salgan ni enbien a hacer malocas Jornadas ni entrada ning<sup>a</sup> a la Prov<sup>a</sup> del yparanapane y Atibaxiba, ni outro ningun rio que cayga en el paranapane, porquanto de presente se pretende reducir a los naturales della por médio del Padre Joseph Cataldino y el P. Simon Maseta de la compañía de Jesus a quien les esta cometida la dha reduçion, antes para Ella les acudiran y haran acudir con todo el favor y ayuda que fuere neccess<sup>o</sup> por ser cosa tan del

serviço de dios N. Señor y de su magestad y bien de la tierra, ni menos consentian que ningun soldado ni viçino entre a inquietar los yndios com achaque [...]<sup>42</sup>.

Embora o documento tenha muitas informações a serem discutidas, assinala-se, apenas a preocupação do governante com relação ao trabalho que os padres Cataldino e Masseta realizariam entre os indígenas do Guairá. Isso seria importante para a coroa espanhola, no sentido de que essas populações estariam “acomodadas” nas povoações fundadas pelos jesuítas, contribuindo para a entrada dos espanhóis na região, o que explica tanto zelo e preocupação para que os padres tivessem todo o necessário para organizar as reduções. Não há vestígios de preocupação, portanto, em que as populações indígenas pudessem ter sido vistas e compreendidas em suas diferenças<sup>43</sup>. A leitura do mesmo demonstra ainda que, os espanhóis costumavam *maloquear* as aldeias indígenas para forçá-los ao trabalho em suas fazendas e minas, e que tais ações ficariam proibidas nas regiões onde os jesuítas aplicariam seus métodos de ensino e redução das populações.

### 3.2.2 A evangelização no Guairá

A cruz, que simbolizava o poder da evangelização cristã, foi a arma usada pelos padres que vieram inicialmente para colaborar com os espanhóis em seus diversos conflitos com os indígenas. Em relação a isso, Capdeville<sup>44</sup> lembra que o padre Montoya expressou seus sentimentos sobre esse trabalho, dizendo

[...] se verá claramente [nas histórias e documentos] que sin ayuda de español alguno, se entraron por las tierras de los gentiles, llevando por armas una cruz en las manos que juntamente sirve de báculo. Y si, después de haber experimentado agravios de los gentiles, poça fé en su palabra de recibir pacificamente a los predicadores del Evangelio, llevan Indios amigos que los defienden, quién dudará que esto no sea muy lícito? Si absolutamente dicen que los Religiosos hacen la guerra a los Indios, para forçar-los a recibir nuestra santa fé, es intolerable ignorância o sobrada malícia juzgar que aquellos Religiosos ignoran el modo que Cristo N.S. dejó a sus Apóstoles de predicar e introducir su Evangelio [...].

---

<sup>42</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 137.

<sup>43</sup> TODOROV, Tzvetan (1939). *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>44</sup> Op. cit., 1923, p. 30.

A questão era que os chamados “inimigos” dos jesuítas queriam contender dizendo que eles, para convencer, reduzir e converter os indígenas chamados de “infiéis”, ou ainda não convertidos, usavam outros indígenas e soldados para chegar até eles, querendo com isso dizer que os padres sozinhos não o teriam conseguido.

No sentido de contrapor essa idéia e, também na defesa dos padres Capdeville<sup>45</sup> diz que em 20 de maio de 1631, Felipe IV, Rei da Espanha, havia deixado claro em Cédula Real que

Los padres de la Compañía de Jesús han fundado más de veinte Reducciones y Pueblos de infieles Indios [em referência às fundações na Província do Paraguai, não especificamente no Guairá] que han reducido a nuestra santa fé católica con su predicación e industria, expuestas sus vidas en evidentes peligros y sufriendo inmensos trabajos como sin amparo de escolta ni ayuda de fuerza humana [...].

Esse empenho e aplicação da cristianização foram empreendidos em todo o Guairá. O que se vê, é que os padres fizeram mais para a coroa espanhola do que as armas dos conquistadores, porque os indígenas passaram, forçosamente ou não, a serem seus vassalos.

Muitos dos missionários eram homens bem preparados em relação aos conhecimentos seculares e <sup>46</sup> não se valeram somente da cruz para realizar seus intentos. Os indígenas foram atraídos, por exemplo, pela música tocada por eles. Porém, foi necessário também conquistar a confiança dos caciques, sendo esse o próximo passo que deram, porque assim poderiam chegar até os vassalos (se é que assim se pode referir a eles) desses líderes. Ocorriam da seguinte maneira esses encontros:

[...] Los misioneros congregaban en un punto elegido cuidadosamente de antemano y notable por su fertilidad, a varias familias. Pasaban así, semanas, a veces, meses. Los misioneros abordaban entonces prudentemente el tema de la Religión Cristiana, demostrando a aquellos pobres salvajes, sea la puerilidad, sea la ridiculez, sea la malicia de sus supersticiones y de sus creencias [...]<sup>47</sup>.

Das informações anteriormente citadas, deduz-se que as primeiras Reduções do Guairá foram formadas por indicação, ou interesse político, em uma compreensão mais crítica, quando para lá foram enviados pelo Provincial Pedro de Torres, o padre Marcial

---

<sup>45</sup> CAPDEVILLE, 1923, p. 31.

<sup>46</sup> A questão da preparação dos missionários é bastante discutida por CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 32, que trata da forma como empreenderam seus estudos, inclusive sua preparação para trabalhar com os indígenas.

<sup>47</sup> CAPDEVILLE, op.cit., 1923, p. 32.

Lorenzana e Francisco de San Martin. O indígena era então, considerado indivíduo “[...] bebedor, empedernido, belicoso, polígamo y antropófago [...]” diz Ballesteros<sup>48</sup>, fazendo parecer coisa difícil de realizar apenas por sacerdotes, sem armas ou outra ajuda. A comunicação com as populações indígenas também dificultava o trabalho missionário, embora alguns padres já tivessem se empenhado no estudo das diferentes línguas, como Ângulo e Barzana que falavam alguns dos idiomas deles, questão essa citada anteriormente. O franciscano Luis de Bolaños (andaluz), que desde 1580 fazia o trabalho missionário no Paraguai, também desenvolveu um vocabulário guarani, com o objetivo de promover a evangelização entre esses grupos. O mesmo vai fazer o padre Antonio Ruiz de Montoya, que compôs várias obras sobre a língua Guarani, como o **Catecismo, su Arte, su Vocabulário y su Tesoro de la lengua guarani**, publicado na Espanha entre 1639 e 1640.

Sobre as dificuldades de comunicação entre conquistadores e indígenas, Arnaud<sup>49</sup> fez um questionamento interessante: “[...] cómo se entendieron los descubridores con los índios en sus primeros encuentros? [...]”, e passa a discutir a importância dos intérpretes para a conquista e a evangelização das populações encontradas pelos europeus na América. Segundo o autor, provavelmente os primeiros intérpretes tenham sido os marinheiros abandonados, perdidos, naufragos, ou desertores deixados no litoral da América e que “[...] La historia recuerda no pocos que merced al perdón de su vida por los naturales se amoldaron a los selváticos y fragosos ambientes y llegaron a fundar entre los naturales sus hogares y hasta a imponerse como jefes o caciques [...]”, o que explica muitos europeus terem aprendido a se comunicar nas línguas indígenas e depois servirem como intérpretes para os conquistadores que chegavam.

Não se pode deixar de notar, no entanto, o empenho dos padres ao sistematizar o idioma dos indígenas, procurando ensiná-los em sua língua, embora também fosse necessário ensinar-lhes o castelhano, como eram as instruções recebidas.

Por essas informações pode-se vislumbrar a dificuldade desse momento de encontro com o outro<sup>50</sup>, do branco, missionário, com o indígena em seu próprio território, ou seja, aonde iriam se estabelecer as relações sociais, como em um campo de forças empreendidas

---

<sup>48</sup> Op.cit., 1979, p. 17.

<sup>49</sup> ARNAUD, Vicente Guillermo. *Los Interpretes en el Descubrimiento, Conquista y Organización del Río de la Plata*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Didot S.R.L., 1950, p. 13.

<sup>50</sup> TODOROV, op. cit., 1999.

pelos sujeitos ali envolvidos<sup>51</sup>. De que forma esses encontros foram possíveis? Os jesuítas buscaram nos caciques mais influentes meios para a intermediação com outros caciques, que depois concordavam em fundar os primeiros povoados, ou *pueblos*. Para os jesuítas, essa foi uma possibilidade.

O resultado das pregações jesuíticas é classificado como admirável, segundo Capdeville<sup>52</sup>, tendo sido conseguido mesmo entre os Guarani, alguns mártires. Sobre esse assunto, o Padre Montoya em sua obra **Conquista Espiritual** contou que, dois índios cristãos, casados, viajavam com os missionários para um *pueblo* que ainda não conhecia o evangelho e, ao saberem do objetivo da missão entre eles, os habitantes daquele lugar resolveram matá-los. Antes, procuraram testar os indígenas cristãos, oferecendo-lhes mulheres, quando um deles recusou a oferta, dizendo preferia a morte a ter que cometer esse erro, em demonstração de que os princípios ensinados pelos jesuítas estavam amplamente sendo considerados por eles. O resultado desse encontro foi, para esse indígena, a pena de morte, tornando-se, pois, um mártir da causa jesuítica.

Essas conclusões denotam que a literatura jesuítica se empenhou em enaltecer os trabalhos da Companhia de Jesus, no Guairá. Embora os fatos acima narrados tenham provavelmente ocorrido, porque aqui não se vai contestar a veracidade das palavras do padre Montoya, não se tem, com certeza, o pensamento dos indígenas sobre o isso, apenas o que um jesuíta escreveu sobre eles. Ou seja, a aceitação dos trabalhos missionários entre os Guarani no Guairá foi grande, fazendo inclusive mártires da causa cristã entre eles, conforme se observa nos escritos citados.

### 3.2.3 Lutas para promover o trabalho missionário no Guairá

A historiografia jesuítica procura mostrar que não faltaram inimigos para protestar e criticar o trabalho dos padres. Os jesuítas tiveram que passar por muitos perigos, segundo consta dos seus registros, o que serviu para mostrar que influenciaram de certa forma, os indígenas, em relação ao que pensavam ser necessário fazer – cristianizá-los e civilizá-los conforme os costumes europeus. Entre esses problemas, estavam as lutas que empreenderam contra o que consideravam comportamentos viciosos, caráter difícil dos indígenas sempre

---

<sup>51</sup> Ver BARROS, José D'Assunção. *Espaço e tempo: territórios do historiador*. Varia História, vol. 22, n. 36. Belo Horizonte, jul/dez/ 2006 p. Disponível em [www.Arq.ufsc.br/urbanismo/5/artigos/artigos\\_bja.pdf](http://www.Arq.ufsc.br/urbanismo/5/artigos/artigos_bja.pdf), e sua discussão a respeito do homem e sua atuação no espaço em que vive].

<sup>52</sup> Op.cit., 1923.



“[...] inconstante e dissimulado [...]”, diz Capdeville<sup>53</sup>. Sobre essa questão, Pompa<sup>54</sup> discute que o que prevaleceu inicialmente, nos encontros entre jesuítas e indígenas são as diferenças de idéias, de características, de crenças. Ainda não se pode falar em equidade nessas relações entre indígenas e missionários, já que seus costumes foram severamente criticados por esses. Não se pode negar, porém, o esforço pessoal dos indígenas, mas, não se fazem outros comentários, a não ser que seus costumes eram incomuns e inaceitáveis. Além desses, diz o mesmo autor, outros acontecimentos, historicamente considerados como problemas enfrentados pelos jesuítas, referem-se às investidas que os mamelucos, os portugueses e os Tupis fizeram contra as reduções. Por ora, pode-se dizer que foram ataques que provocaram muitas mortes entre os indígenas.

Os Guarani também fizeram suas investidas “[...] contra los españoles, contra los mamelucos y contra los portugueses”, conforme explica Capdeville<sup>55</sup>, demonstrando que não foram indivíduos passivos em relação à conquista espanhola. Prova disso, é, como já se disse, que o próprio governador Hernandarias de Saavedra não conseguiu submetê-los pelas armas, com relação ao seu intento de promover a dominação espanhola sobre “el Paraná” e regiões adjacentes. Assim

[...] Aquellos mismos Indios, rebeldes ahora, al yugo, ante los soldados armados de España, lo aceptaron más tarde, cuando se presenten los soldados de San Ignacio con la sola arma de la cruz! Milagro más sorprendente! Hasta se constituirán los defensores de la monarquia española [...]<sup>56</sup>.

Percebe-se que os indígenas aparecem nos escritos como aqueles que lutaram contra a conquista espanhola, embora não seja esse o enfoque que os registros queiram dar, mas sim que, foram violentos e precisaram ser dominados ou pela espada ou pela religião. Os missionários tiveram mais sucesso que os conquistadores, ou as armas o puderam fazer. Mesmo assim, a partir desses apontamentos, pode-se compreender um pouco mais claramente a presença dos indígenas, demonstrando sua vontade ou sua reação contra os avanços dos europeus sobre suas terras, traduzida em guerras, violências e ataques inesperados, entre outras ações, contra os espanhóis.

---

<sup>53</sup> Op. cit., 1923, p. 25-27.

<sup>54</sup> POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>55</sup> Ibid, p. 28.

<sup>56</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 28.

Durante a organização dos trabalhos dos jesuítas, o padre Montoya, que primeiro serviu como missionário e depois como Superior da Missão do Guairá, registrou o que considerou como os sofrimentos dos padres, dizendo que eram muito pobres, mas felizes por estarem servindo entre os indígenas, com suas roupas muito velhas e rasgadas, e

[...] Tenían los zapatos que habían sacado del Paraguay remendados com pedazos de paño que cortaban de la orilla de sus sotanas [...], pan, vino y sal no se gustó por muchos años; carne, alguna vez la veíamos de caza, que bien de tarde nos Traian algún pedazuelo de limosna. El principal sustento era patatas, plátanos, raíces de mandioca [...]. Obligó la necesidad a sembrar por nuestras manos el trigo necesario para hóstias. Durónos media arroba casi cinco años, tomando de el lo preciso solamente para consagrar, y por no ser cargosos a los Indios, teníamos en nuestro huertecillo, las raíces comunes y legumbres con que sustentarnos<sup>57</sup>.

Como se vê, há nos escritos do padre Montoya fartos elogios ao empenho dos padres para o trabalho missionário traduzido nas dificuldades encontradas por eles no interior do Guairá, vivendo com poucos recursos e se alimentando do que a terra podia lhes proporcionar.

Os registros jesuíticos demonstram que havia um relacionamento tranquilo dos padres com alguns dos grupos, com poucas evidências de confronto entre eles. Nos primeiros contatos, os padres conseguiram manter diálogo, e logo, promover o ensino do evangelho aos indígenas<sup>58</sup>. Na opinião de Acosta<sup>59</sup>, **Conquista Espiritual** do padre Antonio Ruiz de Montoya é fonte importante para compreender o desenvolvimento das Reduções do Guairá, pois ali é possível entrever o trabalho realizado entre os indígenas, as dificuldades que passaram, a forma como os missionários viveram, e as renúncias que fizeram para isso. Essa leitura garante ao leitor uma das visões sobre as relações entre missionários e indígenas, já que deixa transparecer mais claramente a posição dos primeiros.

No entanto, é importante notar que na historiografia jesuítica, a boa administração realizada pelos missionários jesuítas entre os indígenas, cujos progressos foram muitos e rápidos, levou seus críticos a conjecturar que não estavam sozinhos nessa empresa, que contavam com a ajuda de outras pessoas fora da Igreja, além da proteção do exército dos

---

<sup>57</sup> MONTOYA, op.cit., 1636, p. 11.

<sup>58</sup> Isso também poderia ser pensado como um novo paradigma das relações interculturais, como discute STERLING, German. A dialética dos imaginários no Guairá. In: STERLING, G. (org.) *Abordagens Historiográficas na Fronteira*. Fóz do Iguaçu: Uniamérica, 2006, p. 171-183. Além disso, não há clareza na nos registros analisados até agora, de que o outro, o indígena, não tenha recebido esses ensinamentos por seus próprios interesses, ou mesmo, que essas populações tenham “traduzido”, no sentido de uma hibridização, os sentidos, os ritos, os ensinamentos dos padres, como explicou POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>59</sup> Op. cit., 1920, p. 26.

conquistadores espanhóis. Acosta<sup>60</sup> lembra que a discussão sobre a importância ou não dos trabalhos missionários girava em torno da questão de que eles só poderiam ter realizado tamanha obra, de reduzir, ensinar e fazer converter à fé católica tantos indivíduos, com o auxílio de muito dinheiro, sem o que não poderiam ter levantado tantos *pueblos* e igrejas, além de manter a vida de seus convertidos, chamados de neófitos. E, mais uma vez favorecendo um bom conceito em relação aos jesuítas, o autor refere-se àqueles que pensavam assim, como os que, acomodados em suas casas, não sabiam como fora difícil a vida dos missionários, e, sem provas, levantavam calúnias sobre os mesmos.

Como testemunha ocular da vida e dos trabalhos missionários, o padre Montoya<sup>61</sup> revela algumas dificuldades pelas quais passou, quando estava indo de Assunção ao Guairá, dizendo:

Poco antes de llegar a Mbaracayú me acompaño un cruel aguacero casi todo el día, caminando a pie y descalzo [...]; alberguéme, para pasar la noche, debajo de un árbol con cinco índios que me acompañaban, porque el sexto se había quedado una légua de allí con una frazada y una hamaca y um poco de arina de palo [farinha de mandioca] que era todo mi ajuar y matalotaje; sentéme arrumando la cabeza al árbol, donde pasé toda la noche sin comer bocado, ni mis compañeros, porque no le había; el agua que corria por tierra me sirvió de cama, y la que caía del cielo de cobija [...]<sup>62</sup>.

O padre Martín Urtazín, morreu aos 26 anos, segundo as informações, vítima de inanição, e “[...] su mayor regalo fué algún pajarillo que le traían, cazados por los montes, y uma poça de harina de palo que aun un sano há menester buena gana para comerla; porque en más de ocho o diez años no vimos pan de nuestros ojos”, diz o mesmo Montoya<sup>63</sup>, referindo-se às dificuldades vividas pelos missionários. Bem, aqui se percebe também a idéia de que os padres estariam passando fome, mas, podes dizer que, talvez fosse o fato de não estarem acostumados com o tipo de alimentação existente na região, por isso diziam passar fome. Provavelmente também, esse padre já estivesse enfraquecido, sem médico e remédios para curá-lo. De qualquer maneira, os indígenas o alimentaram com o que conseguiam caçar.

As referências sobre a conversão dos indígenas à fé católica e por consequência, sua civilização, fato conquistado com a formação das Reduções, são de que, teria sido possível<sup>64</sup>, pelas atitudes mansas dos padres, que atraía mesmo os mais selvagens. E as Reduções iam atraindo mais e mais Guarani.

---

<sup>60</sup> Op. cit., 1920, p. 17.

<sup>61</sup> Ver também, sobre esse assunto, Acosta op. cit., 1920, p. 17.

<sup>62</sup> MONTTOYA, op. cit., 1636, p. 18.

<sup>63</sup> Ibid, p. 19.

<sup>64</sup> Segundo CAPDEVILLE, op. cit., 1923.

Dessas informações pode-se dizer que, os padres jesuítas mantiveram, desde sua chegada à América hispânica, estreito relacionamento com as populações indígenas, angariando muitos incentivadores e admiradores pelo seu trabalho. Com relação aos indígenas, as referências que se fazem a eles, são as já apresentadas, que muitos foram considerados de difícil trato, violentos, que empreenderam guerras contra os espanhóis. Com relação às anotações feitas pelos jesuítas, eles (os indígenas) são sempre colocados em posição de indivíduos que precisam receber cuidados, como os que os padres poderiam lhes proporcionar.

### 3.2.4 A situação dos indígenas no Guairá – o que pensavam os padres

A vinda dos padres jesuítas para o Guairá teve o objetivo de promover o trabalho missionário entre os indígenas, como se tem observado até agora. Embora neste capítulo a discussão se refira aos relacionamentos entre indígenas e missionários, é preciso registrar aqui, que os espanhóis, por seu lado, vieram para a América com a idéia de extrair o máximo de riquezas das colônias em benefício próprio e do reino da Espanha e, nesse contexto, exploravam o trabalho dos indígenas através da *mita*<sup>65</sup>, por meio da qual os indígenas eram repartidos contra a sua vontade para fazer diversos tipos de trabalho no comércio, na agricultura ou nas minas. Algumas dessas questões foram citadas em capítulo anterior. Nesse contexto, os missionários jesuítas estarão agindo, intervindo e questionando a utilização dessas instituições de trabalho entre os indígenas.

Dessa forma, os historiadores jesuítas também procuraram explicar o significado dessa forma de exploração do trabalho indígena, como, por exemplo, Capdeville<sup>66</sup> segundo o qual

[...] Hubo dos clases de encomiendas: la primera se llamaba ‘Mita’: en esta, los Indios prestaban sus servicios a su dueño durante cierto tiempo del año (dos o tres meses por ano generalmente). Los ancianos de más de cincuenta años, los niños, las mujeres y hasta los caciques quedaban eximidos de esta obligación. Los Indios de una Mita se llamaban ‘mitayos’. La segunda clase de encomiendas era la ‘Yanacona’, en ésta, los Indios quedaban a disposición absoluta del encomendero; sin embargo, este no podía venderlos ni despedirlos por nulos, inútiles o enfermos, la ley obligaba al dueño a

---

<sup>65</sup> MITA - (Del quéchua *mit'a*, turno, semana de trabajo). 1) Repartimiento que em América se hacía por sorteo en los pueblos de indios, para sacar el número correspondiente de vecinos que debían emplearse en los trabajos públicos; 2) Tributo que pagaban los indios del Perú, conforme a REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Disponível em [http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO\\_BUS=3&LEMA=mita](http://buscon.rae.es/draeI/SrvltConsulta?TIPO_BUS=3&LEMA=mita). Acesso em 29/11/2008, 23 horas.

<sup>66</sup> Op. cit., 1923, p. 51.

vestirlos, alimentarlos, instruirlos em arte y Religión. Pero, cuán diferentes fueron las prescripciones de la ley y la práctica de los Españoles [...].

A *mita* era a forma de trabalho indígena explorada principalmente nas regiões das minas de prata, ou trabalho feito pelos indígenas em obras públicas e nas terras da coroa, por um tempo determinado, em troca de alimentação, vestimenta e moradia. A *encomienda*, por sua vez, correspondia ao trabalho agrícola realizado de forma coletiva, uma instituição jurídica implantada pela Espanha na América, para regulamentar as relações entre espanhóis e indígenas, significando

En América, institución de contenidos distintos según tiempos y lugares, por la cual se señalaba a una persona un grupo de indios para que se aprovechara, ya del trabajo de ellos (encomienda originaria o de servicios), ya, posteriormente, de una tributación tasada por la autoridad (encomienda de tributo), y siempre con la obligación, por parte del encomendero, de procurar y costear la instrucción Cristiana de aquellos indios<sup>67</sup>.

O Padre Bernardo Capdeville<sup>68</sup>, ao falar sobre os encomendeiros nos diz que a *Encomienda*

[...] era una imitación del feudo europeo. En la Edad Media, los reyes, premiaban algunos de sus soldados con ciertas tierras llamadas ‘feudos’ con obligación de parte del agraciado, de rendir homenaje al Rey. En América, como la tierra no tenía todavía valor alguno, y sin brazos que la cultivaran, los Gobernadores dieron a los Españoles conquistadores, en vez de tierras, Indios. Esa pertenencia se llamó *encomienda*, los agraciados se llamaron *encomenderos* y los Indios entregados se llamaron *encomendados* [...].

O uso desse tipo de trabalho forçado está sendo comparado com a situação social/econômica da Idade Média, em que os servos deviam diversas obrigações para com os Senhores Feudais, em troca da moradia nos Feudos. Informações sobre essa instituição também são encontradas em Sanches<sup>69</sup>, mostrando que Colombo pode ter sido o primeiro a “[...] repartir la tierra y encomendar los indios que en ella vivian, forma con la que premió a sus compañeros y trato de encauzar las ambiciones de los descontentadizos y arremolinados capitanes de su contorno [...]”. Segundo o autor, quando os primeiros colonizadores

---

<sup>67</sup>REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I e II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992, p. 825.

<sup>68</sup> Op. cit., 1923, p. 51.

<sup>69</sup> SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edición. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972, p. 379-381.

distribuíram o território em lotes, esses eram os chamados *repartimientos*, e que dessas regiões faziam a distribuição da população indígena em grupos, as *encomiendas*, como prêmios a esses conquistadores.

Esse tipo de trabalho era comandado pelos espanhóis na figura do *encomendero*, e segundo o padre Furlong<sup>70</sup>, as leis reais diziam que deveria haver respeito aos índios (chamados *naturais*), mas era permitido o “[...] llamado servicio personal”, e esses índios “[...] eran encomendados a los españoles para que éstos los atrajeram a la vida Cristiana; ellos a su vez pagarían esse servicio con parte de sus fatigas en trabajos útiles a sus amos [...]”. A essas eram relações de trabalho, quer quisessem ou não, os indígenas estavam obrigados como forma de pagamento aos espanhóis por terem sido por eles cristianizados, mesmo sem que o tivessem solicitado, ou seja, resultou na sujeição do “outro”, embora os indígenas tenham resistido a essa forma de trabalho<sup>71</sup>. Nesse processo, os jesuítas estiveram lutando para que as leis fossem obedecidas, no sentido de coibir o uso do trabalho forçado dos indígenas. Estiveram envolvidos nesse momento, indígenas, jesuítas e os conquistadores espanhóis, com interesses diferenciados, se é que se podem dizer quais seriam os desejos dos indígenas nesse momento.

Porém, em diversas ocasiões, os indígenas foram servir nas paróquias, nos conventos ou nas residências dos padres, como *yanáconas*. Quer dizer que, mesmo contestando o serviço pessoal, os padres se utilizaram da força de trabalho de alguns indígenas, como comprova documento em Cortesão<sup>72</sup>, em que está dito que deveriam receber bom tratamento e serem doutrinados à religião católica, não tendo nada que informe, especificamente, quais seriam os trabalhos que fariam ou se receberiam algum dinheiro para isso. Muitos conquistadores, ao receber suas encomendas, eram orientados a encaminhar para servir nos trabalhos nos conventos ou casas de missão, alguns índios, geralmente casados. Mesmo assim, é clara a posição dos jesuítas, reprovando o serviço pessoal e lembrando o que havia sido determinado nas Ordenanças de Don Francisco de Alfaro, como se observa em outro documento presente em Cortesão<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> FURLONG CARDIFF, Guillermo, S.J. *Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933, p. 19.

<sup>71</sup> Para mais conhecimento sobre as instituições Mita, Encomienda, Yanácona, ver AZARA, Félix de. *Descripción é História del Paraguay y del Río de la Plata*. Tomo I. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847 (obra póstuma) [Obra concluída em 1806, p. 252-260.

<sup>72</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 123-132.

<sup>73</sup> Op. cit., 1951, p. 138-143.

### 3.3 A organização social e espacial das Reduções

#### 3.3.1 O governo nas Missões

A primeira idéia que se tem ao ler os escritos de historiadores e dos missionários jesuítas é de que a organização das Missões estava sob as ordens dos padres, não se enfatizando a presença Guarani em primeiro lugar. Por isso, é comum encontrarem-se, inicialmente, explicações de que o governo das Missões estava sujeito ao controle do bispado que, no Paraguai, ficou dividido em Departamento de Santiago e Departamento de Candelária. O Superior das Missões Jesuíticas Guarani morava ou tinha residência em Candelária, conforme discute Capdeville<sup>74</sup>, significando que as reduções do Guairá estavam sob as ordens desse governo. Com relação ao governo civil, esse era exercido no interior das reduções, por um *Cabildo* (do qual faziam parte apenas indígenas) ou corporação com finalidades administrativas na América espanhola, a sede do governo de uma cidade, ou seja, <sup>75</sup> “[...] Ayuntamiento, corporación que rege un municipio [...]”. Esses municípios indígenas administrados por um padre compunham-se de “[...] Un corregidor o jefe político, un Teniente corregidor, dos Alcaldes <sup>76</sup> de la hermandad, un Alférez real, un Mayordomo, 4 Regidores, un Alguacil mayor y un Secretario [...]”, afirma o mesmo Capdeville<sup>77</sup>, além de outros cargos importantes para o governo dos povoados<sup>78</sup>. Esses cargos dentro dos *pueblos* seguiam algumas orientações, entre elas, a de que os designados a tais funções deveriam ser merecedores delas. A função de Corregedor, por exemplo, vitalícia, era designada pelo governador da província. Dessa forma, ele era eleito entre os caciques, assim como um tenente-corregedor, para substituí-lo quando necessário. Os Cabildos foram criados após as Ordenanças de Alfaro terem sido estabelecidas (1618), portanto, no Guairá, as reduções já estavam organizadas desde 1610, o que pode significar que até então, apenas os padres administravam os povoados, mesmo porque não se tem informação a respeito dessa questão nessa Província.

---

<sup>74</sup> Op. cit., 1923, p. 53

<sup>75</sup> Conforme a REAL ACADEMIA ESPANHOLA, *ibid*, 1992, p. 345.

<sup>76</sup> Alcalde: “Del ar. Al-qādi, el juez. M. Presidente del ayuntamiento de cada pueblo o término municipal, encargado de ejecutar sus acuerdos, dictar bandos para el buen orden, salubridad y limpieza de lapoblación y cuidar de todo lo relativo a la policía urbana. Es además em su grado jerárquico, delegado del gobierno em el orden administrativo. 2. Juez ordinário que administraba justicia em algún pueblo y presidia al mismo tiempo el concejo. También pode ser chamado corregedor, conforme a REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *op. cit.*, T. I., 1992, p.86-87.

<sup>77</sup> Op. cit., 1923, p. 56.

<sup>78</sup> Essas questões são discutidas por ACOSTA, *op. cit.*, 1920, p. 35, e CAPDEVILLE, *op. cit.*, 1923, p. 19.

As informações obtidas na bibliografia jesuítica são de que o governo civil adequava-se aos Guarani e, o Cura ou Reitor, encarregava-se da administração material da Redução, incluído aí a direção das oficinas, dos trabalhos na agricultura, dos armazéns comuns, entre outras coisas<sup>79</sup>. As eleições eram confirmadas pelo governador e o corregedor era nomeado por ele, para cinco anos ou mais. O

[...] corregidor era presidente del Cabildo; los alcaldes eran jueces en lo civil y criminal, los alcaldes de la Santa Hermandad gozaban de la misma autoridad que los jueces pero [...] en puntos apartados del Pueblo y con la condición de traer los reos al Pueblo para la aplicación del castigo; el alguacil mayor era depositario del estandarte real; el mayordomo tenía a su cargo el cuidado del *Tupambaé* o bienes comunes<sup>80</sup>.

Havia, ainda, os encarregados de prover as necessidades dos habitantes, o despenseiro, função desempenhada pelos caciques ou os chefes militares das Reduções, eles e seus filhos primogênitos, livres de pagar o tributo real. E, como nas Reduções havia diversas povoações, vários foram os caciques, com algumas regalias, como o título de “Don”, e alguns vassallos que os auxiliavam, mas não estavam eximidos do trabalho, muitos sendo carpinteiros, escultores, entre outros ofícios, que então comandavam as forças militares; havia também um fiscal para levar o registro de todos os homens válidos e um tenente para a vigilância.

O Superior das Missões do Guairá e de todas as do Paraguai, recebia do Reitor o resultado anual da administração da Redução, onde estavam incluídos os benefícios e os prejuízos conseguidos. Geralmente, diz Capdeville<sup>81</sup>, o resultado anual dos trabalhos nas Reduções era de progresso conseguido pelo trabalho realizado pelos indígenas e dos cuidados dos jesuítas para com eles, sendo que

[...] Allí [...] los Jesuítas dieron al mundo el ejemplo admirable de millares de salvajes gobernados por la simple autoridad de algunos sacerdotes, sin guardas, sin soldados. Sus guardas eran estas [...] : la gravedad y la conducta intacchable que conciliaron a los Padres el respecto y la obediência de los guaraníes [...]<sup>82</sup>.

---

<sup>79</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 56.

<sup>80</sup> Ibid, 1923, p. 56-57.

<sup>81</sup> Ibid, p. 58.

<sup>82</sup> Palavras de Moussy apud CAPDEVILLE, 1923, p. 58.



Os estudos de Ballesteros<sup>83</sup> informam que de acordo com a organização jesuítica, e para os jesuítas, os Guarani necessitavam de controle constante, que acreditavam ser devido às suas características naturais, e por essa razão, os padres deviam dar, todos os dias, orientação sobre as tarefas aos que exerciam autoridade nos pueblos (compostos de várias tribos). Sendo assim, para exercer esses cargos, exigia-se que o indígena soubesse ler e escrever, o que poderia ser um incentivo ao aprendizado.

Sobre esse ponto, José Manuel Peramás<sup>84</sup>, diz que

[...] los caciques o ‘tubichá’ de cada tribu [...] recibían un trato especial y gozaban de ciertos privilegios, como que nunca eran castigados ni reprimidos en público, lo que da claras muestras de la acertada conducción jesuítica, al aceptar a los líderes naturales. No solo se respetaron los fueros tribales de los caciques, sino que a partir de la Real Cédula de 1697 [mesmo que este seja um período posterior ao delimitado para o estudo] fueron considerados hidalgos de Castilla y acreedores al título de don [...].

Assim, ficam evidentes os castigos aplicados pelos jesuítas e que, utilizar e aceitar a posição de chefia dos caciques foi um dos acertos dos padres e dos conquistadores e governantes espanhóis com relação à evangelização, ou mesmo, a civilização promovida por eles entre as populações indígenas. Além dessas, as informações são de que as populações Guarani apresentavam características favoráveis a esse trabalho, aceitando, de certa forma, a ação européia, e a jesuítica em especial. Uma das conclusões é que podem ter negociado as novidades resultantes da experiência com os missionários, e, não significaria dizer com essas informações, que não houve mudanças em seu modo de vida. Essa é uma questão que deve estar clara, tendo em vista que no Guairá estiveram sujeitos e organizados nas Reduções Jesuíticas. Por outro lado, a separação desses povoados das demais povoações espanholas foi uma condição imposta pelos indígenas, que não queriam se submeter ao trabalho nas *encomiendas*, fato que trouxe problemas para os jesuítas em relação aos *encomenderos*, que se viram prejudicados com a falta de mão-de-obra em suas terras.

A organização, economia, trabalhos e educação tratados a partir daqui, não necessariamente dizem respeito ao Guairá, embora se entenda que o funcionamento dessa região ocorreu praticamente da mesma forma que nas demais regiões de reduções jesuíticas. Os poucos detalhes e referências que tratam especificamente dessa região levam a fazer uma comparação no sentido de compreender a vida nas Reduções do Guairá.

---

<sup>83</sup> Op. cit., 1979.

<sup>84</sup> Em sua obra *La República de Platón y los Guaraníes*. Buenos Aires: Emece Editores, 1946, apud BALLESTEROS, *ibid.*, p. 20.

Segundo Capdeville<sup>85</sup>, todos os *pueblos* tinham uma mesma organização física/espacial, não significando que um não pudesse se tornar mais desenvolvido, com uma beleza maior, nas construções, que os outros. Isso ocorreu, mas necessário se faz compreender que, se eles tiveram a mesma forma de organização, é possível então concluir que as reduções do Guairá assim também se organizaram. Embora a historiografia não trate tão detalhadamente sobre a organização das reduções do Guairá, ou não tão claramente sobre elas, procurou-se fazer um paralelo com a organização das demais reduções, tendo em vista a descrição mais detalhada feita delas.

As construções nas reduções distribuía-se de forma regular, de acordo com Acosta<sup>86</sup> observando-se ao centro a Igreja, ao seu lado o cemitério, a casa paroquial ou “Colégio” e, ao lado desse, as oficinas. Nas oficinas podiam-se armazenar bens e produtos que pertenciam ao *pueblos* e os instrumentos de trabalho. A horta ficava geralmente atrás dessas construções. Em sentido oposto, ficava a casa grande (*Cotiguazú*), onde ficavam as viúvas e órfãos. A praça ficava à frente da Igreja e, no centro, era comum colocar-se uma estátua do santo patrono do lugar. Ainda existiam duas capelas pequenas em lado oposto à Igreja.

Nas regiões que ficavam próximas a pedreiras, os povoados (*pueblos*) tinham construções de pedras. As casas eram construídas em torno da praça e tinham forma quadrada. Em alguns lugares, os telhados eram de telhas de barro e, em outros, de palha. Essas casas se comunicavam por meio de corredores (ruelas), que desembocavam na praça. Internamente, esses *pueblos* estavam sob a regência dos padres ou curas, chamados pelos indígenas de *Paituyá* ou padre velho<sup>87</sup>, que recebia o auxílio de outro sacerdote, também com jurisdição no serviço temporal e/ou espiritual. A organização espacial das reduções jesuíticas obedecia a um plano que parece ter sido empregado em todas ou na maior parte delas.

### 3.3.2 Os padres nas Reduções

No interior das Reduções, os padres viviam em uma casa construída ao lado da Igreja, menor que a dos índios, sendo que “Las casas de los índios se componían generalmente de 9 a 10 cuartos perfectamente separados entre si, teniendo cada cuarto 5 metros por 6 de superficie, y hasta 0,80 de espesor con puerta y ventana, según se puede notar todavia en

---

<sup>85</sup> Op.cit., 1923.

<sup>86</sup> Op. cit., 1920, p. 33.

<sup>87</sup> ACOSTA, 1920, p. 35.

ciertas Reducciones”, explica Capdeville<sup>88</sup>. A vida simples e reservada dos padres demonstra que não havia muito que distinguisse suas casas das habitações dos indígenas, a não ser as hortas e pomares de diversas frutas que mantinham.

Apesar disso, em uma carta de 1626, o padre Mastrilli relata a morte de dois padres por inanição, na Redução a que pertenciam. O padre Urtazún, em alguns documentos lê-se Ortazin, era um deles, como já lembrado anteriormente em comentários do padre Montoya. Mas, segundo Mastrilli, Javier Urtazun e Baltasar Peña, os curas<sup>89</sup>, como são chamados na carta, não podiam usar nem um pouco de chocolate sem licença do Superior das Missões ou por prescrição do enfermeiro, nem mesmo usar o vinho, pois o que estava depositado serviria apenas para os enfermos de todo o povoado. O que se pode pensar é que ou não se acostumaram com o tipo de alimentação que a região e os costumes dos indígenas lhes proporcionavam, ou então que realmente lhes faltavam algumas coisas essenciais, tendo em conta as distâncias dos centros urbanos e dificuldades de trânsito pelo interior da Província, embora fossem abastecidos por horta e frutas à vontade.

Se essas mortes ocorreram dessa forma, realmente, é possível se pensar que os padres não podiam fazer nada sem licença do Provincial, como, entre outras coisas, mudar a organização das próprias habitações, resultando, pelo que se pode depreender, em uma vida muitas vezes levada em lugares incômodos em todas as estações do ano.

Se a vida dos padres foi realmente de quase penúria, não se pode comprovar, porém é uma leitura que é possível de se fazer em registro de Montoya e no Padre Mastrilli, porque Capdeville<sup>90</sup> diz que “[...] discrepan bastante los autores acerca de las riquezas de toda clase que atesoraban las Misiones y del bienestar de que gozaban sus moradores [...]”, no que concerne a forma como viviam os padres. Ele ressalta que essas condições ocorriam tanto nos povoados bem organizados de Guaraní como em outros grupos indígenas.

Destaque-se que, mesmo que a Redução possuísse muitas riquezas, isso não mudaria a situação de pobreza dos padres e o seu modo de viver, porque elas não lhes pertenciam e sim ao pueblo, já que “[...] En efecto, casi todos los bienes de la Reducción, las casas mismas que habitavam los padres, y hasta los frutos del trabajo común, pertenecían a la Reducción [...]”<sup>91</sup>. Ou seja, os padres eram administradores das reduções e não proprietários dos bens. Nada era consumido sem que pagassem pelo bem, pois para sua sobrevivência, eles recebiam a quantia

---

<sup>88</sup> Op. cit., 1923, p. 46.

<sup>89</sup> Cura – “Sacerdote encargado, em virtud del oficio que tiene, del cuidado, instrucción y doctrina espiritual de una feligresia. Sacerdote católico”, conforme REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, op. cit., T. I, 1992, p. 627.

<sup>90</sup> Op. cit., 1923, p. 47.

<sup>91</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 47.

de 466 pesos<sup>92</sup>. Essas explicações demonstram a clara necessidade dos autores jesuítas em mostrar que os padres viviam na pobreza e que não estavam enriquecendo com as Reduções. Além disso, é possível perceber nos escritos consultados que algumas dessas comunidades passavam necessidades, seja por dificuldade para conseguir os bens, seja porque aquilo que necessitavam custasse um alto preço, ou então, por ser uma Redução muito nova, e ainda não contar com o necessário para produzir para subsistência.

Nos escritos de Capdeville<sup>93</sup> há informações de que a beleza das Igrejas das Reduções e seus ornamentos tinham a mão ou a contribuição dos indígenas, tanto na confecção quanto na sua manutenção, recebendo para isso, instrução dos padres em toda espécie de ofícios, como ainda se irá tratar posteriormente<sup>94</sup>.

### 3.3.3 A economia nas Reduções

O princípio econômico que fundamentava a organização das Reduções Jesuíticas era o da subsistência ou do auto-abastecimento. Segundo Ballesteros<sup>95</sup>, isso não se deveu a qualquer teoria ou ao que o meio impunha, e sim porque os Guarani, de acordo com o que os padres diziam, não se preocupavam com o futuro, mas, apenas com o que podiam obter para suas necessidades imediatas, de cada dia. Eram imprevidentes, no conceito dos padres, e por essa razão, o sistema de propriedade que se escolheu para a formação desses povoados foi a privada e coletiva, segundo o qual, cada família recebia um terreno – chácara familiar, onde trabalhavam por sua conta, e embora fossem donos do que produziam, ainda assim a produção estava vinculada à administração do povoado.

*Abambaé* era o nome dado para a propriedade familiar de produção “[...] donde se trabajaba três dias a la semana”<sup>96</sup>. Algumas famílias conseguiam, com maior empenho, ter melhores colheitas. Além do *Abambaé*, nas Reduções também funcionava o *Tupambaé* (também grafado em outras referências como *Tubambaé*), que era a forma de economia coletiva, na propriedade da igreja, em que se trabalhava por três dias da semana, como na

<sup>92</sup>Sobre o tema da quantia recebida pelos padres ver MELIÁ, Bartolomeu, S.J. (Edición facsimilar, Introducción y Notas). *El primer Sínodo del Paraguay y Río de la Plata en Asunción en el año de 1603*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guash”, 2003, p. 72-73.

<sup>93</sup> Op. cit., 1923, p. 49-53.

<sup>94</sup> Essa discussão permite novamente perceber os apontamentos que POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003, faz em relação a um processo de tradução intercultural, já que as artes, a arquitetura das reduções foi também resultado dos trabalhos dos indígenas.

<sup>95</sup> Op. cit., 1979, p. 22

<sup>96</sup> BALLESTEROS, op. cit., 1979, p. 22. Ver também SCHALLENBERGER, E. *A Integração do Prata no Sistema Colonial*. Toledo: Editora Toledo, 1997.

propriedade particular ou individual, sob a administração do governo central do povoado (pueblo). Essa era a propriedade comum, cujo produto servia para sustentar viúvas, órfãos e doentes, e de onde se mantinham as oficinas e se pagava o tributo real. A característica principal do *Tupambaé* era a de ser um armazenamento para prover toda a comunidade. Como se viu anteriormente, os padres pensavam na imprevisão do indígena Guarani, e o armazém (ou *Tupambaé*) servia para que pudessem se manter durante todo o ano.

É nesse momento que Ballesteros<sup>97</sup> questiona ou contradiz a idéia de que, para alguns historiadores, o sistema de governo dos jesuítas funcionava como um Comunismo, uma vez que a forma de organização econômica da Redução estava, mesmo, marcada pelas regras do mercado capitalista. Acosta<sup>98</sup> também observou que muitos acreditam que os jesuítas teriam implantado um sistema de governo comunista, com um governo em que os jesuítas mantinham o afastamento do indígena com relação aos espanhóis e aos outros indígenas, amparando-os em todo o necessário, segundo o que acreditavam estar fazendo. Esse autor não concorda com a idéia de socialismo, pois diz que “[...] havia entre los guaraníes categorías sociales (eso sí, perfectamente armonizadas) y propiedad particular, que los individuos y las familias podían ir legítimamente acrecentando con su diligencia y constancia en el trabajo [...]”<sup>99</sup>.

É possível que em relação à organização econômica, mesmo sendo um sistema onde se produzia para seu próprio sustento, algumas Reduções tenham se especializado em determinada atividade, comprando ou adquirindo de outro povoado ou de outra localidade o que não produziam. O dinheiro era conseguido pela venda da erva-mate, em algumas regiões, para as populações espanholas.

Como se viu anteriormente, havia uma propriedade comum, o *Tupambaé*, e a propriedade individual, o *Aba-mbaé* (coisa ou propriedade do índio), em que ele plantava e consumia o quanto queria, mas, como observado também, os padres, conhecendo a imprevisão dos Guarani, faziam com que trouxessem para os armazéns públicos a colheita, onde era guardada em seu nome e ia recebendo de acordo com sua necessidade. Mas os indígenas eram donos de suas casas, de seus instrumentos, de seu salário, isso porque, segundo Acosta<sup>100</sup> “[...] si se lo ganaba trabajando a veces en el Pueblo o en las ciudades españolas”.

---

<sup>97</sup> Op. cit., 1979, p. 22.

<sup>98</sup> Op. cit., 1920.

<sup>99</sup> ACOSTA, *ibid.*, p. 40.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 41.

Portanto, o *Aba-mbaé* era a propriedade familiar, e o *Tupambaé*, a propriedade comum ou pública. No *Tupambaé* ou no campo público, trabalhava-se como visto anteriormente, três dias, dois dias, para alguns autores, por semana. Nessas propriedades estavam isentos do trabalho, os “*cabildantes* e *alcaldes*”, que vigiavam seus encomendados, e os que trabalhavam nas oficinas, pois esses já estavam dando sua contribuição para o bem da comunidade. Do *Tupambaé* saíam os produtos para os que não podiam trabalhar; para o período em que a produção não tivesse sido suficiente, seja por peste ou problemas de clima; sementes para os que não conseguiam guardar para o plantio seguinte, dentre outros. Além desse objetivo, os bens públicos também serviam para proporcionar a produção dos ornamentos das igrejas. Não eram para o sustento dos missionários, pois, eles recebiam uma pensão enviada pela coroa, mas que “[...] por descuido ou por avareza dos oficiais reais não lhes chegava essa pensão habendo então que passar o año más entreitamente socorridos con as esmolos dos Colégios das cidades [...]”, conforme explicações de Acosta<sup>101</sup>. Essas palavras pretendem traduzir as preocupações dos padres para com o governo das comunidades, com os cuidados para com a produção, distribuição e uso dos bens produzidos, mas demonstram também que, os indígenas são considerados como os que necessitavam ser governados, apesar de que, entre eles, tenham sido distribuídos cargos de governo das povoações. Isso, é claro, sugere também que os indígenas absorveram muito do que os padres lhes impuseram, com respeito aos processos civilizadores da evangelização e da redução.

Do *Tupambaé* ainda era retirado para a coroa espanhola, o imposto chamado de tributo de vassalagem. Essa questão foi anteriormente abordada, com relação aos povoados de indígenas recém-convertidos, que estavam isentos desse tributo, nos primeiros 20 anos de sua fundação, e só após esse prazo, a Redução começava a pagar uma quantidade em pesos por indígena, o que estava determinado na “Real Cédula de 7 de abril de 1643”, depositada no Archivo de Índias, 122-3-2. Consta que em 1649 o vice-rei do Peru havia determinado uma quantia que deveria ser paga após esse período, ou seja, “[...] de un peso de ocho reales en plata por cada índio [...]” conforme discute Acosta<sup>102</sup> dos 10 aos 50 anos, com exceção dos caciques e seus filhos primogênitos.

Para o pagamento do tributo devido, resta dizer que, como não havia dinheiro/moeda nas Reduções, os indígenas levavam a erva-mate para ser vendida em Buenos Aires, lembrando que não era regra geral, ou seja, não quer dizer que nas Reduções do Guairá ocorresse assim, tendo um Padre Procurador para intermediar essa venda, e assim conseguiam

---

<sup>101</sup> Op. cit., 1920, p. 41-42.

<sup>102</sup> Ibid, p. 43.

pagar o tributo para a Coroa. A venda de produtos artesanais também era um dos meios que lhes permitia comprar produtos de que necessitavam.

A crítica ao modelo organizado pelos padres ganhou força em virtude da venda da erva-mate e dos produtos fabricados pelos indígenas fora das Reduções. Os padres foram, então, acusados de usar os indígenas para fazer comércio, o que teria resultado em milhões em dinheiro, conforme diz Acosta<sup>103</sup> e, que “[...] iban luego a enriquecer los colégios jesuíticos y las arcas del Padre General de la Compañia [...]”. Esse mesmo autor comenta ainda que não houve nada que comprovasse que dessa forma sucedeu, e que foram enviados pelo Rei, comissários para fiscalizar as Reduções procurando observar os produtos que se faziam e como eram empregados, não encontrando nada que mostrasse a não ser o “desinteresse” dos missionários, com relação às questões materiais.

### 3.3.4 Organização religiosa nas Reduções

Mais uma vez, percebe-se que em primeiro lugar, não se chama a atenção para a organização indígena e seus rituais e crenças, pois os registros procuram dar explicações sobre a forma como a doutrina católica foi estabelecida nas Reduções<sup>104</sup>, que eram governadas pelo Cura ou Reitor e o Doutrineiro, sujeitos a um Superior (de Candelária) que, por sua vez, estava sujeito ao Provincial (de Córdoba). Nessa ordem hierárquica, o Superior visitava os povoados para verificar se as ordens do bispo e as leis civis estavam sendo seguidas. Com os relatórios enviados, o bispo se comunicava com os Curas. Nas Reduções, os jesuítas tinham que, além de obedecer às ordens civis, administrar as Reduções, e essa é uma questão bastante enfatizada na bibliografia jesuítica. Nesse trabalho, os “consultores” informavam aos Superiores todos os acontecimentos envolvendo questões religiosas e seculares.

Como o Provincial, residente em Córdoba, era a autoridade máxima das Missões, era ele que enviava ao governador uma lista de três sacerdotes para serem escolhidos como curas

---

<sup>103</sup> Op. cit., 1920, p. 43.

<sup>104</sup> Ver POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003 e STERLING, German. A dialética dos imaginários no Guairá. In: STERLING, G. (org.) *Abordagens Historiográficas na Fronteira*. Fóz do Iguaçu: Uniamérica, 2006, p. 171-183, discutindo o imaginário jesuítico e indígena. Essa questão será percebida nos textos de Montoya a respeito da divindade Tupã, aproveitada para a idéia de divindade cristã.

nas Reduções. O governador e o bispo escolhiam, mas cabia ainda ao Provincial a autoridade para retirar o cura, se achasse que ele não estava fazendo um bom trabalho, dessa forma a:

[...] Cada triênio o quadriênio, el Provincial visitava las Misiones [...] averiguaba, al visitar casas, colégios o reducciones, no solo el estado presente de la vida y costumbres de sus súbditos, sino también los peligros probales que podía correr la observância, asi de los preceptos, como de los consejos evangélicos y la guarda de las reglas, oyendo las quejas, unas veces fundadas, otras sin tanto fundamento de los de casa y de los de afuera [...]<sup>105</sup>

o que demonstra preocupação em deixar claros os objetivos da Companhia de Jesus em relação aos seus trabalhos junto aos indígenas.

Os resultados das visitas do Provincial eram relatados num “Memorial”, além de cartas e circulares em que colocava o que se devia observar como a conduta esperada dos padres e dos moradores das Reduções<sup>106</sup>. Essas visitas eram feitas tanto às Reduções como aos povoados de espanhóis, para que se verificasse se os sacerdotes estavam seguindo as regras estabelecidas, se havia problemas que necessitassem da intervenção do Provincial, do Bispo ou do Superior, entre outras coisas. O que se percebe é que havia interesse, tanto da coroa como da igreja, na evangelização e civilização dos indígenas.

As informações, na bibliografia jesuítica, sobre o governo espiritual, enfatizam o zelo dos padres em relação aos indígenas. O Cura, como autoridade espiritual, tinha as funções de ministrar a confissão, o ensino do catecismo visita aos doentes, o que demonstra que os padres procuraram cativar os indígenas também por meio da necessidade da confissão, no plano espiritual. Com relação ao trato dos padres com as mulheres, nas Reduções, essa era uma questão especial, porque nunca o faziam sozinhos. Na confissão, por exemplo, havia sempre uma testemunha, e “Si algo tienen que tratar de palabra con el Padre, avisa la mujer al viejo que les está puesto por Alcalde y, este, a Padre y se la atiende en la Iglesia o fuera del umbral, en la Plaza, delante del anciano [...]” diz Capdeville<sup>107</sup>, demonstrando assim, a preocupação com relação a qualquer tipo de contato com as mulheres, e obedecendo às ordens religiosas superiores. Nesse caso, a conduta respeitável dos padres, levando uma vida casta, foi comparada pelo historiador André Lamas (citado pelo mesmo autor) aos costumes depravados dos conquistadores, considerada por isso, uma das bases da autoridade que conseguiram manter em relação aos indígenas nas Reduções.

<sup>105</sup> CARDIEL, De. P. José. *Declaración de La Verdad*. Ed. Imp. de Juan A. Alsine: Buenos Aires, 1900, p. 257.

<sup>106</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 54.

<sup>107</sup> *Ibid*, p. 62.



Para o ensino religioso, observa-se que os jesuítas empreenderam esforços para produzir obras de lingüística, em várias línguas indígenas, considerando ainda os estudos de Capdeville<sup>108</sup>. O Padre Antonio Ruiz de Montoya, por exemplo, compôs, entre outras obras, um catecismo em língua guarani. Esse também foi um dos motivos das críticas contra os jesuítas, ou seja, ensinar na língua dos indígenas e impor às crianças o ensino do catecismo, ao invés de fazê-lo em espanhol.

Os trabalhos religiosos nas reduções realizavam-se, segundo o Padre José Cardiel,<sup>109</sup> de forma bastante organizada cronologicamente. Segundo ele, havia nesses povoados dois, três e às vezes até quatro jesuítas, que faziam uso de um relógio de sol, pelo qual se guiavam para organizar os trabalhos religiosos. Levantavam às quatro horas da manhã, no verão, e no inverno as cinco, para as primeiras orações individuais, indo depois à Missa, seguida por outras atividades como as confissões na igreja e/ou visitando os doentes em suas casas, ou a outros trabalhos que podiam ser, por exemplo, enterros. Logo após as visitas, “[...] y un cuarto de hora antes de comer hay examen de conciência. Después, mientras se come [...] un muchacho [...] le primero la Bíblia y después [...]”, além de conversarem mais um pouco, voltar à igreja, e só depois descansarem.

Essas informações do padre Cardiel são importantes para o estudo do relacionamento dos padres com os indígenas, pois mostram que não havia ociosidade entre eles, pois logo à tarde os padres iam para outras confissões e outros ministérios entre os doentes. Muitos, antes de se tornarem religiosos, tinham realizado estudos de botânica, farmácia (boticários) e até mesmo alguns eram cirurgiões, o que foi de muita utilidade vivendo entre os indígenas, embora esses tivessem também vastos conhecimentos de plantas medicinais. Desses relacionamentos, a ênfase nos escritos jesuíticos, como se tem visto, é para os trabalhos dos missionários entre os indígenas. Pouco se tem para debater a respeito dos feitos indígenas, a não ser concluir que, nas reduções, viveram submissos aos padres, aprendendo o evangelho católico, em primeiro lugar, segundo o qual suas vidas deveriam se pautar.

Outras atividades, no decorrer do dia como, relata Cardiel<sup>110</sup> “[...] Á las cuatro de la tarde en invierno, y á las cinco en verano, tocan una campana de la torre á la doctrina de todos los muchachos y muchachas [...] desde 7 años hasta casarse [...] vienen acompañados de sus alcaldes, que los llaman y recogen [...]”, denotam como eram chamados para o ensino

---

<sup>108</sup> Ibid, p. 64-65.

<sup>109</sup> Op. cit., 1900, p. 247.

<sup>110</sup> Ibid, p. 250.

religioso, de maneira que as meninas eram sempre separadas dos meninos, ocorrendo da mesma forma com os casados.

Seguindo o raciocínio desse mesmo autor, vê-se que, depois do último momento de oração na igreja, os padres continuavam ensinando as orações e o catecismo em voz alta para que os indígenas pudessem memorizar e aprender. Ainda seguiam com o rosário junto com os habitantes do povoado, os estudos individuais, e muitas atividades religiosas, até o final do dia. Esse trabalho de catequização foi a pedra fundamental da conquista espiritual ou civilização empreendida pelos missionários jesuítas entre os indígenas do Guairá e adjacências.

Como já abordado em outros momentos, um dos trabalhos importantes dos padres com os indígenas, e que fazia parte da evangelização, era relacionado aos doentes. Após o contato com os europeus, principalmente, as doenças aumentaram entre eles, muitas, desconhecidas até então na América, trazidas pelos próprios conquistadores, contaminando milhares de indígenas. Os jesuítas construíram hospitais para atender a todos nos povoados, e para ajudá-los, ensinavam a alguns índios, os enfermeiros, que “[...] recorrían el Pueblo [...] Después de haberse enterado del estado sanitario del Pueblo, iban, [...] a enterar a uno de los Padres del Colegio”<sup>111</sup>, o qual, caso achasse necessário, dirigia-se à casa do enfermo levar água benta. Vê-se que, até mesmo no momento de acudir o doente, os padres providenciavam para que ele recebesse mais ensinamentos religiosos, por meio da aplicação da água benta como forma de receber a cura.

Os casamentos recebiam atenção especial dos padres. Segundo eles, a virtude dos jovens estava ameaçada pelos costumes e mesmo pelo ambiente quente da região como um perigo para o que os padres consideravam a inocência dos mesmos. Por essa razão, os jesuítas procuravam levar para o casamento, os casais, o mais cedo possível. Esse pode ter sido um dos gestos dos jesuítas para com os indígenas, que seria motivo das críticas que receberam desde então.

### 3.3.5 A Organização do trabalho: índios e jesuítas

Vivendo de forma civilizada, humana, como informam os historiadores jesuítas, os missionários conseguiram o que os conquistadores não o fizeram, senão dizimando a muitos, pela força e obrigando ao trabalho, para alcançar seus objetivos. Pelo trato dado aos

---

<sup>111</sup> CAPDEVILLE, 1923, p. 69.

indígenas, cuidando das suas doenças, alimentando-os, os padres conseguiram ser aceitos e amados por muitos.

Os estudos analisados até agora informam que os padres conseguiram fazer com que o trabalho, ainda que não ocupasse muitas horas do dia, fosse bastante produtivo e instrutivo ao mesmo tempo, entre eles, os de Capdeville<sup>112</sup>, cujas informações contribuem para melhor compreensão desses encontros entre indígenas e jesuítas. Segundo ele, após a oração da manhã, os indígenas, de acordo com seu ofício, dirigiam-se para as oficinas (*talleres*), e então os tecelões, carpinteiros, ferreiros, pintores, escultores, entre outros, trabalhavam sob a direção de um padre. Tudo ensinado pelos padres. Muitas das pinturas, as estátuas, as esculturas que adornavam as igrejas, foram feitas pelos indígenas. Entre os jesuítas havia muitos que eram hábeis em diversas artes, e entre os que vieram para a região do Rio da Prata, estava um arquiteto, o Padre Prímoli, que soube aproveitar a aptidão para o aprendizado dos Guarani, como seus auxiliares transformando-os em carpinteiros, ferreiros, e outros ofícios mais. As grandes construções das Reduções foram erguidas graças ao trabalho desses homens, que conseguiram ajudar a desenvolver entre os Guarani, diversas aptidões, transformando-os também em músicos, pintores, tecelões, carpinteiros, cantores, tipógrafos, entre vários outros ofícios importantes para a organização das Reduções.

O trabalho realizado nas missões ainda dividia-se entre a agricultura e a indústria, e todos<sup>113</sup>, com exceção de crianças e doentes, tinham alguma ocupação. As mulheres nunca trabalhavam nas casas dos padres ou estavam fazendo alguma coisa nas suas hortas (agricultura), ou estavam em casa tecendo ou a lã de ovelhas ou algodão. Esse autor diz que eram poucas as Reduções que conseguiram bastante lã, provavelmente por não terem tido cuidado suficiente com as ovelhas. Aqui é possível inferir que se está imaginando que em todas as Reduções, essa era a ordem do trabalho, da produção.

Na agricultura, o algodão foi cultivado e, como uma das características dos Guarani fosse a pouca iniciativa, bastante enfatizada pelos jesuítas, diz-se que os padres tiveram que organizar plantações comuns para onde mandavam os índios. Na indústria, o trabalho seguia um ritual lembrado por Capdeville<sup>114</sup>, onde as índias, entre 16 e 40 anos, recebiam no início da semana, uma libra de algodão para tecer e no fim da semana (sábado), traziam o correspondente tecido para os bens da comunidade, e que “[...] Esta providencia era necesaria

---

<sup>112</sup> Ibid, 1923.

<sup>113</sup> CAPDEVILLE, op. cit., 1923, p. 81.

<sup>114</sup> Ibid, p. 82.

tanto para hacer a las mujeres como para vestir a los Indios [...]”. Sobre este assunto, Cardiel<sup>115</sup> diz que os indígenas vestiam

[...] camisa, jubón, calzoncillos, calzones y su camiseta ó poncho, y alguna montera ó birrete; y vários alcanzan sombreros. No usan casacas, ni medias ni zapatos. Medias usan algunos, y de variedad de colores, más por ceremonia que por abrigo; pero no zapatos. Zapatos y medias usan solamente los monacillos en su ofício, los danzantes en su ejercicio, y los cabildanes y todos los oficiales de milicias en la fiesta [...]. Las índias usan una [...] camisa larga hasta los pies, y encima outra como ropón, que llaman “*tipoy*”, más cumplida y larga, de algodón las dos [...].

O uso de roupas foi então sendo introduzido entre os indígenas pelos padres, mas, não se tem nessas palavras, uma definição sobre como os indígenas receberam essas questões. O fato, porém, de citá-las como fazendo parte agora da vida dos indígenas, retrata essa transformação em seu modo de vida, com a adoção de signos europeus – a roupa, como produto desse processo evangelizador.

A agricultura foi uma das importantes atividades realizadas nas Reduções. Os jesuítas aproveitaram as condições geográficas e de clima, porque as reduções estavam localizadas perto dos rios, locais próprios para produzir artigos agrícolas e outros que a região favorecia. Foram catalogadas diversas plantas úteis tanto para a medicina, quanto para a indústria têxtil. Um dos estudiosos que fizeram esse trabalho foi o Padre Segismundo Asperger<sup>116</sup>, e os jesuítas utilizavam as plantas catalogadas por ele, para “[...] confeccionar su precioso electuario [...]”, cujos conhecimentos ajudaram a melhorar a produção agrícola na região, desde a produção da cana-de-açúcar, do algodão, da laranja, entre outras árvores frutíferas, pois os jesuítas plantavam e cultivavam essas plantas e fizeram com que os indígenas cultivassem cereais e erva-mate.

Os jesuítas ensinaram técnicas de agricultura para os Guarani, embora esses já praticassem algo considerado por eles como primitivo, e que servia apenas para garantir suas necessidades. E isso, quando não tinham outra fonte de sustento como a caça e a pesca. O sistema de rotação do cultivo, o uso do arado, foram ensinamentos dos jesuítas aos indígenas que resultaram em colheitas mais abundantes e em mais vezes durante o ano. Pela prática, o exemplo, os padres ensinaram aos indígenas, que passavam então a imitá-los na forma como

---

<sup>115</sup> Op. cit., 1900, p. 298-299.

<sup>116</sup> Conforme CAPDEVILLE, 1923, p. 83.

deveria ser feita. São ações desenvolvidas nesse momento de interrelações que se considera ter enriquecido, e não ao contrário, a cultura indígena.

### 3.4 O Sistema educacional nas Reduções

O ensino de técnicas de agricultura foi uma forma de aprendizado para os Guarani, proporcionado pelos padres. Porém, o sistema educacional empreendido pelos jesuítas nas reduções é bastante discutido pelos historiadores, desde a preocupação com o ensino da língua castelhana até mesmo o ensino de ofícios, e principalmente o estudo do catecismo, objetivo da Companhia de Jesus entre os indígenas (Guarani principalmente, no Guairá). A prioridade era para com a educação elementar como parte das instruções recebidas pelos missionários, desde o início das Missões em 1609. O Padre Diego de Torres, Provincial na época do início das Missões, instruiu os padres sobre como fazer esse trabalho reduzindo e organizando os indígenas para aplicar a educação entre eles. Segundo ele, isso deveria ser feito com “[...] suavidad, y gusto de los Indios [...]”<sup>117</sup>, ensinando a doutrina, todas as manhãs, para as crianças, das quais seriam escolhidas as que tivessem dom para ler e cantar. Parece ter sido previsto pelo Padre Torres que alguns poderiam ter aptidões para diferentes áreas, inclusive com a probabilidade de se tornar mestres de ofício.

No ano seguinte, em 1610, novas instruções foram enviadas para os padres do Guairá, como relata Ballesteros<sup>118</sup> que “[...] En lo campo espiritual, pongan luego la escuela de niños; en la cual uno de los compañeros les enseñará la Doctrina la cual dirán al entrar y salir de la escuela mañana y tarde, hasta saberla muy bien: después bastará al salir [...]”. Havia uma preocupação em fazer com que as crianças aprendessem a doutrina, visto que deveriam ir de manhã e a tarde à escola e repetir várias vezes os ensinamentos até que aprendessem. Além do ensino da doutrina católica, a instrução era que deveriam também ensinar a ler e escrever, cantar e tocar algum instrumento.

Na Redução de Nossa Senhora de Loreto uma Carta Ânua de 1617<sup>119</sup> informa que havia 450 meninos em idade escolar, e em Santo Inácio do Guairá, 500 meninos, significando preocupação em aplicar a educação elementar para as crianças, embora se perceba que não era

---

<sup>117</sup> BALLESTEROS, op. cit., 1979, p. 27-29.

<sup>118</sup> Ibid, p. 27-28.

<sup>119</sup> Citada por BALLESTEROS, op. cit., 1979, p. 29.

obrigatória e também não foi a mesma ensinada para todos. Nesse sentido, todos os que quisessem eram admitidos nas escolas, mas, “[...] No a todos los niños se enseñaba a leer, escribir e contar, sino a aquellos unicamente que el bien público lo aconsejaba, para que de entre ellos se eligiese más tarde Alcalde, los regidores, magistrados, escribanos, procuradores, prefectos de Iglesias y médicos [...]”<sup>120</sup>. Ou seja, foram selecionados os alunos, tendo em conta a aptidão e as funções a que se destinavam, estando então, obrigados a cumprir tudo o que fosse exigido na escola. Mesmo assim, esses registros dão informações de que, no Guairá, essas questões estavam sendo aplicadas entre as crianças. Outros documentos dão informações sobre o grande número de crianças vivendo nas reduções, como uma Ânua de 1628<sup>121</sup> escrita pelo padre Antonio Ruiz de Montoya, podendo-se compreender que no Guairá, a preocupação com o ensino elementar fez parte das obrigações dos padres para com os indígenas, não querendo com isso concluir que, os adultos não recebessem também a instrução escolar.

Embora para se exercer qualquer cargo ou ofício, a educação fosse obrigatória, ela era um privilégio para poucos, tanto para receber a educação elementar quanto para exercer tais funções dentro dos povoados. Geralmente eram filhos dos caciques e dos índios principais a aprender ofícios. Consta que muitos desses meninos chegaram a ler muito bem em guarani, espanhol e latim, além de desenvolverem a caligrafia.

Esse progresso teve sua origem na preparação dos padres em seus estudos realizados além do campo do evangelho, também no das ciências em geral e, em especial, os estudos linguísticos, a gramática, a retórica e a língua dos diversos grupos indígenas, que puderam especializar nas Universidades, custeados pelos governos, espanhol e português, provavelmente em época posterior ao início das reduções<sup>122</sup>. Dessa forma, os padres de todas as ordens, e nesse caso, os jesuítas, puderam ensinar a doutrina católica e a educação formal aos indígenas na América. Com bom conhecimento do Guarani, seus estudos contribuíram para obras de grandes estudiosos, resultando em trabalhos em várias dessas línguas.

É interessante notar na historiografia sobre a evangelização na América, a idéia de que esse trabalho não poderia ter sido realizado sem que os missionários aprendessem e usassem as línguas, porque os idiomas eram diversos nos povoados. E só poderia ter sido realizado tal

---

<sup>120</sup> PERAMÁS, 1946, p. 72, apud BALLESTEROS, *ibid*, p.30.

<sup>121</sup> Conforme está em CORTESÃO, 1951, *op. cit.*, p. 259-298, Doc. XL., em que o padre Antonio Ruiz de Montoya escreve ao padre Nicolau Durán, provincial, relatando a situação das reduções no ano de 1628.

<sup>122</sup> CAPDEVILLE, *op. cit.*, 1923, p. 102.

trabalho com a colaboração dos indígenas, também demonstrando que, de certa maneira, puderam se relacionar de forma a permitir que esses trabalhos fossem elaborados.

#### 3.4.1 O ensino e as línguas espanhola e guarani

Na historiografia analisada encontra-se a discussão de que os jesuítas não teriam ensinado aos indígenas o castelhano, embora essa tenha sido a orientação das autoridades. Alguns dizem que os padres não teriam aprendido o guarani, e que além de não ensinaram o castelhano, também o teriam proibido nas Reduções, explica Capdeville<sup>123</sup>. Embora esse não seja o ponto de discussão do estudo, é interessante notar o desenrolar dessa idéia, porque foi um das questões que permearam a expulsão dos jesuítas da América. Várias obras dos padres anteriormente citados mostram que uma das primeiras preocupações dos jesuítas foi aprender a língua dos “naturais”. Nas Reduções, o ensino do espanhol foi pouco importante, porém Felipe II, Rei da Espanha, em “Cédula Real del 7 de Julio de 1596”<sup>124</sup> ordenava a obrigatoriedade do ensino do castelhano aos índios. A preocupação era ensinar a doutrina católica sem imperfeições, o que poderia ocorrer se fosse para ensinar na língua dos índios. Diz a mesma lei que a língua espanhola deveria ser ensinada aos que quisessem aprendê-la, sem serem obrigados a isso.

Nas escolas ensinava-se a ler e a escrever em espanhol; também o latim era ensinado aos que iriam cantar nas igrejas. Consta que aprendiam a ler e a escrever com perfeição, diz Capdeville<sup>125</sup>, embora os indígenas tivessem amor pelo seu idioma, sendo difícil fazê-los falar em castelhano. O aprendizado ia dos 7 aos 17 anos, época em que meninos se casavam, e até os 15 para as meninas, denotando a preocupação dos padres em preservar os “bons costumes” evitando as relações sexuais fora do casamento, muito comuns antes de serem reduzidos, e a poligamia, ressaltou Ballesteros<sup>126</sup>. A leitura e a escrita eram uma prioridade do ensino elementar, mas outros conteúdos também eram obrigatórios para crianças e adultos, e envolvia desde o Catecismo até aprender conceitos rudimentares da matemática, bem como a organização do calendário, segundo o mesmo autor.

O Sistema de Estudos ou *Ratio Studiorum*, ou a metodologia pedagógica aplicada pelos jesuítas nas Reduções, era muito parecido com o aplicado por Ignácio de Loyola, à

---

<sup>123</sup> Ibid, p. 107.

<sup>124</sup> BALLESTEROS, op. cit., 1979, p. 32.

<sup>125</sup> Op. cit., 1923, p. 114.

<sup>126</sup> Op. cit., 1979, p. 20.

Companhia de Jesus, segundo o qual, cada um tem um ritmo de aprendizagem. Para Ballesteros<sup>127</sup>, foi apenas a essência desse método que se utilizou nas reduções, procurando a adequação às características de cada uma. Entre os Guarani, foi aplicado com os padres incentivando a utilização da memória, embora fosse contra os princípios do sistema de estudos como única forma de aprendizagem, mas, na repetição, buscava-se o aprendizado, e aqueles que aprendiam, recebiam recompensas, e castigo para os que erravam. Segundo o autor, os castigos eram bem recebidos pelos índios “[...] y después de ser recibidos los azotes, el índio iba ante el jesuíta a agradecer el bien recibido [...]”, embora seja um tanto difícil compreender tal aceitação, pode-se dizer que tais métodos caracterizam-se em violência, na medida em que promove uma conversão forçada<sup>128</sup>

Os padres sempre praticavam aquilo que pretendiam que os indígenas aprendessem o que ocorria pela imitação, ou seja, ensinavam pelo exemplo.

Em Furlong<sup>129</sup>, as informações referem-se à importância dos trabalhos dos padres jesuítas, que escreveram obras em diversas línguas americanas, em especial o Guarani. Entre eles estavam os padres Alonzo Barzana e Añasco seu companheiro, Marcial Lorenza, Joseph Cataldino, Simón Masseta, e Antonio Ruiz de Montoya entre outros. Em relação ao padre Montóya, mesmo com todas as imposições das autoridades em relação à educação, ele registrou a necessidade e a importância de se ensinar a doutrina cristã na língua Guarani, mesmo em detrimento do que se dizia que desvirtuaria os principais dogmas e conceitos do catolicismo, que resultou em seu **Arte, Vocabulario, Tesoro y Catecismo de la Lengua Guarani**. Ele, ainda escreveu **Apología en Defensa de la Doctrina Cristiana escrita en lengua Guarani**, atitude que pode ser vista como preocupação no sentido de se manter pelo menos a língua das populações “naturais”, não significando que acreditasse que não deveriam passar por mudanças em relação ao irrevogável contato com os europeus.

O padre Joseph Cataldino escreveu em 1614 algumas informações sobre as reduções, onde se lê que os padres faziam grandes trabalhos entre os indígenas “[...] dotrinandoles y enseñandoles las cosas de nuestras S. fee catholica [...] y predicandoles la palabra del S° evang° con mucha solitud [...] y que son muy expertos en la lengua de los dichos naturales en la qual predicán y explican el s° evang°, y demas dotrina y cosas neçess. [...]”<sup>130</sup>, o que torna possível compreender tanto que os padres foram diligentes em aprender o idioma dos

<sup>127</sup> Ibid, p. 33-38.

<sup>128</sup> TODOROV, Tzvetan (1939). *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>129</sup> Op.cit., 1933, p. 36.

<sup>130</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 150.



indígenas, em ensiná-los nesses idiomas, além da confirmação de que essas atividades eram organizadas no Guairá.

### 3.4.2 Ensino de ofícios

Os registros analisados informam que o autoabastecimento era comum nas Reduções, pois devido às dificuldades para se importar artigos necessários, ali eram fabricados os artigos necessários. Essas atividades faziam parte da educação, com o objetivo de afastar os indígenas do antigo modo de vida, cheio de vícios, para que aprendessem ofícios para a sua vida e para o benefício da comunidade.

Os Irmãos Coadjuutores (ajudantes dos padres) tinham a tarefa de ensinar aos indígenas os diversos ofícios, que passavam a dirigir oficinas, vigiando o trabalho e ensinando aos aprendizes. Na organização das Reduções, eles eram os Alcaides: alcaide de carpinteiro, alcaide de tecelões, entre outros, diz Ballesteros<sup>131</sup>. Mas, *Aba gauipi* ou *Aba ní* era como chamavam aquele que não tinha nenhum ofício, nenhum valor, demonstrando a importância que acabaram dando para o ensino e o aprendizado. Como se praticava o que anteriormente foi chamado *Tupambaé* (armazém comum), não havia salário para a prática dos ofícios.

Havia ainda oficinas em todas as reduções, com as atividades de ferreiros, carpinteiros, estatuários, tecedores, pintores e fabricantes de toda espécie de instrumentos musicais, produzindo tudo para o bem comum. Até mesmo a arte de se obter o ferro era praticada nas reduções, matéria importante para a produção de ferramentas. É possível observar que muitos dos ofícios se desenvolveram com o passar do tempo<sup>132</sup>, não se enquadrando no período delimitado para este estudo, mas que possibilita compreender a organização das Reduções.

### 3.4.3 Arte nas Reduções

Tendo um objetivo pedagógico prático, o ensino de Belas Artes foi efetivado nas Reduções de Guarani, onde, praticando, os padres, conhecedores das artes, procuravam mostrar o que queriam que os índios compreendessem. Os estudos informam que os indígenas eram hábeis em copiar, imitar, sendo difícil diferenciar suas obras das dos mestres jesuítas.

---

<sup>131</sup> Op. cit., 1979, p. 44.

<sup>132</sup> BALLESTEROS, Ibid, p. 46.

Adornos e objetos das igrejas, inclusive para a prática do culto religioso eram produzidos nas Reduções, como pintura, escultura, gravação.

A música, ensinada aos indígenas desde a época da fundação das Reduções, foi eficaz na educação, porque o Guarani é descrito pelos cronistas jesuítas, como indivíduo com talento e que aprendia em pouco tempo. O padre Martim Xavier fez um relato de sua viagem de Assunção até as reduções do Paranapanema, onde fazia missão, e falando sobre os acontecimentos de Santo Ignácio, disse que foi recebido com muita alegria. Disse ele que ali,

“[...] todos los dias no há bien anochecido quando se oyen por todas partes alabanzas de Dios porque nos cantan la doctrina otros los cantares, otros cosas debotas q les enseñamos, a la mañana no se comienza a tocar la campana de los (sic) avemaria (sic) quando por todas partes se oyen oraciones y alabanzas [...]”<sup>133</sup>.

Embora pareça uma característica comum aos indígenas, citada pelo padre Xavier, a de cantar, é possível perceber que o faziam de maneira coordenada, denotando ter sido ensinado a eles, tanto o cantar como o tocar instrumentos. O padre Nicolau Durán relata em ânuia de 1628<sup>134</sup> que ao passar por Loreto e S. Ignácio, admirou-se da beleza das igrejas dessas reduções, que eram grandes construções com três naves bastante adornadas, o que pode ser compreendido como tendo sido trabalho realizado pelos indígenas e, que nas referidas igrejas, “[...] cantaron los cantores motetes a dos coros, y danzaron varias troppas de danzas [...]”, em referência à habilidade e ao aprendizado da música entre essas populações. Trabalho realizado pelos padres. Além disso, o padre faz referência ainda, à arquitetura do colégio, que para ele poderia ser bom em qualquer outro lugar, denotando a admiração pelo trabalho dos padres em relação ao ensino que empreenderam aos indígenas.

De acordo com Furlong<sup>135</sup>, o primeiro mestre de música entre os Guarani foi o Padre Jesuíta belga Juan Vaisseau (Vaseo, como era chamado pelos espanhóis). Esse padre foi enviado em 1617, às Reduções de Loreto no Guairá, vivendo lá por seis anos, de acordo com informações de Ballesteros<sup>136</sup>. Crianças de 8 a 9 anos, que frequentavam a escola e aprendiam a ler e escrever, que tinham boa voz, eram escolhidos para aprender música. Essa é uma informação importante, porque diz claramente que Vasseu foi enviado ao Guairá, e que essas atividades foram praticadas pelos indígenas dessa província. O padre Montoya, em Carta

---

<sup>133</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 147.

<sup>134</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 214.

<sup>135</sup> Op. cit., 1933, p. 80-81.

<sup>136</sup> Op. cit., 1979, p. 53.

Ânua, faz relato sobre a música que ouviu em Loreto e Santo Inácio, comprovando que esse tipo de educação foi dado para os indígenas no Guairá. Ele disse que “[...] La musica tambien se a aventajado mucho que por entender que lo sabian bastaba no se cuidaba de que pasasen adelante, cantan a tres coros, y componen em los violones en los quales tambien estan diestros [...]”<sup>137</sup>.

A arte da escultura também foi ensinada nos povoados, utilizando-se materiais encontrados na natureza, sendo que os Guarani chegaram a produzir obras que embelezaram as igrejas. A pintura, no entanto, foi pouco apreciada porque as cores eram difíceis de conseguir, segundo Ballesteros<sup>138</sup>. Nesses registros há informações de que mestres como Bernardo Rodrigues (1574-1650, de Quito) e o jesuíta francês Luis Berger, que foi para Loreto, ensinaram a pintura aos indígenas, o que confirma a aplicação das artes no Guairá.

#### 3.4.4 Ensino militar

Parte da instrução dada pelos jesuítas aos indígenas referia-se às atividades militares, considerada uma instrução educativa, porque, segundo Ballesteros<sup>139</sup>, estava destinada a um “[...] fin ético [...]”, no sentido de que foi um princípio de defesa, lembrando que desde muito cedo portugueses, mamelucos ou os bandeirantes, iniciaram seus ataques às reduções. Com relação a isso, a discussão sobre o uso de armas de fogo entre os indígenas está presente em muitos documentos e estudos sobre esse período, e no Guairá essas populações tiveram intensos confrontos com os portugueses, o que denota a importância desse aprendizado. Portanto, por ora, apenas basta o que se tem de informações dadas por esse autor.

### 3.5 Uma discussão sobre a situação das Reduções no Guairá

Após toda a discussão sobre a organização das reduções e dos trabalhos realizados pelos padres entre os indígenas, é importante analisar algumas informações registradas pela Companhia de Jesus, e sobre a necessidade que tinha de confirmar o bom andamento dos trabalhos nas Reduções do Guairá. Dessa forma, a partir da fundação das Reduções, houve

---

<sup>137</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 261.

<sup>138</sup> Op. cit., 1979, p. 55.

<sup>139</sup> Op. cit., 1979, p. 59.

sempre a obrigação de se dar conta do estado em que se encontravam, e da organização das populações indígenas em seu interior. Uma vez que os padres eram também, em muitos casos, escritores ou cronistas, e mantiveram incessante registro de suas ações diárias, além da constante correspondência com seus superiores, é possível constatar nesses documentos, farta informação sobre atuação dos mesmos nessas comunidades, mas apenas constatação da presença Guarani nessas comunidades. Isso pode ser visto, por exemplo, em Cortesão<sup>140</sup>, em documento feito pelo escrivão público chamado Pedro de Cervantes, a pedido do Superior da Missão Jesuítica, Padre José Cataldino no ano de 1614, informando aos oficiais reais sobre a situação no Guairá e também solicitando ajuda para suas necessidades. Para isso, estão registrados os testemunhos de várias pessoas sobre o trabalho doutrinário na região, informando que os padres que começaram as reduções estavam lá desde o ano 1610, e que outros dois haviam sido enviados em 1612, portanto, naquele momento, quatro sacerdotes línguas (que conhecem a língua dos índios) viviam no Guairá, catequizando na língua dos indígenas, além de estarem administrando o ofício de curas em duas doutrinas ou reduções, abastecidas com portos (o documento não informa qual o rio dessas duas reduções), e onde estavam mais de mil e quinhentos índios de tributo, reduzidos, ensinados e batizados pelos quatro padres, que os defendiam dos portugueses e malocas, para os conservarem na fé e doutrina hispânica. São informações importantes que revelam a existência de milhares de indígenas no Guairá que estavam no início do século XVII, sob a organização dos padres jesuítas, mas também sob o domínio da coroa espanhola, ou seja, eram encomendados.

As informações presentes no documento citado acima foram dirigidas ao Capitão Thomas de Naxara, tenente de governador e Justiça Maior da cidade, que era capital da Província de Santa Fé<sup>141</sup>, mas também ao governo de Assunção e aos reis espanhóis, o que demonstra a necessidade dos padres estabelecerem contato com as autoridades espanholas sobre seu trabalho entre os indígenas. Isso é possível perceber nas seguintes palavras ali gravadas para que, com as informações, pudessem, de acordo com a autoridade judicial, receber a “[...] dicha paga, y estipêndio [...]”<sup>142</sup>, e a aprovação e ajuda necessária para se manterem e realizar o trabalho entre os indígenas.

---

<sup>140</sup> Op. cit., 1951, p. 148-154.

<sup>141</sup> Segundo PARMA, G. O. C. *Princípios do Ordenamento Territorial na América Espanhola.*, a cidade de Santa Fé da Vera Cruz, capital da província de mesmo nome, foi fundada em 1573, por Juan de Garay, hoje localizada na região central da Argentina, inicialmente foi organizada às margens do rio Quiloazas, hoje rio San Javier. Na época colonial, era uma das mais importantes cidades da Argentina, funcionando como centro político do Vice-reino do Peru. Disponível em: <http://geodesia.ufsc.br/Geodesia-online/arquivo/2007/02.2/GCP-2007.htm#7>. Acesso em 23/08/2009, 22 horas.

<sup>142</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 149.

Como Superior, cabia ao padre José Cataldino, a visita frequente aos povoados, para vistoriar se a religião estava sendo aplicada e observar a relação dos padres tanto com as autoridades da Igreja quanto com os governantes civis e também com relação ao governo dos indígenas, segundo explica Capdeville<sup>143</sup>, o que lhe permitiu obter as informações constantes no documento, mas também permite ao leitor compreender o relacionamento dos padres, indígenas e conquistadores.

Os testemunhos dos habitantes da província do Guairá, presentes no documento, mostram que o padre Cataldino pretendia informar às autoridades que as ordens estavam sendo cumpridas, e também que os povoados já estavam sofrendo as investidas dos bandeirantes paulistas.

É interessante observar de quem foram os testemunhos prestados em favor dos padres, o que pode significar a necessidade que os próprios espanhóis, moradores da região do Guairá tinham com respeito a essa questão, provavelmente pelo interesse em manter com os indígenas bons relacionamentos para que deles pudessem obter o serviço pessoal. Entre eles estava o do próprio Hernando Arias de Saavedra, que em 1609, então governador do Paraguai, havia pedido ao provincial da Companhia de Jesus, Diogo de Tôres, que enviasse padres para a Província do Guairá para conhecer o território e seus habitantes para fazer o trabalho de evangelização entre os índios, logo após a criação da Província do Paraguai e Tucumán, independente do Peru, o que resultou na fundação nas margens dos Rios Paranapanema e Tibagí, das povoações de índios que reduzidos foram ensinados na doutrina católica, e também foram protegidos das invasões dos portugueses. E como registrou Cardozo<sup>144</sup>

[...] comenzó para la propaganda religiosa del Guairá, la segunda y fructuosa etapa. Con la intervención activa del Gran gobernador criollo Hernando Arias de Saavedra, se reanudó la evangelización de la Provincia guaireña a cargo de los PP. José Cataldino y Simón Maceta, quienes salieron de la Asunción con destino a aquella Provincia el 8 de diciembre de 1609.

Portanto, ele está confirmando sua atuação na formação das reduções, para onde foram enviados dois padres, e mais tarde outros, Antonio Ruyz e Martim Xavier. Segundo Hernandarias, bem informado pelos vizinhos daquelas províncias, os padres ensinavam e procuravam aprender a língua dos indígenas e os haviam reduzido em grande número nos rios Paranapanema e *Tibajiva* (Tibagi). Confirma, ainda, os muitos trabalhos, pobreza, dificuldades da terra, além das investidas dos portugueses, vindos do Brasil.

---

<sup>143</sup> Op. cit., 1923, p. 53.

<sup>144</sup> Op. cit., 1970, p. 84-85.

Há ainda os testemunhos de, Francisco de Peralta, presbítero de Santa Fé, em fevereiro de 1614, afirmando que nas Reduções do Guairá, ensinavam os [naturais] indígenas e conheciam a língua deles fazendo a pregação e explicando o evangelho<sup>145</sup> e, defendiam os indígenas das “malocas” que vinham da província do Brasil; o de Juan Evangelista de Montoya, também jesuíta, confirmando, no mesmo mês e ano de 1614 que conhecia foi o padre Joseph Cataldino, da Companhia de Jesus, Superior dos Padres das reduções do Guairá, e a existência das mesmas, dos quatro padres que estavam nelas, ensinando a doutrina e catequizando os muitos índios reduzidos; o de Silário de Montes Doca, no mesmo dia, mês e ano, residente na cidade de Santa Fé (cidade onde se tomou esse juramento), confirmando o que já se tinha dito sobre as Reduções, em que os padres estavam catequizando os índios e índias e demais pessoas que nelas moravam, ensinando-lhes coisas da santa fé católica, sendo que lá havia dois mil índios, com mulheres e filhos, correspondendo de sete a oito mil almas. Para que ficasse mais clara a situação dos padres, disse que viviam em região “[...] donde han tenido exesivos trabajos por ser tierra áspera emferma, y de malas comidas [...]”<sup>146</sup>, e se não fosse a defesa que faziam aos indígenas com relação às investidas dos portugueses do Brasil, haveria mais nenhum na Província do Guairá.

Uma informação importante no testemunho de Silário Montes Doca é que, esses indígenas recebiam bem a sua situação de reduzidos, isto é, o que se entende é que essa era a visão dele. Todos os testemunhos foram firmados diante do mesmo capitão Thomás de Naxara e do escrivão público Garcia de Torrejon, para que não faltasse a credibilidade e que se pretendia com o mesmo.

Percebe-se, nestes escritos, uma clara necessidade de enaltecer o trabalho dos padres, afirmando e reafirmando o bom trabalho empreendido por eles, e de sua importância no trato e convivência com os indígenas, como figuras necessárias para garantir a liberdade diante do avanço dos portugueses. Mesmo porque, o documento é de autoria de um jesuíta na função de Superior das Reduções do Guairá, o que explica o interesse em garantir que os que fossem tomar ciência de seu conteúdo, percebessem a importância do trabalho dos padres para com os indígenas. Outros testemunhos confirmam esses fatos.

O assunto tratado neste documento mostra a importância de se relacionar algumas hipóteses sobre o início da colonização e a atuação dos padres jesuítas nesse processo. Ao

---

<sup>145</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 150.

<sup>146</sup> Conforme CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 152, por “malas comidas” o ator está se referindo aos alimentos que os padres não estavam acostumados. Eles não tinham, por exemplo, farinha de trigo, portanto, não podiam fazer o pão como estavam acostumados.

chegar às primeiras décadas do século XVII, os testemunhos de viajantes e conquistadores espanhóis, que passaram pela Província do Guairá, e depois analisados por historiadores espanhóis, portugueses e brasileiros, informam que essa era uma região habitada por muitos indígenas. Rui Díaz de Guzmán<sup>147</sup>, por exemplo, diz que no Guairá, na região de Vila Rica do Espírito Santo “[...] en cuya jurisdicción y comarca hay más de 200 mil indios guaraníes, poblados así por ríos y montañas, como en los campos y piñales, que corren hasta San Pablo, población del Brasil [...], transparecendo, nessas palavras, preocupação com a geografia da região, e com a existência de muitos indígenas, principalmente os Guarani, grupo mais numeroso do Guairá, e com a possibilidade de conflitos com essas populações, fazendo-se necessário uma intervenção menos belicosa, que seria depois realizada pelos jesuítas.

Já com as Reduções há muito organizadas, entre os anos de 1626 e 1627, em Carta Ânua<sup>148</sup> já referida anteriormente, o Padre Nicolau Mastrillo Durán relembra, nesse documento, alguns dados sobre a localização da Província do Guairá entre outras questões. Mas o mais importante refere-se a visitas às reduções e seu encontro com os indígenas das mesmas. Descreve a situação dos indígenas que viviam em Loreto e a abundância de alimentos que tinham inclusive mencionando as vacas trazidas pelo padre Montoya. Em Santo Inácio, foi recebido pelos índios, mencionando que os ouviu cantar e dançar. Interessante sua observação, dizendo que ficou surpreso em ver pessoas que antes haviam sido tão guerreiras e “[...] amiga de carne umana [...]”<sup>149</sup>, agora aparentemente tão humildes, significando que foram sujeitados, então, aos ensinamentos dos padres. Menciona a situação daqueles que trabalhavam para os espanhóis de Ciudad Real e em Maracayu, na colheita da erva-mate, sofrendo muitos abusos, ou seja, trabalhando muito e não recebendo por isso.

Todo o documento trata da conversão dos indígenas e a devoção dos mesmos aos missionários. Isso é marcante quando o Padre Durán passa pela redução de São Francisco Xavier, onde recebeu um cacique que fora convertido, embora ele tivesse desejo de comê-lo. Outros casos de antropofagia são lembrados, relatos dos índios sobre a passagem do Apóstolo São Tomé<sup>150</sup> e das profecias deixadas por ele, como de amar uns aos outros (não deveriam fazer guerra com outras nações). Nas outras reduções, outros casos de antropofagia são lembrados (Redução de Sete Arcêngelos), assim como os problemas entre os Tayobas e os

---

<sup>147</sup> GUZMÁN, Rui Diaz de. *Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, Imprenta del Estado, 1836 – 1969, p. 68-70.

<sup>148</sup> Conforme está em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 201-258.

<sup>149</sup> Ibid, p. 214.

<sup>150</sup> Ver CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995, e, POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

espanhóis. Os relatos procuram demonstrar que os padres tiveram contato com grupos hostis, ou, como se poderia compreender, que reagiram de maneira a resistir aos padres, nos quais o sucesso da conversão se deveu à perseverança com que se dedicaram a esse trabalho, e a enfrentarem essas populações e que, mesmo entre esses grupos, muitos se renderam à evangelização, sendo considerados depois humildes e submissos. Essas palavras denotam uma intenção, talvez, em minimizar o caráter dos indígenas, e a capacidade que pudessem ter para manter o domínio sobre seu território, e seu modo de vida, ainda que com a presença das populações européias, porque se renderam aos ensinamentos de outras crenças, outra cultura, outra maneira de viver.

Para mais dados sobre a situação das Reduções do Guairá, o Padre Montoya, em Carta Anua<sup>151</sup>, já citada anteriormente, revela dados importantes sobre as povoações e seus habitantes, vivendo com os jesuítas, e também em relação aos contatos com os espanhóis. Além do número de indígenas reduzidos e os que comungavam nas reduções, como ele se refere aos que frequentavam as povoações, vai citando cada situação presente nas Reduções. Segundo Montoya, em Santo Inácio, os indígenas cantavam, tocavam e compunham em violões, o que demonstra ter ocorrido no Guairá, a educação musical ministrada pelos padres, como se viu anteriormente. Em São Xavier, seu relato denota preocupação com o hábito da antropofagia, considerado por ele um vício, mas refere-se também à preocupação em livrar os indígenas das *encomiendas* dos espanhóis. Relata muitos problemas relacionados à fome e às invasões dos portugueses, às superstições dos índios, mas, apesar de tudo, os padres conseguiram progressos materiais, citando a criação de gado, e também em relação à educação musical, que fazia muito bem para eles. Essa é mais uma confirmação de que no Guairá os indígenas receberam, além do ensino do evangelho, a educação regular e das artes. No mesmo documento, o padre Montoya continua a descrição da situação das outras Reduções e do relacionamento dos padres e indígenas, que seguia o mesmo ritmo em todas.

### **3.6 Para finalizar o capítulo**

O estudo das obras citadas é de fundamental importância para o conhecimento da chegada e dos trabalhos que os primeiros jesuítas fizeram no Guairá, embora as obras

---

<sup>151</sup>Documento presente em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 259-298.



jesuíticas tenham o propósito de exaltar o trabalho de evangelização. Ao confrontar essas fontes, pode-se ter uma possibilidade de entendimento sobre as relações interculturais que ocorreram no período, quer tenham sido elas apropriadas ou não em relação aos indígenas e aos outros habitantes que vieram para a região. Destaca-se, neste capítulo, que padres e indígenas estiveram em contato tanto nas reduções como fora delas, e esse encontro possibilitou o progresso dos trabalhos missionários e um enfrentamento em relação aos encomenderos e aos portugueses, no que diz respeito a defesa dos indígenas. Esses aparecem nos registros dos conquistadores e dos jesuítas, como aqueles que deveriam ser submetidos, ou à dominação da coroa espanhola (neste caso) ou à da religião, parecendo não restar outra saída para eles. Mesmo assim, são perceptíveis as reações dos indígenas, também de forma violenta, tentando impedir o avanço dos estrangeiros.

As populações indígenas do Guairá foram atuantes em todos os aspectos da existência humana, ora aparecendo em luta contra a conquista dos territórios por eles há muito ocupados, não podendo ser considerados povos sem história<sup>152</sup>, ora integrados numa situação de evangelizados, e, embora não fique claro nas fontes, acredita-se que fizeram negociações não tendo atitudes de aceitação simplesmente.

---

<sup>152</sup> WOLF, 2005.

## CAPÍTULO 4

### OS BANDEIRANTES NO GUAIRÁ - O ENCONTRO DE ÍNDIOS E PORTUGUESES

No se puede precisar la fecha exacta en que comenzaron las actividades de los bandeirantes en el Brasil<sup>1</sup>.

Em todos os anos de sua existência como província da coroa espanhola, o Guairá foi território de muitas disputas, e mesmo guerras entre àqueles que, de um modo ou de outro, interessavam essas terras e sua gente. Inicialmente, em função das diferentes etnias habitantes nessas regiões, houve guerras entre elas. Depois vieram os europeus, como os espanhóis, com o objetivo de tomar as terras e de fazer uso de mão-de-obra indígena como serviço obrigatório e, quase ao mesmo tempo, ou pouco depois, os portugueses vindos do Brasil, expandiram sua atuação também para esses territórios, empreendendo a força contra tudo e contra todos.

A partir da segunda metade do século XVI até a terceira década do XVII, os espanhóis se estabeleceram no Guairá fundando cidades no seu interior, importantes para proporcionar o bem-estar dos conquistadores e suas famílias, para manter a região controlada pela coroa espanhola e servir como ponto de parada para as expedições que se faziam pela região ou no trânsito até o litoral atlântico. Os jesuítas haviam organizado as reduções para onde muitos dos indígenas se estabeleceram e receberam, além dos ensinamentos cristãos, outros, que os missionários passaram a lhes aplicar. Centenas de outros grupos indígenas ainda estavam pelo interior do Guairá, vivendo a seu modo e em disputa contra espanhóis ou jesuítas, ou mesmo entre eles. Por outro lado, os portugueses do Brasil, não deixaram, desde o século XVI, de avançar para o sertão, além do tratado de limites com relação aos domínios da Espanha, estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas. Os objetivos desses portugueses de São Paulo de Piratininga eram muitos, mas o que se vai observar nesta pesquisa diz respeito à preação do indígena no Guairá para levar cativo para São Paulo e servir como escravo nos trabalhos em suas fazendas.

Os escritos que se vão analisar referem-se a historiadores da época da conquista e a outros que escreveram utilizando estas primeiras fontes em suas análises. São as mesmas

---

<sup>1</sup>Expressão de GANDIA, E. *Las misiones jesuíticas y los bandeirantes paulistas*. Buenos Aires: Editorial “La Facultad”, 1936, p. 15, sobre a época em que os bandeirantes iniciaram suas investidas no Guairá.

fontes utilizadas nos capítulos anteriores, e neste momento, pretende-se encontrar outras pistas que permitirão compreender os acontecimentos que envolveram as entradas dos bandeirantes e os confrontos com os indígenas nos primeiros anos da conquista espanhola no Guairá, sem se perder de vista a idéia de que, as visões que se dão para os portugueses estão de acordo com o que os espanhóis pensavam.

Guzmán<sup>2</sup>, cuja obra é uma das fontes para este estudo, viveu na época da conquista e foi um dos conquistadores espanhóis. Seu relato contém informações obtidas junto à sua própria família, mesmo porque, seu pai, Alonso Riquelme de Guzmán, viera junto com Don Álvar Nuñez Cabeza de Vaca para a América, casando-se, posteriormente, com uma das filhas do adelantado Martínez de Irala. Assim, é importante que se tenha em mente essas questões para analisar os acontecimentos, sem se correr o risco de fazer juízo de valor sobre os feitos desses conquistadores, como diz Ricoeur<sup>3</sup>, não se deixar convencer pelo discurso.

Embora este não seja o capítulo exclusivo sobre os jesuítas, seus escritos são fontes importantes para o estudo do avanço dos bandeirantes sobre o Guairá. Assim, muitas das cartas, informes e outros apontamentos dos padres da Companhia de Jesus revelam dados que se tornam imprescindíveis para a compreensão dos acontecimentos que se seguiram nesses períodos delimitados, como os documentos presentes na Coleção de Ângelis, organizada por Cortesão<sup>4</sup>, que concentra grande parte deles, mas também registros de autoridades espanholas, muitos dos quais contendo importantes informações sobre a entrada dos bandeirantes e a destruição das reduções no Guairá. Além disso, os escritos dos jesuítas em momento posterior aos acontecimentos, como os do padre Nicolas del Techo<sup>5</sup>, contêm análises e explicações interessantes que são importantes também. É também com obras mais recentes, escritas já no século XX, que se utilizaram das fontes escritas nos séculos XVI e XVII, que será possível ampliar a visão sobre os acontecimentos no Guairá colonial.

---

<sup>2</sup> GUZMÁN, Rui Díaz de. *Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, Imprenta del Estado, 1836 – 1969.

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1977.

<sup>4</sup> CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ângelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951.

<sup>5</sup> TECHO, Nicolás del, S.J. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús (1673)*. Prólogo de Bartolomeu Meliá, s.j. Nueva edición. Tomo único. Assunción: Fondec – Fondo Nacional de la Cultura y las Artes; Cepag – Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2005.

#### **4.1 Como Guzmán (1836-1969), Cortesão (1951) Techo (1673-2005), Acosta (1920), Capdeville (1923), Gandia (1936) relatam a entrada dos portugueses no Guairá**

Entre os acontecimentos mais devastadores que ocorreram desde o século XVI no Guairá, está o da entrada que os portugueses de São Paulo fizeram nesses territórios. O governador do Paraguai e Rio da Prata, Domingo Martínez de Irala já estava interessado em resolver esse problema, porque os portugueses entravam em terras da Espanha para roubar os indígenas de seus povoados e, levá-los cativos para o Brasil.

Percebe-se que a situação da entrada dos portugueses e seu assalto às aldeias indígenas do Guairá estavam acontecendo desde pelo menos meados do século XVI, como consta nos registros dos historiadores e cronistas. Consta também que Irala desejava, ao mesmo tempo, reduzir os indígenas (naturais) para os conquistadores que estavam chegando, e para resolver essa questão, enviou a Nuflo de Chaves (possivelmente entre os anos de 1555 e 1557) ao Guairá, com esse objetivo, deixando transparecer que nessa conjuntura, esse era o interesse dos espanhóis. Mesmo porque, com a entrada dos portugueses no Guairá para caçar índios, era preciso tomar providências para que se “[...] y remediase el desorden de los portugueses del Brasil que tenían entrado en los términos de este gobierno, asaltando los pueblos de los índios naturales, para llevarlos presos y cautivos al Brasil [...]”<sup>6</sup>. As ações de Irala não iriam fazer com que a situação dos indígenas do Guairá fosse muito diferente, porque embora eles estivessem sendo socorridos em virtude das investidas dos portugueses, e também no sentido de se procurar “[...] conservar la paz y amistad de los naturales [...]”, como disse o mesmo autor, o trabalho ou serviço pessoal dos mesmos seria, de qualquer forma, utilizado pelos espanhóis.

É interessante a observação de Guzmán<sup>7</sup> a respeito da expedição de Nuflo de Chaves pelo Guairá. Segundo o autor, quando Chaves chegou à região fronteiriça com o Brasil, provavelmente pela região do Rio Paranapanema, e depois quando entrou no Rio Tibagi, as inúmeras populações de Guarani que habitavam ali “[...] estaban con fuertes palizadas, por sus enemigos tupis y tobayaras del Brasil y de los portugueses de aquella costa [...]”. Havia, portanto, preocupação em relação aos portugueses já no século XVI, e não apenas contra os Tupi, visto que os Guarani procuravam se proteger, cercando suas aldeias. Os Tupi, no caso os Tupiniquins aliados dos paulistas, estiveram em praticamente todas as expedições que eles

---

<sup>6</sup> GUZMÁN, op. cit., 1836-1969, p. 217-218.

<sup>7</sup> Ibid, p. 218.

fizeram ao Guairá, o que permite constatar a presença de conflitos entre grupos indígenas e dos portugueses contra os indígenas.

Seguindo nessa ordem de registros, constata-se a importância dos documentos organizados por Cortesão<sup>8</sup>, em que estão relacionados dados como a doação de terras à Companhia de Jesus, a doação de *encomiendas* e *yanáconas*, e a organização das reduções além de diversas outras informações sobre a vida dos padres e dos indígenas nessas povoações.

Passando para os escritos do Padre Techo<sup>9</sup> que, escrevendo no final do século XVI, tratou da forma como os paulistas investiram contra o Guairá, percebe-se que o autor não se preocupou em periodizar os acontecimentos. Por essa razão, comparações com outros escritos são necessárias para se estabelecer a cronologia dos fatos em seus escritos. Alguns dos temas abordados por ele foram: a grande peste que assolou o Guairá (sabe-se que em outras partes da América Meridional as populações também sofreram desse mal), e os avanços dos portugueses ou dos mamelucos<sup>10</sup> investindo contra esta província. Ele provavelmente esteja se referindo aos primeiros ataques dos paulistas a estas comunidades, que podem ter ocorrido nos finais do século XVI e início do século XVII. E se não bastasse isso, o autor lembra que os próprios habitantes de Vila Rica contribuíram para esses problemas, reduzindo os indígenas ao já questionado serviço pessoal. Em capítulo anterior já se mencionou o fato das injustiças que eram feitas por meio das “malocas” dos espanhóis para com as populações indígenas.

Os registros de Techo<sup>11</sup> mostram que estão impregnados de senso religioso referindo-se à figura de Satanás irritado com os progressos conseguidos pelos padres no Guairá, procurando desestruturar seus trabalhos por meio da ação dos mamelucos (isto se o leitor concordar em pensar que os mamelucos estavam sendo guiados por Satanás). De acordo com os estudos desse jesuíta, os portugueses

[...] observaban excelente conducta al principio; pero aconteció que faltáronles mujeres, y entonces se unieron en matrimonio con las índias, contaminando la sangre portuguesa. Generalizáronse tales uniones, y de padres honrados salieron hijos pésimos y nietos aún más criminales; la nobleza luzitana fue ahogada en la sangre indígena y los ilustres fundadores del Brasil nada transmitieron a sus descendientes sino el nombre<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Op. cit., 1951.

<sup>9</sup> Op. cit., 2005.

<sup>10</sup> TECHO, op. cit., 2005. Este padre chama-os de bandeirantes em toda a sua obra.

<sup>11</sup> Ibid, 2005.

<sup>12</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 467.

A esses descendentes é que os portugueses chamavam de **mamelucos** “[...] por el desprecio on que los miraban” disse Techo<sup>13</sup>. Em primeiro lugar, percebe-se que os portugueses não foram vistos, inicialmente, como ameaça no Guairá, já que eles se uniram às mulheres indígenas e com elas tiveram filhos, sendo esta uma explicação para dizer que não se comportavam mal em relação a essas populações. Por outro lado, da união de portugueses com as índias, resultaram filhos mestiços, considerados inferiores e até mesmo criminosos.

Deve ficar claro, porém, que os mamelucos, esses descendentes de portugueses com indígenas, não foram os únicos que empreenderam as invasões contra os domínios espanhóis para prender os indígenas. Outros moradores de São Paulo também se uniram aos mamelucos com os mesmos objetivos, agindo impunemente. Esses, que viviam na vila de Piratininga (São Paulo) distante 15 léguas de São Vicente, foram considerados por Techo<sup>14</sup> como pessoas de vida suspeita, fossem eles brasileiros ou europeus. O autor diz que quando foram para Piratininga se misturaram aos mamelucos e buscaram subjugar os indígenas, tratando-os com crueldade.

Como se pode ver, Techo<sup>15</sup> não determina o período em que os paulistas chegaram, e embora se tenha visto que Guzmán<sup>16</sup> se referiu a um problema envolvendo os Tupi juntamente com os portugueses no ataque aos Guarani do Guairá por volta de 1552, e também outro fato relacionado ao governador Irala, quando determinou a formação da primeira povoação espanhola sobre o Rio Paraná, por volta de 1554, isso em virtude das investidas dos portugueses no Guairá, ainda assim parece que não se tem a época exata de quando os bandeirantes começaram a investir contra os indígenas nesses territórios. Já Acosta<sup>17</sup> diz que havia se passado vinte anos desde a fundação das Reduções do Guairá, quando os portugueses vindos do Brasil (chamados por ele de mamelucos), começaram a fazer incursões por ali, praticando hostilidades contra os indígenas, destruindo as reduções e obrigando-os a emigrar para outras regiões. Talvez não seja possível considerar totalmente essas informações, pois se as primeiras reduções do Guairá foram formadas por volta de 1609, então para Acosta, apenas em 1629 chegaram os paulistas. Mas os registros anteriores demonstram que foi bem antes disso, fazendo crer que Acosta provavelmente não esteja considerando essas informações sobre as primeiras investidas, mas apenas os ataques às reduções.

---

<sup>13</sup> Op. cit., 2005, p. 467.

<sup>14</sup> Ibid, p. 467.

<sup>15</sup> Ibid, 2005.

<sup>16</sup> Op. ci., 1836-1969, p. 197-198.

<sup>17</sup> ACOSTA, Fernando Pérez S.J. *Las Misiones Del Paraguay*. Lloréns Castelló: Palamós, 1920, p. 18.

Os mamelucos ou bandeirantes (caso não se esteja referindo apenas aos mestiços), não agiram sozinhos, como lembrou anteriormente Techo<sup>18</sup>, mas juntamente com outros homens que provavelmente tinham interesse em conseguir mão-de-obra para o trabalho nas suas lavouras, praticavam a caça aos índios, primeiro nas costas do Brasil e depois, quando ali não mais conseguiram escravos, dirigiram-se para as missões, fato confirmado por Capdeville<sup>19</sup>.

As incursões dos portugueses ao sertão foram realizadas em expedições que eram chamadas de Bandeiras<sup>20</sup>, cujos objetivos, concordam os historiadores-cronistas como Gandia<sup>21</sup>, eram caçar índios para vender como escravos. As bandeiras, primeiro avançaram pelas costas do Brasil, e depois para o sertão, quando os indígenas para lá se refugiaram.

Assim definiu Gandia<sup>22</sup> as invasões dos paulistas, porque eram de São Paulo que vinham os bandeirantes, como episódios “[...] interesantísimos, de un colorido y de una emoción difíciles de igualar [...]”, talvez porque ele estivesse se referindo às circunstâncias que envolveram tais ocasiões, e também com relação ao que encontravam pelas selvas, além da situação dos indígenas frente a essas investidas e seu conseqüente viver como escravos, questões que estão postas nos relatos dessas incursões. O episódio das incursões dos bandeirantes teve significado tanto para a expansão do território brasileiro para o oeste, quanto com relação à destruição das missões jesuíticas (no Guairá principalmente, como objeto de interesse deste trabalho) e desestruturação da colonização espanhola e de suas cidades nessa região. Uma diferença que já se pode perceber nesses escritos do final da década de 1930, é que os portugueses, nessa historiografia, já são chamados de bandeirantes, diferentemente de como eram tratados em Guzmán<sup>23</sup>, por exemplo.

Analisando ainda a época em que os portugueses iniciaram as entradas para o sertão do Guairá, Gandia<sup>24</sup> escreveu que pode ter iniciado com a viagem de Aleixo Garcia quando atravessou toda a região, indo desde Santa Catarina ao Paraguai, porque embora ele não tivesse ido cativar índios, muitos o acompanharam nessa jornada.

Acontece que essas expedições dos paulistas avançaram até as terras dos conquistadores espanhóis. O Guairá foi rota dessas incursões, porque eles atravessaram por

---

<sup>18</sup> Op. cit., 2005.

<sup>19</sup> CAPDEVIELLE, B. *Misiones Jesuíticas em El Paraguay*. Imp. Y Libreria La Mundial: Asunción. 1923, 2. ed.

<sup>20</sup> Segundo CORTESÃO, J. *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*. Lisboa: Portugalia, 1966, p. 66, o termo **Bandeirante**, em referência aos participantes das bandeiras, surgiu em meados do século XVIII, citado por HEMMING, John. *Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros* (1978). São Paulo: Edusp, 2008. Trad. Carlos E. Marcondes de Moura, p. 367.

<sup>21</sup> Op. cit., 1936.

<sup>22</sup> *Ibid*, p. 9.

<sup>23</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>24</sup> Op. cit., 1936, p. 9.

caminhos já conhecidos, onde passaram Aleixo Garcia, Álvar Nuñez Cabeza de Vaca e outros, e talvez por isso não tenham surpreendido os espanhóis, como observou Gandia<sup>25</sup>, que também faz referência a uma questão que não é tratada da mesma maneira em outras obras. Segundo ele, as primeiras investidas dos portugueses foram inicialmente feitas de forma pacífica e comercial. Mas, como já se observou em capítulo anterior, o próprio governador Irala esteve envolvido em 1553, com a venda de escravos para traficantes portugueses. Essa não seria a única vez, porque as notícias são de que outros portugueses, de forma pacífica, fizeram comércio com os espanhóis, com o consentimento de Irala. Nos documentos analisados, o autor citou uma carta de um Juan de Salazar de 1553, escrita em São Vicente (ele não esclarece quem era esse Juan de Salazar) enviada ao rei, onde se lê que os que traziam escravos do Paraguai

[...] los que los traen dicen y prueban que los há dado por esclavos el capitán Domingo de Irala juntamente com Felipe de Cáceres y Anton Cabrera ... y Andrés Fernández el Romo ... y Dorantes, factor; no sé si los que lo dicen, dicen verdad, porque algunos dicen que el factor no lo consiente ...' [...]<sup>26</sup>.

Há ainda outra carta<sup>27</sup> escrita por um Antonio de la Trinidad, de 1556, informando ao rei que entre os primeiros traficantes de escravos do Paraguai estava um sujeito conhecido como “Farina” de São Vicente que recebeu permissão para levar índias da terra e:

[...] ‘ciertos hombres que iban con él y aun le vendieron ellos otras y las llevó a San Vicente y las vendió a los otros portugueses y pago su décima a los oficiales del Rey por esclavos; fueron hasta treinta, sin otras muchas que por el camino se le murieron. Vino después otro portugués que se dice Diego Díaz, y dió el gobernador licencia que le vendiesen en el pueblo muchos índios ... los quales habían traído de una entrada, y llevólos a San Vicente como nas índias que en el camino tomo, donde por esclavos los vendió y pago los derechos a su Rey. Otros tres o cuatro cristianos, viendo que esto se consentia, se salieron de aqui y llevaron cada uno su media docena a vender, y venidos, ninguna cosa les dijeron ...’ [...].

Essas palavras reforçam a idéia de que os portugueses estavam fazendo comércio de escravos indígenas por ocasião de 1552-1553, com a ajuda dos próprios espanhóis, e ainda com o consentimento do governador Irala. É interessante observar que parecia ser uma coisa muito importante para esses portugueses deixar registrado que o imposto devido à fazenda estava sendo corretamente pago, e o que é mais interessante ainda, essas palavras não deixam

<sup>25</sup> Op. cit., 1936, p. 16.

<sup>26</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 16.

<sup>27</sup> GANDIA, *ibid*, p. 17.



transparecer que a coroa portuguesa se opusesse em receber esse dinheiro, se forem corretas as informações. Confirma-se também<sup>28</sup>, que Irala, em troca de ferro e ferramentas, deu índios e índias aos portugueses que o procuraram, para levar ao Brasil. Segundo consta, outros vieram, confirmando esse comércio no Paraguai (por volta de 1553), e depois, Irala, talvez como uma forma de desculpa por sua atuação nos episódios, mandou formar povoação no Rio Paraná (a cidade de Ontiveros), para impedir que novamente os portugueses chegassem e entrassem por ali. De acordo com Gandia<sup>29</sup>, Irala estava se referindo às vendas feitas por seus capitães Garcia Rodrigues de Vergara e Nuflo de Chaves no Guairá, que teriam sido sem seu consentimento.

Esse assunto ainda é abordado por Gandia<sup>30</sup>, lembrando um fato ocorrido em 1555 e do possível envolvimento de Irala com o comércio de escravos. Esse autor diz que um espanhol chamado Bartolomé Justiniano, teria ficado detido no Brasil, sem poder continuar viagem para Assunção, mas não faz nenhum esclarecimento a respeito do porque teria ocorrido esse fato. E, para resolver essa questão, Irala mandou Nuflo de Chaves para tentar convencer as autoridades portuguesas a deixarem passar Bartolomé e todas as coisas que levava. Nos documentos analisados por Gandia consta que Nuflo de Chaves enviou Pedro de Molina a São Vicente, que no caminho prendeu muitos Tupis, e na volta, trouxe da terra do cacique *Cotiguara*, cerca de 300 indígenas para Assunção. E por que o teria feito, senão para submetê-los ao trabalho em suas terras, minas ou casas? Por outro lado, os registros não trazem informações que transpareçam as reações dos indígenas frente a esse fato.

Está claro, até agora, que antes de tudo os espanhóis consentiram na venda de indígenas, e eles mesmos se utilizaram desse expediente, isto é, Nuflo de Chaves fez o mesmo que os bandeirantes paulistas iriam fazer nos anos seguintes (Gandia só utiliza o termo bandeirante).

Em virtude da detenção dos espanhóis em São Vicente, Irala iniciou uma viagem em 1556, que é relatada por Juan de Salazar, dizendo que o governador teria ido ao Guairá para acabar ou continuar o povoamento daquela região, e também para resolver os problemas com os portugueses conforme explicou Gandia<sup>31</sup>. O autor, porém, acredita que essa expedição teve o objetivo de entrar em acordo com as autoridades portuguesas para que deixassem passar os espanhóis que estavam detidos em São Vicente. Isso está registrado em um documento feito por Diego Telles de Escobar, onde informa que Irala “[...] dixo que queria ir a la costa del

---

<sup>28</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 17.

<sup>29</sup> Ibid, p. 18.

<sup>30</sup> Ibid, p. 21.

<sup>31</sup> Op. cit., 1936, p. 22.

Brasil, tierra del rey de Portugal, a traer vacas [...]”, e o próprio Irala registrou em seu testamento que “[...] estoy de partida para la costa del Brasil [...]”<sup>32</sup>, confirmando portanto, que estava se dirigindo para essa região. Porém, um assunto urgente fez com que Irala voltasse para Assunção, sem completar sua viagem para São Vicente, enviando em seu lugar Rui Díaz Melgarejo para formar uma cidade (a Ciudad Real del Guayrá) no Rio Paraná, na foz do Rio Piquirí, mas conforme o autor, só pôde fazê-lo depois da morte do governador (Irala) em 3 de outubro de 1556 quando “[...] Melgarejo fundou Ciudad Real, en la boca del Piquirí, y recibió a los moradores de Villa Ontiveros que dejaron abandonada la población [...]”.

Embora os registros informem que os espanhóis tiveram participação na escravidão indígena, percebe-se que também era de seu interesse procurar conter o avanço dos portugueses, conforme se pode constatar nas palavras de Gandia<sup>33</sup>

Todas las expediciones mencionadas constituyen los primeros intentos de los españoles para contener los avances de los portugueses cazadores de esclavos. Ellas no han sido conocidas por ninguno de los autores que se han dedicado a estudiar las orígenes de la penetración de los bandeirantes. Con los datos expuestos creemos haber demostrado que con el año 1553 comenzaron a llegar al Paraguay los primeros traficantes de esclavos portugueses de los cuales la historia conserva un recuerdo [...].

Informado dos fatos, o rei da Espanha enviou em 1558 uma cédula em que dizia ter recebido as notícias da venda de escravos indígenas da região do Guairá, com o consentimento de Irala como se pode ver nas seguintes palavras: “[...] de la provincia del Piquirí y del rio Iguazú y de los rios Ubay y Parapanem [...] el dicho Domingo de Irala, han llevado mucha cantidad de índias [...]”<sup>34</sup>, e mandou que todos fossem devolvidos sob pena de perderem todos os bens para a Câmara e para o fisco. Não se tem notícia, nas fontes estudadas, de que foram devolvidos.

A primeira providência dos espanhóis contra os portugueses, no entanto<sup>35</sup>, foi, como se viu anteriormente, a fundação da cidade de Ontiveros, a mando do governador, por Garcia Rodrigues de Vergara, no ano de 1554, mas de acordo com sua análise, não há certeza de que Irala tenha mandado fazê-lo para evitar os danos que os portugueses faziam levando indígenas

---

<sup>32</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 22-23.

<sup>33</sup> Id, p. 23.

<sup>34</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 19.

<sup>35</sup> Conforme GANDIA, op. cit., 1936, p. 20.

cativos. A idéia de que teria sido para conter os portugueses, diz o mesmo Gandia<sup>36</sup>, é colocada por Guzmán<sup>37</sup>, talvez por ser Irala seu avô e para fazer parecer que tenha sido um homem honrado, e ser o primeiro a se opor aos avanços dos portugueses. É uma questão importante para se observar.

É interessante a análise de Gandia<sup>38</sup>, questionando o que Guzmán<sup>39</sup> escreveu, porque diz que existem documentos atestando que García Rodríguez de Vergara foi ao Guairá a mando do governador Irala, com objetivo de buscar metais no rio Paraná, conforme carta de Juan de Salazar, de 20 de março de 1556. Na perspectiva de Gandia, foi assim que os primeiros portugueses chegaram, sem armas, e Irala permitiu que levassem os indígenas.

## **4.2 Primeiras incursões dos bandeirantes no Guairá**

Entre os primeiros registros sobre a situação do Guairá e das Reduções, nos anos iniciais do século XVII, estão os documentos dos jesuítas que viveram ou estiveram em contato com as populações indígenas nessa região. São fontes importantes para esta pesquisa, mesmo que a visão que nelas se apresenta, seja a que dá maior ênfase a um lado da história. Isso apesar de que nesses escritos, os padres enfatizam seu lado humanitário em relação às populações indígenas.

O historiador Gandia<sup>40</sup> que analisou documentos escritos pelos missionários das reduções e, como visto anteriormente, debateu a entrada de portugueses fazendo comércio com Irala, lembra também que, em 1629, os Padres Masseta e Mancilla escreveram confirmando que já fazia uns quarenta anos, desde 1589, que os portugueses estavam invadindo “[...] ‘continuamente a las malocas captivando e trayendo a fuerza de armas yndios libres y forros para sua esclavos y para venderlos’ [...]”. Essas palavras fazem parte de um documento, escrito por esses dois padres em Salvador, e enviado ao rei da Espanha, falando sobre as expedições bandeirantes no Guairá desde o final do século XVI, na época em que, a de Antonio Raposo Tavares, havia acabado de fazer suas investidas.

---

<sup>36</sup> Id, p. 20.

<sup>37</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>38</sup> Op. cit., 1936, p. 20.

<sup>39</sup> Op. cit., 1836-1969.

<sup>40</sup> Op. cit., 1936, p. 31.

Era claro, para os padres, a importância de manter as autoridades espanholas e os Superiores da Companhia de Jesus, informados sobre o processo de organização das missões no Guairá e em todas as regiões onde se estabeleceram. Um documento<sup>41</sup>, já citado em capítulo anterior, datado de 1614, contém informações sobre a ação dos padres em relação aos indígenas dessa região. Escrito pelo padre Lope de Mendoza, é o registro de vários testemunhos sobre as reduções do Guairá e do trabalho dos padres. Um deles é o de Silario de Montes Doca, morador de Santa Fé, informando conhecer o Padre Joseph Cataldino, Superior das Missões, e os padres Simón Masseta, Antonio Ruiz de Montoya e Martin Xavier, que estavam no Guairá. Mas a informação presente no documento que por ora interessa, é que nas reduções, os padres reduziram os índios, porém faziam com:

[...] gran riesgo de perder las vidas y q. sabe q. de la prov<sup>a</sup> del Brasil, y Villa de S. Pablo vienen los Portugueses a maloquear a os dichos rrepartimientos de las dichas rreducciones de suso donde se los dichos P. no defendiessen los dichos Indios no huviera naturales ningunos en la dicha provincia de Guayra, y de todos los huvieran llevado de quajuo contra su voluntad de que em ello reciben notable agravio los dichos Indios y reciben vien y md. Em que los dichos P. los ayan rreducido, em lo qual dicho ministério sabe este testigo q. los dichos P. estan ocupados y lo han estado muchos dias [...].

Percebe-se que nesses anos, os indígenas estavam sofrendo com as incursões dos bandeirantes, e que os padres preocupavam-se com a idéia de não ter como defender os já reduzidos. O fato dos portugueses estarem maloqueando os povoados demonstra ser essa uma atividade incansável entre eles, que avançavam até conseguir seu intento – levar indígenas para o trabalho escravo.

Hernando Arias de Saavedra, uma das testemunhas, diz:

[...] por la presente certifico a todas las personas a quien esta se mostrare como por fin del año de seiscientos y nueve siendo gobernador de estas provincias por su mag. estando em la çiudad de la assumpcion pedi y requeri al P. D. de Torres prov. de la comp<sup>a</sup> de jhs. Embiasse algunos rreligiosos a las Provincias de Guayra que predicasen a los índios de ellas y los rredujesen a nuestre S<sup>a</sup> Fé catholica [...].<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 152.

<sup>42</sup> CORTESÃO, ibid, p. 153.

Note-se que à época do documento, Hernandarias estava em seu terceiro governo no Paraguai<sup>43</sup>, como ele mesmo informa e que foi a seu pedido que os padres tinham sido enviados ao Guairá, dando início aos trabalhos missionários e às reduções, em 1609. Segundo ele, eram difíceis os trabalhos e que “[...] sin envargo de las vejaciones que rreciben de los Portugueses del Brasil que entran por S. Pablo en ella yndios (sic) engañados a las minas y para que conste de ello dicho [...]”, confirmando o fato dos índios serem levados para São Paulo, desde, portanto, o início do século XVII<sup>44</sup>.

Alguns documentos dos padres jesuítas<sup>45</sup> permitem relacionar os acontecimentos, apesar de algumas divergências de informações. O padre Techo<sup>46</sup>, por exemplo, diz que os paulistas iniciaram suas investidas contra os indígenas (*Tupinaqueí*) “[...] que vivian en ambas orillas del Añembi, río que nace en un monte elevado y cubierto de nieves; en su curso atraviesa el Guairá y desemboca en el Paraná [...]”, o que pode explicar como eles iriam entrar nessa região em momento posterior. Segundo o autor<sup>47</sup>, essas primeiras guerras dos paulistas continuaram até o final de 1580, quando partiram para outras regiões não se incomodando com a proibição da escravidão indígena, e

Lo más extraño es que antes de comenzar tales incursiones, que duraban tres y cuatro años, a las ordenes de un jefe que elegían, recibían los sacramentos y llevaban consigo a veces sacerdotes [...] es que aquellos forajidos llamaron a tales razías y latrocinios excursiones apostólicas; porque según decían, sacaban los bárbaros de las tinieblas del paganismo y les enseñaban el Evangelio.

Os próprios mamelucos<sup>48</sup> consideravam suas atividades como justas, porque segundo eles, tirariam os indígenas de seu estado “bárbaro” para o cristão.

Em *Ânuo ao Provincial Nicolau Durán*, datada de 1628, o padre Montoya faz um retrato desses portugueses, ao falar da situação da Redução de San Francisco Xavier, que estava sofrendo vários reveses, nesse ano, como a fome, provavelmente em razão da peste (varíola) que havia assolado a região no ano anterior, e a invasão dos “[...] Piratas Portugueses [...]”, que pareciam “[...] bestias fieras que hombres racionales [...]”, que entravam de forma

<sup>43</sup>GUEVARA, Padre José. *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Coleção Pedro de Ángelis. Tomo I. Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Editorial Plus Ultra. Buenos Aires: Impr. del Estado, 1836, p.763.

<sup>44</sup> Conforme citado em CORTESÃO, op. cit., 1951, p.154.

<sup>45</sup> Em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 310-339, pode-se seguir os acontecimentos a partir de 1628, no relatório dos padres Masseta e Mancilla sobre as bandeiras Paulistas nos anos de 1628 e 1629.

<sup>46</sup> Op. cit., 2005, p. 467.

<sup>47</sup> TECHO, *ibid*, p. 468.

<sup>48</sup> Porque TECHO, *ibid*, assim se referia a eles, também para diferenciá-los do povo português que, em sua opinião, como cristãos, não seriam capazes de tais atrocidades; CARDOZO, op. cit. 1970, p. 131, também se refere a eles como “mestizos de San Pablo”.

violenta e cruel, não parecendo, portanto, homens cuja preocupação fosse com o bem-estar religioso dos indígenas, como se viu anteriormente. Segundo o padre, uma das causas da fome era a entrada dos portugueses “[...] con que los dexaron asolados de comida; causola tambien el aver faltado los piñones, y lo ultimo el aver ávido tanto yelo que no les dexo raiz en la chácara y sin semilla para volver a sembrar [...]”<sup>49</sup>. A invasão dos portugueses é vista como uma praga, mesmo que nos povoados indígenas (reduções) eles não tivessem feito muitos danos. Isso provavelmente não estava ainda ocorrendo nas reduções, mas sim, com as populações ainda não reduzidas, e explica

[...] aunque es gente desalmada y tanto que asi matam Indios como se fueram bestias no perdoñado a edad ni sexo porque a los niños porque no impidan el caminar a sua madres los matan, a los viejos y viejas por el mismo inconveniente de no poder caminar ni ser de provecho ya los matan dandoles con una porra en la cabeça, a los casiques y principales o valentejos tambien matan porque estos sonsacan a los demas y los buelven [...]”<sup>50</sup>.

Apesar dessa descrição de atos tão violentos contra os indígenas, o Padre Montoya ainda se refere aos portugueses como “[...] an tenido respecto a nuestros pueblos [...]”<sup>51</sup>.

Nesse mesmo documento, Montoya diz que alguns portugueses que estavam acampados perto de San Francisco Xavier interrogaram alguns índios que para lá estavam se dirigindo, sobre a doutrina cristã, e vendo que conheciam o evangelho, deixaram que passassem com alguns presentes, mas prenderam aos que perceberam ser “infiéis”.

O trabalho dos padres jesuítas é exaltado nesse documento, pois o padre Montoya diz que tiraram muita gente dos montes, livrando-as do cativeiro dos portugueses “[...] Los quales hicieron una cruel matansa en unos pobres Indios los quales avian mantratado a unos tupis por defender su pueblo, dieron los Portugueses en ellos y con los alfanges los hicieron pedaços [...]”<sup>52</sup>. E com relação aos portugueses, ele fala com certa dose de misericórdia quando diz que

[...] Y aunque estos pobres portugueses julgando que Dios no esta en la tierra [...] con todo es o an visto por sus ojos lo que ofenden a la divina mag sintiendo su pesada mano en castigarlos porque de ellos na muerto a manos de los Indios, descomulgados, que esa carga traen los que vienen de san

<sup>49</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 269.

<sup>50</sup> CORTESÃO, ibid, p. 270.

<sup>51</sup> CORTESÃO, id, p. 270.

<sup>52</sup> CORTESÃO, ibid, p. 271.

Pablo; otros mueren de enfermedad que de mal comer, dormir, y pasar les proviene [...]”<sup>53</sup>,

fazendo referência também aos problemas que esses homens enfrentavam nessas expedições, e que muitos deles morriam em São Paulo sem ter aproveitado o que tiveram tanto trabalho para roubar.

Os estudos sobre os séculos iniciais da conquista espanhola denotam significativa argumentação sobre as facilidades que os bandeirantes tiveram para sua entrada no Guairá. Oportunidades concedidas muitas vezes pelo governador D. Luis Céspedes Xeria, como alguns documentos e escritos irão informar. O padre Techo<sup>54</sup> diz que foi nessa época em que Xeria iniciou seu governo, que os bandeirantes se preparavam para entrar no Guairá com “[...] noventa hombres, en su mayor parte mamelucos, y dos mil doscientos tupíes, aliados de los primeros y famosos por su crueldad, se disponían a invadir el Guairá”, comandados por Antonio Raposo Tavares, fato que será melhor compreendido comparando-se com outros escritos, visto que essa expedição seria empreendida nos anos finais das reduções jesuíticas do Guairá.

Xeria foi designado governador do Paraguay em 1625, explica Cardozo<sup>55</sup>, mas só chegou a Assunção em 1629, quando faleceu Guzmán, o historiador, e segundo esse autor, Xeria

[...] Contrariando prohibiciones viajo por tierra desde el Brasil, donde contraí matrimonio con una dama portuguesa. Fue el primer gobernador que visitaba el Guayrá, donde tomo diversas medidas para regularizar el comercio de la yerba y prohibió el uso de armas de fuego por los índios [...].

As invasões bandeirantes se intensificaram<sup>56</sup> quase imediatamente à chegada de Céspedes Xeria. Para Techo<sup>57</sup>, Xeria não procurou impedir a entrada ou expulsar os invasores do Guairá, com a desculpa de que não tinha homens suficientes, o que demonstra seu pouco interesse em proteger os indígenas ou as reduções, provavelmente em benefício próprio, como os anos seguintes iriam comprovar, conforme se pode observar das informações deixadas

<sup>53</sup> CORTESÃO, id, p. 271.

<sup>54</sup> Op. cit., 2005, p. 469.

<sup>55</sup> CARDOZO, Efraim. *História de a Gobernación del Paraguay desde su Autonomía en 1618 hasta la Revolución de 1810*. Plaza & Janes S.A. Editores Argentina, s.d, p. 1125.

<sup>56</sup> CARDOZO, E., op. cit., s.d., p. 1125.

<sup>57</sup> Op. cit., 2005.

pelos jesuítas, por exemplo. Consta ainda, das observações de Cardozo<sup>58</sup>, que o governador Xeria “[...] fue acusado de complicidad con los invasores y depuesto por el vecindario [...]”. As informações são unânimes, até aqui, sobre o envolvimento de Xeria com os bandeirantes.

A história teria ocorrido da seguinte maneira: Xeria viera da Espanha para assumir o governo no Paraguai. Chegou a São Paulo e dali partiu pelo Rio Tietê, seguindo depois, por terra, passando pelo Guairá, onde fez uma parada em Ciudad Real. Nessa jornada ele teria elaborado um mapa em que representou a Província do Guairá e as reduções jesuíticas, além das cidades espanholas de Vila Rica e Ciudad Real<sup>59</sup>, que está em uma carta sobre sua viagem pelo rio Tietê, enviada a Felipe IV em 1628, da qual se lê um pequeno trecho, como segue:

[...] Por tierra y a pie por ser camino que no se pueda andar de otra manera con ynfinitos trabajos de llubias y Rios qye passamos llegué a un donde estuve un mês haciendo embarcaciones [...] veniamos dentro della sinquenta yndios que remavan y mi persona y criados [...] Sali de aquel Rio treynta y dos días con grandisimos riesgos [...] anduve ocho días por el Rio grande de la Plata donde entre por este outro, ay embio a vuestra magestad todo aquel Rio que andube y lo que he andado de este hasta llegar a este guayra [...].

A questão do envolvimento do governador Xeria será debatida mais detalhadamente em outros momentos. O fato é que a entrada dos bandeirantes atingiu a Redução de San Antonio e teria sido a primeira a ser atacada, e isso pode ter ocorrido porque esses homens<sup>60</sup> já tinham indígenas cativados e um deles, um cacique, havia fugido indo se refugiar nessa redução. Até então, eles estavam deixando os jesuítas e seus indígenas reduzidos em paz (provavelmente entre 1627-1628). Apesar dos pedidos do mameluco Simón Álvares, o padre Mola (reitor da Redução) não se intimidou e defendeu o índio, causando irritação ao invasor, fato que teve como consequência a invasão da redução. Gandia<sup>61</sup> se refere a esse ataque como tendo ocorrido em 30 de janeiro de 1629, de onde foram levados cerca de 2500 indígenas, como também afirmou Techo<sup>62</sup>, para serem vendidos no Brasil.

<sup>58</sup> Op. cit., s.d., p. 1125.

<sup>59</sup> Está em sua “Carta del gobernador del Paraguay Don Luis de Cespedes Xeria a Sua Majestad dando cuenta de su llegada al Brasil y de su viaje por tierra desde San Pablo a la ciudad de Guaira haciendo relacion del estado de esta tierra y de los rios y terrenos que atravesso para lo qual acompaña un mapa donde se indica su derrota”, e foi retirado da obra de Taunay, A. E. 7ª ed. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 92, mas está depositada no *Archivo General de Indias*, Sevilha. Está depositado no *Archivo Genral de Indias* en Sevilha – Estante 74, Cajón 4, Legajo 15.

<sup>60</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 470.

<sup>61</sup> Op. cit., 1936, p. 34.

<sup>62</sup> Id., p. 470.



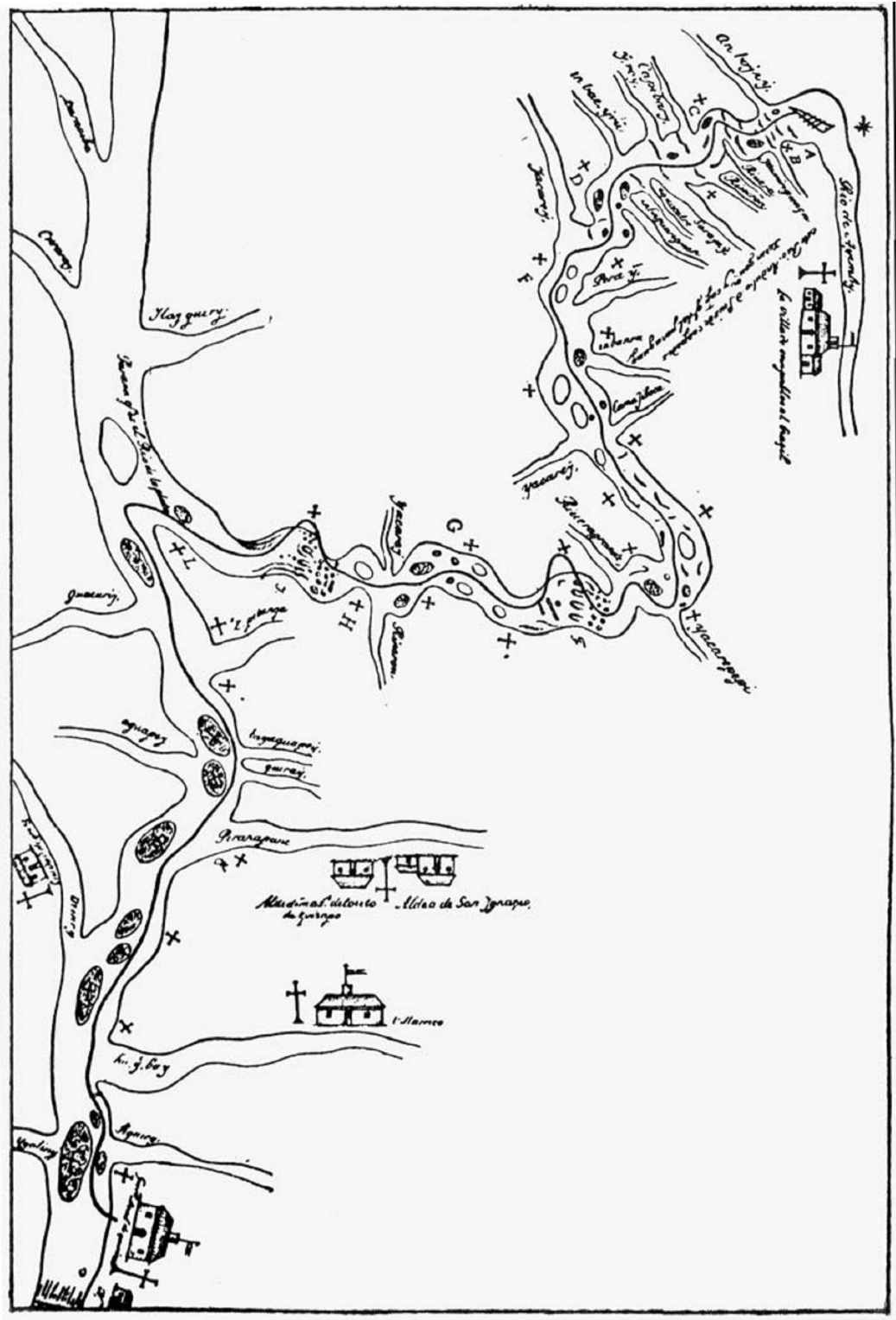


Figura 7 - Mapa do Guairá feito por Don Luis de Céspedes Xeria. FONTE: Taunay, A. E. 7ª ed. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, p. 93.

Já para Capdeville<sup>63</sup>, foi a Redução de Encarnación a primeira a ter sido atacada pelos mamelucos, e depois a de San Antonio, contrapondo a análise de Techo<sup>64</sup>. Por sua vez, Gandia<sup>65</sup> diz que as invasões começaram pelos campos do Rio Iguaçu e depois cruzaram o Rio Tibagi, em setembro de 1628, perto das reduções. Em Cortesão<sup>66</sup> há a informação do padre Simão Masseta, datada de 1629, em carta dirigida ao provincial de que o padre Antonio Ruiz dirigiu-se à Redução de S. Paulo para socorrer os indígenas dos ataques dos portugueses que queriam levar a todos para São Paulo. Segundo o documento, os padres diziam que se houvessem mais padres poderiam começar outras reduções do rio Iguaçu ao Ivai “[...] en donde agora los Portug. estan con su palisada recojiendo priesas [...]”, uma espécie de forte, onde ficavam para ataques aos indígenas. No relato que os padres Justo Mancilla e Simón Masseta fizeram em 1619, enviado ao rei e ao provincial, sobre os estragos feitos por Antonio Raposo Tavares no Guairá, foi mencionado esse fato, dizendo que quando os bandeirantes passaram pelo rio Tibagi em 8 de setembro de 1628 “[...] hicieron su palisada o fuerte de palos cerca de nuestras aldeãs [...]”<sup>67</sup>, e que esses homens permaneciam no local, o que amedrontava e preocupava tanto os indígenas quanto aos padres que lá estavam, porque ficara claro que não deixariam de lutar pelo que tinham vindo fazer.

Dessas primeiras investidas, os indígenas que não foram levados pelos bandeirantes, dirigiram-se para a Redução de Encarnación levados pelo Padre Mola, o que demonstra uma discordância em relação a nomes e locais entre os relatos. Mas, Capdeville<sup>68</sup> ainda diz que a luta em San Antonio foi terrível e desigual, relatando que os mamelucos entraram na redução e degolaram muitos dos indígenas. Continuaram atacando as aldeias de indígenas gentis (aqueles que ainda não tinham sido catequizados), e também outras reduções. Apesar das pequenas diferenças entre as informações desses escritores, o fato é que as invasões aconteceram como todos eles concordam, de forma violenta, na maior parte das vezes.

Divergências à parte sobre qual teria sido a primeira redução a ser atacada, o padre Montoya<sup>69</sup> diz que na Redução de Encarnación, eles teriam sofrido os mesmos problemas com os portugueses e com os Tupi, que acompanhavam as expedições bandeirantes. O padre Cristóval de Mendoza, que estava na redução, havia saído vitorioso em luta contra os portugueses, inclusive prendendo alguns Tupi dos quais foram tirados os machados e outros

---

<sup>63</sup> Op. cit., 1923, p. 35.

<sup>64</sup> Id., p. 470.

<sup>65</sup> Op. cit., 1936, p. 32.

<sup>66</sup> Op. cit., 1951, p. 301.

<sup>67</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 312.

<sup>68</sup> Op. cit., 1923, p. 36.

<sup>69</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 277, carta ânua de 1628.

petrechos de guerra e, depois, enviados para sua terra. Esse confronto teria alterado os ânimos dos portugueses que prometeram voltar, mas para buscar apenas os indígenas que não eram cristianizados (os “infieles”). Nessa mesma época, o Padre Montoya escreveu que veio ainda uma tropa de Tupis, guiados por um feiticeiro, e levaram muitos dos Guarani, mas o padre Mendoza teria conseguido libertar os prisioneiros.

Os portugueses não deixaram de investir contra as reduções. Na verdade, diz o padre Montoya “[...] ha intentado los Portugueses deshacer esta reduccion porque diçen que alli vendran todos los Indios que tienen en S. Pablo y porque desean que en toda esta tierra no aya Indio ninguno porque la sed que dellos tienen es mui grande. [...]”<sup>70</sup>. Para conseguir seus intentos, eles presenteavam os indígenas, tentando conseguir amizade com eles, como ocorreu com um índio chamado Capitão *Pindoyu*, censurado, por isso, pelo padre.

Na Redução de San Miguel, os padres Cristóval de Mendoza e Justo Van Suerck, ao receberem a notícia do acontecido em San Antonio, pensaram em levar os indígenas para Encarnación, onde, unidos, poderiam resistir aos invasores, como diz Techo<sup>71</sup>. Muitos indígenas refugiaram-se nos bosques, informa também esse autor, ficando em San Miguel apenas o padre Suerck e dois índios. A revolta dos indígenas fica clara nas palavras de Gandia<sup>72</sup>, dizendo que alguns dos que estavam sendo levados para a Redução de San Miguel “[...] pero en el trayecto algunos índios se volvieron a las selvas y otros pretendían matar al Padre porque decían que ‘les habia engañado y juntado para entregarlos a los portugueses [...]’”. É fácil imaginar essas populações indígenas diante das investidas violentas dos bandeirantes, ou das notícias dessas invasões em outras reduções, e deduzindo, à sua maneira, que os padres poderiam estar envolvidos com isso, já que não conseguiram impedir os ataques. Mesmo que tais registros tenham sido feitos pelos jesuítas, a voz indígena é clara, expressando seus medos e desejos, manifestados nas fugas e na intenção de matar os padres.

Nos estudos de Techo<sup>73</sup>, as informações são de que os avanços continuaram com Antonio Vicudo liderando outro grupo de bandeirantes, grupo que encontrou a Redução de San Miguel vazia, porque os indígenas haviam fugido o que deixou o bandeirante irritado, motivando-o a invadir as regiões circunvizinhas.

Em carta ao padre Nicolau Durán, de 25 de janeiro de 1629, o Padre Masseta fala a respeito dos sofrimentos causados por essas invasões em Jesús Maria e sobre os indígenas do Guairá. No documento percebe-se que a fundação da Redução serviu para ajudar os indígenas

<sup>70</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 278.

<sup>71</sup> Op. cit., 2005, p. 471.

<sup>72</sup> Op. cit., 1936, p. 35.

<sup>73</sup> Op. cit., 2005, p. 471.

“[...] amparando a estos pobres de los Portug. q. se les querian tragar todas, y llevarselos de quajo [...]”, confirmando então que em 1629 estavam os portugueses assolando o Guairá, especificamente, as reduções. E que os portugueses continuavam nos territórios, enquanto faziam suas investidas, pois o Padre Masseta diz que se pudessem e tivessem mais padres poderiam fazer outras reduções na região do rio *Huibai*, acima de Los Angeles “[...] en donde agora los Portug. estan con su palisada recojiendo priesas [...]”<sup>74</sup>. Que era aquela espécie de “forte” citada anteriormente, onde ficavam enquanto estavam caçando os indígenas, e que o desejo do padre era poder livrá-los desse destino, estabelecendo outras reduções.

O padre Masseta diz que apesar de fazer apenas um mês que a Companhia havia organizado a redução, já havia cerca de 50 caciques “[...] y todos intactos de portug. y españoles [...]”<sup>75</sup>, exaltando a importância do trabalho missionário, livrando essas populações reduzidas dos contatos com os conquistadores, espanhóis ou portugueses. Mas, como se observou anteriormente, muitos dos indígenas, com medo haviam fugido de San Miguel, refugiando-se na Redução de Jesus Maria, onde estava o Padre Simão Masseta, mas ela foi invadida pelo grupo liderado por Manuel Morales, que chegou ali com 2000 Tupi<sup>76</sup> no mês de março. O padre Masseta tentou impedir a entrada deles e saiu para conversar, mas foi recebido com indiferença. Um mameluco matou um dos índios que foi defender o padre Masseta e, ao repreendê-lo, o padre também recebeu ameaças. De acordo com a data da carta do padre Masseta, seria então o ano de 1629.

Entre os muitos indígenas que os bandeirantes levaram, diz o padre Techo<sup>77</sup> que estava o famoso cacique *Guyravera*, que teve importante atuação nos episódios envolvendo bandeirantes, jesuítas e indígenas.

Na maior parte das obras analisadas, a despeito de serem registros ou dos cronistas ou de historiadores jesuítas, a presença dos padres é colocada sempre junto aos indígenas, repreendendo os invasores bandeirantes. Após os episódios narrados, Techo<sup>78</sup> diz que os padres resolveram reunir todos os indígenas reduzidos em Jesus Maria, e ajudar o padre Masseta a se defender dos invasores. Para lá foram o padre Espinosa com centenas de indígenas de Los Arcángeles e o Padre Francisco Díaz Taño, com mais ou menos 300 indígenas de Santo Tomás. Mas a redução já tinha sido assaltada, apenas conseguindo ajudar

<sup>74</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 301.

<sup>75</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 301.

<sup>76</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 472-473.

<sup>77</sup> Ibid, p. 473.

<sup>78</sup> Ibid, p. 474.

200 jovens que tinham fugido, e constatando, segundo o autor, que as ruas de Santo Tomás estavam cheias de cadáveres.

Para os bandeirantes, o cerco às populações indígenas no Guairá necessitou de paciência e organização, como se pode constatar nas informações de Gandia<sup>79</sup>, segundo o qual eles permaneciam em seus acampamentos enquanto durasse a caça aos indígenas, sendo visitados até mesmo pelos padres que iam até lá para batizar crianças e enfermos, e mesmo para atender aos portugueses, quando necessário.

Segundo Cardozo<sup>80</sup>, em virtude das notícias sobre as entradas dos paulistas no Guairá, o rei espanhol Felipe IV enviou de Madrid, uma Cédula Real datada de 12 de setembro de 1628, em que ordenava ao governador do Rio da Prata, que tomasse medidas para resolver o problema e impedir a entrada dos bandeirantes. O rei havia recebido essas notícias do Provincial fray Francisco Crespo, procurador geral da Companhia de Jesus que, por sua vez, havia recebido as informações do padre Nicolás Durán, Provincial no Paraguay. O Provincial, em 1627, em visita ao Guairá havia comprovado as violentas investidas dos portugueses contra as reduções, levando cativos os indígenas. Além disso, a correspondência entre os padres fornecia informações sobre os acontecimentos, como por exemplo, a *Ânua* do padre Montoya, citada anteriormente. E mais, havia informações de que os portugueses estavam programando acabar com as reduções<sup>81</sup> e, por isso, o rei recomendava ao então governador do Paraguay, Don Francisco de Céspedes Xeria, que se organizasse para evitar por todos os meios, mais invasões. A Cédula Real dizia:

[...] que muchos de los portugueses de la Villa de San Pablo [...] diez jornadas de las postreras reducciones contra toda piedad christiana viene cada año a cautivar los yndios de ellas y los llevan y venden en el Brasil como si fueran esclavos esto con tanta crueldad que a los mismos viejos que no pueden caminar los matan y dan de comer a sus perros [...] se procure aplicar el remedio combiniente para evitar y castigar estos desordenes [...] me há parecido ordenaros y mandaros como lo hago procureis por todas las vias posibles aber a las manos y castigar con grandes demostraciones los delincuentes y personas que se ocupan y entienden en las dichas crueldades<sup>82</sup>.

Foi quando os espanhóis declararam guerra aos portugueses, mas diz Gandia<sup>83</sup>, que

<sup>79</sup> Op. cit., 1936.

<sup>80</sup> CARDOSO, op. cit., 1970, p. 133-134.

<sup>81</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 26.

<sup>82</sup> Segundo CARDOZO, op. cit., 1970, p. 133-134, conforme pesquisou no Archivo General, p. 8.

<sup>83</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p.26-27.

En la práctica ella había comenzado mucho tiempo antes; pero como los excesos de los portugueses no habían llegado a un punto tan grande de ferocidad, había habido por parte de los españoles y de los mismos jesuítas un abandono o dejadez fácil de explicar por las distâncias, lo difícil que era impedir los ataques, lo imprevisto con que ellos se producían y otras razones propias del tiempo y de los lugares; pero al aumentar la intensidad de los avances portugueses, al conocerse, con espanto, los médios atroces que empleaban, y el representar con su proximidad armada y cada vez más amenazante un grave peligro para las poblaciones civiles españolas, compréndiose la conveniência de hacer frente a esa penetración tan abierta y audaz y comenzáronse a tomar las medidas más urgentes [...].

Essas palavras demonstram que inicialmente, nem os espanhóis nem os padres perceberam a gravidade do problema, e tudo concorria para isso, sejam as dificuldades físicas, as distâncias entre as regiões ou os ataques improvisados. Mas, percebendo que os avanços dos portugueses se tornavam cada vez mais intensos e violentos, os espanhóis tiveram que enfrentá-los.

### 4.3 A tentativa de salvar os cativos

O padre Techo<sup>84</sup> (utilizando documentos escritos pelos missionários jesuítas e também testemunhos dos acontecimentos relatados por companheiros seus como os Padres Pedro Romero, o próprio Padre Simón Masseta e Joseph Cataldino) diz que os padres Masseta e Mancila, após as primeiras investidas dos bandeirantes às reduções do Guairá, em 10 de outubro de 1673, seguiram para Salvador<sup>85</sup> para falar com o governador do Brasil. Eles relatam que na viagem em que seguiram os bandeirantes em direção a São Paulo, passaram por lugares desabitados, talvez por já terem sido assolados por eles, porque o Guairá era densamente habitado por populações indígenas antes dessas investidas. Segundo os padres, eles “[...] llevaban delante inmensa turba de prisioneros, y para que no hyera ninguno de los caciques, les pusieron cadenas de hierro al cuello; a los demás se contentaron con atarles las manos [...]”<sup>86</sup>. Além disso, no longo e difícil caminho até São Paulo “[...] Los bandidos marchaban despacio para evitar que los prisioneros muriesen de fatiga, aun así, fallecian de cansancio muchos niños y ancianos, y también personas adultas, a causa de las enfermedades

<sup>84</sup> Op. cit., 2005.

<sup>85</sup> Esta data é relatada por GANDIA, op. cit., 1936, p. 31.

<sup>86</sup> TECHO, op. cit., 1673-2006, p. 474; CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 319-339. Observa-se nessas obras, ligeira diferença dos nomes dos referidos padres.

[...]”<sup>87</sup>. Essa era a maneira utilizada pelos bandeirantes para manter presos os indígenas, mas velhos e crianças doentes eram deixados pelo caminho para morrer, testemunham os padres.

Ao chegar a Salvador, de acordo com as informações de Techo<sup>88</sup>, o governador do Brasil expediu mandado para libertar os indígenas, e para castigar os bandeirantes, mas parece ter sido em vão, pois segundo as autoridades brasileiras, só se conseguiria tal resultado com o uso da força. O autor diz que um nobre português procurou ajudar, mas o padre Masseta resolveu voltar ao Guairá, em virtude das notícias de que novas invasões aconteceriam que de fato ocorreram como se viu anteriormente. As atitudes dos padres não eram vistas com bons olhos, porque estavam tentando livrar os indígenas da escravidão e, por isso, as informações deixadas por eles revelam ainda que, em São Paulo, a sua situação chegou a ser perigosa. O juiz que se encarregou de resolver a causa contra os bandeirantes teria também sido ameaçado de morte, quando então, os padres voltaram com apenas poucos indígenas. Sobre esses fatos, os padres fizeram e enviaram um memorial ao rei da Espanha relatando os ataques contra as Missões desde 1589 (portanto 40 anos antes), quando os portugueses faziam malocas para prender e levar para vender como escravos os indígenas do Guairá. Disseram também que a invasão, da qual estavam reclamando naquele momento, teria sido a mais violenta até então, e que os portugueses teriam saído em agosto de 1628 de São Paulo “[...] armados com escopetas, espadas, rodelas, machetes, balas y otras armas, en compañía de unos dos mil doscientos indios [...]” para caçar índios<sup>89</sup>, e em Cortesão<sup>90</sup>, o relato dos Padres Mancilla e Masseta está detalhadamente registrado, e fica claro que essa era a expedição de Antonio Raposo Tavares, que vinha composta de 900 portugueses armados e mais de 2000 índios.

Como disse Gandia<sup>91</sup>, na expedição bandeirante a que se referia o Padre Masseta, iam pessoas importantes de São Paulo, como dois juizes (Sebastián Fernandez Camacho e Francisco de Payva), dois vereadores (Maurício de Castilho e Diego Barbosa) e o procurador do Conselho entre outras figuras influentes da sociedade, e sua organização teria sido presenciada pelo governador do Paraguay (Céspedes Xeria), que vinha de Madrid em direção a Assunção. Hemming<sup>92</sup> explica que essa bandeira era composta de 69 brancos (entre esses estavam as pessoas eminentes citadas anteriormente por Gandia, inclusive Antonio Raposo Tavares, que se tornaria chefe da bandeira), novecentos mamelucos e mais de 2000 índios, confirmando o interrelacionamento cultural entre portugueses e indígenas. A expedição se

<sup>87</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 475.

<sup>88</sup> Ibid, p. 489-490.

<sup>89</sup> Informação dada por GANDIA, op. cit., 1936, p. 31.

<sup>90</sup> Op. cit., 1951, p. 310-339.

<sup>91</sup> Op. cit., 1936, p. 31.

<sup>92</sup> Op. cit., 2008, p. 381.

dividiu em quatro companhias “[...] y levantaron, sus capitanes y otros oficiales de guerra con vanderas, como si fueran levantados y anutinados contra su Real Corona [...]” e as bandeiras que levavam não tinham as armas do Rei, o braço real, e seus participantes receberam o nome de bandeirantes<sup>93</sup>. O capitão maior dessa companhia, Antonio Raposo Tavares, que seguiu acompanhado de Bernardo de Sosa, como alferes e Manuel Morato, como sargento. As outras companhias foram capitaneadas por Pedro Vas de Baños, Blas Leme e Andrés Fernández. Dessas investidas, outro nome ficou famoso nos anais da história, o do mestre de campo Manuel Preto o “[...] autor de todas estas malocas [...]”, disseram os padres Masseta e Mancilla em seu memorial<sup>94</sup>.

Das informações até aqui relatadas, pode-se concluir que os padres procuraram enfrentar as ações dos bandeirantes, pois também era necessário que as populações indígenas percebessem sua intenção, para que não se afastassem das reduções nem do evangelho católico. Gandia<sup>95</sup> defende que “[...] Sin embargo, los jesuítas hicieron todo lo posible para no déjar abandonados a los índios se llevaban los portugueses. No pudiendo conseguir su libertad los acompañaban en el cautiveiro [...]”, ações essas que serviriam para garantir aos indígenas de que lado estavam.

#### **4.4 Crueldades, novos ataques e a fuga**

Nos anos iniciais do século XVII, a situação no Guairá era crítica, em virtude das incursões bandeirantes, e como se não bastasse, na cidade de Vila Rica os habitantes espanhóis procuravam submeter ao chamado serviço pessoal, os indígenas que tinham fugido e se refugiado pelo interior do território. Os padres se opuseram, mas a situação era mais grave, porque o governador Céspedes Xeria não mandava o auxílio necessário para a defesa do Guairá “[...] que era região más importante de las encargada a su administración [...]”, de acordo com a interpretação de Techo<sup>96</sup>. O governador, envolvido com a atividade dos

<sup>93</sup> Conforme se referiu a essa questão GANDIA, op. cit., 1936, p. 32.

<sup>94</sup> GANDIA, op. cit., 1936, p. 32. Gandia diz que quem escreveu este memorial com o Padre Masseta foi o Padre Mancilla e não o Padre Van Suerck, cujo nome só aparece nos escritos de Techo, 1673-2005, como já anotado anteriormente, a partir da leitura dos documentos da Coleção de Ángelis.

<sup>95</sup> Op. cit., 1936, p. 36.

<sup>96</sup> Op. cit., 2005, p. 477.



bandeirantes<sup>97</sup>, deixava a situação mais problemática para os padres e as populações indígenas reduzidas.

Nos registros jesuíticos, a crueldade era uma característica bastante enfatizada, no que diz respeito às investidas dos bandeirantes que, com o apoio dos Tupi (que tinham fama de mais cruéis ainda) conseguiram levar o terror ao Guairá. Toda essa situação trouxe grande prejuízo para a evangelização na região. Os pajés Guarani fizeram com que os indígenas cristãos deixassem de freqüentar as igrejas, e os não convertidos ainda, recusassem-se a receber o evangelho, entre outras coisas mais, como disse o padre Techo<sup>98</sup> que o “[...] demônio, valiéndose dos hechiceros [...]”, provocando alterações no Guairá.

Sobre esse período das invasões bandeirantes, referências importantes sobre a Redução de San Pablo são dadas pelo padre Montoya, informando que essa povoação enfrentara muitas dificuldades durante todo o ano de 1628<sup>99</sup>, causadas não pelos portugueses, mas pelos espanhóis, embora diga não saber quais eram piores. Ou seja, os espanhóis trouxeram muitas dificuldades aos indígenas, pois quando ficaram sabendo que o padre tinha partido para outra redução, fizeram “maloca” e invadiram as chácaras, prenderam diversos índios de forma violenta, que foram libertados, depois, pelos padres Joseph (Cataldino) e pelo Padre Francisco Dias.

Por essas razões e em virtude das ações dos bandeirantes, os indígenas estavam voltando aos seus antigos costumes e, para os padres, a idolatria era um dos grandes males no Guairá. Os registros dos padres demonstram que era uma luta para eles trazer de volta os indígenas que haviam fugido para os bosques, com medo dos bandeirantes.

Segundo os padres Masseta e Mancila, a crueldade dos bandeirantes foi tamanha que, quando seus acompanhantes Tupis queimaram a Redução de São Paulo, alguns velhos tentaram sair de uma choça que estava pegando fogo, mas eles os empurraram de volta, impedindo que se salvassem, como se lê: “[...] Dos yndios, que los Portugueses [...] soltaron, affirman que quando de la palisada partiron para San Pablo, poniendo fogo a las Choças y Ranchos quemaron con ellos a unos viejos y enfermos, y que saliendo se fuera algunos dellos para no morir quemados, los tupis en presencia de sus Amos los bolvieron al fuego para que acabasen con el [...]”<sup>100</sup>. Faziam uma organização perfeita com os portugueses, os Tupi e, mesmo sem a companhia dos portugueses, caçavam índios para eles, e isso foi comprovado

<sup>97</sup> Conforme informa GANDIA, op. cit., 1936, p. 10.

<sup>98</sup> Op. cit., 2005, p. 478.

<sup>99</sup> Conforme Ânuo do Padre Montoya em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 280.

<sup>100</sup> Conforme está em CORTESÃO, op. cit., p. 328; informações sobre esse fato também estão em GANDIA, op. cit., 1936, p. 43.

por esses padres em sua jornada para São Paulo, atrás dos quinze mil cativos. Para os padres, os Tupi deveriam ser castigados pelas crueldades que faziam não apenas quando estavam na companhia dos portugueses, mas, “[...] tambien, y mucho mas quando ellos los envian solos a saltear [...]”<sup>101</sup>, ou seja, as malocas eram feitas também sem a presença dos portugueses.

Apesar dos padres implorarem a liberdade dos indígenas, eles conseguiram que apenas oito fossem libertados e, entre eles, estava o cacique *Guiraverá*.

Os sentimentos de revolta dos indígenas contra os padres se tornaram maiores, pois pensavam que eles organizavam as reduções para facilitar a invasão dos mamelucos, acreditando, portanto, que seria melhor morar nas selvas do que reduzidos nas povoações, correndo o risco de serem atacados pelos paulistas. Esse é o *indivíduo indígena* nesse emaranhado de acontecimentos. Sua voz, seus interesses e desejos, e o que não queria, ou seja, continuar à mercê das invasões dos bandeirantes sem acreditar que os padres resolveriam esse problema. Do seu lado, os padres procuravam lembrar tudo o que tinham feito para mantê-los livres, problema que, em certo momento, foi contornado com a ajuda do cacique *Guiravera*, por ocasião de sua volta para a região, quando passou a defender e ajudar os padres em seus trabalhos missionários, inclusive na reedificação da Redução de Jesus Maria perto do Rio Ivaí<sup>102</sup>.

Os mamelucos continuavam investindo contra o Guairá, com a ajuda dos Tupis, pois Techo<sup>103</sup> diz que o padre Suárez havia conseguido “[...] rescatar algunos esclavos del poder de los tupíes [...]”, mas mesmo assim, eles levavam quanto podiam, e diziam para os padres não se preocuparem nem ter pena dos indígenas, pois todo o Guairá passaria por aquela experiência, garantindo com essas palavras, a intenção clara sobre a mão-de-obra indígena e a forma como conseguiriam obtê-la.

Para tentar reverter essa situação, o padre Montoya enviou o padre Francisco Díaz Taño para conversação com o governo do Paraguay sobre a defesa do Guairá. É a partir desse pedido que se torna mais claro o porque da solicitação de armas de fogo pelo Padre Montoya para os indígenas do Guairá se defenderem<sup>104</sup> após as primeiras investidas dos bandeirantes. O governador Xeria teria ficado irritado quando o Padre Taño relatou o ocorrido, dizendo que

<sup>101</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 328.

<sup>102</sup> TECHO, op. cit., 1673-2005, p. 490. Sobre o cacique Guiraverá, os documentos presentes em Cortesão (1951, p. 252, 279, 280, 288, 289, e outros, relatam a atuação de Guiravera desde quando ele perseguia os padres até sua atuação na defesa das reduções.

<sup>103</sup> Op. cit., 2005, p. 492.

<sup>104</sup> Em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 160, 271-273, 425, 430, 433, encontram-se alguns documentos que fazem referência a essa questão.

sabia dos fatos pelas cartas que recebia de Vila Rica, e que nelas se dizia que eram exagerados os temores dos missionários.

É estranho imaginar que o governador tivesse essa atitude, porque se estavam descontentes com os padres que defendiam os indígenas contra o serviço pessoal, por que então não os defender dos mamelucos para que de certa forma não perdessem as possíveis forças de trabalho dessas populações? O que se pode deduzir é que o governador e outros conquistadores estavam tendo benefícios pessoais com as investidas dos bandeirantes.

Muitos dos indígenas das reduções fugiram para os montes e bosques, por medo da crueldade dos bandeirantes, embora isso não tenha impedido que alguns fossem capturados. E os padres, na certeza de que teriam de abandonar os povoados, concluíram que seria melhor ir com os indígenas para uma região “[...] de uma formosa catarata que hay en el Guayrá [...]”<sup>105</sup>, iniciar a saída da região, atitude característica de seu posicionamento de salvadores, em relação aos indígenas. Como se, o lugar dessas populações<sup>106</sup> seria o de aceitação simples da evangelização, a subordinação ao trabalho para os espanhóis, ou a impossibilidade de reagir contra os bandeirantes, se fosse possível generalizar.

Um dos padres, Luis Ernot, conseguiu chegar ao lugar combinado com os indígenas. Os padres Pedro Espinosa, Diego de Salazar, Diego Ransonnier, Nicolás Heinard e Ignacio Martínez também se empenharam em salvar quantos indígenas puderam. Simón Masseta levou os da Redução de Jesus Maria, e ainda encontrou outros “neófitos” (recém-conversos) que também o acompanharam. O padre Cristóbal de Mendoza levou os que fugiam de outras regiões fora de Tayaoba e os da Redução de Santo Tomás. Segundo concluiu Techo<sup>107</sup>, a fuga teria sido desgastante, em virtude de terem passado por regiões de difícil trânsito, sem alimento suficiente, embora tenham conseguido chegar ao rio combinado, e apenas três dias após a fuga, os bandeirantes (mamelucos) alcançaram Tayaoba, atacaram as vilas, prenderam seus habitantes, e iniciaram a perseguição aos fugitivos.

Os bandeirantes atacaram ainda a terra dos Gualachos, a Redução de Concepción, onde estava o padre Diego de Salazar, e a Redução de São Pedro, onde os padres Diego Ransonnier e Simón Masseta tinham acabado de chegar, doentes<sup>108</sup>. Esses Gualachos, eram conhecidos como guerreiros e ferozes, por isso os mamelucos não os queriam para escravos por serem difíceis de submeter, mas sim, aos Guarani, pois muitos deles, reduzidos,

<sup>105</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 502.

<sup>106</sup> Ver TODOROV, Tzvetan (1939). *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999, que discute a questão da identidade e do encontro com o outro, no período inicial da conquista da América, século XVI.

<sup>107</sup> Op. cit., 2005, p. 502-504.

<sup>108</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 504.

tornavam-se “presa fácil”<sup>109</sup>. O fato é que no momento da saída dos padres com os indígenas, a crueldade se manifestou também, porque o que pretendiam era ir atrás dos que fugiam de Tayaoba.

As notícias da invasão dos bandeirantes vindos do Brasil em direção às povoações do Guairá continuaram chegando. Os padres Ruíz de Montoya, Simón Masseta e Espinosa foram para Loreto e San Ignacio (as mais antigas reduções do Guairá, formadas 20 anos antes desse momento). Não conseguiram ajuda dos habitantes de Loreto, que se achavam impotentes para conter o avanço dos bandeirantes, e assim, procuraram livrar os “neófitos”. Nessa conjuntura, embora as informações sujiram que os indígenas tenham receado ter de emigrar para se salvar dos bandeirantes, partiram com o padre Montoya pelo Rio Paranapanema e entraram no Rio Paraná até as imediações do que chamavam de “precipício, perto de Vila Rica (os Saltos de Guairá). Da Redução de Loreto foram 900 famílias, e de San Ignacio, 800, além de mais 400 que se uniram à de Loreto<sup>110</sup>.

O que se pode completar sobre esses acontecimentos no Guairá, é que, mesmo com a proibição do Rei de Portugal e das autoridades portuguesas, muitos colonos de São Paulo e de outras regiões vizinhas dali, continuaram com essa atividade, as bandeiras, para obter escravos para o trabalho em suas terras, aterrorizando os habitantes com suas ações violentas. Havia, pois, o envolvimento de muitas das autoridades, usando estratégias para permitir essas expedições. Gandia<sup>111</sup> diz que “[...] la caza del índio por los bandeirantes era una industria bien organizada, permitida y hasta estimulada [...]”. O Padre Masseta, em seu memorial, escreveu que os paulistas vendiam-nos até por “[...] una botija de vino [...]”<sup>112</sup>, numa referência a que, tantos tinham sido levados que, o preço havia caído sobremaneira. As expedições de Antonio Raposo Tavares, por exemplo, em 1628, levaram mais de 20.000 índios, praticamente despovoando o Guairá<sup>113</sup>, e pode ter sido o ataque mais violento e fulminante, não significando que tenha sido o último.

A busca por informações sobre os acontecimentos do Guairá no contexto das invasões bandeirantes chega quase sempre até as mesmas fontes, regularmente registradas pelos jesuítas. Gandia<sup>114</sup>, que dedicou um capítulo sobre a atuação de Céspedes Xeria no contexto

<sup>109</sup> Em HOLANDA, S. B. de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 55, também se encontra essa argumentação.

<sup>110</sup> TECHO, op. cit., 2005, p. 507.

<sup>111</sup> Op. cit., 1936, p. 44. Esta questão é citada por Heming, J. “Ouro Vermelho”, p. 367, que disse que a atividade era tão extensa que o preço pelo escravo indígena havia caído muito, em virtude do grande número que tinham sido trazidos.

<sup>112</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 333.

<sup>113</sup> CORTESÃO, *ibid*, p. 399.

<sup>114</sup> Op. cit., 1936, p. 50.

das invasões bandeirantes, relata que em 1631, o Provincial da Companhia de Jesus do Paraguai, Francisco Vázquez Trujillo disse:

[...] hizo levantar una minuciosa información en la Villa del Espíritu Santo [...], para dejar Constancia de los daños que los portugueses de San Pablo habían hecho en las misiones en los últimos três años y de la complicitad del gobernador don Luís de Céspedes, el cual obligaba a los índios ‘a la saca de la yerba de Maracayú en que tantos mueren’ [...].

São informações que podem deixar surpreso o mais desinteressado leitor, mas o governador, além do envolvimento com os bandeirantes, também tinha indígenas trabalhando em suas terras em Maracayú<sup>115</sup> como se pode ler em documento do padre Francisco Dias Taño “[...] Don Luis de cespedes embio cantidad de yndios a su ingenio al Brasil como [...] lo declaran los testigos [...] y los dhos Portugueses escribian al dho gov. dandole quenta f. 3v. de los índios q les avia cabido en partiçion como lo hiço Andrés Fernandes [...] en q le escribia le avia cabido quinientas pieças [...]”<sup>116</sup>, referindo-se ao fato, portanto, de que o governador teria recebido em troca de seus favores, 500 índios que enviou ao Brasil, para trabalhar em seus engenhos. No documento do padre Trujillo, citado acima, assinaram como testemunhas o padre Benavides, de Vila Rica, o padre Simón Masseta, o padre Luis Francisco Arnote, e o padre Cristóbal de Mendoza (em 4 de abril de 1631), depondo contra o governador Xeria. São patentes em afirmar que os problemas com os portugueses se agravaram após a chegada do governador Céspedes.

Segundo Gandia<sup>117</sup>, o Padre Mendoza disse que

[...] A su juicio en los tres años que gobernaba el Paraguay don Luís de Céspedes se hacian consumido unas doscientas mil almas ‘entre las robadas cautivas y muertas por los portugueses y las que huiendo por los campos y montes han perecido de hambre y miseria’ [...].

Na perspectiva dos padres, era, portanto, gravíssima a culpa do governador Xeria naqueles acontecimentos, porque das 12 Reduções do Guairá, 10, apenas no distrito de Vila Rica, seis haviam sido destruídas pelos bandeirantes, como afirmou o padre Mancilla<sup>118</sup>, fato

<sup>115</sup> Dois longos e importantes documentos esclarecem essa questão, são apresentados em CORTESÃO, op. cit., 1951, p 399-408, um deles, onde o Padre Francisco Dias Taño registrou memorial denunciando as atitudes do governador Xeria, acusando-o de se envolvimento com bandeirantes, com objetivo de receber vantagens com relação à mão-de-obra indígena; e outro, p. 409-424, composto de três memoriais com provas contra o governador.

<sup>116</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 403.

<sup>117</sup> Op. cit., 1936, p. 57.

<sup>118</sup> GANDIA, ibid, p. 58-60.

de proporções consideráveis envolvendo a quase total destruição de grandes populações e sua vida, seja como reduzidos ou como grupos distribuídos pelo território. Apenas com essas estatísticas é possível definir essas ações com características de crueldade.

É fato que os indígenas, como conseqüência, perderam a confiança nos padres, como confirmou o Provincial. Nas informações levantadas pelo padre Trujillo constam alguns episódios trágicos, como se verá também em outros documentos, como o que se refere à viagem que os padres fizeram, acompanhando os índios escravizados, quando encontraram uma criança morta, apresentando sinais de espancamento na cabeça, além de outros cadáveres, à medida que avançavam no trajeto, fatos que permitem inferir terem sido os bandeirantes os seus autores. Consta também o testemunho do padre Montoya, dizendo que em vinte anos, nunca tinha visto os portugueses vindos do Brasil entrarem ali, até a chegada do governador Xeria, confirmando mais uma vez o comprometimento desse homem com os portugueses. Segundo o autor, o governador teria dito ao padre Montoya para não fazer mais nenhuma redução, porque estariam nos domínios dos portugueses. Montoya disse que ele procurava sempre enganar os jesuítas, explicando que

[...] Cuando llegue e também informando ó una cédula real que avisaba de los preparativos de los portugueses para caer sobre las misiones, el gobernador no solo no la hizo conocer, sino que dijo que le habían remitido cédulas ‘de gran favor’ y que el secretario del Consejo de Indias le había escrito haciéndolo saber lo que el Padre Provincial de los jesuítas había comunicado al Consejo<sup>119</sup>.

Ou seja, o governador procurou enganar os padres a respeito das informações sobre as invasões, no sentido de não se comprometer, permitindo dessa maneira que os bandeirantes entrassem no território.

Outros testemunhos são dados no documento do padre Trujillo, como o do padre Joseph Domenech, confirmando o que já se tinha dito, testemunhos esses que chegaram ao Rei da Espanha, denunciando as atitudes do governador sobre seu engenho em Maracayú, onde ele não obedecia às Ordenanças de don Francisco de Alfaro<sup>120</sup>.

O fato é que as autoridades espanholas no Paraguay sabiam dos atos atribuídos ao governador, como coloca Gandia<sup>121</sup>, e dessa forma, Hernandarias de Saavedra foi enviado para investigar o que os portugueses fizeram nas reduções, originando um processo enviado

---

<sup>119</sup> GANDIA, *ibid.*, p. 61.

<sup>120</sup> GANDIA, *op. cit.*, 1936, p. 68.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 69.

para a Audiência de Charcas e ao Rei da Espanha em 23 de junho de 1631. Impressionado, Hernandarias disse em carta ao rei que os portugueses haviam destruído as reduções e matado índios de maneira cruel, levando cativos a muitos. Reconheceu que tudo teria sido feito por culpa de Céspedes Xeria, com o objetivo de lucrar no comércio de escravos com os portugueses. Além disso, solicitou ao rei que encontrasse um meio de impedir a destruição que os portugueses faziam sobre a Província do Guairá. Nesse processo percebeu-se que as autoridades espanholas tiveram dificuldades para resolver tais problemas, tanto pela distância com a metrópole, como pelo pequeno número de forças para resistir aos avanços dos portugueses<sup>122</sup>.

Outro grande problema também resultante das incursões dos portugueses ao Guairá foi o despovoamento de Vila Rica e Ciudad Real, facilitando a permanência dos mesmos nas regiões além da linha de Tordesilhas. Gandia<sup>123</sup> expressa bem essa questão dizendo que

[...] La penetración portuguesa había originado más de un siglo antes la expedición de don Pedro de Mendoza y en los años que nos ocupan – en torno al 1639 – ya había logrado su principal objeto: borrar la línea de Tordesilhas que en el Nuevo Mundo debía dividir las posesiones españolas y portuguesas, deshacer las misiones jesuíticas del Guairá – limite material y espiritual que se oponía a sus avances, - corromper a las autoridades españolas encargadas de impedir sus excursiones – como por ejemplo al mismo gobernador don Luis de Céspedes – y preocupar grandemente al Consejo de Indias y al rey de España que veían conquistar sus territorios de América sin guerras y sin luchas, por oscuros cazadores de esclavos – llamados bandeirantes y, más tarde mamelucos – que iban extendiendo cada vez más al Oeste los dominios de Portugal.

Cabe refletir sobre essa questão. Com essas palavras o autor revela a forma como as fronteiras físicas e culturais foram modificadas, materializadas nas incursões bandeirantes, além das ações corruptas do governador Xeria. Não se pode negar que, para Portugal, a ação dos bandeirantes foi benéfica, no sentido de que seu território foi estendido, para além da linha do Tratado de Tordesilhas. Portanto, que o Brasil, ou os portugueses devem isso aos bandeirantes, isso é certo.

---

<sup>122</sup> Não se pode perder de vista que, embora haja clareza na maneira como as autoridades estão fazendo em relação à defesa dos índios em relação aos bandeirantes, isso não os livra da necessidade do trabalho dessas populações, embora já houvesse leis para regulamentar essa questão.

<sup>123</sup> Ibid, p. 83.

#### 4.5 A discussão sobre as armas de fogo – um capítulo à parte

Nas décadas iniciais do século XVII, quando as Reduções estavam sendo fundadas e estariam em pleno funcionamento por alguns anos ainda, época em que as invasões bandeirantes estavam se processando e se tornariam cada vez mais violentas, a discussão sobre os indígenas usarem armas de fogo se configurou como uma das preocupações de autoridades e dos conquistadores/colonizadores espanhóis. Em 1618, o tema foi documentado num Acordo<sup>124</sup> enviado pelo governador à Câmara do Paraguai, que faz referência a uma carta escrita pelo padre Joseph Pablo de Castañeda, afirmando que estavam em seu poder armas de fogo que ele havia trazido da cidade de Santa Fé. Embora as armas se destinassem aos soldados, o padre solicita, na carta, a posse das mesmas, frisando a necessidade que os indígenas das reduções tinham delas, além de estarem dispostos a pagar por elas.

A resposta da Câmara demonstra que as autoridades policiais tinham necessidade de aumentar seus armamentos, porque as armas não eram suficientes para os mais de 2000 soldados que defendiam a Província, dos quais quase a metade não as possuía. Dessa forma, o documento revela o número de armas que estavam em poder do padre, ou seja, “[...] que siendo como son las bocas de fuego q se dieron a dho R.P. el numero de sientos haran mucha falta para el repartimiento a los vecinos [...]”<sup>125</sup>, muito importantes para o enfrentamento dos paiaguás. Embora o documento não vá além dessas informações, e não esteja se referindo ao Guairá propriamente dito, elas são importantes para compreender que os espanhóis não estavam sendo devidamente guarnecidos pelas autoridades reais, e estavam em constante conflito com os indígenas. O documento não deixa resposta sobre se os padres entregaram as armas.

Em Ânuas de 1628 do padre Antonio Ruiz de Montoya dirigida ao provincial padre Nicolau Durán, há uma interessante referência às armas de fogo nas reduções. Diz ali que o padre Montoya teria recebido ordem do Provincial dizendo o seguinte: “[...] El oden que V. R. nos envio de que en las reducciones uviesses ruido de armas [...]”<sup>126</sup>, referindo-se ao detonar de armas de fogo, cujo resultado teria sido o melhor possível, porque as pessoas da redução de San Xavier e da redução de Encarnación assustaram e aprisionaram alguns Tupi, e deles tomaram despojos. Isso demonstra que os conflitos ali eram também contra os Tupi que os

---

<sup>124</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 160-161.

<sup>125</sup> CORTESÃO, ibid, p. 161.

<sup>126</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 271.



atormentavam e, não apenas contra os portugueses. Aqui parece que o detonar das armas de fogo serviu para colocar medo nesses grupos ou a quem as ouvisse. Na mesma Ânua se lê que os jesuítas faziam uso de armas de fogo ou “escopetas”. O padre Astrain refere-se à necessidade do uso de armas de fogo para a defesa das reduções, em virtude das entradas dos portugueses que portavam armas para levar de forma violenta tanto índios cristianizados quanto os “infiéis”, para o trabalho como escravos. Conforme Astrain, isso aconteceu durante anos e por isso os padres perceberam que convinha fazer uso das armas para resistir às invasões. Segundo ele, essa questão havia sido aprovada na Audiência Real de Charcas e que o padre General Mucio Viteleschi dissera que “[...] lo que la Audiencia Real y los Padres Provinciales Nicolás Durán, Francisco Vasquez Trujillo y V.R. sienten, de que conviene que los índios de las reducciones resistan a los portugueses y no se dejen llevar como corderos de los lobos es bonitissimo dictamen [...]”<sup>127</sup>. Nas mesmas referências<sup>128</sup>, encontra-se a discussão de que não se sabe em que se baseou o padre Astrain para fazer tal afirmação, segundo a qual a Audiência aceitava o fato dos indígenas usarem armas, porque os documentos registram exatamente o contrário, ou seja, não havia concordância sobre essa questão. Nessas notas, Cortesão diz ainda que quando o governador Céspedes de Xeria, vindo de São Paulo, parou em Ciudad Real e Vila Rica, estranhou que ali os padres armassem os indígenas, e proibiu que se vendessem armas para eles. Ainda existe um ponto importante nas palavras de Cortesão, porque diz que quando, em 1632, os padres abandonaram o Guairá “[...] foram acusados de que os índios mudados traziam cento e três espingardas, que os Padres lhes tinham dado e com as quais teriam feito dano aos espanhóis. A dois de setembro desse mesmo ano de 1632, o padre Montoya abria uma informação entre os padres das antigas reduções do Guairá para que dessem testemunho sobre aquela acusação “[...]”<sup>129</sup>.

#### 4.6 D. Luis de Céspedes Xeria fala sobre os trabalhos no Guairá

O governador do Paraguai, D. Luis de Céspedes Xeria, estava sendo severamente criticado e investigado em virtude de seu envolvimento com os bandeirantes paulistas e a consequente destruição das reduções do Guairá. Parece providencial o relato que fez sobre sua

<sup>127</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 272.

<sup>128</sup> Conforme Notas de CORTESÃO, *ibid.*, p. 272.

<sup>129</sup> CORTESÃO, *op. cit.*, 1951, p. 272. Ver também documentos p. 425 e 430.

passagem pelo Guairá, quando estava vindo de São Paulo<sup>130</sup>, chegando a Ciudad Real e Villa Rica do Espírito Santo, enviando dali, visitantes para onde estava o padre Montoya, ou seja, nas reduções. Suas afirmações a respeito dos padres são marcadas por grandes elogios aos trabalhos que eles estavam realizando, inclusive em relação à beleza das igrejas de Loreto e San Ignacio. Para que ficasse evidente sua posição de bom governante, pediu ao Real Conselho que atendesse aos padres e os premiasse, porque a obra que realizavam trazia os infiéis ao evangelho católico, pacificando os indígenas, questão bastante favorável aos espanhóis. É bem providencial esse documento de D. Céspedes Xeria, porque suas atitudes, como se viu anteriormente, não foram no sentido de atender às necessidades dos padres no socorro aos indígenas durante as invasões dos bandeirantes.

#### 4.6.1 Carta de Montoya ao governador Xeria

Em 1629 o padre Montoya enviou carta escrita em Encarnación, ao governador Céspedes Xeria<sup>131</sup>, em que relatou os problemas causados pelas invasões dos portugueses. Ele reclama que enquanto esteve em outras regiões dos territórios do Guairá,

[...] Antº Taposo Tavares Dio en tres reducciones ñtras y las Asolo y si em Tayahoba no se hubieran hecho fuertes los P. con la g. que allí tienen hubieran hecho lo mismo en todo el Rio de la Vª y hubieran llegº hasta sacar los yndios de las mismas casas de los españoles, porque dicen que tienen licencia Para ello, Pues Dios se la he dado basta [...].

O que causa espanto nessas informações é que, de acordo com o padre Montoya, os bandeirantes teriam dito ter licença para fazer essas investidas. O padre Montoya diz na carta que esperava que o governador enviasse ajuda, mas de qualquer forma, enviou três padres a São Paulo para tentar recuperar os indígenas levados pelos bandeirantes, com a ordem de ir até mesmo à Corte espanhola e a Roma, se necessário fosse. Não há referência a uma resposta do governador, mas é possível constatar que o mesmo estava ciente dos acontecimentos no Guairá.

<sup>130</sup> CORTESÃO. op. cit., 1951, p. 299-300.

<sup>131</sup> CORTESÃO, ibid, p. 305-306.

## 4.7 No Brasil – os questionamentos sobre as invasões bandeirantes no Guairá

### 4.7.1 O pedido de devassa aos invasores do Guairá

Toda a movimentação dos portugueses no Guairá não ficou sem ser debatida no Brasil. O governador do Brasil, Diego Luis de Oliveira, mandou fazer um auto (ação pública), a respeito da entrada dos portugueses no Guairá e da invasão às reduções dos padres da Companhia de Jesus nessa região. Segundo o documento, o governador enviara uma provisão para o ouvidor da capitania de São Paulo, Dr. Miguel Cisne de Faria para que “[...] devaçasse das pessoas, que fizessen semelhantes entradas ao Certão, a qual devassa ora chegara na qual avia muytos culpados [...]”<sup>132</sup>, porque as notícias davam conta de que eles entravam violentamente, matando os índios que estavam sob os cuidados dos padres. A devassa informou que eram muitos os culpados, e que dois padres, Justo Mancilla e Simão Masseta tinham ido até São Paulo para reclamar e testemunhar sobre os agravos cometidos pelos portugueses moradores de São Paulo e da crueldade com que eles invadiam, matavam e levavam os indígenas gentios. O documento confirma o que já se disse anteriormente, sobre a viagem dos padres a São Paulo, com a intenção de libertar os indígenas aprisionados. É interessante como a questão é colocada, pois o governador do Brasil diz que, em virtude de todos os envolvidos serem aliados e parentes e culpados do mesmo crime, seria difícil efetuar a prisão, mas que eles deveriam ser detidos no sertão e enviados a Salvador. Fica clara a preocupação em confirmar que, de acordo com as Provisões Reais, era proibido fazer tais incursões. E o que piorava a situação dos invasores seria o fato de “[...] não só averem hido a ella, mas com ordem millitar criando officios, e fazendose Capitains, como se não conhecerão Rey, e senhor, procedendo mais adiante, em tanto que forão às demarcaçois do Reino de Castella [...]”<sup>133</sup>, fazendo assim referência à questão dos limites territoriais terem sido desrespeitados, causando descrédito nos espanhóis em relação ao nome do português, além de assolarem as igrejas e imagens e de terem se investido de poderes sem o devido consentimento das autoridades.

Sobre o resultado dessas provisões, algumas informações serão analisadas em documento posterior.

---

<sup>132</sup> CORTESÃO, op. cit., p. 307.

<sup>133</sup> Ibid, p. 308.

#### 4.7.2 Mancilla e Masseta relatam em Salvador sobre os estragos causados por Raposo Tavares

Os padres Mancilla e Masseta fizeram um grande relato sobre os ataques de Raposo Tavares às Reduções do Guairá<sup>134</sup> nos anos de 1628 e 1629, dirigido ao Rei e ao Provincial. Não se pretende aqui fazer todas as inferências que o documento permite, mas apenas confirmar mais algumas informações já citadas sobre a viagem desses padres ao Brasil. Nesse documento, eles informam que os paulistas vinham fazendo investidas contra os indígenas há 40 anos, levando-os cativos, para trabalhar como escravos em São Paulo, e que nesses anos de 1628 e 1629, elas teriam se tornaram mais fortes. Segundo eles, os portugueses não respeitavam as leis reais estabelecidas e continuamente faziam “malocas” para cativar e levar à força, os indígenas.

Os padres Mancilla e Masseta informam que essa bandeira, saída de São Paulo em agosto de 1628, viera bastante armada, composta de 900 portugueses acompanhados de 2200 índios que em período anterior tinham sido cativados por eles. Iam, também com a expedição, pessoas importantes da vila de São Paulo, que eram

[...] dos jueces [...] Sevastian Fernandez Camacho y Francisco de Payva, dos vreadores Mauricio del castillo y Diego Barbosa el Procrador del Consejo Christoval mendez, el hijo, yerno, y Hermano del mismo oydor de la Villa Amador Buenos; y de la Villa de S. Ana de Parahyba que esta siete léguas de S. Pablo el Capitan Andres Fernandez, y el juez Pedro Alvares, su yerno [...] <sup>135</sup>,

confirmando fato citado anteriormente em relação à bandeira e às pessoas influentes de São Paulo que dela participaram. A divisão da expedição em quatro companhias é explicada como:

[...] levantaron sus capitanes y otros oficiales de guerra con vanderas, como si fueran levantados y amutinados contra su Real Corona, las vanderas que llevaban no tenian las armas del Rey, sino otras señales diferentes, el que fue declarado por Capitan mayor de la Compañia fue Antonio Raposo tavares [...] <sup>136</sup>,

<sup>134</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 310-339.

<sup>135</sup> CORTESÃO, ibid, p. 311.

<sup>136</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 311.

ou seja, Raposo Tavares capitaneou a mais violenta bandeira ao Guairá. O nome do também famoso Manuel Preto é citado pelos padres dizendo que “[...] Por maesse de Campo de todas estas Compañias fue Manuel Prieto autor de todas estas malocas como em su lugar se dirá [...]”<sup>137</sup>. E assim investiram contra o Guairá e levaram os indígenas que estavam sendo doutrinados. Foi por essas duas razões que os padres disseram que os agravios dos portugueses aumentaram nos referidos anos.

Os padres também fazem referência ao já citado “forte”, construído pelos portugueses, depois de passarem pelo Rio Tibagi, em oito de setembro de 1628, uma espécie de paliçada, perto das reduções, lugar de onde saíam para investir contra os indígenas e aprisioná-los.

Um ponto que se quer registrar diz respeito à atuação do já citado Manuel Preto, pois não se fala detalhadamente sobre esse personagem em outros documentos consultados. Os padres relataram, no mesmo documento, que “[...] Manuel Prieto grande fomentador, Autor y Cabeça de todas estas entradas y malocas, que ya toda su vida há andado en ellas llevando a otros muchos Portugueses y tupis en su compañía para traer yndios a fuerça de armas [...]”<sup>138</sup>. Parece, portanto, que Manuel Preto foi muito atuante nas investidas contra os indígenas do Guairá. O documento é um relato bastante circunstanciado, feito pelos padres Mancilla e Masseta, sobre os acontecimentos do Guairá nos anos 1628-1629, já mencionados, portanto não se fará mais inferências sobre ele, embora seja de grande importância para a confirmação dos relacionamentos interculturais na região.

#### 4.7.3 No Brasil: resultados da devassa aos portugueses

O governador do Brasil, Don Luis Diogo de Oliveira, recebeu o resultado da devassa sobre os participantes das entradas ao Guairá, e também ouviu as acusações que os Padres Mancilla e Masseta fizeram contra os paulistas que realizaram as investidas àqueles territórios, embora isso fosse proibido pelo Rei. De acordo com os documentos contidos em Cortesão<sup>139</sup>, D. Luis nomeou, em 1629, o capitão Francisco da Costa Barros da Capitania de São Sebastião do Rio de Janeiro, para ir à Capitania de São Paulo fazer nova sindicância sobre as pessoas que participaram daquelas expedições. A ordem era para que essas pessoas fossem presas e seus bens confiscados, e caso não se pudessem cumprir esse mandado, eles deveriam

---

<sup>137</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 312.

<sup>138</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 330.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 339-341.

ser condenados à morte, e os índios, libertados. No mesmo documento, mandou libertar também os indígenas que estavam cativos no Espírito Santo.

É interessante observar que a provisão mandava que os capitães-mores, tenentes dos Donatários das Capitânicas de São Paulo e de São Vicente não se intrometessem no mandado e nem tentassem impedir a execução das ordens, mostrando assim que as autoridades brasileiras ouviram os reclames dos padres e procuraram remediar a situação, embora o que já estava consumado não teria mais como ser desfeito, como por exemplo, as mortes que tinham ocorrido em virtude da violência dos bandeirantes. Aparentemente, é possível observar uma preocupação das autoridades com respeito aos atos dos bandeirantes no Guairá, apesar dos documentos consultados terem deixado transparecer o envolvimento de pessoas influentes nesses acontecimentos. O fato é que, para portugueses ou espanhóis, os indígenas teriam de ser segregados ou pacificados, de forma a se poder fazer uso de sua força de trabalho e para a conquista das terras por eles habitadas.

## 4.8 Os anos de 1630

### 4.8.1 Continuam os avanços portugueses

A situação em que se encontravam as Reduções de Los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos nos anos de 1629 e 1630, é descrita em documento sem autoria, datado do ano de 1630. Mas, em Nota de Cortesão<sup>140</sup> é possível perceber pelo contexto da carta que teria sido redigida pelo padre Montoya, e também em comparação com o que ele relatara em outra carta de 1627, sobre os acontecimentos da redução de Los Angeles<sup>141</sup> e sobre a conversão e batismo do cacique Tayaoba realizado por ele.

Conforme explicou o padre Montoya, em Los Angeles, onde estavam os padres Pero Espinosa e Nicolas Ygnacio havia nesses anos, 1700 indígenas, dos quais 500 eram cristãos. Essas reduções já tinham sofrido em anos recentes “[...] con la peste de las virguelas de q murieron muchos [...]”<sup>142</sup> que pode ser entendido como sendo a varíola, e depois com os avanços dos portugueses. O texto informa que o medo não era tanto de perder a liberdade, mas de perder a vida “[...] por aver visto ellos con sus ojos los cuerpos muertos y hechos

---

<sup>140</sup> Op. cit., 1951, p. 351.

<sup>141</sup> Como está em CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 246.

<sup>142</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 342.

pedaços por manos de los Portugueses, y pasar por este rio muchos cuerpos muertos q los mismos portugueses avian echado al rio [...]”<sup>143</sup>, que o faziam porque esses estavam doentes e não os podiam levar. Ou seja, além da grave doença, o medo que sentiam dos portugueses diante da destruição praticada por eles pode ter sido a razão da mudança sentida nessas populações. Segundo o documento, por serem esses indígenas, gente guerreira “[...] comedora de carne humana [...]”, a partir desses acontecimentos se tornaram humildes, e passaram a receber bem os que antes eram considerados seus inimigos (os gualachos), isto é, “[...] hechoso esto de ver en el trato y acogida q hacen estos yndios a los gualachos [...]”<sup>144</sup>. Aqui também é possível fazer-se uma reflexão. Os dois grupos indígenas, Tayaoba e Gualacho, antes inimigos que se matavam e se cativavam, após terem sentido as investidas dos portugueses, conhecido a destruição que praticavam em suas invasões e também após terem sido convertidas pelos jesuítas ao evangelho católico, uniram-se para fazer frente aos ataques das invasões dos paulistas, o que significa uma estratégia adotada diante de uma conjuntura desfavorável a eles. Mesmo se não se imaginasse o trabalho missionário nessas regiões, pode-se compreender que havia esse relacionamento entre essas duas nações indígenas que viviam em guerra.

As referências possíveis de serem compreendidas no mesmo documento sobre os avanços dos portugueses dizem respeito à Redução de Jesus Maria que, embora toda a gente que estava reduzida pelo Padre Simão Masseta tivesse sido levada por eles, a situação teve uma modificação com a volta do antigo Pajé *Guirabera* (assim se lê nesse documento), convertido anteriormente por esse padre, que passara a colaborar com eles, recolhendo gente “[...] no en el lugar donde avia estado antes donde los Portugueses la avian destruído, sino en outro mas commodo [...]”<sup>145</sup>, e com a notícia da destruição da Redução de São Paulo, foram todos para Los Angeles para que pudessem ajudar uns aos outros. Depois eles voltaram para o lugar da Redução porque estavam perto de onde havia erva-mate e por ser lugar considerado bom para viver.

Na Redução de Concepción de los Gualachos estava o padre Francisco Diaz, substituído depois pelo padre Diego de Salazar. Nesse lugar os Gualachos falavam uma língua diferente e difícil para quem não sabia o Guarani. O padre fez “[...] arte y vocabulário de ella y traduçieronse las oraciones y cathecismo [...]”<sup>146</sup>, o que também sugere ter sido o padre Montoya, mostrando também o relacionamento com os indígenas. Parece que os espanhóis se

---

<sup>143</sup> Id, p. 342.

<sup>144</sup> CORTESÃO, *ibid*, p. 342-343.

<sup>145</sup> CORTESÃO, *ibid*, p. 345.

<sup>146</sup> CORTESÃO, *op. cit.*, 1951, p. 345.

espantavam com esse fato, pois observavam os indígenas rezarem, e apesar de estarem a tanto tempo com os mesmos, não tinham conseguido aprender a língua deles.

#### 4.8.2 Os espanhóis em defesa dos indígenas?

Os espanhóis moradores de Vila Rica do Espírito Santo fizeram um requerimento datado de 1630, registrado em Cortesão<sup>147</sup> dirigido ao padre Montoya, solicitando que se reunissem novamente os indígenas das reduções destruídas pelos portugueses, o que pode parecer, à primeira leitura, uma preocupação com respeito ao bem-estar dos indígenas. Logo a seguir, outro documento, datado de 1631, também faz referência à preocupação das autoridades e moradores de Ciudad Real del Guairá, a respeito do perigo de novas invasões de portugueses às reduções, solicitando que os indígenas fossem transferidos de Loreto para Santo Inácio e, em resposta o padre Montoya dá a entender que

[...] es obligacion precisa que los dichos vecinos tienen de defender los dichos Yndios por ser (sic) una de las condiciones con que su magestad se los tiene encomendados, y no aberse ofrecido jamas otra ocasion en que los vecinos ayan de acudir con su obligacon será caer en caso de crimes dejar de darles toda ayuda en ocasion tan urgente [...] <sup>148</sup>.

Ou seja, o padre superior havia solicitado que o mestre de campo, capitão Garcia Moreno, e toda a câmara, dessem o apoio necessário às Reduções porque os encomendeiros não estavam cumprindo com o dever de proteger os indígenas das investidas dos portugueses. A informação citada deixa claro que esse capitão não se empenhou em tratar do assunto, porque o lugar determinado para os indígenas não era seguro das investidas dos portugueses, já que por ali, no passado já haviam passado Manuel Preto e André Fernandes, bandeirantes com fama de cruéis. Fazia-se necessário que as autoridades se dirigissem às reduções para providências mais severas, segundo as palavras de Montoya, palavras que denotam preocupação dos padres com o bem-estar das populações indígenas, não mostrando outro interesse. Já com relação aos espanhóis, o que fica claro no documento diz respeito ao não cumprimento das obrigações dos encomenderos em relação à proteção dos indígenas, não esclarecendo se não o fizeram por descuido ou por contenção de gastos. Não parece claro que os moradores se preocupassem tanto com essas populações, apesar do pedido relacionado nos documentos citados.

<sup>147</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 361-363.

<sup>148</sup> Ibid., p. 367.



De toda maneira, a informação dos reais ideais dos espanhóis em relação à mudança dos indígenas para um lugar mais seguro fica clara em outro documento também tratando sobre a mudança de Loreto e Santo Inácio, em virtude do medo de novas invasões dos portugueses, escrito em 1632. No documento, segundo o Padre Trujillo, em virtude dos estragos causados pelos portugueses, os moradores de Ciudad Real queriam que o padre Montoya persuadisse os indígenas a mudarem para um lugar mais seguro, e quando eles foram para baixo do Salto de Guairá, os moradores daquela cidade

[...] se pusieron al paso a los índios, y forçarlos a que se quedasen donde ellos querian para sus malos fiñes y para tenellos a mano para embiarlos a maracayu y oprimirlos como suelen hazer, y aun a venderlos a los mesmos Portugueses por ropa, y viendo los dichos índios la traycion de sus encomenderos, y que em todo el salto arriba no avia puestos a propósito para hazer pueblos y que avian de perezer de hambre, y quedaban expuestos a que los Portugueses los captivasen, se determinaron a pasar [...] <sup>149</sup>.

Havia preocupação do padre Montoya em relação à segurança dos indígenas frente às investidas dos portugueses, que assolavam a região e as reduções, mas é possível compreender que a intenção dos espanhóis era fazer com que os indígenas trabalhassem para eles, de qualquer maneira, nos ervais de Maracayu, ou mesmo como escravos, como também faziam os portugueses. O padre Montoya ainda diz que um dos homens principais de Ciudad Real, chamado Juan de Alvear havia-lhe dito saber que os portugueses viriam, e acompanhados de outros índios. O padre diz ainda que em mais de 20 anos vivendo nas reduções de Guairá, as notícias eram de

[...] que los dichos vezinos de Ciudad Real suelen vender índios a los Portugueses, y ultimamente algunos meses a festejaron en su çiudad y regalaron a Andres Fernandez Portuguez de san Pablo y uno de los mayores ladrones de indios en el çerton, y le vendieron algunos indios y entre ellos dos de las dichas reducç. [...] <sup>150</sup>.

Embora nesse momento a análise perpassasse pelos encontros de portugueses com os indígenas, a presença de espanhóis nesse contexto não pode ser deixada de lado, uma vez que as informações são de que nas cidades do Guairá eles mantinham forte relação por meio das *encomiendas* com essas populações.

<sup>149</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 379.

<sup>150</sup> CORTESÃO, *ibid*, p. 382.

Por essa razão, talvez o sítio que os espanhóis reservaram para os indígenas se mudarem, servia mais para seus propósitos ilícitos, porque era lugar que facilitava a entrada (ou assaltos) dos portugueses, e ali também muitos morreriam por falta de víveres necessários, o que possibilitaria a intervenção dos conquistadores. Diante disso, esses indígenas foram para outras reduções do Paraná, até que pudessem obter chácaras com o necessário para sua sobrevivência.

As notícias sobre as invasões dos portugueses no Guairá também podem ser compreendidas em outro testemunho, transcrito nesse mesmo documento, porque o padre Paulo Benavides, declarara ao provincial Trujillo, que vivera 4 ou 5 anos em Vila Rica, e que teria ouvido de muitos espanhóis, principalmente de um que teria morado durante 9 anos em São Paulo, que os portugueses

[...] avian dicho y el oydoselo muchas veses q no avian de descansar hasta dar y destruyr las dichas reducciones de q se habla y assi diçe este testigo q no se puede dudar de la poça seguridad q tenian o podian tener las dichas reducciones porq diçe vio por sus ojos estando em la Villa rica um billete escrito de um caudillo português al cap. Frº. Benites veçino de la dicha Villa enq le avicava como los demas portugueses embiaron espias a las dos reducciones de loreto del pirapo y San Ignacio para dar en ellas y q no lo haçian por entonçes porq esavan fortificadas y q assi querian dar en los pueblos de índios de la dicha Villa y q le avisava como a amigo suyo. [...] <sup>151</sup>.

Esse morador estava avisando o padre Benavides das constantes ameaças dos portugueses e que teria visto uma carta de um português dirigido ao capitão da cidade, avisando-o das futuras investidas, com a intenção de destruir Loreto e Santo Inácio e as aldeias dos indígenas. De acordo com o testemunho do padre Benavides, mesmo solicitando ao tenente de Ciudad Real que enviasse soldados para ajudar na mudança dos índios, a ajuda não havia chegado, mas que ele mandara fazer paliçada para impedir os índios de passar pelo caminho do Salto abaixo ou mesmo de sair da região. O padre Benavides e outro padre foram até os espanhóis para exigir que cumprissem com as promessas de deixar passar os indígenas, o que só o fizeram por medo de alguma revolta dessas populações. Essas palavras demonstram que as intenções dos espanhóis também não eram melhores que as dos portugueses e, na verdade, estavam bastante ligados em seus negócios.

Há ainda, no mesmo documento, informações importantes para compreender a voz indígena em relação a esses acontecimentos. Diz ali que na mesma cidade de Córdoba, e mesmo ano de 1632, o provincial Trujillo apresentou o testemunho de André Tamay, cacique

<sup>151</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 383.

de San Ignacio. Sua fala foi interpretada pelo Padre Pedro Romero, lengua, ou como está no documento “[...] grande lenguaraz [...]”<sup>152</sup>, que fez juramento de interpretar a verdade. O cacique declarou que ele e os índios de sua Redução e os de Loreto do Pirapó sabiam como os portugueses haviam destruído as reduções, e também sabiam que eles pretendiam roubar e destruir as que sobraram enviando espias e que assim eles procuraram cercar as reduções para defender-se. Esse cacique confirmou os pedidos dos moradores de Ciudad Real para que os índios se mudassem para lugar seguro, mas que era uma traição, porque não queriam deixá-los passar, porém ameaçaram usar a força se eles não o permitissem.

#### 4.8.3 Um espião castelhano em São Paulo

Juan Manuel de Morales foi a São Paulo em 1592, para trabalhar como mineiro, e suas experiências foram relatadas em documento datado de 1636. Em 1600, ele retornou para a Espanha e informou que havia ouro e ferro, mas não prata por aquela região. Volta ao Brasil com o cargo de cuidar da fazenda real. A parte que se quer enfatizar desse documento é a que ele fala sobre as bandeiras de paulistas, lembrando das ordens que proibiam as entradas para o sertão, embora essas pessoas não só as violavam como se atreviam a “[...] profanar sus vanderas, y dar occason de poner dolo en su católica conquista. Sale, Señor [diz ele], esta gente en tropas unas de 100 Portugueses, y casi mil índios, otras de 60 Portugueses y nueve cientos índios, y otros mas o menos numero de gente p<sup>a</sup> cautivar índios. [...]”<sup>153</sup>. Isto é, Juan Manuel que os paulistas desobedeciam às ordens proibitivas das entradas para o sertão e que, indo com centenas de pessoas investiam contra os indígenas, levando-os como escravos. Segundo o documento, os paulistas já teriam ido duas vezes ao Guairá, atacando duas grandes aldeias de indígenas cristianizados e sujeitos ao Rei Espanhol. Catorze teriam sido as aldeias destruídas, onde havia 40 mil índios, dos quais mais de 30 mil foram cativados.

Segundo Morales, as crueldades cometidas pelos portugueses eram tantas que “[...] No se puede explicar las tyrantias de esta gente. No pudiendo sustentarlos en el camino arrojaban los niños de entre los braços de las madres, y con excessivas crueldades les quitabã las vidas [...]”<sup>154</sup>. Ele fez um questionamento interessante: que se os portugueses cometiam tal crueldade com os índios cristãos, qual não seria então, a forma como tratariam aqueles que ainda não haviam sido catequizados? É possível comparar esse trecho com outros relatos

<sup>152</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 384.

<sup>153</sup> CORTESÃO, ibid, p.183-184.

<sup>154</sup> CORTESÃO, op. cit., 1951, p. 184.

idênticos, mas não se pode aqui conjecturar se Morales teria lido sobre os acontecimentos em outros apontamentos. Fica-se apenas com seu testemunho, que enfatiza ser o interrelacionamento entre portugueses e indígenas com o único propósito de transformar esses em escravos daqueles.

Os paulistas tratavam os indígenas como bestas, servindo em uma escravidão rigorosa. Para Morales, “[...] Las bestias descansan en los campos de esta tierra, y los Indios christianos, y fieles a V. Mag. acarrean las cargas [...]”, incorrendo com isso, no descrédito em relação aos padres, porque, diz, “[...] Corre la voz entre los Índios, que los Padres de la Comp<sup>a</sup>. son precursores de la tyrania de V. Mag. y que van ajuntarlos para q mas facilmente los puedan hazer cautivos [...]”<sup>155</sup>. Essa fala também é uma confirmação de outros depoimentos e testemunhos já anotados nestas páginas.

Importante também o que registrou Morales sobre os paulistas abandonarem a busca do ouro para irem cativar indígenas, porque eles os vendiam a várias pessoas de São Paulo e também para outras partes do Brasil. Parece que era mais vantajoso do que o provavelmente difícil trabalho nas minas de ouro. Além disso, não pagavam impostos ao Rei de Portugal, o quinto, com respeito ao comércio de escravos índios, como o deveriam fazer com respeito ao ouro que conseguiam.

O autor lembra novamente a forma como os indígenas eram tratados pelos paulistas que “[...] por cudiçia de ganar mas los matan con trabajos, sin darles mas sustento, q una maçorca de trigo de las índias, q aqui décimos milho [...]”<sup>156</sup>.

Percebe-se também que as preocupações desse espião não são com relação ao bem-estar dos indígenas apenas, mas também com a forma cruel com que eles eram tratados e mortos, além de que o Rei ficaria sem braços para trabalhar nas minas e a fazenda real teria queda considerável em razão disso. Deixou claro que os homens haviam despovoado o Guairá, e ali, a cidade de Villa Rica, de moradores espanhóis, e sujeita à coroa espanhola, e toda a população indígena ficara sujeita à escravidão daqueles paulistas.

Wolf<sup>157</sup> diz que “[...] En total, se calcula que los bandeirantes de São Paulo en sus correrias en busca de esclavos han de haber aportado al noroeste de Brasil unos 350.000 esclavos nativos de América durante el período de la esclavitud en Brasil [...]”. Não foram poucos. Portanto, não se pode negar a forma cruel como os indígenas do Guairá foram tratados pelos portugueses de São Paulo. Por outro lado, essas populações já vinham sendo

---

<sup>155</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 184.

<sup>156</sup> CORTESÃO, *ibid.*, p. 186.

<sup>157</sup> WOLF, Eric R. *Europa y la gente sin historia*. Trad. de Agustín Bárcenas. 2ª ed. México: FCE, 2005, p. 168.

sujeitadas aos trabalhos nas terras dos espanhóis, demonstrando que a chegada dos europeus ao Guairá transformou a vida das populações que já habitavam esses territórios.

#### **4.9 Para finalizar o capítulo**

De acordo com os escritos analisados, os bandeirantes, também chamados na literatura estudada de mamelucos (embora nem todos o fossem, mas os mestiços de índias com europeus) ou portugueses do Brasil, assolaram o Guairá nesses primeiros anos do século XVII. A bibliografia consultada é unânime em informar o tremendo desastre causado por eles, uma vez que entrando no território inicialmente de forma pacífica, os portugueses conseguiram, em poucos anos, submeter a maior parte das populações indígenas, principalmente as reduzidas pelos padres. Essa era considerada uma facilidade para os paulistas, porque já os encontravam “civilizados” em comunidades, portanto, reunidos, o que lhes permitia levar um maior número para o trabalho escravo em São Paulo.

De qualquer maneira, a maior parte da bibliografia consultada, composta de escritos dos padres jesuítas da época da conquista e de outros, que escreveram com base nos escritos desses pioneiros, concordam que o trabalho missionário foi intenso, no sentido de tentar livrar os indígenas dos avanços dos portugueses ou bandeirantes. Em muitos momentos, não foi possível separar os ataques ou invasões dos espanhóis da dos portugueses, uma vez que se confundem seus intentos, já que ocorrem nos mesmos períodos em que se deu a conquista espanhola no Guairá. Por essa razão, algumas vezes, ao tratar sobre as entradas dos bandeirantes, os escritos informam ao mesmo tempo as atuações dos espanhóis em relação aos indígenas e a intenção dos padres jesuítas, em protegê-los, se se pode colocar dessa forma.

No Guairá, nos séculos iniciais da conquista espanhola, os bandeirantes atacaram os indígenas, mas também foram muitas vezes recebidos violentamente por eles, que tentavam se livrar dessas investidas. Ao mesmo tempo verifica-se que indígenas e espanhóis estiveram em contatos marcados também pelas guerras, intermediados pelos jesuítas, que procuraram, numa perspectiva mais amena, mostrar intenções de defesa e de certa forma, de proteção para com essas populações.

## CONCLUSÃO

Esta dissertação teve o objetivo de, pelo estudo da historiografia clássica da bacia platina, mais do que discutir o tema das relações interculturais no Guairá colonial, refletir sobre as diversas formas de relacionamentos que envolveram os sujeitos dessa história: os indígenas (Guarani, em primeiro lugar), os conquistadores espanhóis, os jesuítas e os bandeirantes paulistas. Vários são os significados presentes na dimensão intercultural no período da conquista européia e, entre eles, aparecem as convivências desenvolvidas que resultaram muitas vezes em perdas para as populações indígenas.

As viagens dos conquistadores espanhóis, portugueses e dos jesuítas pelo interior do Guairá, que possibilitaram o conhecimento da região e seus habitantes e, depois, a entrada dos bandeirantes paulistas com sérios resultados para as populações indígenas e ao estabelecimento das reduções desenvolvido pelos jesuítas, foram os temas discutidos aqui.

A ocupação dos territórios americanos e do Guairá, em especial, e seus primeiros povoadores, interessou a historiadores, viajantes, conquistadores, cronistas e também a pesquisadores de tempos recentes. Existem inúmeras publicações em vários campos ou linhas de interesse que tratam dessas populações e região. Neste caso, a preocupação foi em relação à ocupação do atual Estado do Paraná, em primeiro lugar, analisando rapidamente algumas obras da historiografia clássica do Paraná, região conhecida nos séculos XVI e até aproximadamente meados do século XVII, como Guairá. Estes estudos, de maneira geral, tratam da história do Paraná a partir da chegada dos espanhóis ou portugueses a esses territórios, principalmente ocupando o território a partir do litoral atlântico.

Como resultado da pesquisa entre os historiadores paranaenses encontrou-se desde estudos que enfatizaram a atuação dos bandeirantes, considerando-os até mesmo desbravadores<sup>1</sup>, e os que traduzem a ocupação do Paraná atual como tendo ocorrido com a atuação dos tropeiros, como Carneiro<sup>2</sup>, embora faça menção à expedição de Pero Lobo, a mando de Martim Afonso, para o conhecimento da região sul. Em outros, como Martins<sup>3</sup>, são

---

<sup>1</sup> SILVEIRA NETO, M. de A. *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995, p. 77.

<sup>2</sup> CARNEIRO, D. *O Paraná na História Militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

<sup>3</sup> MARTINS, A. R. *Terra e Gente do Paraná y Curitiba*. Diretoria Regional de Geografia do Estado (1944). Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995, e, MARTINS, A. R. (1874-1948). *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

encontradas explicações sobre a presença de grupos indígenas e suas parcialidades, o grande número dessas populações, inclusive de castelhanos e portugueses, fazendo tráfico de escravos, por exemplo, a formação das cidades pelos espanhóis e as reduções jesuíticas, além da entrada dos bandeirantes. O autor contribui, com a idéia de que a colonização dos portugueses teria chegado até Paranaguá.

Após essas primeiras constatações, passou-se a uma análise bibliográfica da historiografia argentina, paraguaia e espanhola, estas, consideradas as fontes que deram suporte para o conhecimento da ocupação do Guairá. A leitura foi feita considerando-se o período em que foram escritas, o autor das obras e sua participação no processo da conquista ou em relação ao momento histórico em que escreveu. Nessa perspectiva, a preocupação também foi com relação a quem se destinavam tais escritos. Ricoer<sup>4</sup> esclarece a necessidade de se compreender o discurso presente nos registros feitos pelos cronistas e historiadores espanhóis ou jesuítas, já que estão marcados pelos seus interesses. E isso foi ponto preponderante no estudo das obras desta pesquisa, uma vez que os mesmos conquistadores registraram suas entradas, seus encontros com as populações indígenas e seus feitos nos territórios. O estudo dessas obras foi amparado na historiografia que trata das relações interculturais, procurando compreender quem eram os agentes presentes no Guairá e qual o papel desempenhado por eles nesse conjunto de situação colonial<sup>5</sup>, e aplicando para a pesquisa a direção dos estudos para a etnohistória. Nesse sentido, procurou-se interpretar os escritos em relação aos seus propósitos, sempre na perspectiva das populações indígenas, procurando compreender a intensidade do impacto do processo da conquista européia, uma vez que não foram feitos pelas populações indígenas, e podem conter preconceitos ou considerações simplistas em relação a elas.

Foram complexas as relações que se estabeleceram no Guairá, e o estudo das obras fez-se de maneira a não perceber no europeu, o agente dominador, e no indígena, o dominado e passivo, numa perspectiva eurocêntrica de análise. Além disso, constatou-se que também houve grandes confrontos entre as nações indígenas, lutaram assim como lutaram entre si antes e depois da chegada dos europeus. Quanto à ação dos missionários jesuítas entre os indígenas, embora a conclusão seja de que a ação de reduzir essas populações a uma forma de vida civilizada e evangelizada nos moldes da civilização ocidental, essas populações

---

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1977.

<sup>5</sup> BALANDIER, G. *El concepto de situación colonial*. Ciudad de México: 1972.

procuraram formas de compreensão e de tradução<sup>6</sup> cultural, porque não se pretende considerar que haja povo isolado, embora os escritos procurem fazer crer o contrário. Considera-se que na conquista, europeus (espanhóis e portugueses), estiveram empenhados em estabelecer-se nos territórios do Guairá e para isso utilizaram estratégias que, em relação às populações indígenas, resultaram em constante luta para terem reconhecidas suas particularidades.

Foi breve a presença de cidades espanholas e a das reduções jesuíticas no Guairá, em virtude dos diversos confrontos e interesses entre espanhóis, portugueses e a resistência dos jesuítas e dos indígenas em relação a isso.

Susnik<sup>7</sup> comenta que, inicialmente, as relações entre espanhóis e indígenas se configuraram como uma forma de amizade, já que aqueles desejavam entrar no território, mas também teria sido conveniente aos Guarani, porque viram no espanhol um aliado contra seus inimigos de outras nações indígenas, como os Tupi. Logicamente, o que se pode perceber é que essas relações de amizade não se perpetuaram, logo transparecendo os reais interesses de ambos, potencializado nas ações dos espanhóis e, depois, também dos portugueses contra os indígenas, no período considerado para o estudo do Guairá.

No desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente buscou-se conhecer o território chamado Guairá, no período que se estendeu do final do século XVI e início do século XVII, em que espanhóis exploraram a terra, construíram cidades e os jesuítas organizaram as reduções para evangelização das populações indígenas. Nos registros analisados, é unânime a idéia de que o território era bastante povoado por populações Guarani, principalmente, mas contava também com outras etnias. O estudo da geografia física dos territórios proporcionou uma maior compreensão da parte humana que ali habitava e, depois, como se deram os encontros culturais com os europeus.

Os limites geográficos do Guairá, entre os rios Paraná, Iguazu, Paranapanema e seus afluentes, indo até a linha de Tordesilhas, denotam sua grande extensão, composto ainda por florestas, bosques e regiões de campos, foi onde as populações indígenas se estabeleceram e dominaram, até quando chegaram os europeus.

Os primeiros viajantes que atravessaram o Guairá, desde Solís, Cabeza de Vaca, Mendoza e muitos outros, entre eles jesuítas, relataram, à medida que faziam suas incursões, particularidades da geografia e das populações que iam encontrando. Os rios que compõem o

---

<sup>6</sup>POMPA, M. C. *Religião como tradução: missionários, tupi, "tapuias" no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>7</sup>SUSNIK, B. *El Indio Colonial del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1965, p. 9.



território foram todos, ou quase todos, encontrados e descritos pelos viajantes, o que permitiu estabelecer rotas que facilitaram outras entradas, explicando assim a sua importância para a comunicação entre as diversas regiões. Muitos acidentes geográficos encontrados pela primeira vez por esses viajantes estão descritos em seus relatos, como a descoberta das Cataratas do Iguaçu por Don Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca. E os europeus, como marca registrada da conquista, iam nominando os acidentes geográficos, as regiões, em favor, no caso dos espanhóis, da coroa espanhola, como o fez, por exemplo, Cabeza de Vaca que, ao entrar para o interior dos territórios do Guairá, chamou o lugar de Província de Vera.

Os escritos permitiram compreender que o grande número de indígenas habitantes no Guairá foi conhecido nessas primeiras incursões que os europeus fizeram, e que a sua participação e colaboração foram imprescindíveis, possibilitando as viagens pelo território, como guias, em primeiro lugar, contribuindo com os alimentos necessários aos viajantes e no transporte das bagagens dos viajantes/conquistadores europeus. Havia, logicamente, interesse dessas populações no que os estrangeiros pudessem lhes proporcionar. Em muitos casos, os indígenas estavam tendo seus primeiros contatos, como pode ser entendido em certos momentos da travessia de Cabeza de Vaca, quando os europeus eram recebidos amigavelmente, trocando alimentos por presentes. Em outros casos, em que os sinais da conquista já tinham sido constatados, os encontros foram dramáticos, pois uma vez que não aceitassem esses encontros, as guerras eram certas. Como foi o que ocorreu, as populações indígenas foram atuantes em relação aos novos tempos, embora a superioridade em armas dos europeus não possa ser contestada. Mesmo assim, houve alianças, apesar de que, para os espanhóis, a visão que eles tinham dessas populações pudesse não ser a que as compreenderia apenas como diferentes em sua forma de viver, de se expressar diante do mundo. Quanto aos indígenas, a história permite arriscar que viram o conquistador em sua complexidade, aceitaram as novidades que lhes eram impostas, o que aparentemente se pode acreditar. Mas, também se pode compreender que a resposta indígena em relação às imposições dos espanhóis, dos portugueses e dos jesuítas, se apresentou desde as guerras violentas até a aceitação ou assimilação da religião, ou qualquer coisa da civilização européia.

Assim, o conhecimento da América e seus primeiros habitantes foi parte primordial no estudo dos territórios do Guairá, uma vez que a presença humana foi registrada nessa região há pelo menos 11000 anos, como as pesquisas arqueológicas atestam, fato que permitiu interpretar que os resultados da entrada dos europeus traduziram-se na transformação e assimilação de novos conhecimentos para essas populações. Os conhecimentos das populações indígenas não eram poucos, sendo hábeis, por exemplo, na navegação, agricultura,

metalurgia e no conhecimento e uso de ervas medicinais entre outros, e, costumes que garantiam seu modo de vida, de acordo com as diferentes etnias que viviam no território. Suas crenças foram traduzidas<sup>8</sup> pelos missionários, como se tivessem cristianizado os ritos nativos, para assim promoverem o ensino do evangelho. O mesmo se pode dizer em relação aos indígenas. Essas informações permitiram compreender que as relações interculturais se estabeleceram entre as populações indígenas no Guairá, por meio de trocas de conhecimentos, produtos, e não apenas em relação aos europeus que vieram depois, como afirmou Bertoni<sup>9</sup>, referindo-se ao fato de que teriam sido os Guarani a ensinar aos espanhóis como curar algumas enfermidades.

Nos registros dos conquistadores, os indígenas são caracterizados em muitas ocasiões, como guerreiros, violentos, ferozes, em outras, foram considerados dóceis, o que marcou muitos dos encontros entre eles. De qualquer maneira, os espanhóis, no caso do Guairá, também procuraram fazer com que os próprios indígenas se confrontassem<sup>10</sup>, em clara evidência de que isso favoreceria a conquista tanto dos territórios como de seus habitantes.

Na travessia de Cabeza de Vaca em direção a Assunção, a importância das populações indígenas em relação aos europeus, ficou definida tanto em relação à busca dos caminhos a serem percorridos, como com relação à ajuda em relação ao abastecimento de mantimentos. Os Guarani, que fizeram parte desses momentos, mantiveram com os espanhóis, relacionamento amigável, provavelmente por estarem estabelecendo os primeiros contatos, mas logo foram descritos também como gente guerreira e que comia carne humana. Isso ficou claro nesses registros feitos por um conquistador espanhol experiente, e, mesmo assim, denotando certo cuidado em relação a esses primeiros encontros.

Para os espanhóis, era importante, além dos relacionamentos com os indígenas, garantir o domínio sobre o território do Guairá, e assim também a possibilidade da entrada pelo litoral atlântico em direção ao interior até Assunção. A criação da vila de São Francisco foi um desses marcos, embora com pouca duração, visto que as disputas territoriais ainda se davam em relação aos portugueses, porque os limites não eram claros ainda para eles. Os povoadores dessa região, à medida que abandonaram o local e se dirigiram para Assunção,

---

<sup>8</sup> POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, "tapuias" no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>9</sup> BERTONI, Dr. Moises Santiago. *La Civilización Guarani*. Parte III: Etnografía: Conocimientos. La higiene Guarani y su importancia científica y práctica; La medicina Guarani: conocimientos científicos. Puerto Bertoni: Imprenta y Edición "Ex Sylvis", 1927.

<sup>10</sup> SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edición. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972.

estabeleceram diversos encontros com os indígenas, amigáveis, como foi registrado por Guzmán<sup>11</sup>, também um conquistador.

Mas, embora os registros informem que havia relacionamento amigável entre espanhóis e indígenas, observou-se que entre os muitos problemas que na realidade marcaram o período estudado, está o sistema de repartimento das terras entre os espanhóis e o ato de encomendar as populações indígenas para o trabalho forçado. Além disso, outro grave problema, foi o fato de que, mesmo entre os governantes espanhóis, era realizado o comércio escravos indígenas para traficantes portugueses, intensificando assim os conflitos no Guairá.

A formação das cidades espanholas no Guairá foi importante no sentido de estabelecer nesse território os conquistadores e para a exploração da força de trabalho indígena para o trabalho em suas terras, nas minas e na colheita da erva-mate. Logicamente os ânimos dos indígenas contra os espanhóis se acirraram, porque não aceitavam fazer parte desse processo de exploração, mas, muitas vezes, foram obrigados a se submeter a eles. Em muitas ocasiões, os indígenas contavam com guerreiros que enfrentavam os conquistadores, como o caso dos caciques *Oberá* e *Tapuy Guazu*<sup>12</sup>, demonstrando que não estavam dispostos a aceitar passivamente aquela situação. Por outro lado, essa história pode ser exemplo da tradução cultural colocada por Pompa<sup>13</sup>, porque Oberá se dizia o salvador, adotando essa questão do cristianismo ensinada pelos jesuítas.

Quanto às disputas entre os grupos indígenas, mesmo que os Guarani do Guairá tenham recorrido aos espanhóis de Assunção para auxiliá-los contra os Tupi, pode-se compreender que alianças podiam ser feitas, e, essas populações sabiam disso, fazendo-as com os conquistadores. Essa foi uma importante oportunidade para os espanhóis que, aliados dos Guarani, puderam estabelecer-se no Guairá. O que não impediu os Guarani do Guairá de rebelarem-se contra as imposições dos espanhóis, quando não era do seu interesse, por exemplo, em relação às encomendas entre outros problemas, relatados por Guzmán<sup>14</sup>. Para conseguir os braços que necessitavam os espanhóis não se intimidaram em fazer malocas contra as povoações dos indígenas, da mesma maneira que os portugueses já o faziam por esses territórios. Nesse contexto, das obras analisadas, apenas um documento registrou o que

---

<sup>11</sup> GUZMÁN, Rui Diaz de. *Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, Imprenta del Estado, 1836 – 1969.

<sup>12</sup> GUEVARA, Padre José. *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Coleção Pedro de Ángelis. Tomo I. Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Editorial Plus Ultra. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

<sup>13</sup> Op. cit., 2003.

<sup>14</sup> Op. cit., 1836-1969.

os indígenas pensavam<sup>15</sup> a respeito de sua condição no Guairá, submetidos ao trabalho forçado para os espanhóis, nos ervais da serra de Maracayu. Sua voz é ouvida nos limites que lhes cabem, interpretados pelos padres, no sentido de demonstrar sua indignação em relação à chegada dos espanhóis em suas terras, à sua perda da liberdade, às mudanças radicais em seu modo de vida. Mesmo considerando-se que os movimentos<sup>16</sup> resultantes das relações sociais favorecem as transformações, nesse caso, as populações indígenas sofreram o impacto das imposições dos espanhóis, que apenas a eles, ou, mais a eles, beneficiavam.

Indígenas e espanhóis estabeleceram formas amigáveis de convivência, em um primeiro momento, mas que logo se traduziram em relação de interesses sobre os territórios e às populações, resultando em guerras e mortes.

Entre indígenas e os missionários jesuítas os relacionamentos traduziram-se na evangelização forçada no Guairá. Os registros sobre esses encontros são, em sua maioria, obras de historiadores jesuítas que procuraram demonstrar o empenho dos padres na evangelização e defesa das populações indígenas. Considerada como uma “conquista espiritual”, o trabalho dos missionários jesuítas utilizando apenas a “cruz”, foi comparado ao que os espanhóis estiveram tentando empreender pela força em relação aos indígenas. O conhecimento da região e das populações foi possibilitado pelas diversas e constantes viagens que os missionários fizeram por todo o território do Guairá, desde o início, mantendo contato com elas. Os contatos se intensificaram com o estabelecimento de Colégios e depois das reduções, onde os jesuítas procuraram fazer com que eles mudassem seus hábitos, considerados ruins, cheios de vícios.

O trabalho missionário entre os indígenas foi de grande importância para os espanhóis, que puderam mais facilmente fazer sua entrada para o Guairá, o que ficou claramente demonstrado no interesse da coroa espanhola em fazer doação de terras para a Companhia de Jesus instalar seus colégios e as reduções. Os confrontos passaram, então, a ser entre jesuítas e encomendeiros, descontentes com a ação missionária em reduzir os indígenas, deixando-os impossibilitados de fazer uso do seu trabalho, já que o número de reduzidos teria chegado a 140000<sup>17</sup>. Logicamente o trabalho não teria sido possível não fosse o empenho dos padres em aprender o idioma dos indígenas, o que foi feito por muitos deles, também denotando grande

---

<sup>15</sup> CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ángelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951, p. 352-361.

<sup>16</sup> SAHLLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

<sup>17</sup> CAPDEVIELLE, B. *Misiones Jesuíticas em El Paraguay*. Imp. Y Libreria La Mundial: Asunción. 1923, 2. ed.

trabalho para empreender a evangelização, que, de acordo com os registros, foi admirável<sup>18</sup>, alcançando muito sucesso.

Os indígenas, porém, foram considerados os que precisavam ser ensinados e conquistados, e o foram, pela espada e pelo evangelho, conforme demonstram os registros. Além disso, a conversão dos indígenas só teria ocorrido em virtude da mansidão dos jesuítas, em fazer seu trabalho em condições difíceis e muitas vezes perigosa, aparecendo como os sujeitos que precisavam receber cuidados. O contrário se disse dos indígenas, que eram violentos, guerreiros. Que eles foram submissos de certa maneira, não se pode negar, visto que viveram nas reduções, aceitaram os ensinamentos católicos, mesmo não deixando de manter vivos muitos dos seus costumes, aprenderam ofícios, a ler e escrever o espanhol, embora não tenham deixado para segundo plano seu próprio idioma. Os contatos dos padres com os indígenas não se limitaram às reduções, porque constantemente estiveram em busca de novas conversões, mas também, novos problemas com os conquistadores espanhóis.

Território de disputas intensas, o Guairá foi palco inicialmente das guerras entre os grupos indígenas, mas quando chegaram os espanhóis, potencializaram-se os choques de interesses. Os portugueses, por sua vez, estenderam sua ação para o Guairá, quando os espanhóis há muito tinham organizado suas cidades no território; e, os jesuítas, as reduções, mantendo os Guarani, em especial, em um estágio de evangelização e civilização. Fora das reduções, ainda centenas de milhares de indígenas viviam a seu modo, em disputa com os espanhóis ou com os portugueses.

De outro lado, os portugueses avançavam para o interior, principalmente com a intenção de prender índios para levar para o trabalho escravo em São Paulo. Os resultados dessas incursões foram considerados devastadores, porque para os espanhóis, havia total interesse na exploração da força de trabalho indígena, de maneira forçada, sendo necessário conter os avanços dos portugueses, que vinham acompanhados dos Tupi, inimigos também dos Guarani.

Os portugueses também estabeleceram contatos com mulheres indígenas, que resultou em mestiços chamados “mamelucos”, cuja referência se dava de forma pejorativa. Esses mamelucos e outras pessoas influentes de São Paulo empreenderam diversas incursões pelo Guairá em expedições chamadas Bandeiras, e, de forma violenta, prenderam e levaram para São Paulo centenas de indígenas. Agindo inicialmente de forma pacífica, fazendo comércio com os espanhóis, os bandeirantes foram aos poucos, a partir do século XVI, expandindo sua

---

<sup>18</sup> Ibid, 1923.

área de atuação. Muito contribuíram os próprios espanhóis, em virtude do comércio, e de alguns governadores como Irala que, segundo alguns estudos<sup>19</sup>, teriam mantido comércio de escravos com os portugueses e, em tempo posterior, Céspedes Xeria o fez de maneira mais intensa. Mas, percebendo o jogo de poder que havia nessas incursões, os espanhóis logo procuraram conter o avanço dos portugueses, formando as cidades no Guairá, no sentido de se manterem na região.

Em virtude dos confrontos com os portugueses que se confirmaram desde o século XVI, os padres buscaram o apoio das autoridades espanholas, objetivando manter as reduções e as populações indígenas longe dos perigos que eles representavam. Vários documentos escritos pelos padres procuraram demonstrar o trabalho realizado por eles, com o intuito de obter a ajuda necessária. O padre Montoya, considerado na historiografia jesuítica como o grande defensor da causa indígena no Guairá, relatou em diversas cartas a forma violenta como os portugueses entravam no território, atacando as povoações indígenas e prendendo-os para levar para São Paulo<sup>20</sup>.

As diversas expedições dos portugueses destruíram em poucos anos o que os jesuítas fizeram no Guairá e, nesse contexto, os registros informam que os padres estiveram sempre junto aos indígenas, no sentido de tentar conter essas investidas. E mesmo com as medidas tomadas pela coroa, enviando cédulas que ordenavam que se resolvessem os problemas, não foi possível conter esses avanços. O relacionamento dos padres com os indígenas esteve abalado, porque esses não acreditavam mais que pudessem ser protegidos contra os portugueses, já que as reduções eram os locais preferidos pelos inimigos, que agiam de forma cruel, matando os que não se submetiam.

Para os espanhóis, as invasões bandeirantes resultaram em graves prejuízos também em relação às cidades, que se despovoaram e, com isso, deixando para os portugueses livre acesso aos territórios. Assim, as fronteiras geográficas da coroa portuguesa estavam se estendendo para além da linha de Tordesilhas, em território que pertencia à coroa espanhola. No entanto, isso não ocorreu sem muita luta contra os espanhóis, sem as inúmeras tentativas dos jesuítas para evitar o caos que se implantava, e nem mesmo foi facilitada pelos indígenas, que lutaram enquanto puderam. Primeiro, quando chegaram os espanhóis, depois tentaram evitar a entrada dos jesuítas e, por fim, em guerras sangrentas, tentaram se livrar dos paulistas.

Os resultados das relações interculturais no Guairá dos séculos XVI e XVII estão no contexto dos interesses dos indígenas em manter seu modo de vida e o controle sobre o

---

<sup>19</sup> GANDIA, E. de. *Indios e Conquistadores en el Paraguay*. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1932.

<sup>20</sup> CORTESÃO, op.cit., 1951.

território, dos espanhóis em dominar tanto as terras quanto as populações, porém, incapazes de fazê-lo em virtude das guerras que os indígenas empreendiam contra eles, necessitaram da ajuda dos missionários jesuítas na evangelização e redução dessas populações.

Não se resumiram a guerras essas relações interculturais, pois houve contatos comerciais entre indígenas e espanhóis, assim como a conversão ao evangelho católico em relação aos trabalhos dos missionários jesuítas entre eles. Portanto, foram diversas as formas de contato, o que demonstra a posição clara dos indígenas como sujeitos da história, que não foram passivos frente aos confrontos, mesmo porque, relações interculturais não podem ser consideradas apenas em relação à entrada dos europeus no Guairá.

Para compreender a realidade do Guairá nos anos finais do século XVI e início do XVII, um esforço no sentido de manter atitudes eurocêntricas afastadas da análise em relação aos registros pesquisados teve que ser desenvolvido. Deste modo, esta pesquisa considera as proposições de Canclini<sup>21</sup> de que a cultura é um processo em transformação, visto que das relações interculturais estabelecidas no período há de se perceber mudanças em relação ao modo de vida das populações indígenas, uma vez que o espaço geográfico em que as fronteiras culturais e físicas sofreram a atuação de diversas frentes foi modificado<sup>22</sup>. Considera ainda que, no Guairá, uma minoria procurou se impor sobre uma maioria diferente, em que processo de trocas nem sempre foram realizadas de maneira igual para os sujeitos envolvidos, mas que certamente ocorreram.

Dessa forma, Wolf<sup>23</sup> bem expressou que as sociedades humanas não poderiam sobreviver sem o contato com outras culturas. Seria ingênuo acreditar também que não há etnocentrismos entre as culturas, ou pensar que os grupos do Guairá poderiam ter conservado seus modos de vida, independentemente da entrada dos conquistadores europeus. Embora se possa dizer que houve uma dinâmica característica nas relações interculturais no Guairá, isso só pode ser percebido nas obras analisadas, partindo de um esforço de interpretação, uma vez que escritas pelos espanhóis, a presença indígena aparece sempre na perspectiva desses historiadores.

Para finalizar, observou-se que a crueldade foi um aspecto bastante presente no Guairá, garantida principalmente pelas armas dos europeus em relação aos indígenas. Mesmo assim, não se considera que as populações indígenas estiveram em situação de inferioridade,

---

<sup>21</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

<sup>22</sup> BARTH, Frederick. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1976.

<sup>23</sup> WOLF, Eric R. *Europa y la gente sin historia*. Trad. de Agustín Bárcenas. 2ª ed. México: FCE, 2005.

de submissão, embora de desigualdade, mas que se posicionaram em relação às suas crenças e costumes, às suas terras. O impacto da conquista sobre as populações indígenas, porém, foi grande, num processo que envolveu intercâmbios e conflitos.

A voz indígena não foi claramente percebida na maioria dos registros, mas da interpretação dos mesmos, percebe-se que puderam fazer escolhas, uma vez que não aceitaram servir pacificamente aos espanhóis, nem aos bandeirantes e foram hesitantes em relação à evangelização jesuítica. Em meados do século XVII, sobraram muitos lugares desolados no Guairá, em que outrora as populações indígenas desenvolveram de forma dinâmica seu modo de vida. Para os que permaneceram, transformações impostas por esse processo marcaram o seu futuro.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Fernando Pérez S.J. *Las Misiones Del Paraguay*. Lloréns Castelló: Palamós, 1920.

AGUILAR, Coronado J. *Conquista Espiritual. A História da Evangelização na Província Guairá, na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2001.

AGUIRRE, J. Francisco. *Discurso Histórico*. Colección Austral – Editora Espasa-Calpe Argentina S.A.: Buenos Aires, 1947.

AMEGHINO, Florentino. *La antigüedad del hombre en el Plata*. Parte primera. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1918.

ARELLANO, Angel Peralta. *La Epopeya de la Selva*. Seis grandes capitanes españoles en el corazón de America. Asunción: Artes Gráficas Zamphirópolis, 1975.

ARNAUD, Vicente Guillermo. *Los Interpretes en el Descubrimiento, Conquista y Organización del Río de la Plata*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Didot S.R.L., 1950.

ASTRAIN, Antonio, s.j. *Jesuítas, Guaraníes y Encomenderos. História de la Compañía de Jesús en el Paraguay*. Segunda Edición. Asunción:CEPAG, 1996.

AZARA, Félix de. *Descripción é História del Paraguay y del Río de la Plata*. Tomo I. Madrid: Imprenta de Sanchiz, 1847 (obra póstuma) [Obra concluída em 1806].

BALANDIER, G. *El concepto de situación colonial*. Ciudad de México: 1972.

BALHANA, A.P.; MACHADO, B. P. e WESTPHALEN, M. C. Costa do Pau-Brasil – Costa do Ouro e Prata. In: EL-KHATIB, F. *História do Paraná*. 1º vo. 2ª ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALHANA, A P.; MACHADO, B.P.; WESPHALEN, . M. Espanhóis no ocidente do Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal (org.) *História do Paraná*, I vol. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALLESTEROS BERETTA, A. (diretor) *História de América y de los Pueblos Americanos. Génesis del Descubrimiento* (Antonio Ballesteros Beretta); *Los Portugueses* (Jaime Cortesão). Barcelona: Salvat Editores S.A., 1947.

BALLESTEROS, Juan Carlos Pablo. *La educación jesuítica em las Reducciones de Guaraníes*. Santa Fé, Argentina: Universidade Nacional de Entre Rios. Ed. Entre Rios: 1979.

BAERREIS, David. The Ethnohistorical Approach and Archeology. *Ethnohistory*. 1961.8:49-77

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Maringá. Vol. 1 n. 1. Maringá: UEM/DHI, 1997.

\_\_\_\_\_. *Espaço e tempo: territórios do historiador*. *Varia História*, vol. 22, n. 36. Belo Horizonte, jul/dez/ 2006 p. Disponível em [www.arq.ufsc.br/urbanismo/5/artigos/artigos\\_bja.pdf](http://www.arq.ufsc.br/urbanismo/5/artigos/artigos_bja.pdf).

BARTH, Frederick. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BENAVENTE, Fray Toribío de. *Historia de los Índios de la Nueva España*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

BECKER, Ítala Irene Basile. *O índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. Instituto Anchieta de Pesquisas. Universidade do Vale dos Sinos. 1976.

BELLO, Álvaro. *Etnicidad y ciudadanía en América Latina. La acción colectiva de los pueblos indígenas*. Santiago, Chile: CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2004.

BEOZZO, José O. (Compilador). *Política indigenista de la Iglesia en la Colonia*. 1ª Edición. Quito: Ediciones Abya-Yala; Roma: MLAL – Movimientos Laicos para América Latina: 1991.

BERTONI, Dr. Moisés Santiago. *Resumen de Prehistoria y Protohistoria de los Países Guaraníes*. Conferencias dadas en el Colegio Nacional de Segunda Enseñanza de la Asunción los días 26 de Julio, 8 y 21 de agosto de 1913. Asunción: M. Brossa, 1913.

\_\_\_\_\_. *La Civilización Guaraní*. Parte I: Etnología. Orígenes, extensión y cultura de la raza Karáí-Guaraní y Protohistoria de los Guaraníes. Puerto Bertoni: Imprenta Y Edición "Ex Silvys", 1922.

\_\_\_\_\_. *La Civilización Guaraní*. Parte II. Religión y Moral. Asunción, Buenos Aires: Editorial Indoamericana, 1956.

\_\_\_\_\_. *La Civilización Guaraní*. Parte III: Etnografía: Conocimientos. La higiene Guaraní y su importancia científica y práctica; La medicina Guaraní: conocimientos científicos. Puerto Bertoni: Imprenta y Edición "Ex Sylvis", 1927.

BLASI, Oldemar. Aplicação do método arqueológico no estudo da estrutura agrária de Vila Rica do Espírito Santo. *Boletim Paranaense de Geografia*, 2-3, 1961. P. 49-79.

BOAS, F. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOTASSO, Juan (Compilador). Los ameríndios 500 años después. In: BEOZZO, José O. *Política Indigenista de la Iglesia en la Colonia. Colección. 500 Años*, nº 38. 1ª Edición. Cayambe, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 1991, e Roma, Italia: MÇAL – Movimiento Laico para America Latina, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, Carlos R. *Somos as águas puras*. Campinas: Papirus, 1994.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992, p. 867.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar .2005.

CABEZA DE VACA, Álvaro Nuñez. *Naufraños y Comentarios*. Con dos cartas y relación de Hernando de Ribera. Quinta edición. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1971.

CADOGAN, León. *Ayvu Rapyta. Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá*. Tercera Edición. Biblioteca Paraguaya de Antropología – Vol. XVI. Fundación “León Cadogan”. CEADUC. CEPAG. Asunción, Paraguay: Ediciones y Arte S.R.L., 1997.

\_\_\_\_\_. *Gua’i Taraypy. Fragmentos del folklore gauireño*. Edición preparada por Barrolomeu Melià. Fundación “Leon Cadogan”; CEPAG – Centro dex Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción: Imprenta Makrografic, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salie de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

\_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CANTÚ, Francesca. Descubrimiento del Nuevo Mundo y visión utópica en el siglo XVI. In: BEOZZO, José O. *Política Indigenista de la Iglesia en la Colonia. Colección. 500 Años*, nº 38. 1ª Edición. Cayambe, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 1991, e Roma, Italia:MÇAL – Movimiento Laico para America Latina, 1991, p. 21-37.

CAPDEQUI, José M. A. *Instituciones sociales de la América Española en el período colonial*. La Plata, 1934.

CAPDEVIELLE, B. *Misiones Jesuíticas em El Paraguay*. Imp. Y Librería La Mundial: Asunción. 1923, 2. ed.

CÁRDENAS, Juan de. *Problemas y secretos maravillosos de las Índias*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

CARDIEL, De. P. José. *Declaración de La Verdad*. Ed. Imprensa de Juan A. Alsine: Buenos Aires, 1900.

CARDOSO, Jaime Antonio e WESTPHALEN, Cecília Maria. *Atlas Histórico do Paraná*. 2ª edição. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.

CARDOZO, Efraim. *História de a Gobernación del Paraguay desde su Autonomía en 1618 hasta la Revolución de 1810*. Plaza & Janes S.A. Editores Argentina, s.d.

\_\_\_\_\_. *Apuntes de História Cultural Del Paraguay*. Asunción: Litocolor, 1985.

CARDOZO, Ramón I. *El Guairá – História de La Antigua Provincia – 1554 – 1676*. El Arte S.A. Asunción, 1970.

CARMACK, R. M. *Etnohistoria y Teoría Antropológica*. Cuadernos del Seminario de Integración Social Guatemalteca, Guatemala: 1979, nº 26.

CARNEIRO, D. *O Paraná na História Militar do Brasil*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. V. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CENTENERA, Don Martín del Barco. *La Argentina o Conquista del Río de la Plata. Poema histórico*. Colección Pedro de Angelis. Prólogo y Notas de Andrés M. Carretero. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1836

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos*, n. 16, vol. 8, Rio de Janeiro: 1995, p. 179-192.

\_\_\_\_\_. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Ed. Bertrand, 1990.

CHMYZ, Igor. Contribuição Arqueológica e Histórica ao Estudo da Comunidade Espanhola de Ciudad Real do Guairá. *Revista de História*, 2: 77-114, 1963.

CLASTRES, Hélène. *A Terra Sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978

CLASTRES, Pierre. *La Palabra Luminosa. Mitos y cantos sagrado de los guaraníes*. Série Antropológica. Argentina: Ediciones del Sol, 1993.

COLL, Josefina de. *La resistência indígena ante la conquista*. 8ª edición. México: Sigro Veintiuno Editores (XXI), 1991.

COHN, B. *O que é etnohistória?* Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Pró-índioEDU/UERJ. Disponível em: <http://páginas.terra.com.br/educação>. Acesso em 15 jan.2010.

CORTESÃO, Jaime (Introdução, Glossário e Notas). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Manuscritos da Coleção de Ágelis. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras, 1951.

\_\_\_\_\_. *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*. Lisboa: Portugália, 1966.

DÍAZ-PEREZ, Viriato. *Archivo Nacional de Asunción*. Primer Ensayo de Índice. El Documento Más Antiguo. Documentos Inéditos. Vol. I. Prólogo de Marco Antonio Laconich. Palma de Mallorca: Talleres Mossèn Alcover, 1978.

\_\_\_\_\_. *Archivo Nacional de Asunción*. Primer Ensayo de Índice. El Documento Más Antiguo. Documentos Inéditos. Vol. II. Nota Adicional por Rodrigo Díaz-Perez. Palma de Mallorca: Talleres Mossèn Alcover, 1978.

DISANDRO, Carlos A. e Street, Jorge L. *La Compañia de Jesus contra la Iglesia y el Estado: Documentos americanos Siglo XVII*. La Plata: 1970.

EDELWEISS, Frederico G. *Tupís e Guaranís. Estudos de Etnonímia e Linguística*. Bahia, Brasil: Secretaria de Educação e Saúde, 1947.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ESTRAGÓ, Margarita Durán. e SALAS, José Luís. *Testimonio indígena – 1592-1627: martírio Del humano Juan Bernardo em ritual antropofágico guarani*. Ed. Litocolor, Asunción, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FERNANDES, José Loureiro. *Os índios na Serra dos Dourados (Os Xetá)*. Anais da IIIª Reunião Brasileira de Antropologia. Recife, 1958.

FURLONG CARDIFF, Guillermo, S.J. *Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933.

\_\_\_\_\_. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936.

\_\_\_\_\_. *Antonio Ruiz de Montoya y su Carta a Comental*. 1645. Buenos Aires: Imprenta Crisol S.R.L., 1964.

GANDIA, Enrique de. *Indios e Conquistadores en el Paraguay*. Buenos Aires: Librería de A. Garcia Santos, 1932.

\_\_\_\_\_. *Las Misiones Jesuíticas y los Bandeirantes Paulistas*. Buenos Aires: Editorial "La Facultad", 1936.

GARAY, Dn. Blas. *Colección de Documentos Relativos á la História de América y Particularmente á la História del Paraguay*. Tomo I. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus, 1899.

GATTI, Carlos. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores. 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: RTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989.

GERBI, Antonello. *La naturaleza de las Indias Nuevas*. Traducción de Antonio Alatorre. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GIUCCI, G. *Viajantes do Maravilhoso. O novo mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUASCH, Antonio, S.J. e ORTIZ, Diego, S.J. *Dicionário Castellano-Guarani; Guaraní-Castellano*. Sintactico-fraseológico-ideológico. 13ª edición. CEPAG – Centro De Estudios Paraguayos "Antonio Guasch". Asunción, Paraguay: Ediciones y Arte S.R.L., 2001.

GUEVARA, Padre José. *Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*. Coleção Pedro de Ángelis. Tomo I. Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Editorial Plus Ultra. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

\_\_\_\_\_. *História de la Conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman (1776)*. (Introdução de Andrés Lamas). Tomo Primeiro. Buenos Aires: Editor S. Ostwald, 1882.

GUZMÁN, Rui Diaz de. *Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, Imprenta del Estado, 1836 – 1969.

HEMMING, John. *Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros (1978)*. São Paulo: Edusp, 2008. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IMBERT, Enrique Anderson. *História de la literatura hispanoamericana*. I. La Colonia Cien Años de República. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

\_\_\_\_\_. *Historia de la literatura hispanoamericana*. II Época Contemporánea. México: Fondo de Cultura Económica, 1954.

KONETZKE, Richard. *América Latina. La época colonial*. Madrid: Sigro Veintiuno Editores (XXI), 1972.

KOZÁK, Vladimir et alli. *Os índios Hetá: peixe em Lagoa Seca*. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Vol. XXXVIII. Curitiba, 1981.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um conceito antropológico*. 5. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Obra Indigenista (1552 y 1553)*. Introdução y edición de José Alcina Franch. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio e BARROS, José Flávio Pessoa de (orgs.). *Memória, Representações e Relações Interculturais na América Latina*. Rio de Janeiro: UERJ, NUSEG:INTERCON, 1998.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Viajantes do Imaginário: A América vista da Europa, séculos XV-XVII*. Revista da USP, São Paulo, n 30: 30-45, junho/agosto, 1996. [HTTP://www.usp.br/revistausp/30/fteixeiratexto.html](http://www.usp.br/revistausp/30/fteixeiratexto.html).

MAACK, R. *Geografia Física do Paraná*. Curitiba. Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná, 1968.

MACHAIN, R. de Lafuente. *La Casa-Fuerte de la Asunción*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de Sebastián de Amorrortu, 1936.

\_\_\_\_\_. *Conquistadores del Río de la Plata*. Prólogo de Juan B. Terán. Trinidad, Argentina: Talleres Graficos de Sebastián de Amorrortu e Hijos, 1937.

MAHAN-LOT, Marianne. *A conquista da América Espanhola*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1990.

MANGAS, Fernando Serrano. *Naufragios y Rescates en el Tráfico Indiano en el Siglo XVII*. Madrid: Unigraf S.A. Móstoles, 1992.

MARFANY, Roberto H. *El Indio en la Colonizacion de Buenos Aires*. Comisión Nacional de Cultura. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1940.

MARTINS, A. R. *Terra e Gente do Paraná y Curitiba*. Diretoria Regional de Geografia do Estado (1944). Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

\_\_\_\_\_. (1874-1948). *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

MELATTI, J. C. *Índios do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2007.

MELIÁ, Bartolomeu. *El guarani conquistado e reducido: ensayos de etnohistoria*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 5. 1986.

\_\_\_\_\_. *La tierra sin mal de los Guarani: Economía y Profecía*. América Indígena, 49(3) p. 491-507, 1987.

\_\_\_\_\_, S.J. (Edición facsimilar, Introducción y Notas). *El primer Sínodo del Paraguay y Río de la Plata en Asunción en el año de 1603*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guash”, 2003.

MICHAELE, F. A. A Presença do Índio no Paraná. In: EL-KHATIB, Faissal (org.). *História do Paraná*, III vol. Curitiba: Grafitar, 1969.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: *História*. LE GOFF, J. e NORA, P. *História: Novos Problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a História do Brasil Meridional – séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios do Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 2002, p. 475-498.



MONTESINO, Jorge (Transcreación). *La Creación del Mundo Guaraní*. Mitología Guaraní. Colección Ñandereko, 2. Asunción, Paraguay: Servilibro, 2004.

MONTOYA, Antonio Ruiz de, S.J. *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Paraná, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.

MONTOYA, Antonio Ruiz de S.J.. *Apología en Defensa de la Doctrina Cristiana escrita en lengua Guaraní*. Introducción y notas de Bartolomeu Melià, S.J. Lima: CEPAG, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vocabulario de la Lengua Guaraní. 1640*. CEPAG – Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción: Editora Litocolor S.R.L., 2002.

MORSCH, Arthur Rocha, S.J. *Inácio de Loyola*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MORENO, Fernando María, S.I. *Cartas de los Santos Roque González de Santa Cruz, Alfoso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús*. Mártires de las Reducciones Guaraníes. Asunción: El Gráfico, S.R.L. 1976.

MÖRNER, Magnus. *Actividades políticas y econômicas de los Jesuítas en el Río de la Plata. La era de los Habsburgos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

MOTA, Lúcio Tadeu. A Guerra de Conquista dos Índios Kaingang do Tibagi. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, Paraná. V. 2, n. 1, 1997.

MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva. Exploração e Guerra de Conquista dos Territórios Indígenas nos Vales dos Rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. In: DIAS, R.B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

MOTA, Lúcio Tadeu. Educação, Diversidade Cultural e Desenvolvimento Humano: Relações Interculturais num Mundo Globalizado. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.7, n.3, p.313-319, set./dez. 2004.

MOTA, Lúcio Tadeu e ASSIS, Valéria Soares de. *Populações indígenas no Brasil: histórias, culturas e relações interculturais*. Maringá: EDUEM, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu e NOVAK, Éder da Silva. *Os Kaingang do Vale do Rio Ivaí – PR. História e Relações Interculturais*. Maringá: EDUEM, 2008.

MOTOLINÍA, Fray Toríbio de Benavente:. *História de los índios de la Nueva España*. Introdução y notas de Giuseppe Bellini. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações*. Curitiba; SEED, 2001.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Mapa Etno-Histórico*. Rio de Janeiro, IBGE, 1987.

\_\_\_\_\_. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokuva-Guarani*. São Paulo; HUCITEC/EDUSP, 1987.

NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekoha não há Tekó: em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí – RS*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado PUC-RS, 1993.

NOELLI, F. S. e MOTA, L. T. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, R.B. e GONÇALVES, J. H. R. (org.). *Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.

OÑATE, Pedro de. Ordenaciones para la mejor organización y buena marcha de las misiones. In: PASTELLS, Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay segun los documentos del Archivo General de Indias*. T. I., Madrid: Archivo General de Indias, 1912.

PLA, Josefina. Hermano Negro. *La esclavitud en el Paraguay*. Colección Puma. Madrid: Gráficas Halar, S.L., 1972.

POMPA, M.C. *Religião como tradução: missionários, tupi, “tapuias” no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

POPESCU, Oreste. *Sistema econômico em las misiones jesuíticas*. Experimento de desarrollo indoamericano. Colección Zetein. 2. Ed. Ariel; Barcelona, 1967.

QUIROGA, P. José. *Descripción Del Rio Paraguay desde La boca Del Xaim hasta La confluência Del Paraná*. Colección Pedro de Angelis, Tomo VI. Prólogo e Notas de Andrés M.Carretero. Ed. Plus Ultra: Buenos Aires, 1836.

RAMOS, Alcida Rita. *Sociedades Indígenas*. Série Princípios. 3ª Edição. São Paulo: Ática, 1994.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. *Dicionário de la Lengua Española*. 21ª edición. Tomo I e II. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A., 1992.

RESTIVO, Paulo. *Lexicon Hispano-Guaranicum. Vocabulario de la Lengua Guaraní. Secundum Vocabularium Antonii Ruiz de Montoya*. Anno MDCCXXII IN Civitate S. Mariae Majoris. Stuttgartardiae, MDCCCXCIII.

- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1977.
- RIVAROLA, Juan Bautista. *La Ciudad de la Asunción y la Cédula Real del 12 de Setiembre de 1527*. Asunción: A.G. Imprenta Militar, 1952.
- RODRIGUES, A. D. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. LALI – Laboratório de Línguas Indígenas, IL, UnB. Disponível em: [http://www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ\\_001.html](http://www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ_001.html). Acesso em 03/07/2009, 22 horas.
- SAGUIER, Rubén Bareiro (Compilación, prólogo, estudos introductorios, notas y cronología). *Literatura Guaraní del Paraguay*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, Cromotio, C.A., 1980.
- SAHLLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.
- SANCHEZ, Luiz Alberto. *História General de América*. Tomo I. 10ª Edição. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972.
- \_\_\_\_\_. *História General de América*. Tomo II. 10ª Edição. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1944; Madrid: Ediciones Rodas, 1972.
- SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 8ª ed. 1983.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní*. 3ª edição. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. *A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas no Guairá*. Toledo: Editora Toledo, 1997.
- SCHMIDT, M. A. M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letra Viva, 1996.
- SCHMIDEL, Ulderico. Viaje al Río de la Plata y Paraguay. In: ANGELIS, Pedro (org.). *Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Tomo Sexto. Com Prólogos y Notas de Andrés M. Carretero. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1836.
- SILVEIRA NETO, M. de A. *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.
- STERLING, German. A dialética dos imaginários no Guairá. In: STERLING, G. (org.) *Abordagens Historiográficas na Fronteira*. Fóz do Iguaçu: Uniamérica, 2006, p. 171-183.

SUSNIK, Branislava. *El Indio Colonial del Paraguay*. Asunción: Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, 1965.

\_\_\_\_\_. *Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica. Ensayo Analítico*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.

TAUNAY, Affonso De E. *História das Bandeiras Paulistas*. Tomo I. 2ª Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952 (?).

\_\_\_\_\_. *Relatos Monçoeiros*. Introdução, Coletânea e Notas de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Martins Fontes, 1953.

TECHO, Nicolás del, S.J. *História de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús (1673)*. Prólogo de Bartolomeu Meliá, s.j. Nueva edición. Tomo único. Assunción: Fondec – Fondo Nacional de la Cultura y las Artes; Cepag – Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2005.

TODOROV, Tzvetan (1939). *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TORRES BOLLO, Diego. Instrucción al Guairá, 1609. In: HERNANDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. V. I. Barcelona: Gustavo Gili, 1913.

TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*, 3ª ed. N.Y., Dover Publications, 1996.

TRIGGER, B. G. Etnohistória: problemas y perspectivas. In: *Ethnohistory [S/I]: v. 29, n. 1, 1982.p. 1-29*. Traducción de Catalina Michieli.

URBAN, Greg. A História da Cultura Brasileira segundo as Línguas Nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 2002, p. 87-102.

VARELA, Consuelo (Prólogo y notas). *Cristóbal Colón*. Textos y documentos completos. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1982.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Editar, 1972.

WACHOWICZ, R. C. Esboço de uma sinopse da História Regional do Paraná. In: *História: Questões e Debates*. Revista da Associação Paranaense de História. Ano 8 nº 14 e 15. Dez. 1987. ISSN 0100-6932 - APAH

WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WOLF, Eric R. *Europa y la gente sin historia*. Trad. de Agustín Bárcenas. 2ª ed. México: FCE, 2005.

#### SITES CONSULTADOS

BIBLIOTECA NACIONAL - <http://bndigital.bn.br/>.

ISA – Instituto Sócio Ambiental. Informações sobre os Xetás. Disponível em <http://www.culturaemercado.com.br/post/tikuein-entxeiwi/>. Acesso em 21/05/2009, 15:56 horas.

IBGE - <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/>.